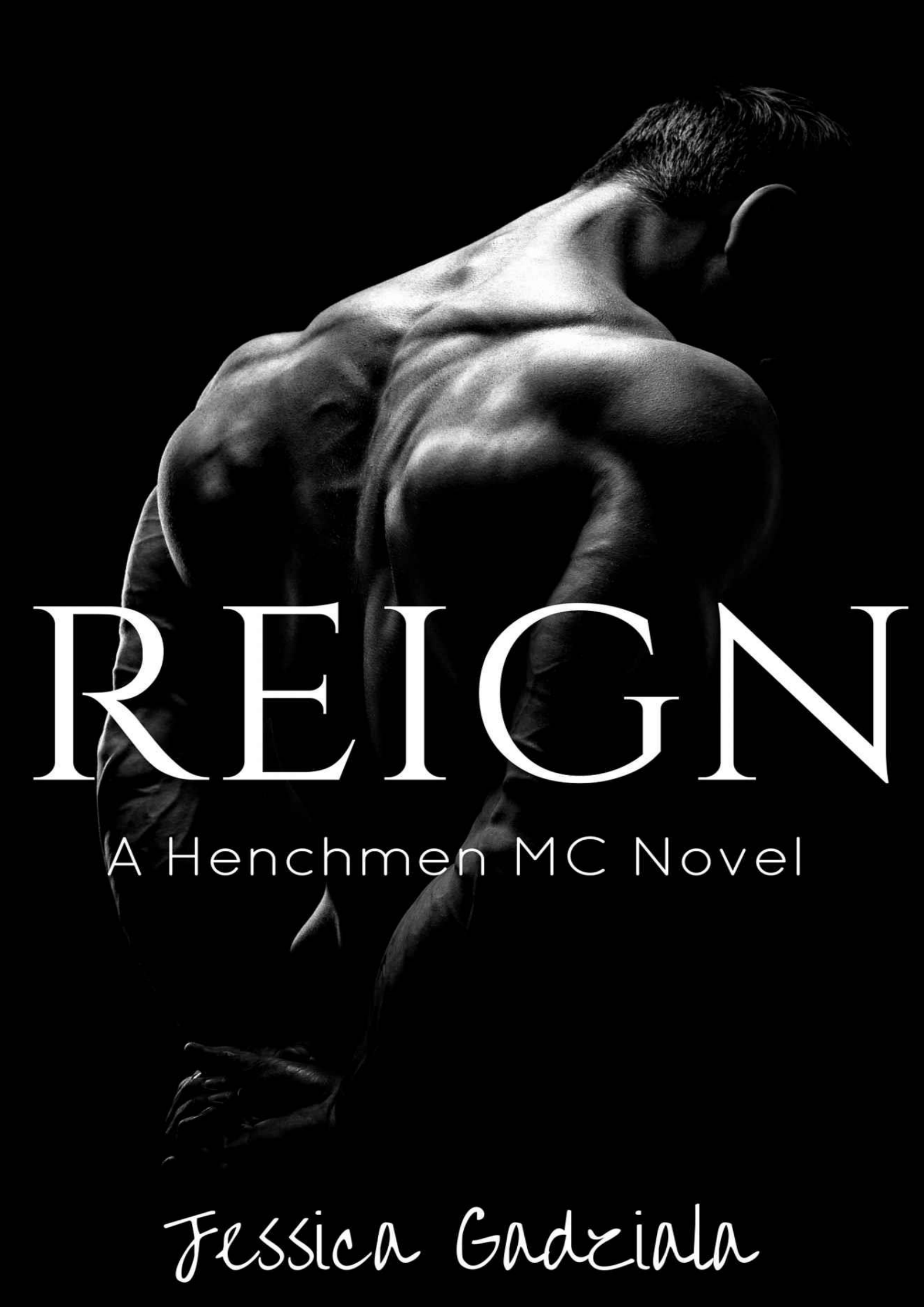

REIGN
A Henchmen MC Novel
Jessica Gadziala

TRADUÇÃO INDEPENDENTE

EQUIPE: DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA

10/2018

LIVRO 1



Sinopse

Um notório 1%
Uma inocente presa em uma situação impossível
Um senhor do crime cruel
Três pessoas que não são quem parecem ser
= uma grande bagunça (sangrenta)

Reign não é estranho ao crime e à vida dura, mas quando uma mulher aleatória vem (literalmente) colidindo em sua vida – ele aprende coisas que não tem o menor conhecimento e traz com ela o peso do maior traficante de humanos da cidade - o termo “vida dura” começa a assumir todo um novo significado.

1.

Summer

Eu não deveria ter conseguido fugir.

Isso era tudo que eu poderia pensar enquanto arrastava a bunda dentro do mato para o portão da frente. Não havia uma boa razão para que eu pudesse escapar sem ser vista. Eu deveria ter estado amarrada firmemente à cama. A porta deveria estar trancada. Deveria ter havido homens em todos os lugares. Do lado de fora da porta. No telhado. A tripulação no portão. Mesmo que houvesse um furacão grave acontecendo. V não dava uma merda sobre seus homens. Eles poderiam ser jogados do telhado e se tornarem nadas, versões torcidas de seus eus anteriores na entrada e tudo o que ele diria é que precisava da bagunça limpa. Que os restos humanos não ajudavam exatamente na aparência da calçada.

Eu não deveria ter conseguido fugir.

Chequei atrás de mim, o vento muito alto para eu ouvir qualquer coisa, incluindo homens vindo para mim com armas para me arrastar de volta ao inferno. Em seguida, corri para frente, apertei o botão, meio escondido por um arbusto ornamental estúpido, e vi como a porta se abriu.

Aberto.

Eu estava quase livre.

Corri para o carro mais próximo do portão, meu coração preso até agora na minha garganta. Juro que estava engasgada com ele. Abri a porta, rezando, rezando tão silenciosamente que as chaves estivessem nele.

Eu deveria ter tomado alguma medida de 'As chaves estão sempre nos carros'. Porque ninguém jamais pensa em roubar de V. Não se queria viver durante a noite.

— Por favor, Deus. Por favor, Deus. Por favor, Deus…

Sim.

Chaves.

Eu saltei, tirando meu cabelo encharcado da minha cara, girando a chave, e pisei.

Não olhei para trás.

Eu não podia.

Prazer de ver a fortaleza que tinha sido o meu campo de tortura, minha prisão durante os últimos três meses se esvaindo. Mas não podia olhar. Se eu olhasse, o medo voltaria. Aterrorizante. Incapacitante. Eu não teria sido capaz de continuar.

Então, mantive meus olhos para frente. Eu me concentrei em manter o carro na estrada, apesar dos golpes do vento nele, apesar da chuva que caía com tanta força no para brisa que os limpadores não podiam mesmo fazer da visibilidade uma opção.

Eu só tinha que continuar.

Tanto quanto eu conseguiria.

Perder o carro.

Eu tinha que perder o carro.

Mas não tinha dinheiro. Nenhuma identificação.

Não podia ligar para ninguém. Não podia alugar um carro.

Eu nem podia pagar um táxi.

Mas teria que perder o carro.

Se eu permanecesse nele, eu era um alvo.

Inferno, sabendo a paranoia de V, o fodido carro provavelmente tinha um dispositivo rastreador. Então ele podia saber onde seus homens estavam em todos os momentos.

Merda.

Eu podia ser rastreada em qualquer lugar.

O carro precisava ir.

Logo.

Eu só tinha que voltar para algum tipo de civilização. Encontrar algum local de jantar a noite toda ou loja ou algo assim. Abandonar o

carro. Encontrar alguém que me daria uma carona. Ou dinheiro para um telefone público. Deus, existiam telefones públicos em algum lugar? Eu nunca soube o luxo de não ter um telefone celular, então nunca tinha sequer pensado em olhar para uma coisa dessas. Mas meu celular estava lá no V. Junto com a minha dignidade. E grandes quantidades do meu sangue.

— Pense em frente, — murmurei para mim mesma, tentando agitar as memórias da minha mente. Elas não me fariam nenhum bem. Eu passei por isso. Isso era tudo o que importava. Passei por isso e tive a chance de fugir. E eu tinha que ir embora. Porque se eles me encontrassem, se me arrastassem de volta...

Não.

Não podia ir lá.

Eu precisava pensar adiante.

Eu poderia ir à polícia. Eu poderia fazer isso. Mas quais eram as chances de que pudessem ajudar? Que eles não estavam nos bolsos de V? Os bolsos muito profundos de V.

Sem polícia.

Onde é que isso me deixa?

Liguei o ar quente, a chuva fria de outubro encharcando minha blusa branca e fina e meus shorts rosa de pijama de seda. A roupa que eu estava vestindo quando os homens de V me levaram. Três meses. Nenhuma mudança de roupa. Apenas dada a oportunidade para a prostituta de um banho na pia quando me era dado cinco minutos para usar o banheiro por dia.

Então, enquanto, sim, a chuva estava fria e eu estava tremendo, era o mais limpa que tinha estado em meses. Meses.

Que era outro pequeno pedaço de liberdade.

Era incrível o quanto eu tinha uma vez dado por certo.

Chuveiros. Sabonete. Pasta de dentes. Pulsos que não constantemente doíam de estar amarrados. Uma barriga não côncava de fome. Um corpo sem cicatrizes. Uma alma sem elas.

Nunca mais.

O que aconteceu comigo, onde quer que eu terminasse, me certificaria de nunca ter por garantido as pequenas liberdades. Eu sabia o quão difícil era sem elas.

Eu atravessei uma cidade com uma aparência decadente. E quando digo "decadente", quero dizer que, se não houvesse um furacão furioso, estava bastante segura de que teria sido roubada, estuprada e enterrada em alguma lixeira em algum lugar.

Eu não parei. Provavelmente deveria ter parado. Perdido o carro. Encontrado algum lugar para me esconder. Tentado fazer isso a pé.

Mas não podia me fazer encostar.

Então continuei. Caindo em uma parte industrial da cidade. Empresas de colarinho azul. Alguns prédios de apartamentos. As luzes estavam apagadas. O que só podia significar uma queda de energia. Ótimo. Isso era ótimo. Nada estaria aberto.

Eu continuei. Passando algum edifício com cercas de arame farpado alto e sem janelas. E então as coisas ficaram rurais. Como... rural, rural.

Merda.

Merda. Merda. Merda.

Eu deveria ter parado naquela área ruim.

— Pense em frente, — me lembrei. O que foi feito, foi feito. Eu tinha que manter meus olhos para frente.

Então…

Meu Deus.

Merda.

Mas era tarde demais.

Muito tarde para reagir em uma estrada escorregadia.

Havia algo na rua.

E eu iria atingi-lo.

Eu bati nos freios, tentando girar a direção.

Então eu bati.

Demorou menos de um segundo para o airbag destravar, derrubando meus pulsos longe da direção e queimando minha bochecha, o som mais alto do que eu poderia ter imaginado, fazendo com que meus ouvidos tocassem dolorosamente. Mas tudo o que podia sentir era o impacto. O empurrão do carro para trás quando ele bateu. Os sons, afiados, metálicos, e esmagando, os uivos do vento e a explosão da chuva.

OK.

Eu estava bem.

Meus pulsos doíam.

Minha bochecha doía.

Mas eu estava bem.

Eu precisava me concentrar. Eu precisava…

— Porra, — eu disse, meus olhos ficando enormes, meus batimentos cardíacos disparados do choque.

Porque havia uma luz. Um farol. Chegando em minha direção.

Porra.

Eu precisava ir.

E o carro estava perdido.

Estendi a mão, arrancando a porta aberta. Então vi no que eu bati. Uma árvore caída. Ótimo.

Mas eu tinha que ir. O barulho da moto estava se aproximando. Eu tinha que ir.

Então eu fiz. Pulei sobre a árvore e arrastei minha bunda, meus pés descalços batendo contra o chão quando fui, meu corpo molhado de alguma forma ficando mais molhado. Mas tudo que conseguia pensar era em fuga.

Eram eles. Tinha que ser eles.

E eles estavam vindo para mim.

Eu tinha que continuar. Não importa como estava cansada. Quão fraca.

O rugido da moto se aproximou. Como se tivesse, de alguma forma, conseguido contornar a árvore e estava vindo atrás de mim.

Merda.

Eu quebrei minha regra, olhando por cima do meu ombro. Cheguei a ver o contorno de um homem em uma moto antes de me sentir caindo.

Então eu bati. Duro. De um lado, a estrada queimando a pele no meu braço e na minha coxa, o impacto batendo o ar fora de mim.

Eu gemi, tentando me mexer porque o motor da moto cortou. E isso só podia significar uma coisa. Ele estava vindo para mim.

Eu tinha que ir. Eu tinha que fugir.

Então empurrei em minhas mãos e joelhos, tentando me afastar.

— Babe, o que diabos você está fazendo?

2.

Reign

Porra de noite estranha.

Eu disparei para fora do complexo. Doente sobre tudo. Doente das cadelas. E a constante sensação de que Mo não era o único rato. Ele se foi. Cuidado. Morto. Corpo enterrado na floresta onde ninguém o encontraria. Colocado lá por mim. E Cash, meu irmão. Literalmente. Um irmão de sangue. Nenhum dos meus irmãos MC. Mas Cash não parecia estar carregando a carga pesada. O que fazia sentido. Ele é o vice, eu sou o prez. A porra do meu trabalho carregar esse fardo.

E tive a sensação de que não terminamos com o derramamento de sangue.

E eu precisava sair.

Então fui ao bar ao virar da esquina, rompendo uma briga besta em que os irmãos Mallick tinham se metido, tivemos algumas rodadas, peguei a estrada.

Apenas para encontrar alguma cadela correndo pela estrada num bairro pobre.

Parei para ajudá-la.

Queria fodê-la.

Perdi-a para um daqueles Mallick, que eu tinha encontrado mais cedo.

Senti a pontada de desejo não satisfeito através de mim. Mas não estava lutando contra um amigo por uma cadela quente aleatória.

Então o acidente.

Mesmo sobre a chuva e o vento e minha moto... pude ouvi-lo. A trituração de metal, a quebra do vidro.

Não foi surpresa. Dirigir em um furacão era estúpido pra caralho.

Eu dirigi apenas alguns segundos depois, o modelo prata estava martelado em uma árvore derrubada na estrada.

E então a mais estranha fodida coisa aconteceu.

A porta se abriu.

E alguma cadela correu para fora.

Como se eu fosse o diabo e ela estava tentando salvar sua maldita alma.

Por que diabos ela estaria correndo de um acidente de carro estava completamente além de mim, então segui. Queria ter certeza de que ela estava bem. Ver se precisava ligar para alguém.

Eu posso ser viscoso, muitas vezes um fodido violento, mas não deixaria uma garota no meio da estrada, no meio da maldita noite, durante um furacão com seu carro mutilado e sem funcionar.

Eu contornei a árvore, me aproximando.

Então ela olhou por cima do ombro para mim. E se eu não estava enganado (e eu nunca estou), ela parecia aterrorizada.

E, como em câmera lenta, ela caiu. Bem no seu lado. Golpeando o chão com um gemido abafado.

Cortei o motor e ela estava em suas mãos e joelhos tentando se mexer.

O que foi que eu disse?

Porra de noite estranha.

— Babe, o que diabos você está fazendo? — Eu perguntei, indo atrás dela, olhando para seu corpo lutando. E quero dizer corpo. A menina era porra abençoada. Pequena, mas com uma bunda gordinha agradável, cintura fina, pernas finas. Pequena embora. Ela era pequena o suficiente para se confundir com uma criança se não tivesse tido um vislumbre daquela bunda e daqueles quadris.

— Eu não vou voltar, — ela disse, sua voz feroz, mas isso tremeu. — Você vai ter que me matar. Não vou voltar.

Que porra?

Matá-la?

A cadela deve ter atingido sua cabeça ou alguma coisa no acidente.

Ótimo. Eu tinha uma viagem para o hospital na minha frente. Tudo o que queria era roupa seca e minha maldita cama.

Ela finalmente parou de se mexer, movendo-se para sentar sua bela bunda no chão molhado para olhar para mim.

Foda-me.

OK.

Eu precisava me lembrar que ela tinha uma lesão na cabeça. Caso contrário, eu a teria agarrado e a fodido bem ali na rua. Bem no meio de um maldito furacão.

Ela tinha um daqueles rostos. Aqueles delicados. Todo bochechas fofas, o queixo suave e os olhos grandes. Grandes olhos cinza para ser exato. E seu cabelo era longo. E era vermelho. Encharcado e escurecido, mas você poderia distinguir o vermelho. Não havia dúvida.

Ela era porra perfeita.

E eu tinha que ser um cavalheiro maldito porque ela podia ter danos cerebrais.

Apenas minha sorte.

— Eu não vou voltar, — ela repetiu, sua voz perto da histeria desta vez.

— Eu não estou levando você a lugar algum, mas talvez o hospital. Acho que você bateu sua cabeça frouxa naquele acidente, querida.

— Eu não preciso de um hospital, — disse ela, olhando-me engraçado. Como se estivesse tentando descobrir algo. — E eu não bati minha cabeça frouxa.

Essa última parte soou quase arrogante.

— Bem, não vou te deixar aqui fora na rua, assim que você está indo para algum lugar.

— Com você?

— Isso aí, amor. Comigo.

— Na sua moto?

Jesus Cristo. Ela era densa ou alguma coisa?

— Sim. Na minha moto. Vê quaisquer outros veículos aqui fora?

— Aonde você vai me levar?

— Meu lugar.

Espere. O que? Que porra é essa? Eu não poderia levá-la para meu lugar. Isso foi a mais estúpida coisa maldita que eu pude...

— Ok, — ela disse, com o rosto parecendo... aliviado? Ela ficou aliviada de ir à minha casa.

Sério.

Cérebro danificado.

3.

Summer

Talvez fosse um plano estúpido. OK. Era um plano totalmente estúpido. Mas eu estava no meio de lugar nenhum, ao lado de um carro roubado que pertencia a um homem muito perigoso que faria tudo em seu poder para me levar de volta. Para obter sua vantagem de volta. Então eu precisava ir embora. E o alto, moreno e mortal era realmente a minha única opção.

Alto. Sombrio. Mortal. E o homem de melhor aparência que já vi na minha vida.

Era quase errado que um homem possuísse tanta beleza. Forte, queixo talhado, sobrancelhas severas sobre os olhos castanhos deslumbrantes. E então havia o corpo. Alto, magro, mas forte. Que estava vestido com calça jeans preta e um colete escuro, com um couro cortado sobre ele. Era isso. Na fria chuva de outubro.

Sim. Tudo nele a partir das botas até a moto sugeria que era problema.

Mas era um problema que me oferecia um santuário.

— Diga novamente? — Ele disse naquela voz áspera e profunda dele.

— Eu disse tudo bem, — eu disse, limpando minhas mãos na frente do meu short, vendo sangue. O que era um pouco mais de sangue?

— Você está sangrando, — ele observou.

— Sim, — eu disse, tentando chegar aos meus pés, sem tocar minhas mãos cortadas no chão.

Sua mão se aproximou de mim, pegando meu pulso e puxando-me para os meus pés. — Eu não tenho capacete. — Ótimo. Eu tenho liberdade apenas para ter minha cabeça aberta no pavimento durante minha fuga. — Eu também nunca bati, — acrescentou, e encontrei-

me assentindo. — Já esteve em uma moto? — Perguntou ele, levando-me até lá e jogando a perna por cima.

— Não.

— Vá atrás de mim e coloque seus braços em volta de mim.

E, com isso, ele virou mais a moto e subi. Fiz uma pausa, não inteiramente confortável em colocar meus braços em torno dele.

— Segure, babe, — ele disse, então a moto balançou e todas as minhas reservas sobre segurar desapareceram. Eu tinha certeza que estava segurando firme o suficiente para começar a cavar em sua pele. Fechei os olhos, que anos de passeios em parques de diversão me disseram que era a pior ideia possível, mas não poderia tomar o cenário voando pelo que deus-sabia-que-velocidade quando estava chovendo e escuro e não havia nada para me impedir de me tornar alguma história de advertência que as pessoas contam às crianças sobre motocicletas, ficando raspados no pavimento.

Parecia que dirigimos para sempre antes que a moto estivesse parada ao lado de um enorme portão de ferro forjado ligado a uma enorme cerca de tijolos. Senti minha espinha endurecer, muitas lembranças de portões e paredes no meu passado recente. Mas não tive tempo para pirar porque ele colocou um código, os portões se abriram, e nós entramos através. Virei a cabeça, observando o portão próximo, rezando que eu não tinha feito apenas a opção de trocar uma prisão por outra.

Nós dirigimos por uma longa entrada. Sem árvores. Não havia vegetação alguma. Todo o espaço era aberto. Um campo cercado completamente pela cerca de tijolos vermelhos.

A casa não era tão grande como eu estava imaginando com tanto dinheiro colocado em protegê-la. Era uma cabana rústica de um nível, toda de madeira temperada com uma enorme varanda perfeita para beber café pela manhã.

Ele puxou a moto ao lado da casa, sob uma saliência, saindo, então alcançou meu braço, antes de virar e se mover para a porta da

frente para destravá-la. Então ele esperou, a porta aberta, para eu atravessar.

O interior da casa era, surpreendentemente, tijolo. Todas as paredes, a enorme lareira. Tudo de tijolo, mas o piso era de madeira envelhecida que combinava com o exterior. A principal área de casa tinha um piso plano aberto. Cozinha fundia com a sala de jantar que se fundia para a sala de estar. A sala de estar tinha dois sofás de couro grandes, desgastados e caramelados com uma mesa de café quebrada ao redor da lareira. Havia um toca discos em um canto, uma caixa de ovos cheia de vinil debaixo dela.

— Babe, onde diabos estão seus sapatos? — Alto, escuro e perigoso perguntou ao meu lado.

Olhei para os meus pés descalços, procurando uma desculpa. — Sandálias de dedo. Elas... caíram enquanto eu estava correndo.

Suas sobrancelhas se juntaram como se ele não tivesse comprado. Mas ele não me conhecia bem o suficiente para saber que estava mentindo.

— Vou pegar uma toalha, — disse ele, caminhando em direção ao corredor, além da lareira.

Senti-me assentir, embora ele já estivesse se afastando de mim. Curiosa, mudei mais para dentro da porta, olhando para a cozinha, cortada do resto da sala por uma ilha de tijolos. Os balcões eram um bloco de açougueiro, os aparelhos de aço inoxidável. A sala de jantar estava a poucos metros da ilha e...

Puta merda.

Santa. Merda.

O que diabos eu me meti?

Eu precisava me afastar.

Antes que ele voltasse.

Porque lá, espalhados pela mesa, havia uma variedade de armas e uma enorme soma de dinheiro.

Merda.

As pessoas normais não mantinham armas e dinheiro em suas mesas de jantar.

As pessoas normais não mantinham cercas de dez pés em torno de toda a propriedade.

Merda.

Eu precisava…

— Mantenha a boca fechada sobre isso. Não faça perguntas. E não teremos problemas.

Merda.

Eu me sentia idiota.

O braço dele levantou e eu vacilei para longe dele. Por reflexo. Eu nem estava ciente de que estava fazendo isso. Mas ele viu. Seus olhos castanhos escureceram, as sobrancelhas baixando. — Toalha, — ele explicou e olhei e vi o material branco em sua mão.

Merda.

Novamente.

Maneira de deixar seu trauma se mostrar, Summer.

— Obrigada, — murmurei, pegando a toalha e esfregando-a sobre o rosto, depois esfregando pelo meu cabelo.

— Qual o seu nome? — Ele perguntou, observando-me.

— Summer, — respondi automaticamente. Porcaria. Eu não deveria ter dito isso. Eu deveria ter inventado algum nome falso. — Você?

— Reign?

— Rain? — Perguntei. — Como... chuva?

Isso o fez resmungar. — Não, babe. Reign. Como um rei.

Bem então. OK.

— Eu vou me trocar. Encontrar-lhe algo seco, — disse ele, movendo-se em direção ao corredor novamente. — Não toque nas armas a menos que você saiba o que está fazendo. Elas estão carregadas.

Certo.

Não estava planejando tocá-las. Eu nunca toquei uma arma antes. Embora pareça que qualquer idiota poderia lidar com uma. Como evidenciado pelo grupo desorganizado de idiotas do V. Malvados, idiotas sádicos.

Abaixei meus olhos da mesa de jantar, olhando pelas janelas para a escuridão.

Eu não tenho que pensar sobre eles. Eu estava, no momento, relativamente segura. Ok, bem, talvez não segura, segura, a julgar pelos suprimentos com aparência criminosa colocados como o jantar de Ação de Graças na mesa da sala de jantar, mas mais segura do que eu tinha estado. E assim que a tempestade passasse, poderia pedir a Reign para me levar a algum lugar.

Eu queria ir para casa.

Mas isso não era seguro.

Ainda não.

Não até que papai tivesse mais homens para tentar...

— Ei, babe, — a voz de Reign atravessou meus pensamentos, fazendo-me saltar.

— Sim? — Perguntei, virando-me para vê-lo andando pelo corredor, seco, exceto pelo cabelo, vestido com uma calça de moletom cinza escuro, grossa, pendurada baixo em seus quadris. E... sem camisa. Era minha opinião pessoal que homens com corpos como Reign nunca devem usar camisas. Porque, porra. Ele era construído. Não volumoso, mas forte. Musculoso. Tatuado. Quente. Oh, meu Deus, ele era quente.

— Você vai continuar encarando ou você quer se trocar? — Ele perguntou, com um sorriso brincando em seus lábios. Porque ele era uma merda quente e sabia disso.

Eu balancei minha cabeça, caminhando em sua direção, ainda tocando meus cabelos. Reign virou-se, caminhando de volta ao corredor, deixando-me seguir por trás dele. Ele caminhou até uma porta, abriu-a e ficou ali.

— Cristo. Você está tremendo, — ele disse, observando-me.

Eu estava tremendo por horas. — Estou bem.

— Tome um banho quente, — ele disse, empurrando roupas para mim.Meu Deus. Sim. Obrigada. Obrigada. Obrigada. — Tudo bem, — eu disse, dando-lhe um sorriso fraco e entrando no banheiro.

Fechei a porta, deixando cair a roupa seca na pia em frente ao enorme espelho em forma de cúpula. Encontrei uma escova de dentes sobressalente ainda em sua embalagem e adicionei uma enorme quantidade de pasta, escovando meus dentes sem piedade até que se sentiram lisos e limpos. Voltando-me para o chuveiro, entrei e liguei a água quente, tirando a roupa o mais rápido que as minhas mãos permitiam, depois me jogando sob a água quente.

Eu passei shampoo quatro vezes. Esfreguei cada centímetro de mim mesma cinco vezes. Eu desejava uma lâmina de barbear e meio que saí do banho para revirar o armário até encontrar uma livre descartável, agradecendo minhas estrelas de sorte.

Devia estar lá por uma hora. Mas ainda não sentia o suficiente. Estava preocupada de nunca mais me sentir limpa novamente. O tipo de limpeza que nunca conheceu o toque da imundície. O tipo de limpeza que eu tinha antes.

Mas essa era apenas outra cruz que tinha que suportar.

Peguei uma toalha fresca, secando-me, indo para a roupa. O colete preto certamente caberia, então o deslizei. Ele pendia em torno de meus seios e barriga, mas estava quente e limpo. Eu definitivamente não estava reclamando. Já não estava tomando mais nada garantido.

Eu estava puxando as calças que pareciam irremediavelmente muito grandes quando a porta se abriu e meu coração bateu na minha garganta. Memórias do tipo PTSD voando através da minha cabeça até que me forcei a me concentrar e vi Reign de pé ali. Não V. Não são os homens dele. Reign.

Mas não foi um suspiro de alívio.

Porque ele não estava olhando meu rosto.

Seu olhar estava preso no lado externo da minha nádega esquerda. Algo mais parecido onde o quadril superior encontra a coxa, mas o suficiente para trás para que seja tecnicamente a bunda.

Era lá onde estavam seus olhos.

E estavam com raiva.

— Parece que temos um maldito problema.

4.

Reign

Ela estremeceu. Se encolheu. Como se eu fosse — bater nela. — Merda. Não cérebro danificado. Abusada.

Eu tinha uma garota que foi abusada em minha casa. Nunca trouxe nenhuma garota para a minha casa. Eu fodia elas no meu quarto no complexo. Nunca peguei um rabo em casa. E agora o primeiro pedaço de bunda que eu trouxe estava danificado.

Essa era apenas a minha sorte.

Afastei-me da porta do banheiro e fui até a cozinha para colocar um café para fazer. Então limpei o dinheiro e as armas longe, levando-os para o cofre, travando. Não precisava de algum pensamento da garota danificada que eu era uma porra de psicopata.

Ela também estava mentindo para mim. Sobre os sapatos. Ela estava mentindo. Não tinha havido chinelos. Ela estava com os pés descalços quando saiu do carro. O que deixou outra pergunta sem resposta. Por que diabos ela estaria fora em um furacão, dirigindo descalça, em um fodido carro , de pijama?

Ela disse que não voltaria. Que eu teria que matá-la porque não voltaria. Voltar para o quê? Voltar para algum pedaço de merda que gostava de bater nela? Alguma merda de abuso doméstico? Roubou seu carro e conseguiu o inferno se esquivar?

Tinha que respeitar isso.

Eu fiz uma xícara de café. E bebi. E ela ainda não saiu do banheiro. Eu fiz outra xícara. Bebi. Nada ainda.

Eu suspirei, derrubando minha caneca, andando pelo corredor. O banho estava fora por um tempo. Estava meio preocupado que ela tivesse algum tipo de ferimento depois de tudo e desmaiou lá.

Preocupado.

Eu.

Que porra é essa?

Abri a porta. E lá estava ela. No meu colete, puxando minhas calças por suas pernas finas. Ela era tão pequena. Como um pássaro. Parecendo frágil. Meus olhos caíram para a área da parte superior da coxa / bunda. E qualquer história que eu tinha vindo acima sobre seu passado voou para longe.

Porque lá em seu traseiro estava uma marca.

Uma marca de carne queimada.

E era um V.

A letra V no interior de um triângulo em posição vertical.

Uma marca que significava que ela era uma das garotas de V.

E ela estava na minha casa.

Porra.

O que diabos eu me meti?

Eu não fodia com V.

Eram regras do clube que nenhum de nós estava perto de V ou suas meninas. Eu não me importava com meus rapazes recebendo seus paus molhados com qualquer buceta disposta que poderiam encontrar. Mas eles, em nenhuma circunstância, levaram alguém que não quisesse. E as garotas de V não estavam dispostas. Porque as garotas de V eram forçadas a entrar no fodido comércio de pele.

E V também era um fodido doente.

Outro motivo para não ir perto de sua operação ou de suas meninas.

Porra.

Fodida merda.

— Eu juro que vou sair do seu caminho amanhã, — disse ela, puxando as calças para cima e tendo que segurá-las na frente ou caíam. Seus olhos cinzentos estavam largos e suplicantes.

— Você quer sair dessa situação de merda, tudo bem. Bom. Boa merda para você. Você viu uma oportunidade e você pegou isso. Inteligente. Mas eu não estou fodendo com os negócios do V.

— Eu não sou dele, — ela objetou, seus olhos piscando. Orgulho?

— Essa marca na sua bunda diz o contrário.

— A marca não diz nada além do que ele estava tentando assustar meu pai.

O pai dela? Que porra é essa?

— Obtenha seu pequeno traseiro magro na cozinha para que eu possa obter mais café. E você vai explicar sua merda. Entendeu?

Ela assentiu.

Era tudo o que eu precisava. Me virei e voltei para a cozinha.

5.

Summer

OK. Eu acreditava em dizer a verdade. Como uma regra. Noventa e oito por cento do tempo. Os dois por cento foram salvos para aqueles momentos em que suas amigas perguntavam se sua nova tintura parecia boa e você pessoalmente achava que era um absurdo para alguém rotineiramente assar no sol para colorir seus cabelos de vermelho e achar que parecia natural... ou quando um parente lhe dava um cartão presente para uma loja que você não seria pega comprando nem morta. Em essência, a mentira era apenas aceitável para evitar que você prejudicasse os sentimentos de alguém.

Mas, novamente, isso foi antes.

A questão de fato: eu não conhecia Reign. E, além do que eu já admitia estupidamente, precisava manter minha inteligência sobre mim. Ele podia ver uma oportunidade de ajudar a si mesmo e a qualquer coisa subterrânea criminosa que ele tivesse acontecendo, deixando-me de volta aos braços de V.

Ou trocar-me.

V pagaria.

Eu sabia. Mas não o deixaria saber disso.

Eu precisava começar a jogar as coisas de maneira inteligente. Minha vida maldita estava na linha. Eu tinha que parar de esconder as coisas como um adolescente apanhado com um pacote de seis.

Eu era uma boa mentirosa. Pelo menos, estava bastante segura de que eu era. Eu realmente precisava me comprometer com a minha história. Qualquer que seja o inferno que a história era. O que eu teria que vir pra cima com uma, já que o espaço entre o banheiro e a cozinha não era suficientemente longo para criar uma cobertura.

Reign chegou no armário para uma segunda caneca, enchendo-a e me entregando. Agora, eu sempre fui uma pessoa de café. Antes. Eu me levantava de manhã e me dirigia para a cafeteria ao virar a esquina e obtinha a minha dose. Então novamente à tarde. E se fosse um dia difícil, a noite também. Mas gostava das minhas bebidas leitosas e açucaradas. De preferência com algum tipo de sabor. Caramelo. Mocha. Abóbora.

Nunca tinha tomado café preto na minha vida.

Mas a questão de fato era, eu não tinha tido nada além de lutar por punhados de água da torneira do banheiro por meses. Então ia beber. E ia aprender a apreciá-lo.

— Obrigada, — eu disse, encaixando-o entre as mãos por um segundo antes de tomar um gole. Não era ruim. Também não era bom. Mas não era ruim. E era forte. Senti que chutou todo o caminho para baixo.

— Fale.

Bem, então.

— O que você quer saber? — Eu fui vaga.

— Eu quero saber por que você conseguiu a marca de um fodido comerciante de pele no seu quadril. Quero saber o que aconteceu com você. Eu quero saber como você conseguiu escapar daquela fortaleza.

— Eu tenho uma marca porque ele marca todas as meninas que trás para dentro. — Isso era verdade. Embora não fosse uma dessas garotas. Sentia-se errado em dizer — graças a Deus, — mas graças a Deus!

— Então você é apenas uma das suas garotas?

— Sim. — Não.

— Como você saiu?

— Honestamente? — Eu poderia fazer isso honestamente pelo menos. — Eu não sei. Não tenho ideia do que aconteceu. Minhas restrições estavam soltas e escorreguei para fora delas. Levantei e fui

a bater na porta para ir ao banheiro e... ninguém respondeu. Alguém sempre respondeu se eu fazia um barulho. Mesmo que fosse com os punhos, eles respondiam. — Ele apenas estremeceu? Eu estava bastante segura de que ele estremeceu. Isso era bom. Eu poderia jogar o cartão da mulher batida. Era realmente a única que eu tinha de qualquer maneira.

— Então eu olhei para fora. E... não havia ninguém. Eu nem pensei nisso. Apenas corri. O que provavelmente foi realmente estúpido.

— Sim, — ele concordou, balançando a cabeça.

— Mas funcionou. Saí e... não havia ninguém lá também. Apenas corri para o portão, apertei o botão, subi em um dos carros e meti o pé.

— Você fez ligação direta?

— Não, — eu disse, meio rindo. Porque se ele me conhecesse, saberia o quanto era uma pergunta absurda. Eu nem sabia onde colocar o fluido de limpeza no meu carro em casa. — Não, eles deixam as chaves nos carros.

— Isso é descuidado.

— Eu acho que eles nunca pensaram que alguém teria a chance de correr.

Ele assentiu, olhando pela janela por um segundo. — Quem é o teu pai?

Merda.

Merda de merda.

Eu nunca deveria ter dito isso.

— Apenas um cara. Um cara normal. V queria estragar com ele, eu acho.

— Babe, — ele disse, sua voz muito plana. — Eu conheço criminosos. E conheço os senhores do crime. V é uma porra de senhor do crime. De jeito nenhum, ele queria foder com seu pai para merdas e risos. Ele tinha um motivo. Qual é o motivo?

— Eu não sei, — eu disse, colocando um pouco de desespero nas palavras, tornando-as convincentes. Porque eu sabia. E era horrível. E eu estava disposta a continuar a atravessar a tortura todos os dias pelo que o meu pai negou a V que ele queria. Porque ele estava fazendo a coisa certa. Eu implorei que ele fizesse o certo.

— Você vem do dinheiro? Parece que você vem de dinheiro.

Parecia que eu vim do dinheiro? Isso soou como um insulto. Mas se sua mente estivesse em direção à extorsão, bem, essa era uma boa direção para ele ir. — Sim. Eu venho do dinheiro.

— V gosta de dinheiro. Quase tanto quanto gosta de roubar meninas das ruas e fazê-las chupar e foder até que elas estão muito usadas até para ser útil.

Senti-me tremer porque era verdade. Era tão terrivelmente, repugnantemente verdade. Era o que ele fazia. Eu o vi todo o tempo. Obtendo-as arrastadas. Gritando. Chorando. Tentando afastar-se. Mas isso nunca fez nenhum bem. Os homens eram muito fortes. Muito imunes a tudo.

E as mulheres seriam presas. Elas seriam obrigadas a suportar a dor lancinante, inacreditável da marca. Então, elas seriam jogadas em algum prédio com mais de cem meninas, esperando ser transportadas para fora. Esperando passar a vida sendo estupradas e torturadas por quem pagasse mais dinheiro.

E foi o que Reign pensou ter acontecido comigo.

Que assim seja.

— Sim, — eu concordei, minha voz calma de desgosto.

— Você tem sorte pra caralho por sair. Mas se ele estava usando você para extorquir dinheiro, babe, ele não vai parar de procurar por você.

— Eu sei disso. — Deus, eu queria não saber disso.

— Você me colocou no meio da sua bagunça.

— Tecnicamente, você se colocou no meio, — eu corrigi, sentindo o aborrecimento subir. — Você poderia ter me deixado no lado daquela estrada.

— Não, eu não podia.

— Sim, — eu disse com firmeza, — você poderia. Você escolheu não. E eu estou grata por isso. Mas não coloque isso em mim. Eu disse que estaria fora do seu caminho uma vez que a tempestade passe. Me solte em qualquer lugar. Vou descobrir isso de lá.

— Não estou deixando você em lugar algum, — ele disse, olhando para mim como se eu fosse louca.

— Por que não?

— Você tem alguma maldita ideia de como é louco aquele pedaço de merda? Ele terá todo homem, todo policial, cada lacaio fora, procurando por você.Seu cabelo assim, babe, eles vão encontrá-la.

— Então eu vou pintar isso.

— Não.

Eu lutei com o desejo de rolar meus olhos. Como se fosse um dos seus malditos negócios o que eu fazia com o meu cabelo. — Você tem alguma sugestão melhor?

— Você vai ficar aqui.

O que?

Não. Sério. O que?

— Me desculpe?

— Você ficará aqui. Dê alguns dias para acalmar. Ninguém me viu com você. Estava morto pra caralho esta noite. Todos com seu poder na cidade e merda. Ele encontrará o carro mutilado, imaginar que você foi levada para o hospital. Ele vai passar algum tempo nisso. Então ele vai bater nas ruas. Você precisa ficar escondida por um tempo. Não há lugar melhor do que aqui para isso.

Ele estava me oferecendo seriamente um santuário? Como, um santuário real?

— Você não pode estar falando sério.

— Parece que estou fodidamente brincando?

— V é perigoso.

— Eu sei.

— Se ele descobrir que você me ajudou, você estará em sua lista de merda.

— Eu sei.

— Então, por que você ainda está oferecendo...

— Babe. Ele não vai descobrir. É simples assim. Você fica aqui. Dentro da casa. Alguns dias. Semanas. Duas no máximo. Eu posso te tirar daqui e longe de tudo isso.

— Por que você faria isso?

Reign encolheu os ombros. — Certos criminosos dão a todos nós um nome ruim.

Eu bufei. Então meus olhos se arregalaram, minha mão bateu na minha boca. Merda. Eu não deveria suavizar para o criminoso legal que estava se oferecendo para me ajudar. Bom dia, Summer.

— Desculpe, — murmurei, olhando para o meu café.

Outro encolher de ombros. — Pode não conseguir, mas todos nós temos um código.

— Um código? — Perguntei.

— Sim. Um código. É por isso que você vê alguma boa justiça à moda antiga no bloco de celas quando um rapper bebê acaba na prisão. O fodido não vive tempo suficiente para se arrepender de suas escolhas de vida.

— Você esteve na prisão?

Droga.

Eu estava curiosa. E ele disse para não fazer perguntas. Eu estava regiamente estragando minhas chances de ser autorizada a ficar.

— Sim, babe. Eu estive preso.

— Por muito tempo? — Oh, meu deus. O que estava errado comigo?

— Sessenta segundos atrás das grades é um longo tempo.

Bem, isso era verdade. E, à minha maneira, sabia exatamente o que isso parecia. Estava em minha própria prisão por meses. Sem horários alimentares regulares. Sem viagens ao quintal. Sem ninguém para entrar e parar os espancamentos.

— Parece que você pode saber uma coisa ou duas sobre isso. Quanto tempo ele tem você?

— Que dia é hoje?

— O que?

— Que dia é hoje?

— 15 de outubro.

— Fui levada no dia 2 de julho. — Eu tinha feito aquilo que você vê nos filmes. Quando as pessoas são pegas. Ou quando estão na cadeia e começam a rabiscar os dias na parede. Quatro linhas. Um através. Quatro linhas. Um através. Eu tinha cento e cinco dias. Três meses e duas semanas. Sentia-se muito mais tempo. Mas sabendo quanto tempo realmente me ajudou a manter minha sanidade através de toda a dor e a fome.

Reign assentiu.

— Ele te machucou?

Engoli. — Repetidamente.

— Porra.

— Estou bem, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Você sabe que é uma mentira.

Era uma mentira. Mas era uma que estava tentando muito duro para me fazer acreditar.

— Bem. É tarde, — disse ele, colocando a caneca na pia. — Vamos dormir. Falamos mais amanhã.

— Tudo bem, — concordei, sugando o resto do meu café com avidez. Era algo na minha barriga. A primeira coisa lá em dias. E

desejei ter mais calorias, mas pelo menos a cafeína suprimiu o apetite. Eu poderia passar por mais algumas horas.

Então ele se virou e, sem perder o que fazer, coloquei minha caneca na pia e o segui. No corredor. Passando o banheiro. Um banheiro que eu não precisaria pedir para usar. Um banheiro que eu poderia usar mais de uma vez por dia, sentando, balançando e rezando. Eu não fazia xixi até eu ter chance.

Reign desapareceu na sala em frente ao banheiro e eu segui. Então congelei. Era o quarto principal. Olhei de volta para o corredor. E não havia outros quartos. Porcaria. Esperava que ele não pensasse que eu ia dormir com ele. Isso porque eu era uma das garotas de V que estava feliz em espalhar minhas pernas por qualquer favor.

— Relaxe, — disse ele, virando-se para olhar para mim, com a cabeça inclinada para o lado. — A cama é enorme. Você não terá que me tocar.

— Eu posso... — Comecei, lambendo meus lábios. — Eu posso dormir no sofá. Está bem.

— Você está dormindo aqui onde posso ficar de olho em você, — disse ele, finalidade em seu tom.

Eu não estava realmente em posição de lutar contra ele. E a cama era enorme. Eu era pequena. Ele estava certo. Haveria distância entre nós.

— OK.

Ele se afastou de mim, agarrando um controle remoto da mesa de cabeceira e acendendo uma enorme televisão de tela plana em frente à cama. Meu Deus. TV. Perdi TV. E música. Apenas outros sons além de homens me provocando e mulheres gritando. E a minha própria mente me deixando meio louca.

— Você escolhe, — ele disse, jogando o controle remoto sobre a cama enquanto ele entrava de um lado.

Levou tudo o que eu tinha para não mergulhar no controle remoto. Eu fiz o meu caminho pela cama, puxando para trás os

lençóis e entrando. Eu me estabeleci, pegando o controle remoto e começando a passar pelos canais. Finalmente, estabeleci nas antigas reprises em preto e branco que fizeram com que a cabeça de Reign se voltasse para mim, uma de suas sobrancelhas se curvou.

— A sério?

— Você pode mudá-lo, — eu disse automaticamente. Outra reação instintiva que tinha aprendido ao longo dos últimos meses. Não discorde dos homens. Sempre tente apaziguá-los. Salve-se do espancamento. Exceto nos dias em que eles chamaram meu pai. Esses dias eu discordava. Tomava as surras. Eu praticamente pedia por elas.

— Não, babe. Eu disse que você escolhia. Você escolheu.

Então ele deixou por isso mesmo, deitado ali, assistindo a TV.

Eu me abracei sob os cobertores, cheirando profundamente o homem. Algo indefinível, mas familiar. Um vestígio de colônia. Simplesmente almíscar masculino. Um detergente para roupa não floral.

E então, para meu horror absoluto, meu estômago rosnou ferozmente, soando como se tivesse monstros presos dentro.

A cabeça de Reign virou-se automaticamente para mim e tentei ignorar seus olhos em mim. — Você está com fome, você diz que está com fome, — ele disse simplesmente, levantando-se da cama.

— Não. Está bem. Eu posso esperar até a manhã. Confie em mim.

— Confiar em você? — Perguntou ele, voltando-se. — Eles não a alimentaram? Você está acostumada a estar com fome?

Senti meu rosto corar. O que foi ridículo. Não era como se eu tivesse morrido de fome.

— Eles me alimentaram quando sentiram vontade.

— Com que frequência eles se sentiram assim?

Eu suguei ar. — Cada poucos dias, se eu tivesse sorte.

— Porra.

— Realmente não é grande coisa. Eu posso wa...

— Há quanto tempo você estava esperando?

— O quê? — Eu perguntei, puxando meus joelhos para o meu peito.

— Quanto tempo desde que eles alimentaram você?

Oh. Certo.

— Hum, — comecei.

— O fato de você ter que pensar nessa merda é por que você está pegando seu traseiro, entrando na cozinha e enchendo seu estomago.

Dois dias. Foram dois dias.

Mas Reign se foi e eu estava pulando da cama, segurando a cintura da minha calça e seguindo para trás.

Como se estivesse sentindo a minha presença, ele disse: — Eu até fodidamente quero saber o que eles te jogaram quando te alimentaram?

Não, ele não queria. E eu também não tinha escolha de comer isso.

— Não.

— Porra.

E então houve muito movimento. Panelas e panelas sendo colocadas no fogão. Itens que estavam sendo retirados dos armários e da geladeira.

— Está tarde. Posso apenas ter um pouco de cereal ou algo assim... — Eu forneci, observando-o movendo-se, seus fortes músculos das costas girando e torcendo de uma maneira muito sexy demais às três da manhã.

Ele simplesmente me ignorou, movendo-se um pouco mais. Vertendo água em uma panela. Cortando algo no balcão. Porque, bem, era um balcão de açougueiro.

— Posso ajudar com alguma coisa?

Eu não era realmente uma cozinheira. OK. Eu não era uma cozinheira em qualquer forma ou meio. Papai sempre teve criados para isso. Mas sendo uma criança órfã de mãe, tinha passado muito tempo na cozinha com Mae, nosso muito pesado, muito jovial cozinheiro italiano. E em suas caudas de avental, me ensinou que sempre era bom oferecer ajuda, mesmo que não soubesse o que estava fazendo.

— Você acabou de passar três meses em um inferno tendo sabe deus o que fizeram com você e não acha que ganhou o direito de relaxar e alguém cuidar de você?

Cuidar de mim?

Era o que ele estava fazendo?

Era.

E era muito bom.

Eu apenas...

OK. Eu estava um pouco emocional.

E por — um pouco emocional, — quis dizer que estava bastante segura de que estava prestes a chorar na frente dele. E não apenas chorar. Chorar com ranho feio. Eu me afastei, olhando para a sala de estar, respirando profundamente.

— Posso colocar música?

— Enquanto é vinil, sim.

Eu inteira voei pela sala, fazendo um show de olhar através dos registros, fingindo ignorar minhas mãos trêmulas. Eu sabia que estava lidando com alguma merda pesada, especialmente pesada considerando a vida mimada que tinha levado, mas precisava manter minha cabeça no lugar. Eu não poderia ir toda mulher histérica porque alguém estava cuidando de mim. Era o que você deveria fazer quando encontrasse alguém que precisa de ajuda, certo? Mesmo quando você era um grande, ruim, criminoso cara motociclista.

Peguei um disco que reconheci, levantei a agulha, e deixei cair. Houve um zumbido por um longo segundo antes de o som surgir dos

alto-falantes. Voltei para o sofá, abaixando-me. Planejando apenas manter minha distância por alguns minutos. Mas o sofá era um desses sofás de couro. Os bem-amados. Aqueles que se sentiram amanteigados ao toque. E logo que tinha me colocado em cima dele, me consolei com a ideia de não ser acordada assustada por alguém tentando me machucar, adormeci.

E eu tive pesadelos.

Mas eles não eram pesadelos.

Eram lembranças.

**

— Acorde, acorde!, — Um deles, Deke, ouvi um dos outros rapazes chamá-lo, disse. Não. Não disse. Gritou. Direito no meu ouvido. Fazendo-me subir na cama tão rápido, que esqueci-me de estar amarrada e as cordas amarradas na pele rasgaram meus pulsos, a dor de uma vez tão intensa que tive que sufocar a bile na garganta.

— Quase mijou na cama, — disse Martin, rindo.

O cheiro deles era sempre o que me pegava mais. A fumaça do cigarro que parecia escorrer de seus poros. Misturados com a vodca na respiração. O cheiro quase incontrolável de odor corporal.

Você poderia literalmente cheirá-los descendo pelo corredor se estivesse acordada.

Se eu estivesse profundamente adormecida, isso me assaltava de uma vez, cortando a neblina do sono como um forte vento.

— Ela realmente é bonita, — disse Deke, seus dedos estendendo a mão pelo meu rosto, acariciando o lado do meu pescoço. — Tão maduro, — ele disse, sua mão se movendo sobre meu peito que não tinha proteção de um sutiã de seus dedos curiosos. — Ela precisa de uma boa merda, você não acha, Mart?

— Malditamente, certo. Em ambas as extremidades de uma vez, eu diria.

— Sim, — ele disse, sua mão deslizando pela minha barriga. — Elas sempre gostam desse jeito, não é?

Eu mordi o lábio para não gritar. Ou suplicar. Eles não deveriam me tocar. V tornou claro esse ponto.

— Ela se machuca quando eu digo para machucar. Como eu digo que ela se machuque. Mãos e paus fora de outra forma. — Essas foram suas palavras.

Mas eu sabia que isso não significava nada para eles. Não quando eles vieram no meio da noite, meio bêbados, olhos nebulosos com luxúria. Eu sabia que eles poderiam encontrar o caminho para fora disso.

— Peixe morto do caralho, — Deke repreendeu, agarrando meu peito tão duro que lágrimas caíram dos meus olhos. Eu desviei o olhar. Porque talvez não soubesse muito sobre homens como eles. Mas sabia que eles gostavam de uma reação. O poder que eles mantinham sobre meninas como eu. O medo. Se eu não lhes desse isso, eles poderiam simplesmente ir embora. Eles poderiam não ser capazes de conseguir. Ou eles poderiam ficar irritados o suficiente para me deixar em paz e procurar alguém.

Deus. Como eu me odeio por pensar nisso. Que esperava que eles fossem para outra pessoa. Sabendo que a menina não tinha regras ao redor dela. Sabendo que ninguém dava uma merda se gritasse ou morresse. Mas eu queria isso tanto, que não fosse eu, que esperava que eles saíssem.

E quando eles finalmente fizeram, rolei no meio do estômago, meu rosto enterrado no travesseiro e gritei. Nunca chorei. Nunca deixe haver vestígios de fraqueza na parte da manhã. Então, em vez disso, eu gritei. Até que minha garganta estava crua. Até que não existisse mais som. Até eu desmaiar novamente.

**

Eu me levantei no sofá, meu coração batendo forte.

— Apenas um sonho, — a voz de Reign me alcançou, calma, tranquilizadora. Próximo. Minha cabeça disparou, meus olhos selvagens, para encontrar Reign sentado na mesa de café, parecendo muito como se estivesse lá por um tempo. — Respire. Foi apenas um sonho.

— Não, — eu disse, afastando meus cabelos do meu rosto, — não foi.

Os olhos de Reign brilharam com reconhecimento e ele assentiu. — Eu não sabia se eu devia acordá-la, — ele disse, soando tenso. — Você estava gritando e gritando, mas não sabia se seria pior acordar com alguém te segurando.

Coloquei meus pés no chão, enfiando minhas mãos trêmulas entre meus joelhos e encolhendo os ombros. — Eu não sei, — respondi honestamente. — Nunca tive pesadelos antes.

— Você quer falar sobre isso? A merda não pode ficar engarrafada. Eu sei que é fresco e isso mata, mas você não pode deixar que seja infectado. Vai comer você.

Não sei por quê. Mas encontrei minha boca abrindo. Eu me encontrei precisando compartilhar. Compartilhar o fardo. A culpa. Era tão pesado sobre meus ombros que senti como se não pudesse levantá-los.

Eu estava livre.

O resto ainda estava lá.

Ainda rezando todas as noites, rezando que seria outra pessoa.

Em vez deles.

— Eles costumavam entrar a noite, — comecei, olhando para os meus pés. — Eu ficava amarrada à cama, — eu disse, erguendo os pulsos como se ele precisasse de provas. Eu sabia que ele realmente não precisava. Talvez eu precisasse. — Assustando-me para fora do sono. E então... me tocando. E…

— E... — ele solicitou.

— E eu simplesmente ficava lá rezando para que eles se movessem para outra pessoa. Que eles me deixassem sozinha. Perdessem o interesse em mim e fossem procurar outra garota. E quando faziam, sentia-me tão mal. Tão culpada. Tão desgostosa de mim mesma que eu gritava no meu travesseiro até não poder mais gritar. Porque era uma coisa tão horrível de pensar. Eu não devia ter...

— Ei, — ele disse, sua grande mão pousando forte no meu joelho. — Olhos, — ele disse, e meu olhar levantou. — Você estava com medo. Eles queriam te machucar. Você queria que isso parasse. Você não fez nada de errado. OK?

De alguma forma, ouvir alguém dizer isso pareceu um pouco mais verdadeiro. Embora estivesse bastante certa de que nunca haveria um momento na minha vida onde não sentisse essa culpa, não era tão grande, me consumindo, quando eu compartilhava.

— OK.

— OK, — ele disse, sua mão caindo enquanto ele levantava. — A comida está pronta. Você ainda quer comer?

Não. Eu não queria.

Mas então meu estômago torceu e gemeu e eu sabia que ia comer. Não me faria bem me punir porque me sentia mal por estar livre. Quando elas ainda estavam presas.

Então eu comi.

Eu assisti reprises.

E então eu dormi.

6.

Reign

Nunca ouvi uma mulher gritar assim. Homens, sim. Homens os quais eu precisava ensinar uma lição. Homens que não precisavam mais ser desta terra. Gritos de puro medo, sem filtro e dor.

Ouvia esses gritos na minha cabeça antes de dormir à noite. Meus próprios demônios pessoais que nunca conseguiria agitar. E esperava que eu não fizesse. Porque se chegasse a um dia em que estava bem com o que tinha que fazer, então eu seria um monstro.

Então eu conhecia esses gritos.

Era bem pior ouvi-los de uma mulher. Alguém que sofreu nas mãos de algum canalha. Alguém que não era capaz de defender a si mesma.

Coloquei o alimento de lado, movendo-me em direção ao sofá, em direção a ela, os cabelos dela cobriam metade do seu rosto, os olhos fechados, o corpo tenso como um arco enquanto ela... gritava.

Eu nunca tive que dormir ao lado de alguém antes, então não sabia uma merda sobre acordar pessoas de maus sonhos. Então fiquei sentado e ouvi, esperando que ela acordasse, para que eu pudesse lembrá-la de que estava bem. Ela estava longe dessas coisas.

E então ela me disse que se sentia culpada.

A menina que sofreu foda-se, sabe-se lá o que há meses e ela se sentia culpada porque havia noites que não queria mais sofrer.

Fodido inferno.

Eu queria encontrar aqueles filhos da puta, quem inferno eles fossem, e mostrar-lhes alguma justiça vigilante.

Mas eu precisava me observar. Precisava pensar em meus homens primeiro. Irmandade antes de tudo. Mais especialmente cadelas. Especialmente cadelas que eu nem conhecia.

Então, a alimentei.

Então, ela dormiu.

E também fiz algumas curtas horas antes de o sol começar a atravessar as janelas e levantei da cama, atravessando a cozinha para colocar o café e ligar para o meu irmão.

— Cash, — ele respondeu, parecendo tão acordado como eu estava. Nenhum de nós nunca tinha sido muito de dormir. Poderia ficar acordado a noite toda e ainda estar bem acordado no início da manhã.

— Tenho um problema.

O ruído que estava acontecendo ao seu redor parou e sua voz normalmente tranquila ficou séria. — Que tipo de problema?

— Um grande inferno de um problema, — eu admiti, passando a mão pelo meu rosto.

— Não posso ajudar se você não me falar.

— Eu tenho uma das garotas de V.

Houve um longo silêncio. — Que porra?

— Eu estava dirigindo para casa do bar e ouvi um acidente. Então uma cadela saltou do carro e começou a correr. Pensei que ela estava meio quebrada. E eu fodi a trazendo para casa.

— Para o complexo?

— Para minha casa.

— Que porra?

Eu bufei. Cash era a única outra pessoa além de mim que tinha estado em minha casa. Trazer alguma mulher aleatória de um acidente de carro não foi apenas inesperado, mas completamente fora do caráter. — Não sei. Era tarde. A tempestade era ruim. Eu não estava pensando. Ela tem a marca de V em sua bunda.

— Você fodeu com ela?

— Não, não fodi, — eu disse, revirando os olhos. — Apenas avistei isso. V tinha ela por três meses. A tempestade fez seus homens descuidados. Ela escapou.

— Merda.

— Ela tem pesadelos, cara.

— O que?

— Pesadelos, — eu disse, balançando a cabeça. — Como... onde ela grita.

— Porra.

— Sim.

— O que você vai fazer?

— Eu disse que ela poderia ficar até as coisas acalmarem e vou levá-la em seu caminho.

— Sério? Você está mantendo uma das garotas de V dele?

— Que porra mais vou fazer? Entregá-la de volta? Ele é um maldito monstro, Cash.

Cash soltou um assobio. — O que você precisa?

— Que você fique com a boca fechada. Isso não envolve o clube.

— Você sabe que isso não é...

— Isso não vai tocar o clube.

— Tudo bem, — ele admitiu, mas eu sabia que ele tinha mais a dizer.

— Eu preciso de suprimentos, — decidi, encolhendo os ombros.

— Suprimentos?

— Sim, para cadelas. Ela parece doce nas minhas roupas e tudo, mas está caindo de seu traseiro.

— Então, roupas?

— Sim. Pequenas. Ela é pequena. E eu não sei... xampu e sabonete e merda. O que quer que as cadelas gostem. Você saberia melhor do que eu. — Não era nenhum segredo que meu irmão era a maior prostituta ao redor. Ele gostava de mulheres. E elas certamente adoravam ele de volta.

— Mais alguma coisa? — Ele perguntou e podia ouvir o humor em sua voz.

— Comida. Não sei o que ela gosta, mas sei que eles estavam matando ela de fome.

— Porra.

— Sim, — eu concordei.

— Estarei aí em uma hora.

— Tudo bem, — eu disse, desligando e voltando para o meu quarto para pegar roupas.

Ela ainda estava na cama, enrolada no lado dela, os joelhos na barriga, os pulsos em exibição completa. Pulsos que mal tinham curado as marcas de contenção, danificando-os. Várias deles. Ela estava amarrada a maior parte do tempo que estava lá.

Tudo o que eu poderia pensar através do meu banho eram seus gritos.

Houve uma batida na porta um pouco mais de uma hora depois, alta. Como se ele estivesse chutando em vez de realmente bater, fazendo a porta tremer no batente.

Eu caminhei, puxando para abrir.

E lá estava Cash.

Nós éramos semelhantes em características faciais e era isso. Ele pegou o cabelo loiro escuro da nossa mãe que manteve longo, mas raspou de um lado. Seus olhos eram de um tom mais profundo de verde, e ele andava com uma porra de arrogância. Sempre teve. Ele era uma criança se gabando. Havia um ar sobre Cash que eu não tinha. Uma atitude descontraída, calma, quase jovial que fazia as mulheres se reunirem com ele em massa. Isso não era para dizer que ele não podia lidar com sua merda. Ele era um merda capaz e mortal quando precisava ser. Mas em qualquer outro momento, ele era o cara com quem você queria uma cerveja e uma mulher queria rolar nos lençóis.

— Vai me deixar entrar? As mãos estão meio cheias aqui.

E elas estavam. Ele tinha uma dúzia de sacos em suas mãos e pendurados em seus braços. Havia o cheiro forte de ovos e notei uma

bolsa marrom na mão. Por outro lado, segurava uma bandeja de café. Bem, havia dois cafés. E então havia uma coisa monstruosa, uma bebida congelada com chantilly no topo.

Cash passou por mim, indo em direção à cozinha, parando e olhando pelo corredor. — Hey querida, — disse ele, dando-lhe um dos seus sorrisos.

— Há dois de vocês, — ela disse timidamente, olhando para Cash como se ele pudesse atacar ela a qualquer momento.

— Este é o meu irmão, Cash. Ele trouxe algumas coisas para você.

— Começando, — disse Cash, colocando a bandeja pra baixo e sem soltar as bolsas no chão. Ele agarrou a enorme bebida congelada e segurou-a, sorrindo. — Este. Trenta mocha frap com um tiro de café expresso e chantilly.

E assim, seu rosto se acendeu.

Iluminado. A. Porra. Pra cima.

Seus olhos tristes se iluminaram, seu sorriso se espalhou pelo rosto. E, por um momento, ela não parecia tão assombrada.

— Acho que você gosta da minha escolha? — Cash perguntou, observando enquanto ela tirava de suas mãos.

— É perfeito. Obrigada, — ela lhe deu um sorriso e tomou um longo gole do canudo, fechando os olhos.

Porra. Eu tinha dado a ela café preto.

— Bom, — Cash disse, balançando a cabeça, movendo-se de volta para o balcão e abrindo o saco marrom. — Eu também tenho para todos nós salsicha, ovos e queijo em bagels com lados de fricassé, — disse ele, puxando bagels embrulhados em papel alumínio para fora, em seguida, uma enorme caixa manchada de gordura. — Pratos, amigo, — ele me disse, observando-me assistir Summer beber seu café congelado com uma sobrancelha levantada.

— Certo, — eu disse, vou pegar os pratos.

— Você está com fome? — Perguntou Cash.

— Eu poderia comer.

Faminta por meses. Sim, eu aposto que ela poderia comer.

— Quer vestir algumas roupas que se encaixam primeiro? — Perguntou, pegando as sacolas.

— Você me trouxe roupas? — Ela perguntou, seus olhos se arregalaram.

A cabeça de Cash inclinou-se, olhando para ela. — De acordo com as ordens.

— Ordens? — Ela perguntou, as sobrancelhas se juntaram.

— Reign disse que precisava de merda de menina. Roupas. Sabonete. As coisas.

Seu olhar foi para mim e seus olhos brilhavam. Brilhavam. Como se ela fosse chorar. Sobre roupas e sabonete e merda. Porque ela estava vivendo tão mal que mesmo o menor gesto estava fazendo ela toda emocional.

— Infelizmente, não consegui um tamanho de sutiã, — continuou Cash, facilmente contornando seus olhos obviamente cheios de lágrimas. — Qual é... — ele olhou para ela. — Trinta e quatro B, — ele adivinhou e ela corou. Corou. Porque ele estava certo. — Então você está no comando desta frente, mas obtive praticamente tudo o mais, — ele disse, segurando as sacolas que não eram da loja de comida. Cinco delas.

— Obrigada, — disse ela, olhando entre nós. — Vocês dois. Isso foi muito atencioso. Eu juro que vou reembolsá-lo quando voltar para minha...

— Isso são roupas, não um carro esportivo, — eu disse, balançando a cabeça. — Você não está me pagando de volta por essa merda.

— E por isso, ele quer dizer você é bem-vinda e não se preocupe com isso, — disse Cash, sorrindo. — Vá se vestir para que possamos comer.

E com isso, ela estava fora.

— Onde diabos você conseguiu toda essa merda? — Eu perguntei, levantando uma sobrancelha.

— Fui na loja, encontrei uma pequena coisa bonita que trabalha lá. Grande rack. Tão exuberante. Queria lançá-la e fodê-la ali mesmo. De qualquer forma, — disse ele, balançando a cabeça, — disse a ela que minha irmã estava vindo visitar e perdeu a bagagem e que eu precisava do que todas as cadelas de merda precisam no dia a dia. E ela veio com isso. — Cash fez uma pausa e com o meu silêncio, levantou uma sobrancelha, um sorriso brincando em sua boca. — Sério? Você deixou de fora que ela é a mais bonita porra de sempre a cruzar seu caminho?

— Ela está traumatizada. Desculpe se eu não tenha notado que ela é de boa aparência.

— Oh, foda-se, — ele riu, revirando os olhos. — Você percebeu absolutamente. Aposto que você já pensou em dez formas diferentes de fodê-la.

— Tire as mãos, Cash, — eu disse, minha voz um aviso.

O que só conseguiu fazer ele sorrir mais amplo. — Porque ela é sua.

— Ela não é minha, — gritei, colocando a comida. — Ninguém está tocando nela. Quem sabe o que diabos eles fizeram com ela. Ela não quer que nenhum homem a toque.

— Admita que você quer e deixarei pra lá.

Se eu não concordasse, ele literalmente nunca deixaria pra lá. Ele era um fodido teimoso. E eu estava perpetuamente com pouca paciência. — Bem. Eu quero. Mas não está acontecendo.

— Claro que não está, — ele sorriu.

— Não está, — eu disse com firmeza. — Precisamos falar sobre outras coisas. Sobre como vamos lidar com isso.

Cash encolheu os ombros. — Nós poderíamos chamar K.

— K?

— Sim, da cidade. Ele desaparece com as pessoas. Principalmente mulheres que ficam presas em situações ruins. Ele é bom nisso. Faz isso por anos. Ela precisa desaparecer. Ele desaparecerá com ela.

7.

Summer

O som de vozes masculinas me despertou. Não era um som completamente desconhecido. E não era nem um pouco reconfortante. Atirei-me da cama, surpresa quando meus pulsos não puxaram, antes de me lembrar de onde estava.

Livre.

Eu estava livre.

Eu estava na casa de Reign. E, por enquanto, estava segura. Mas ainda havia o som das vozes masculinas. Duas. Quando deveria ser um na casa. Então me arrastei da cama, segurando minhas calças e subindo no corredor, ouvindo.

Eu quase não consegui chegar à esquina quando vi a fonte da outra voz, a que não era um vidro raspando como a de Reign. Era mais suave. Como uísque ou vinho.

Ele era alto e magro, mas musculoso, em jeans preto, uma camiseta branca, e um colete preto como o que Reign estava usando quando ele me pegou. Mas esse cara era loiro. Bem, a metade de sua cabeça que não era raspada era loiro e comprido. Seus olhos eram de um verde profundo. Mas seu rosto, seu rosto era todo de seu irmão. Como é, eles eram verdadeiros irmãos.

— Hey querida.

Isso foi o suficiente para eu saber que ele era seguro. Ele não era como os garotos de V. Ele nem sequer era tão assustador como seu irmão. Ele era caloroso, aberto e amigável. Eu poderia confiar nele.

E então ele me deu um trent mocha cheio de gordura com um tiro e chantily. E eu acho que caí meio apaixonada por ele.

Na verdade não, mas você sabe... meio que fez o meu dia. Ou mês. Ou ano.

E então ele me disse que eles haviam conspirado para me pegar roupas e sabonete e coisas de garotas. E as lágrimas que mantive por dentro durante três meses vieram até meus olhos, ferrando. Eu não podia chorar. Sobre roupas. Na frente de dois irmaos, mas muito gentis estranhos. Eu não poderia fazer isso. Então tomei uma respiração profunda, aceitei as sacolas e corri para o banheiro.

Lágrimas caíram. Quentes e pesadas, mas não tristes. Estendi a mão para os sacos, puxando itens para fora e coloquei no balcão da pia. Três calças de ioga: preta, cinza, verde profundo. Três camisetas: preta, cinza, branca. Um moletom rosa. Um suéter branco. Meias. Calcinhas bem modeladas, mas simples, cinco delas.

E então havia o saco de acessórios. O que falou muito profundo sobre o conhecimento íntimo das mulheres. Sabonete de lavanda e uma loção combinada. Um bom shampoo e condicionador. Um condicionador leave-in. Laços de cabelo. Uma escova retangular pesada. Creme de barbear e lâminas de barbear. Pinças. Lavagem facial e um hidratante especial. Um tubo de gloss. Uma escova de dentes, pasta, e fio dental. E, ah, uma caixa de tampões.

**

Seis semanas.

Eu tinha estado lá quarenta e dois dias. Minhas curtas e sangrentas unhas acabaram de gravar uma linha na parede quando eles invadiram.

— Você vai ver V hoje.

Ver V significava que eu iria me machucar. Não por ele. Geralmente não de qualquer maneira. Os outros caras faziam o verdadeiro golpe, chutando e cortando e marcando. V apenas dava o ir em frente. Ele também os chamava quando pensava ter conseguido o suficiente.

Meus pulsos estavam desatados da cabeceira da cama, mas não foram liberados da corda. Não. Deke pegou essas cordas e me

arrastou para frente, certificando-se de empurrá-las a cada dois metros para fazê-las morder a minha pele. Deke era um bastardo sádico, mas Martin era o único que me deu uma pausa para me preocupar.

Eram seus olhos. Seus olhos negros como a noite. Sem alma. Desprovidos de qualquer coisa humana.

Deke, o monstro, tinha olhos azuis. O tipo brilhante. Mas ainda havia uma pessoa por trás deles. E isso me dava esperança em dias ruins.

Tive a sensação de que seria um dia muito ruim.

O porão cheirava a urina. Sempre fazia. Mesmo que a metade que fui levada sempre estivesse vazia. Talvez o cheiro vinha do outro lado. Talvez eles fizessem coisas para outras pessoas para fazê-los perder o controle de suas bexigas. As janelas davam uma pequena quantidade de luz e eram barradas. As paredes de blocos de cimento. O piso de cimento. Frio. Estava sempre tão frio lá embaixo.

Fui levada para a cadeira de metal e caí. Ninguém amarrou minhas mãos a qualquer coisa. Não havia razão. Porque não havia escapatória.

Martin e Deke estavam a poucos metros de distância, encostados na parede. Esperando. Observando-me com os olhos que estavam expectantes. Um músculo tremia na mandíbula de Martin. E Deke estava impaciente batendo o pé. Ficando impacientes. Ficando entusiasmados.

Eles viviam para os dias em que conseguiam colocar as mãos sobre mim.

A porta do porão abriu-se e os passos desceram as escadas. Pelo chão atrás de mim.

— Senhorita Lyon, — disse sua voz fria e suave, vindo ao meu redor. — Como estamos hoje?

Aprendi a não responder suas perguntas.

V era mais jovem do que você esperaria de alguém com o seu tipo de império criminoso. Em algum lugar em seus trinta e poucos anos com cabelos castanhos espessos, pele bronzeada e olhos castanhos. Ele era de boa aparência. Ele poderia ser encantador. E sempre vestiu um terno. Mesmo quando tudo o que estava fazendo era descer para me ver ser torturada.

— Eu tenho o papel que você pediu, — ele disse, puxando um jornal para fora de seu braço e me dando isso.

Eu nunca pedi o papel. O artigo era para mostrar a data. Para o vídeo, que ele estava prestes a filmar. No meu próprio celular. De mim sendo torturada. Para mostrar ao meu pai. Para tentar chantageá-lo para fazer sua oferta. Sete sessões e eles não chegaram a lugar nenhum. Eu poderia dizer que todos estavam perdendo a paciência. Com ele. E, portanto, comigo.

Peguei o papel, segurando-o contra o meu peito como era pra eu fazer.

— Seu cabelo está sujo, — ele informou-me como se eu já não soubesse disso. Como se não fosse culpa dele.

— Não está no humor para falar? — Perguntou ele, encolhendo os ombros, puxando o meu celular.

E estava prestes a começar.

— Quem será hoje? — Perguntou a sala em geral. — Martin? Acho que é você desta vez.

Seus olhos escuros vagavam sobre mim, um sorriso puxando seus lábios. — Eu acho que você está certo V.

— Summer, querida. Por que você não fala oi para o seu pai? — V perguntou, segurando o telefone.

— Vá se foder, V, — eu cuspi de volta.

Nunca fui essa garota. Aquela com a boca suja. A garota teimosa e obstinada. Eu fiz o que era esperado de mim. Fui a escolas privadas. Eu obtive boas notas. Saí com amigas de origens familiares semelhantes (ou seja, ricos). Não namorei até os dezoito anos, e

mesmo assim só de forma muito seletiva. Falei com meu pai e seus parceiros de negócios com respeito.

Quando eu tinha vinte e um anos, fui transferida para o apartamento de cobertura da casa do meu pai na cidade, para que pudesse ter minha liberdade. Eu fui trabalhar em um dos seus vários negócios, fazendo o que me pediram porque era importante que eu entendesse o valor do trabalho duro antes de encontrar um homem adequado e me assentasse no papel de uma esposa de casa.

Eu nunca usei a palavra — merda— em todos os meus vinte e quatro anos.

Até eu ter sido levada.

Até que tudo tenha sido despojado de mim exceto minhas palavras e minha vontade.

Então eu usei.

Mesmo que isso significasse, que podia piorar.

— Ah, agora, isso não é muito legal, Mart? — Ele perguntou e Martin pegou a sugestão, batendo o punho no lado esquerdo do meu rosto.

— Isso pode parar, — disse ele alguns minutos depois, observando-me limpar o sangue do meu rosto com o lado do meu braço, — se você simplesmente dissesse ao seu pai para acompanhar o acordo.

— Apodreça no inferno, V. Meu pai nunca vai aceitar o acordo.

Neste ponto, fui jogada no chão. E houve socos e pontapés e ameaças de pior. Muito pior. O tipo de pior que eles sugeriam quando rastejavam à noite. E eu sabia que isso viria. Eventualmente. Não havia dúvida sobre isso. Um dia, eu seria arrastada para o porão. E então, eu seria estuprada. Por Deke. E Martin. E provavelmente V.

Esse era o meu destino.

Mas eu ainda não queria que V ganhasse.

Eu não queria que meu pai cedesse.

— Que porra!— Martin de repente gritou, encolhendo longe de mim.

— O quê? — V perguntou, afastando o telefone.

— Ela está sangrando, — disse Martin, o rosto torcido com desgosto.

— Você bateu bem, — Deke concordou, seus olhos pequenos como se ele estivesse tentando entender.

— Não, seu caralho de buceta está sangrando, seu merda.

Então, V ficou com raiva. Raiva, raiva. Não o tipo frio e despreocupado de raiva que ele costumava ter. Ele voou para Deke, com a mão na garganta do homem, empurrando-o com tanta força contra a parede que ouvi um estalo. — Você fodeu com ela? Você, foda-se, seu merda estúpido?

Afastei-me deles, desenrolando-me e olhando para baixo. E eu estava sangrando. Seis semanas. Eu estava atrasada. Terror deve ter assustado. Mas lá estava. Eu tive meu período. E eu estava... mortificada.

Há coisas que tinham feito para mim. Coisas horríveis. Coisas dolorosas. Eles não me alimentaram. Eles me fizeram segurar minha bexiga até estourar. E enquanto estavam me traumatizando e me persuadindo a encolher, havia algo sobre ter a dignidade de um ciclo menstrual privada tirado de você, que teve humilhação subindo quente e repugnante na minha barriga.

São nos ensinadas coisas como mulheres. Sobre esconder nossos períodos. Sobre como manter limpo. Eles me roubaram isso. E Martin estava agindo como se eu fosse nojenta.

E eu me senti nojenta.

E eu os odiava ainda mais por isso.

— Eu não fodidamente toquei nela!— Deke gritou depois que o punho de V aterrissou de verdade em sua mandíbula. — Ela provavelmente fodeu no próprio pano. Jesus Cristo.

V baixou Deke, olhando para mim, com as sobrancelhas se juntando. — Certo, — ele disse, acenando com firmeza. — Vou pegar

uma das garotas para pegar uns... tampões ou qualquer coisa, — disse ele, afastando-se. — Leve ela de volta para cima.

— Eu não vou me aproximar dela, — disse Martin, caindo quando me levantei.

V, para o seu crédito (pelo qual ele tinha muito pouco), revirou os olhos para Martin. — Nunca teve uma mulher antes? Elas sangram. Pare de agir como uma puta.

— Vou levá-la, — disse Deke, pegando minha corda e me puxando pelas escadas.

Martin seguiu atrás, alguns minutos mais tarde, com uma mulher que eu não conhecia, mas que não estava acorrentada e que não me olhava nos olhos. Ela carregava uma caixa de tampões que Deke pegou e me empurrou.

— Apenas deixe ela lá dentro, — sugeriu Martin, acenando com a cabeça para o banheiro. — Amarre-a no cano ou algo assim. Vamos deixá-la sair quando ela estiver limpa novamente.

E com isso, eu estava amarrada a um vaso sanitário por cinco dias. Eu tinha o suficiente para os meus pulsos poder chegar à pia. Onde eu limpei. Esfreguei minhas roupas. Tentei não deixar a indignidade de toda a situação chegar até mim.

Mas chegou a mim.

**

Olhei para os tampões com um som gemido estranho na garganta, colocando-os de volta para o saco e escondendo o saco na parte inferior do armário. Eu estava recebendo minha dignidade de volta.

Eles me deram isso.

Eu balancei a cabeça, tentando lutar contra o desejo de tomar banho e usar meus novos sabonetes e shampoos e tirar minhas sobrancelhas. Eles estavam esperando por mim para comer. Pulei num par de meias negras com cerejas sobre elas, puxei as calças de

ioga pretas, a camiseta preta, coloquei meias e levei o moletom cor-de-rosa no caso de sentir frio.

Suas vozes me atingiram assim que entrei no corredor.

— Nós poderíamos chamar K, — sugeriu a voz de Cash.

— K? — Reign perguntou.

— Sim, da cidade. Ele desaparece com as pessoas. Principalmente mulheres que ficam presas em situações ruins. Ele é bom nisso. Faz isso por anos. Ela precisa desaparecer. Ele desaparecerá com ela.

Desaparecer? O que?

— Desaparecer comigo? — Perguntei, surpreendendo-me. E eles, porque ambos saltaram culpados e se viraram para mim.

— Estamos apenas discutindo suas opções, — Reign disse, encolhendo os ombros.

— Como me fazer desaparecer?

— É apenas uma opção, querida, — disse Cash, me dando um sorriso. — Por que você não vem e come e então vamos discutir isso? — Ele sugeriu, levando pratos para a mesa de jantar.

Eu peguei meu café e segui, o cheiro de comida fazendo minha barriga rosnar, mesmo que comi horas há. Eu tinha tempo perdido para compensar e meu estômago sabia disso.

Nós todos nos sentamos, desembrulhamos nossa comida, tomando as primeiras mordidas, antes que o silêncio chegasse até mim, eu quebrei. — Essa é realmente a única opção que você acha que existe para mim? Desaparecer?

— É a opção mais segura, — Reign corrigiu. — K tem desaparecido com meninas há muito tempo. E com exceção de um caso, nenhuma delas já foi encontrada.

— Um caso? — Perguntei, precisando saber todos os detalhes se aceitasse isso. O que eu poderia. Para manter meu pai seguro. Para não me deixar ser usada como um pedaço de barganha de novo.

Cash empurrou um segundo hashbrown (batatas picadas e fritas) em minha direção. — Sim. Houve um grande negociante, H, que gostava de bater e estuprar sua namorada. Ela escapou, achou K. K desapareceu com ela. Mas o cara ficou implacável. Ela continuou sendo encontrada.

— Ela está…

— Morta? — Perguntou Cash, o mais rápido possível, me surpreendendo. — Não. Ela se conectou com um investigador particular na cidade...

— Rhodes, — Reign forneceu, respeito em sua voz.

— Sim, Rhodes. De qualquer forma... ela, ah, teve uma multidão colocando uma batida em seu ex. Voila. Todos os seus problemas desapareceram.

— Então, você acha que é a melhor aposta mesmo que ele continuasse encontrando ela? Eu não sei se você conhece V, mas ele também é implacável.

— Eu conheço V, — disse Cash e Reign lhe enviou um olhar. Um tipo de 'que porra' de olhar. Aparentemente Cash tinha mantido isso de seu grande irmão.

— Que porra é essa? — Perguntou Reign.

— Não é nada. Estava em uma corrida. Corri para ele. Ele deixou claro quem ele era. Foi isso.

— Porra, melhor que seja.

Cash voltou os olhos para mim de uma maneira muito fraterna. Como estávamos ambos concordando que Reign não estava sendo razoável. — Eu não tinha um tamanho de sapato, — disse Cash.

— Me desculpe?

— Um tamanho de sapato, babe. Para os seus pés.

— Oh, hum... Eu sou um seis, — Eu forneci.

— Certo. Da próxima vez que eu passar, vou trazer sapatos. Esqueci de mais alguma coisa?

Senti-me sorrir um pouco. — Não. Você foi muito minucioso.

— Conheço as mulheres muito bem.

— Eu posso dizer.

Reign enrolou a folha, chamando minha atenção. — Obrigada por me deixar ficar, — eu disse estupidamente, sentindo que lhe devia mais gratidão do que poderia começar a compartilhar.

— Não é grande coisa, — disse ele, levantando-se. — Você tem ela? Vou sair por uma hora.

— Claro, — disse Cash, acenando.

E com isso, o Reign saiu.

— Não o deixe enganar, — disse Cash quando a porta se fechou.

— Enganar-me sobre o quê?

— É um grande negócio. Não que ele esteja te ajudando. Mas você ficando aqui. Nenhuma mulher já ficou aqui antes.

— Oh, — eu disse, pegando no meu hashbrown. — Quero dizer... é só por alguns dias. Tenho certeza de que não é nada. Ele está apenas tentando ajudar...

— Essa é a coisa, porém, — disse Cash, sentando-se na cadeira. — Reign não faz merda legal o tempo todo. Ele parece ser esse tipo de cara?

— Não, — admiti.

— Porque ele não é. Ele tem um monte de outras merdas em seu prato. Se ele ajudasse cada donzela em perigo, nunca conseguiria uma pausa. Ele é um bom cara, não me interprete mal. Coração grande debaixo de todo o arame farpado. Mas geralmente é para seus irmãos, o clube. É isso aí. Então, vindo de seu irmão, isso é um grande negócio.

— Isso é... uma coisa ruim? — Eu perguntei, comendo o último da minha comida, minha barriga doendo de tão cheia. A sensação ainda era tão nova que me alegrei com isso.

— Não, boneca, — disse ele, levantando-se, balançando a cabeça. — Eu acho que você será boa para ele. Eu vou fumar, —

disse ele, movendo-se em direção à porta dos fundos. — Eu vou ficar onde você pode me ver, ok?

— Tudo bem, — eu disse, balançando a cabeça.

Peguei os pratos, levando-os para a pia onde todas as coisas de cozinhar e comer da noite anterior ainda estavam empilhadas. E comecei a trabalhar.

Se ele me deixar ficar era um grande negócio para ele, o mínimo que eu podia fazer era levar o meu peso.

Quando Cash disse que estava indo a fumar, ele quis dizer sobre meio maço. Quando terminei os pratos, deixando-os em uma pilha seca no balcão, ele ainda estava lá fora, olhando para a cerca, uma nuvem de fumaça ao seu redor. Eu caminhei em direção ao quarto, fazendo a cama. Então fui ao banheiro, organizando todos os suprimentos para que não estivessem espalhados por toda parte.

Quando voltei para o quarto principal, ouvi a moto de Reign. Cash também escutou, virando-se para olhar pela porta e me dando um sorriso.

A porta da frente abriu-se e Reign entrou, seus cabelos todo agitados pelo vento, seus olhos apertando para se ajustar a luz de dentro.

— Diga-me que Cash limpou, — ele disse com um tom estranho. Um que eu não o conhecia bem o suficiente para decifrar.

— Eu limpei, — forneci, encolhendo os ombros.

— Babe, você não trabalha para mim, — disse ele, me perfurando com seus olhos cor de avelã.

As minhas sobrancelhas se juntaram. — Tudo bem se o Cash tivesse limpado?

— Ele trabalha para mim.

Oh.

Bem, isso explicava.

— Eu estava apenas... tentando fazer algo legal. Você está fazendo muito para mim. Eu apenas pensei…

— Babe, — ele disse, me cortando, seu tom mais leve do que o habitual. — Você não me deve nada. Você quer limpar, você está entediada... tenha isso. Não faça isso por mim porque você acha que precisa me pagar de volta. OK?

— Tudo bem, — concordei.

— Vocês estão todos estabelecidos? — Perguntou Cash, entrando, fumaça agarrando-se à sua pele. — Eu recebi seu texto, — ele disse, balançando a cabeça para Reign. — Vou cuidar disso. — Ele fez uma pausa. — Os meninos vão suspeitar se não te verem na igreja amanhã, porém, irmão.

Os olhos de Reign me cortaram por um segundo. — Eu sei. Darei um jeito, — disse ele e Cash simplesmente encolheu os ombros.

Cash passou por mim, piscando. — Até breve, Cherry. Vou trazer sapatos.

— Obrigada, — eu disse, eu quis dizer isso.

Ele bateu em seu irmão no ombro e então se foi. O barulho de uma moto se afastou e Reign e eu estávamos sozinhos.

— O carro se foi, — ele me disse, entrando na cozinha para colocar um pote de café, apesar de ter derrubado o café enorme que Cash trouxe pra ele antes. — A árvore ainda está lá, mas o carro desapareceu.

— Isso é estranho?

— O município também teria lidado com a árvore.

— Mas tem que estar uma bagunça lá fora, talvez estejam apenas sobrecarregados.

— Não, querida. V obteve o seu carro rebocado.

— Você não pode saber disso.

— Eu sei, — ele corrigiu. — V não queria que as pessoas encontrassem seu carro esmagado na estrada.

— Quão longe do local do acidente estamos? — Eu perguntei, tentando manter minha voz calma. Eu tinha estado tão perturbada na

noite anterior, eu não tinha ideia de quanto tempo dirigimos. Se não estivesse longe do local, então, quais eram as chances de que V não poderia...

— Eu vejo essas engrenagens girando, — Reign invadiu minha loucura. — Relaxe. Estamos a cerca de meia hora do local. Há muitas casas entre nós e lá. Ninguém está vindo aqui, — disse ele, aproximando-se. — Eu prometo que você está segura aqui. OK?

Olhei nos olhos dele, e quero dizer, ele era muito mais alto do que eu. E não vi nada além de certeza lá. Se ele fosse tão capaz quanto pensava que era, então era definitivamente alguém em quem eu poderia confiar. — Tudo bem, — eu disse, minha voz estranhamente calma. Meu ar estava preso no meu peito com ele tão perto, com os seus olhos no meu, observando-me, e juro que ele podia ver bem dentro.

— Tudo bem, — ele repetiu e sua mão levantou lentamente, parou por um segundo no ar, então se moveu para colocar meu cabelo atrás da minha orelha.

Eu acho que tremi.

OK. Eu definitivamente me arrepiei.

E ele definitivamente notou.

— Bom arrepio ou um 'tire a porra das mãos de cima de mim canalha' arrepio?

Surpresa, engasguei com uma risada.

— Eu vou tomar isso como um bom, — ele disse, me dando um pequeno sorriso que juro que derreteu minhas novas calcinhas cereja bonitas. Sua mão se afastou e deu um passo para trás, passando por seus próprios cabelos. — Merda, — ele murmurou para si mesmo.

— Qual é o problema? — Perguntei, observando-o.

— Nada, — disse ele, indo até a geladeira e pegando uma garrafa de água. — Eu vou ao porão. Fique na casa.

Com isso, ele desapareceu.

Sim. Algo era o problema. Ele simplesmente não ia me contar.

E eu não tinha o direito de me indignar com isso.
Ele estava mantendo algo de mim.
Mas eu estava mantendo muito com ele também.

8.

Reign

Ela estava escondendo algo de mim.

Tinha sido algo que tinha andado na minha cabeça desde que me levantei de manhã. Sua história funcionou de forma abstrata. Mas não estava certo. Não se encaixava perfeitamente. V pode ser um criminoso, mas o sequestro e a extorsão pareciam estar abaixo dele. Ele tinha negócios maiores do que isso. Simplesmente não funcionava.

Então ela estava mentindo. Ou, pelo menos mentindo por omissão.

Embora por que faria isso estava completamente além de mim.

A menos que ela não confiasse em mim.

Que não se sentia certo.

Não gostei disso.

Ela confiava em Cash. Imediatamente. No segundo que ele a cumprimentou, ela confiava nele. Justamente por isso. Ele era confiável. Mas eu também. E ainda não a ganhei. Ela estava protegendo a plena verdade de mim. O que apenas a colocava em risco. Ela precisava confiar totalmente em mim.

Então eu fui e porra coloquei o cabelo atrás da orelha dela.

Que porra foi aquilo?

Eu não era um cara que dobra o cabelo atrás da orelha.

Então ela estremeceu.

Estremeceu.

Porra.

Eu me atirei escada abaixo, indo para o saco - batendo, a fita adesiva segurando as tripas dentro dele em mais do que alguns lugares. Eu precisava bater em algo. Para tirar uma certa frustração sexual.

Eu estava meio duro desde que olhei nela.

O que não iria me levar em qualquer lugar para fazê-la confiar em mim. Eu precisava manter minhas mãos fora dela. E não seria fácil.

O passeio não ajudou. Geralmente ajudava a aliviar a tensão. Passei muito tempo na minha moto tentando clarear minha cabeça. Tentando classificar a merda do clube. Às vezes, a única coisa que ajudava era decolar na estrada, estar sozinho. Nada, mas o vento e o som da minha moto.

Mas não tinha me ajudado a dar sentido a Summer.

Certamente, não ajudou voltar e a ver tremer quando a toquei. Não vacilou longe. Não assustou o inferno fora dela. Não... ela reagiu. Não como uma das meninas do V teria reagido. Assim como qualquer mulher reagiria.

Peguei o saco, batendo até que meus punhos se sentiram crus. O tipo de sensação de queimadura que você consegue antes da pele abrir. Sentei no banco, olhando as paredes.

Não me senti melhor.

Meu telefone piscou e estendi a mão para ele.

Cash: Você está fodido.

Não estou fodido.

Cash: Vi como você olhou para ela.

Ela é quente.

Cash: Mais do que isso e você sabe disso.

Nada vai acontecer. O que se passa no clube?

Cash: Queixando-se sobre limpeza. Ressaca. Teve uma festa blackout ontem à noite.

Nenhuma palavra de V?

Cash: Vi um de seus caras no gueto olhando ao redor.

Mantenha-me informado.

Ele já estava olhando. Isso era bom. Quanto mais cedo ele corresse através da área, melhor. Ninguém a tinha visto. Ele iria seguir em frente.

Não que ele iria parar de procurar por ela. Ela era importante. Eu não sabia por que ela era importante. E talvez nem ela soubesse por que era importante, mas eu ia me certificar disso.

Ela não ia mais manter a merda de mim.

9.

Summer

Eu ouvi o barulho e o som das correntes batendo juntas. Eu já tinha visto filmes suficientes para colocar o som. Um saco de pancadas. Ele tinha um saco de pancadas. Ouvi, um estranho senso de humor mórbido tomou conta de mim e tive que me esforçar para não rir. Porque era torcido para sequer pensar que: Ele tinha um saco de pancadas em um porão. Eu costumava ser um saco de pancadas em um porão.

O que estava errado comigo?

Então, tão repentinamente quanto começou, parou e ouvi suas botas pisando nos degraus, então a porta do porão fechou-se.

Com raiva.

Mesmo seus passos no corredor pareciam irritados.

Eu rodei na cama, meu coração voando na minha garganta, tentando colocar espaço entre nós. Porque sabia que ele estava vindo. Ele estava vindo e estava chateado.

Ele entrou pela porta, seu cabelo molhado de suor, as mãos apertadas em punhos, ombros apertados. Seus olhos caíram sobre mim. E assim... a raiva pareceu desinflar. Seus ombros se afrouxaram, as mãos se abriram, seus olhos pareciam quase tristes.

— Cristo, — ele disse em uma expiração. Sua cabeça abaixou, sua mão correu pela testa, depois seus olhos vieram até mim novamente. — Eu não vou te machucar, babe, — ele disse, sua voz suave. — Nunca, ok? — Ele disse, entrando na sala. Senti-me recuar e observei-o estremecer. — Babe, olhos, — ele ordenou e levantei os meus para o dele. — Enquanto eu estou por perto ninguém nunca vai te machucar, ok?

Ele quis dizer isso.

Ele nem me conhecia, mas iria garantir que nunca mais acontecesse. E eu acreditei nele.

— OK.

— Tudo bem, — ele disse, balançando a cabeça. — Vou tomar banho, então você e eu, estamos tendo algumas palavras. Você vai falar, entende?

Merda.

Ele sabia que eu estava mentindo para ele.

Ele sabia e não iria me deixar sair com isso.

— Sim, — respondi, balançando a cabeça, embora dentro, eu sabia que isso não poderia acontecer.

Eu não podia deixar isso acontecer. Isso me colocaria em risco. E meu pai em risco.

— Dê-me dez, — ele disse, então estava fora. Nem dez segundos depois, ouvi o chuveiro ligar.

Eu me virei, tirando o moletom da cama e jogando-o. Eu não tinha sapatos. Mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso. Tirei minhas meias, colocando-as dentro do bolso do meu moletom, então rastejei pelo corredor, encolhendo-me sempre que um assoalho guinchava. Cheguei à porta da frente, destrancando-a, depois escorregando, fechando tão silenciosamente quanto consegui.

Então eu corri.

O campo parecia que era infinito. De moto não parecia tão ruim. Mas, novamente, eu não estava fazendo isso a pé. Era pelo menos um acre. Mas eu podia ver o portão. Meu coração estava batendo no meu peito, meio de correr e meio de... bem... o forte sentimento de que eu estava fazendo a coisa errada. Que não era um bom plano.

Que eu só estaria segura com Reign.

Mas isso era tão ridículo que me deixei cair no chão ao lado da porta, olhando para o botão.

Não estava lá.

Mas tinha que estar lá.

Havia sempre um botão. Eu tinha estado em meu quinhão de casas fechadas no meu passado. Tinha que haver um botão para pressionar para sair.

— Que foda você está fazendo?

Merda.

Eu voei para trás, caindo sobre a minha bunda com força suficiente para gritar ligeiramente. Meus olhos encontraram as botas bem arrumadas de Reign perto dos meus pés. Eu segui a linha, encontrando jeans de lavagem escura pendurados em seus quadris e... nada mais. Sem camisa novamente. Meus olhos subiram para o rosto, sua boca se separou um pouco, suas sobrancelhas se juntaram.

— Summer... — disse ele e a paralisia em meu corpo voou para longe e subi para os meus pés, passando por ele. — Babe, — ele disse, sua mão agarrando meu braço por trás, — porra?

Então ele estava me virando para encará-lo, empurrando minhas costas contra o duro portão de metal. A mão que não estava segurando meu braço levantou-se, os dedos deslizaram através do meu maxilar e lentamente inclinaram meu rosto para o dele.

— Por que você está correndo? — Ele perguntou, sua voz suave. Bem, tão suave como alguém que gargarejou vidro poderia ter.

Senti os meus lábios se separarem para responder, mas as palavras não vieram enquanto olhava nos olhos cor de avelã. Observando, algo os atravessar. Algo aquecido. Algo que fez as pálpebras diminuírem ligeiramente.

— Foda-se, — ele disse em voz baixa.

E então seus lábios estavam nos meus, enviando uma sacudida pelo meu corpo. Não houve hesitação, nem suavidade. Seus lábios queimaram nos meus, me marcaram de uma forma que era quase dolorosamente quente, mas tão grande que nem pensei no fato de

que iria caminhar o resto dos meus dias, marcada por Reign. Mesmo que tivesse atravessado minha mente, não acho que isso importasse. Porque eu apenas... me derreti nele. Meus braços subiram em torno de seu pescoço, pressionando meu corpo no dele, minhas mãos afundando em seus cabelos molhados. Sua língua deslizou através do vinco dos meus lábios. Eles se separaram e sua língua escorregou.

Eu suspirei contra sua boca e a mão que estava segurando meu braço deslizou para baixo, enrolando em torno das minhas costas e segurando-me firmemente ao seu corpo.

E parecia certo.

Que era estúpido.

Mas me senti bem em seus braços. Sentia-me segura. Parecia que eu pertencia lá.

Uau.

Que diabos?

Isso era absurdo.

Como se tivesse um dilema interno semelhante, a cabeça de Reign se deslocou e levantou, sua respiração quente na minha bochecha.

Livre do contato, respirei timidamente, tentando me juntar. Porque era assim que eu me sentia - separada. Desvendada.

Ele me desvendou.

OK. Eu precisava me conter.

Foi um beijo.

Apenas um beijo.

— Olhos, — ele ordenou.

Meu olhar levantou e encontrou o dele. Feroz. Ruim o suficiente para encarar meus demônios para baixo.

— Nunca se afaste de mim, — disse ele, meio aviso, meio suplicante.

E fiquei tão chocada ao ver alguém como ele, alguém tão forte e aterrorizante, implorando por algo de mim que não hesitei em concordar. — OK.

— Tudo bem, — ele repetiu, soltando meu maxilar, depois soltando meus quadris. Mas sua mão se moveu para baixo e agarrou minha mão e começou a puxar, praticamente arrastando-me de volta ao campo para a casa.

Ele chutou as botas dentro da porta, ainda segurando minha mão, então caminhou descalço para a cozinha, servindo-se de um café, preto. Então se virou para mim, deixando minha mão, agarrou meus quadris e me puxou para cima do balcão. — Consegue manter a sua bunda plantada aí por um minuto? — Ele perguntou, suas palavras eram duras, mas havia um traço de humor em sua voz.

Ele voltou para o café, serviu outra xícara, depois passou a adicionar creme e açúcar antes de me entregar.

— Você não gosta de preto, diga alguma coisa, — ele instruiu quando tomei um gole e suspirei. — Agora por que diabos você está correndo?

Olhei para a minha xícara de café, abaixando-a na minha coxa. — Você queria falar.

— E você não queria explicar a verdade do que aconteceu com você.

— Algo assim, — eu concedi.

— Babe, eu vou te proteger... preciso conhecer os fatos.

— Eu nem sei por onde começar.

— No inicio.

***

Foi um dia ruim. Estava na minha segunda semana no novo trabalho que meu pai tinha me designado e senti que tudo que fiz foi bagunçar, em seguida, lutar para corrigir antes que de todo mundo percebesse o quão incompetente eu era. Antes que os rumores sobre o nepotismo começassem, como sempre o fizeram. Até que eu não

pudesse levá-los mais e pedisse ao meu pai para me transferir. Era uma jogada de covarde e eu sabia disso, mas não gosto de pessoas sabendo que eu tinha posições de poder, que tecnicamente não tinha merecido no mínimo.

Então, não estava no melhor dos humores. Eu entrei no meu apartamento e fui direto para o vermelho. Vinho, isso é. E eu bebi uma garrafa. Sozinha. Com o estômago vazio. Eu era uma bagunça tropeçando, indo para o meu quarto, alcançando em meu armário de pijamas. Estabeleci-me sobre os shorts de seda cor de rosa e o top branco e lutei com eles, caindo uma vez no processo e batendo minha canela dura o suficiente para ver estrelas e obter uma contusão quase imediata.

— Oh, — gritei, sentando-me na beira da minha cama, esfregando a perna. — Fim perfeito para o meu dia, — resmunguei, sentindo que o vinho me conduzia constantemente para a auto piedade.

Eu me arrastei até o topo da minha cama, sentando-me de novo nos meus calcanhares, olhando para fora das janelas do chão ao teto que me rodeavam, levando a visão que muitas vezes tomava por certa, antes de me lançar para dentro dos travesseiros macios, escorregando sob os lençóis, e tendo uma festa de piedade que terminou em travesseiros com lágrimas.

Não ouvi nada.

Se isso foi o vinho ou as habilidades deles, eu nunca saberia.

Tudo o que eu sabia era que, num momento, estava profundamente adormecida, no próximo alguém estava em cima de mim, uma mão sobre minha boca enquanto eu abria para gritar. O peso de seu corpo segurou minha pelve no lugar e eu estava momentaneamente atordoada demais para fazer qualquer coisa com minhas mãos.

— Apresse-se, foda-se. V está esperando, — disse outra voz e meus olhos nublados procuraram no escuro, não conseguiram

encontrar a fonte da outra voz e senti o pânico forte. Um rolamento na minha barriga. Um batimento cardíaco que parecia como se estivesse alojado no fundo da garganta. Um tremor que enviou arrepios por todo o meu corpo.

O cara em cima de mim chegou atrás dele no bolso.

Então eu vi uma agulha.

E lembrei-me de ter armas. E enquanto podia ter me sentido fraca e pesada do vinho e de sono, eu estendi a mão, passando-as através de seu rosto, pressionando tão duro contra os olhos quanto meu estômago enjoado permitiria.

— Maldita puta, — ele uivou, inclinando-se para frente e esfaqueando a agulha no lado do meu pescoço.

As coisas ficaram lentas e confusas por um segundo, mas a última coisa que consegui ver antes de desmaiar foram as marcas de garras que eu tinha arranhado em seu rosto.

Acordei lentamente. E a primeira coisa que me atingiu foi o frio. Era o tipo de frio que se instalava em seus ossos, que fazia você se sentir como se nunca estaria quente novamente. A segunda coisa a me atingir foi a dor nos pulsos. A terceira, o barulho na minha cabeça. A quarta, eu estava em uma cama. Uma cama que não era minha. A quinta, o cheiro. Urina. Cheirava a urina.

Então me lembrei. Meu apartamento. O vinho. Bater minha canela. Chorando até dormir. Homens no meu quarto. A pressão de seu peso em meus quadris. Sua mão na minha boca. Sua pele sob meus dedos. A agulha no meu pescoço.

Eu voei para cima, meus ombros gritando enquanto quase os arranquei fora de suas bases, antes de perceber, que eles estavam estabelecidos na cabeceira da cama. Eu gritei, caindo de volta, girando minha cabeça ao redor para ver as cordas me segurando no lugar numa cama que cheirava a mofo e velho. A corda estava apertada, puxando a delicada pele nos meus pulsos. Eu rolei para o meu lado, empurrando meus pulsos juntos e olhando ao redor.

Eu não tinha muita experiência (bem, nenhuma) com porões. Não porões reais. Os que não foram terminados e feitos cantinhos ou sala de ginástica. Mas eu vi filmes. Principalmente filmes de terror. As meninas sempre acabavam no porão. Com as grossas paredes de concreto e janelas com grades que eram muito altas e muito pequenas para se arrastar de qualquer maneira. Era sempre nos porões que elas eram brutalizadas de maneiras novas e inventivas. Porque ninguém ouviria seus gritos.

Eu estava em um porão.

Mas salvei minha respiração.

Porque sabia que não seria ouvida.

Eu precisava me concentrar.

Eu precisava lutar pela minha ressaca e ter meu juízo sobre mim.

Não havia nada ao redor, exceto a cama e uma escada que levava para cima. Eu podia ver isso porque o sol estava brilhando através das janelas com barras. Então era de manhã, pelo menos.

Eu precisava ter meus pulsos livres. Precisava ter meus pulsos livres e ter uma chance na porta. Se eu estava amarrada, talvez não houvesse alguém de guarda. Eu poderia tentar. Era minha única chance.

Trabalhei nos nós por horas, apenas para ter queimaduras e fazer as cordas puxarem mais apertadas.

Eu caí de volta na cama com um grito de desespero.

Porque quando uma mulher é tomada, há apenas uma razão.

Sempre.

Há apenas uma razão pela qual os homens levam as mulheres.

E eu tinha visto as notícias. Tinha visto os documentários.

Tráfico humano.

O comércio da pele.

Eu ia ser vendida e estuprada todos os dias pelo resto da minha vida. Ou até que não fosse mais bonita. E as mulheres americanas

faziam um bom dinheiro no exterior. Eu seria popular. Se eu fosse muito resistente, eles me prenderiam as drogas, então eu ficaria de acordo.

Eu precisava escapar.

E tentei. Hora após hora. Dia após dia. Ninguém veio. Não para me deixar ir ao banheiro. Não para me deixar comer. Não para me dar um segundo de uma ruptura com a agonia de não saber.

Três dias.

Três dias fodidos até eu ouvir a porta abrir. Até ouvir passos na escada.

Três dias e meus captores tiveram a oportunidade doente e torcida de ser também meus salvadores.

— Não mijou em você mesma? — Perguntou um homem, caminhando para mim. Em outro mundo, em outra situação, ele poderia ter sido atraente. Alto, musculoso, um rosto fino e bem proporcionado com olhos azuis brilhantes. Mas no meu mundo. No meu porão, com o meu sangue cobrindo o travesseiro atrás de mim, com minha bexiga tão dolorida que tinha certeza de precisar de uma UTI, e minha barriga com tanta fome que me sentia doente, ele era a coisa mais feia que já tinha visto.

— Vamos lá, — disse ele quando não respondi. Ele se aproximou da cama, desatando minhas mãos. — Levante-se. — Mas não pude. Eu não podia confiar em minhas pernas. — Faça como quiser, — ele deu de ombros, alcançando as cordas e me arrastando para fora da cama. Um grito escapou dos meus lábios quando a corda penetrou nos meus pulsos rasgados. E eu soube imediatamente que foi um erro porque ele olhou por cima do ombro, sorrindo perversamente, e me puxou com mais força. Pelo chão. Em direção às escadas.

Eu me levantei de joelhos, subindo as escadas para não ser arrastada. Assim que subimos, estava sendo puxada de novo. E não estávamos sozinhos. Onde quer que eu estivesse, havia pessoas em

todos os lugares. Muitos homens. Em pé ao redor. De preguiça ao redor. Alguns com mulheres em seus colos, alguns com armas em seus quadris. A maioria deles olhava, seus olhos em branco, como se meninas que fossem arrastadas pelo corredor por cordas nos pulsos eram uma ocorrência diária.

Tive a percepção dolorosa de que provavelmente era.

Eu estava nas mãos de monstros reais.

Também não escapou de mim que, onde quer que eu estivesse sendo presa, não era um complexo ou armazém. Era uma casa. Uma casa real. Uma enorme, uma luxuosa, mas uma casa, no entanto.

Nós fizemos uma curva e subi de joelhos a escadaria principal. Enorme. Parecia que eu escalava para sempre. No final, mais uma vez fui puxada. Por um longo corredor. Todo o caminho até o fim. Havia duas portas, uma para cada lado. Eu fui jogada para o lado esquerdo.

— Cinco minutos, — o homem rosnou, me fechando em um, sim... graças a Deus, um banheiro.

Horrorizada com uma restrição de tempo, contei na minha cabeça enquanto cuidava de mim mesma. Enquanto me lavava aleatoriamente na pia. Enquanto tentava limpar os cortes em meus pulsos.

— O tempo acabou, princesa, — me foi dito, minhas cordas agarradas novamente. E fui puxada para o corredor e empurrada para dentro do quarto à direita.

Um quarto.

Cabeceira e pés de ferro fundido, armários brancos, um espelho na parede ao pé da cama.

Um espelho. Vidro. Eu poderia usar isso.

Até que eu não pudesse.

Porque estava amarrada à cama.

— Vergonha do caralho desperdiçar esta oportunidade, — disse ele, balançando a cabeça enquanto montava minha cintura para me

amarrar. Seus quadris se deslocaram sobre mim e eu podia sentir ele duro através de seu jeans, pressionando contra a junção das minhas coxas. Meus quadris fugiram da sensação e ele riu. — Sim, você também quer? Não quer puta? Não se preocupe. Eu vou ter você, — disse ele, passando a língua no meu pescoço. — Eu vou tê-la em todos os buracos. Eu vou te foder até você ficar rouca de gritar. E então, vou te foder um pouco mais, — ele disse, moendo seu pau na minha pélvis. — Apenas não ainda, — ele disse, pulando fora de mim e saindo pela porta, fechando-a e ouvi uma fechadura do lado de fora.

Eu puxei freneticamente, mas, em última análise, inutilmente nas cordas. Então, virei minha cabeça para o travesseiro e gritei.

***

— Eles não vieram para me tirar do quarto por mais dois dias, — eu disse a Reign, desviando meu olhar por cima do ombro dele, para a janela, o quintal. Porque, apesar de minha mente me gritar que era estúpido, senti-me envergonhada.

— O que aconteceu depois disso? Você encontrou V?

Eu assenti. — Deke e Martin vieram para mim dois dias depois, me arrastaram para fora da cama. Me deram meus cinco minutos. Então descemos até o porão. A cama tinha desaparecido. Havia apenas uma cadeira e eu nem estava amarrada a ela. Então, V desceu as escadas. Em um terno. Ele tinha um terno cinza e um jornal debaixo do braço. Ele me disse que iria fazer uma chamada de vídeo para o meu pai, deixá-lo ver que eu estava viva e bem e então me disse para tentar convencer meu pai a concordar com o negócio dele.

— Que negócio?

Merda.

Eu não queria compartilhar essa parte. Era arriscado. Para todos os envolvidos.

— Summer, — disse Reign, e meus olhos estalaram para ele. — Você precisa ser honesta comigo.

Certo.

OK.

— Meu pai é um importador, — forneci, encolhendo os ombros.

— Um importador?

— Sim. Como em... transporte de contêineres.

Houve uma pausa, Reign olhou para mim puxando as sobrancelhas. Então, não mais do que alguns segundos depois, o reconhecimento atingiu. — Transporte de contêineres? — Ele perguntou e eu assenti. — Para as meninas? V queria importar garotas nos contêineres do seu pai.

— Sim.

— Porra.

— Sim.

— E então? — Reign solicitou, olhando para mim.

— E então, vi o meu pai no vídeo e... eu não sei. Eu não sei o que deu em mim. Eu me assustei. Implorei para que ele não fizesse o acordo. Não importa o que eles fizessem comigo. Eu disse a ele para não fazer. Porque essas meninas sofreriam pior. Eu não valia a pena por centenas delas. Eu implorei, Reign, — eu disse, minha voz grossa com a memória.

Reign assentiu, com a mão estendida para acariciar meus cabelos. — Eu estou supondo que isso não correu bem.

— Eu nunca tinha sido atingida antes, — admiti. — Nem uma única vez. Nunca. Nem mesmo as crianças em um playground. Nenhum namorado levantou uma mão para mim...

— Porra, melhor não ter.

— Então, eu só... Eu não tinha ideia do que eu me meti. E V estava... chateado.

O rosto naturalmente rígido de Reign suavizou. — Fale comigo, — ele insistiu. — Merda não pode ficar engarrafada. Diga-me. Eu posso tomar.

E então eu fiz, as minhas palavras meio correndo juntas, caindo umas sobre as outras por uma chance de vazar para fora do meu sistema. Eu nunca tinha sido de jorrar as coisas, mas eu estava jorrando. Estourando nas costuras para contar a alguém a minha história. Para dizer a alguém como me senti ao ter um punho colidindo com meu maxilar, socos no olho, nariz. Como as botas na barriga, nas costelas, se sentiram. O que era ter punhados do cabelo rasgado do meu couro cabeludo. Para ser deixada em um piso frio do porão depois, sangrando em todos os lugares, muito dolorida para mais, muito atordoada para chorar. Como me senti ao ser arrastada de volta algumas horas depois por um dos meus atacantes, que parecia ter um prazer doentio em me empurrar de todas as maneiras, com meus suspiros e gritos. Tanto que mordi o suficiente o meu lábio para abri-lo, tentando manter os ruídos dentro.

— Babe... — disse a voz de Reign, calmamente. Tão silenciosamente. Sua mão estendeu, escovando minha bochecha e então percebi que estava chorando. Não apenas chorando, purgando tudo. Pela primeira vez. Antes que pudesse reagir, os braços de Reign saíram, envolvendo minhas costas, me puxando para o peito e me segurando lá.

Segurando-me.

O grande, mau, cara motociclista assustador, com armas e dinheiro ilicitamente obtido... estava me segurando.

E eu estava afundando nisso. Nele.

Meus braços foram ao redor de suas costas, segurando. Meu rosto estava enterrado contra seu peito, quente, nu, cheirando como sabão e apenas... homem. Tomei uma respiração instável.

— Os fodidos tem que pagar.

Surpresa, puxei em seus braços, mas ele só me apertou mais apertado.

— O que?

— Aqueles bastardos que bateram e chutaram e provocaram você... o filho da puta que ordenou e observou... eles devem pagar.

— Está acabado, — eu disse, na estranha posição de sentir que precisava confortá-lo.

— Isso nunca vai acabar. Esse é o problema. Você viverá com isso em sua alma pelo resto de sua vida. Acordando gritando porque você se sente culpada. Esta será uma parte de você agora. E eles precisam porra pagar por isso.

— Reign...

Seu corpo apertou, seus braços liberando-me o suficiente para olhar para mim. — Eles vão pagar, babe. Você não tem que saber nada sobre isso. Mas eles vão pagar.

— Não posso te pedir para...

— Você não está me pedindo. Ainda assim fez.

— Ele é perigoso.

— Eu sou fodidamente perigoso, — disse Reign, uma ferocidade ultrapassando seus traços e eu não tinha dúvidas de que era verdade.

Não havia raciocínio com ele.

— Você não pode colocar seu povo em perigo por causa de mim.

— Eu não estou colocando nenhum dos meus homens em perigo. Isto é entre mim e V.

— Reign...

— Gosto quando você diz meu nome, babe, — ele disse, me surpreendendo o suficiente para fechar minha boca. — Gosto muito, é por isso que você vai sair dos meus braços e ir plantar sua bunda na minha cama. E vou plantar minha bunda no sofá.

— O quê? — Eu perguntei, sentindo seus dedos traçarem minhas costas em pequenas formas. E senti-me bem. Oh, meu deus, me senti bem. Bastante bom, quase perguntei por que ele não ia dormir comigo. Quase.

— Vou te levar se você não ficar longe de mim. Não quero que você foda sua cabeça mais do que já está. Então, vou deixar você ir e você vai entrar no quarto e eu vou ficar aqui fora.

Espere. O que?

Ele ia me levar?

Como em... para a cama? Como em... dormir comigo? Porque não me opunha inteiramente a essa ideia. Para sentir um toque na minha pele que não queria me machucar. Para sentir prazer nas mãos de um homem em vez de dor. Eu queria isso.

Mas também... foder minha cabeça mais do que já está?

Minha cabeça não estava fodida.

Na verdade, estava malditamente orgulhosa de o quão bem estava me segurando.

Seus braços se afastaram de mim, e então pegou meus braços, puxando-os pelas suas costas e deixando-os cair. — Vá, — ele disse, acenando com o punho em direção ao quarto. Quando eu imediatamente não me afastei, sua sobrancelha se curvou.

— Porra, vá Summer.

Então eu fui.

Todo o caminho para o quarto, minha barriga dando cambalhotas ao som do meu nome em seus lábios. Fechei a porta, jogando-me na cama, colocando uma mão no meu coração batendo forte, tentando passar através das coisas.

Reign queria ir a algum tipo de guerra ilegal subterrânea criminosa com V.

Ele não quis ouvir a razão sobre isso.

E eu tinha derramado minhas tripas nele. E então chorei.

Eu fodidamente... chorei.

Nunca chorei diante de um homem antes. Não na minha vida. Nunca. Nem uma única vez. E chorei na frente dele. E então ele enxugou as lágrimas e ele...

Abraçou. Eu.

Então, é claro, havia essa outra pequena questão.

Reign queria fazer sexo comigo.

E eu estava bastante segura de que queria fazer sexo com ele também.

Porra.

10.

Reign

— Porra, você está brincando, — Cash disse, a cerveja que levava aos lábios caindo ao seu lado.

Estávamos no complexo. Algo sobre o qual eu não estava muito feliz. Mas também algo de que não conseguiria sair. Cash estava certo, os caras iriam pirar se eu não estivesse na igreja numa sexta à noite.

Então eu estava no complexo.

O prédio em si era uma estrutura baixa e sem janelas que tinha sido uma loja de mecânica antes de a recessão ter derrubado. Estava cercado por cercas altas de arame farpado ao redor. Eu comprei barato e usei isso para nossa melhor vantagem, construindo nos fundos e criando quartos para o maior número de homens possível. A frente tinha uma porta de garagem que levantava para revelar o meu bebê. Um hummer com armas top de nível militar. Alguém queria foder conosco, conheceriam meu bebê. Até agora, nós só precisamos usá-la uma vez. E nem tivemos a chance de usá-la. Uma vez que a viram, eles foram se mexendo com as caudas entre as pernas.

O complexo tinha um telhado plano que estava ocupado o tempo todo. Eu não fodia sobre segurança. Nós não estávamos exatamente envolvidos em atividades legais e sempre houve algum grupo de merda tentando foder conosco, pegar o que é nosso. Roubar nossas armas e tentar executá-las eles mesmos. Basta dizer, não sou fã de ser roubado. Então, estava sempre na ofensiva, mas com uma defesa forte como a foda se precisasse.

A sala de espera e o escritório que costumava existir foram arrancados e substituídos por um bar, assentos e espaço para uma mesa de bilhar. Um sistema de som maciço e uma tela plana estavam

em frente à área de estar e o metal estava explodindo alto como a porra dos alto-falantes.

A reunião foi longa e as homologações foram convocadas. As coisas estavam em pleno andamento. Todos os homens estavam por perto, um mar de jeans, camisetas e coletes de couro preto.

Os coletes dos Henchmen.

Meus coletes.

Antes de mim, os coletes do meu pai.

— Você está tomando isso, — ele me disse quando eu tinha dezesseis anos. — Tudo isso será seu. Os homens contarão com você. E você reinará. E Cash estará aqui com você.

O velho tinha muitas ideias.

Não menos importante do que era nomear seus filhos.

Reign e Cash.

Poder e dinheiro.

As únicas coisas da vida que eram importantes.

Se nossa mãe tivesse espremido outro de nós antes de morrer, ele provavelmente teria sido chamado de merda como Loyalty ou Comrad.

Poder. Dinheiro. Fraternidade.

— Você fodeu com ela? — Perguntou Cash, trazendo-me das minhas memórias.

— Não.

Mas Cash tinha um bom olho. E ele era a única pessoa que realmente me conhecia. — Merda de porra.

— Beijou-a. É isso aí.

Isso não era exatamente o caminho certo para colocar isso.

Porque beijá-la se sentiu como estar ao sol. Como sentir os raios quentes em sua pele depois de estar no subsolo por toda a sua vida.

Deprimente, mas era assim como isso.

A cadela estava debaixo da minha pele e eu sabia disso. E Cash sabia disso. E era um problema.

— Então, por que diabos você está ávido para começar uma maldita guerra, cara? — Ele perguntou, agarrando meu braço, arrastando-me pelo corredor dos quartos, passando por duas cadelas sugando o rosto e entrando no meu quarto.

Meu quarto era onde eu trazia minhas cadelas. Grande cama king da Califórnia, lençóis negros, paredes cinzentas escuras. Uma cômoda com algumas mudanças de roupa. Tela plana. Um banheiro ao lado. Nada especial. Simples. Estéril quase. Porque isso não era casa. Era um lugar para foder. Era onde eu caía quando bebia demais para dirigir de volta para o meu lugar.

Cash bateu a porta, encostou contra ela, os braços cruzados sobre o peito.

— Eu não estou indo para a guerra. Isso é apenas para mim. — Eu parei, balançando a cabeça em sua raiva. — Ela me contou uma parte de sua história, cara, — disse a ele, sentando na beira da minha cama. — Apenas uma fodida pequena parte dela. Ela estava chorando e dizendo-me. Eles foda, a torturam. Bateram até que ela não podia suportar. Mataram ela de fome. Ameaçaram estuprá-la.

— Este é V. Essa merda não é nada nova, — disse Cash, encolhendo os ombros. Às vezes, não sempre, mas de vez em quando, Cash podia ser o fodido mais frio que você já conheceu. Este era um desses momentos. Lá se foi o irmão que todos conheciam - encantador, engraçado, descontraído, humano. Esse era Cash, o criminoso. E ele era gelado.

— Seu pai é um importador, — eu disse, deixando cair a bomba.

Tudo o que consegui foi uma sobrancelha levantada. — Ele está tentando assustar seu pai para lhe dar acesso aos contêineres, — ele adivinhou.

— Sim.

— Para enviar as meninas.

— Sim.

Cash mordeu o interior de sua bochecha, um hábito que tinha quando pensava, evidenciava quando ele jogava pôquer. Os olhos dele voltaram para os meus, sua voz baixa e vazia quando ele disse: — Você tem certeza de que quer fazer isso? Pense longamente e pense muito. V tem vendido pele desde que pops estava no comando aqui. Você sabe disso. Eu sei disso. Papai certamente sabia disso. Esta não é uma nova fodida informação. Ir contra ele com todo o clube atrás de você seria arriscado. Passar por ele sozinho é uma fodida missão suicida.

Eu sabia o que estava pedindo para ele aceitar. E eu sabia por que ele precisava me lembrar. É por isso que ele era VP. Não por causa da obrigação do sangue. Mas porque ele era o único forte o suficiente para se levantar para mim quando achava que eu precisava disso. E então, de volta a porra rolando, fazia seu trabalho quando eu lhe dava o siga em frente, independentemente de seus sentimentos pessoais.

Dito isto, ele ainda era meu irmão. E ele pensou que eu estava sendo imprudente. E ele não iria ceder facilmente.

O peso do poder não era fácil em meus ombros. Eu não era burro ou descuidado o suficiente para sempre acreditar que estava certo. Eu fodia. Eu tomava decisões ruins. Mas, em última instância, essas decisões eram minhas para fazer. Eu tinha que fazer isso. E tinha que lidar com as consequências. Ninguém mais sabia o quão pesado era.

Então, não poderia pedir-lhes para ficar atrás de mim em uma vingança pessoal.

Meus dentes cerraram juntos quando olhei para ele.

— Ela. Porra. Grita.

Os olhos de Cash brilharam e ele suspirou, passando uma mão pelo lado raspado da cabeça. — Então ele tem que pagar.

— Ele tem que pagar.

— Quando você está contando aos homens?

— Eu não estou. Eles não precisam saber disso.

— Reign...

Eu conhecia essa voz. A voz — você está sendo um idiota.

— Eles não precisam saber disso. Eles sabem disso, vão querer entrar e não estou trazendo outra guerra sobre eles. Os novos rapazes podem não se lembrar, mas a última guerra nos custou muito. Isso nos custou pops, cara.

Cash abaixou a cabeça, balançando. — E agora você está me pedindo para deixar você seguir em frente e se matar. Pense no clube, cara. —

— Eu morro, o clube tem você. Caso encerrado. Mas não estou morrendo, então pare de se preocupar como uma mulher sobre isso.

Ele suspirou e sua boca se abriu, querendo dizer mais, antes de fechá-la novamente. — Então o que diabos estamos fazendo aqui tagarelando como cadelas, hã? — Ele perguntou, dando-me um de seus preguiçosos sorrisos, fácil. — Há uísque e buceta descendo pelo corredor e terei um gosto de ambos, — disse ele, arrancando a porta aberta. — Já lambeu uísque de uma buceta, cara? — Ele perguntou casualmente, caminhando de volta pelo corredor. — Fodido céu.

Cash estava de volta.

E não havia nada entre ele e suas bebidas ou suas cadelas. Então o deixei ir, de pé contra o bar, cuidando do meu uísque.

— Ei, Prez, — disse Wolf, movendo-se para ficar ao meu lado. Wolf era uma enorme parede de um homem. Minha altura, mas sólido. Ele corria para uma parede de tijolos, a parede se movia. Ele era alguns anos mais velho que eu, seu cabelo castanho mantido em algum estilo detestável com uma barba enorme, mas cuidadosamente preparada. Seus olhos cor de mel suave pegaram os meus e seguraram. — O que está acontecendo?

— Nada ainda.

— Ouviu coisas?

— Senti, — eu meio que menti.

— Quando você precisar de mim, — disse Wolf, batendo sua cerveja para mim.

Wolf era um fodido tranquilo. Nunca tinha mais de cinco palavras para oferecer em um momento, mas era tão leal como elas. E ele era sua própria marca de implacável que veio a calhar em muitas operações.

— Eu sei cara. Agradeço.

— Precisa de uma cadela? — Ele perguntou, sem dúvida sentindo meu humor amargo.

Eu precisava da cadela que estava em minha casa. Na minha cama. Segurando minha arma, que eu tinha empurrado para ela e disse como usá-la apenas no caso. Eu precisava dela. Mas não iria pegá-la.

— Sim, — eu disse, jogando de volta a minha bebida.

Foda-se.

11.

Summer

Ele me deixou.

Passei um dia inteiro com minha — bunda plantada na cama— assistindo horas intermináveis de televisão e adormecendo de puro tédio. Eu só saí uma vez, para usar o banheiro e o chuveiro. E lá, estava ele com a — bunda plantada no sofá, — bem acordado, olhando para o pátio traseiro, no quintal. Ele não fez mais do que olhar no meu caminho.

Ele não me ofereceu comida e não pedi.

Eu já tinha comido o suficiente para me segurar ao longo de uma semana.

Ele não entrou para se trocar ou dormir em sua própria cama.

Eu cheirei café pela manhã, mas não fui pegar nenhum. Ouvi-o no andar de baixo, a corrente do saco de pancadas fazendo clang, tinindo, batendo durante a maior parte de uma hora. Então ele apareceu e tomou banho. Então eu me perguntei o que estava vestindo desde que suas roupas estavam no quarto e ele não havia entrado.

Eu tenho uma forte imagem mental dele andando nu por aí e eu não exatamente empurrei esse pensamento longe. OK. Eu meio que apreciei o pensamento por alguns minutos. Tudo bem. Talvez como meia hora. Mas ninguém me culparia. Sabendo o quão bom o homem parecia sem camisa, só podia assumir que ele era bom em todos os lugares.

Eu não era uma garota louca por homens. Antes de V, antes de ter sido levada, antes de tudo... Trabalhava longas horas e depois passava muito tempo com as amigas. Compras. Socializar. Encontros para café. Margaritas a meia-noite às quintas-feiras. Pedicure aos domingos. Eu mantive meu tempo cheio. Mas muito raramente com

homens. Eu namorei casualmente quando alguém aceitável mostrou interesse. Mas geralmente não chegava muito longe. Tive três relacionamentos. E por — relacionamentos— quero dizer, nós tivemos encontros por um período de tempo apropriado e depois nos tornamos exclusivos e depois tivemos relações sexuais.

Eu não era uma menina aventura.

E eu não era uma menina que babava pelo sexo oposto.

Mas estava babando.

E eu não entendia.

Talvez tenha sido porque ele chegou todo Príncipe Encantado fodão e me salvou. O que era um tipo de verdade. Mesmo que sua marca de salvação veio com ameaças de guerra e desaparecendo comigo.

Qualquer que seja o inferno que fosse, iria passar.

Seja o que for a minha estranha paixão, iria passar.

Não era como se Reign Sem Sobrenome era uma escolha adequada para mim.

Longe disso.

E sempre fui prática sobre coisas como a intimidade.

Então passaria.

Eu esperava.

E, então, por volta das sete horas, depois de, literalmente, não dar um pio durante todo o dia e metade do dia anterior, ele caminhou pelo corredor.

Eu senti meu coração pular na ultrapassagem enquanto freneticamente tinha a certeza que meu cabelo estava num tipo de selvagem sedutor, não o 'eu rolei na cama por um dia inteiro e agora aves poderiam pôr ovos no meu cabelo' meio selvagem.

Então ele estava na porta. Vestido. E quero dizer, vestido. Calças jeans pretas, camiseta preta, botas e seu colete. Ele também tinha uma arma grosseira na mão.

— Eu tenho que ir ao complexo, — ele disse como se explicasse por que estava se aproximando de mim com uma arma.

Senti-me embaralhar para a cama, batendo minhas costas contra a cabeceira quando ele se sentou no colchão perto das minhas pernas.

— Eu disse que não iria machucá-la, — ele me lembrou, segurando a arma ao lado. — Eu vou sair e Cash tem que ir comigo, então tenho que deixar você sozinha. Ninguém sabe sobre este lugar, apenas eu e Cash. Ninguém. Então você não terá um problema. Mas, para minha paz de espírito, não estou indo embora deixando você indefesa. Estou achando que você nunca usou uma arma antes.

— Não, — eu disse, voltando a uma posição mais normal.

Ele puxou fora o carregador, depois o empurrou de volta, dando-me um segundo para ver as balas douradas muito brilhantes e muito letais. — Esta é uma Glock 19. Os policiais de Lotta usam isso. É leve, mas pode ser grande para suas mãos pequenas, — ele disse, me mostrando a parte de trás. — Está carregada para deixá-la na mesa de cabeceira a menos que você pense que há um problema. Se você acha que há um problema, você puxa essa segurança e envolve suas mãos em torno do punho e coloca o seu dedo indicador e o coloca contra a arma. Você não, — ele fez uma pausa. — Olhe para mim, — ele ordenou e meus olhos se levantaram. — Você não coloca o dedo no gatilho até ver uma ameaça, entende? O dedo permanece na arma para que você acidentalmente não foda comigo. Você vê uma ameaça, aponta para o meio do corpo, puxa o gatilho. E você continua atirando até cair.

— Ok, — eu encontrei-me dizendo mesmo que estava malditamente certa de que nunca seria capaz de pegar a arma, e muito menos atirar em alguém.

De alguma forma, ele pegou isso. Ele puxou o carregador e se moveu para pegar minha mão. — Não está carregada, — ele me

lembrou, empurrando a arma na minha mão direita. — Agora, mostre-me como eu disse para você segurá-la.

Ele estava certo. Era mais leve do que pensava que seria uma arma. Mas talvez isso fosse apenas porque as balas não estavam nela. Eu peguei isso, envolvendo três dedos ao redor da alça, meu polegar nas costas, e meu dedo indicador deitado no comprimento do lado.

— Bom, — disse ele, descendo da cama e voltando para a porta. — Agora aponte para mim.

— O que?

— Babe, precisa saber que você não vai apontar no meu peito e acertar no meu pé. Aponte para mim. — Então eu fiz. — Mais baixo, — ele me disse, e baixei ligeiramente. — Aí. É aí que você atira, — ele disse, balançando a cabeça, voltando para mim. Ele pegou a arma, carregou-a e então entregou-a de volta para mim. — Pegue-a e aponte para a porta. Agora, como você puxa a segurança? — Ele perguntou, e eu demonstrei. — Bom. Depois disso é só embrulhar o dedo no gatilho e puxar. É isso aí. Entendeu?

— Entendi, — eu concordei, colocando a segurança de volta e colocando a arma na mesa de cabeceira. — Então você está saindo.

— Apenas algumas horas. Não iria se não tivesse que fazê-lo. Você vai ficar bem.

E com isso, ele se levantou, saiu do quarto, bateu a porta da frente e ribombou fora.

Saltei da cama, segui a minha fome em direção à cozinha, buscando todo o suprimento que Cash tinha deixado cair no dia anterior.

E encontrei muita comida divertida. Chips e frascos de molho. Manteiga de amendoim e geleia. Pão branco. Caixas de cereais. Com um encolher de ombros, fiz uma xícara de café, peguei um refrigerante junto com um saco de Doritos e um saco de batatas de milho e dois molhos: o tipo de salsa e o tipo de queijo. Eu estava

vivendo de comida que não teria alimentado um cachorro por três meses, merecia comer descaradamente junk food na cama numa sexta à noite.

Então eu fiz.

Então, onze rolaram. Doze. Uma. Duas. Três.

Ainda nada de Reign.

E então eu ouvi.

Acordada e mais do que ligeiramente assustada por estar sozinha, eu tinha a TV super baixa. E ouvi isso. Passos. Mas não tinha ouvido um carro ou uma moto. Não houve nada. Mas houve passos. E então, o fechamento da porta da frente. E então os passos estavam na casa.

Meu coração voou em minha garganta enquanto me mexi para fora dos cobertores e caí para o chão ao lado da cama. Então, percebendo quão feminina e estúpida era minha reação quando havia alguém potencialmente chegando para me arrastar de volta para V, me levantei, peguei a arma, puxei a segurança, espalhei minhas pernas largas e apontei, meu dedo pousado através de toda a arma como me foi dito.

E, graças a Deus, não estava no gatilho.

Porque não um segundo depois, estava Reign. Na porta do quarto.

Sua cabeça ergueu. Vendo-me, a testa se curvou, um sorriso brincou com seus lábios. — Hey, baby.

— Você está bêbado, — eu acusei, ainda segurando a arma apontada para seu peito. Minhas entranhas estavam começando a se sentir trêmulas de toda a adrenalina desnecessária. Mas em cima disso, estava chateada. Ele fez quase eu fodidamente fazer xixi de medo porque estava muito bêbado para porra pensar em se anunciar quando entrou na porta?

— Sim, — ele concordou, ainda me observando, ainda parecendo divertido.

E então não era apenas meu interior tremendo. Meus braços estavam tremendo tão mal que a arma mal podia ficar focada. — Você me assustou, — eu acusei.

— Baby... — ele disse, sua voz caindo. Ele avançou, totalmente despreocupado com uma mulher tremendo segurando uma arma carregada apontada para ele. Se aproximou, apertando uma mão no topo da arma e empurrando-a para baixo antes de tirá-la da minha mão, colocando a trava de segurança no lugar, colocando-a na mesa de cabeceira.

— Eu não ouvi sua moto e depois houve passos...

— Não consegui dirigir, — ele encolheu os ombros. Perto, eu podia ver o porquê. Bem não. Eu podia sentir o cheiro do por que. Ele cheirava a álcool.

— Não podia dizer que era você? Você me deixou ter a porra de um ataque de pânico pensando que alguém estava aqui?

— Não foi meu plano mais brilhante, — ele concordou.

— Você poderia ter... — o resto do meu argumento ficou abafado contra o material de sua camisa enquanto ele me puxava para frente e envolvia seus braços ao meu redor. E maldição se eu não me fundi direito nele novamente, meus braços cruzando sua parte inferior das costas enquanto ele acariciava minha espinha e meu cabelo.

— Não vou fazer novamente, — ele murmurou e senti sua respiração quente no meu cabelo.

Eu acenei com a cabeça, relaxando nele, sentindo que meu interior vacilante se acomodava. Respirei fundo, esperando inspirar Reign: sabão e homem e a melhor sugestão de detergente viril. Mas não foi o que eu consegui. O que recebi foi fumaça. E álcool. E... perfume.

Perfume.

Senti-me endireitar imediatamente, endurecendo, meus braços caindo ao seu redor.

— O que foi? — Perguntou ele, apertando-me e de repente eu queria ele fora de mim. Longe de mim.

— Você precisa de um banho, — eu disse, empurrando para longe. Meus olhos caíram enquanto me afastava dele, rastejando de volta na cama. — Você fede a fumaça e álcool e perfume, — Eu bati, pegando o controle remoto e aumentando o volume de volta.

Eu podia sentir seu olhar em mim por um longo minuto antes dele se afastar, caminhando até a cômoda, pegando um moletom, e indo para o corredor. A porta do banheiro fechou e a água do chuveiro estava ligada.

E afoguei meus sentimentos muito estranhos, muito indesejáveis de ciúmes, em meio saco de Doritos coberto com molho de queijo.

Porque o ciúme era ridículo. Era tão ridículo que eles precisavam de uma nova palavra para o quão ridículo era. Ele não era meu. Ele nem estava perto de mim. Ele era um cara aleatório que fez algo legal para mim. Então, o que se ele me beijou? Ele era o cara mais gostoso em cinco estados grandes, ele provavelmente beijava cada garota meio comestível que cruzava seu caminho. Eu não era especial. Eu era apenas os lábios prontos que estavam na proximidade dele.

Augh.

Eu era tão estúpida.

O chuveiro parou, a porta se abriu, estava mexendo na cozinha, e então ouvi passos se aproximando. Como, para dentro, ele estava voltando para o quarto.

Eu mantive meus olhos na TV, comendo, mesmo que me sentisse pronta para explodir.

— Doritos com pasta de salsa e queijo? — Ele perguntou, colocando sua xícara de café em sua mesa de cabeceira.

— Molho, — Eu corrigi, meu tom um pouco cortado.

— O que?

— É molho, não pasta.

Eu poderia praticamente sentir a elevação das sobrancelhas que estava recebendo. Não podia vê-lo porque estava me recusando a olhar para ele.

— O que tem sua calcinha amontoada? — /Que tempestade num copo é essa?

Oh, o idiota.

Quem perguntava coisas como essa as mulheres?

— Nada.

— Sério? Porque você está agindo como se eu fosse um marido preguiçoso, que esqueceu de enxaguar suas latas de cerveja antes de reciclá-las.

— Confie em mim, — eu disse, minha voz fria, — você não tem efeito em minhas calcinhas, Reign.

Essa foi a coisa errada a dizer.

Tipo... muito errada.

Como... ele viu isso como algum tipo de desafio errado.

Porque ele estava vindo em minha direção ao redor da cama, sentando-se pelo meu quadril. — Não tenho efeito em sua calcinha, hein?

— Não. — Além do fato de que, a qualquer momento, que ele chegava a menos de cinco metros de mim, ficava ativada, como toda fora, sem nenhuma boa razão.

— Você tem certeza disso? — Ele perguntou, sua voz mergulhando ainda mais profundo do que o habitual, o som parecia que deslizava debaixo da minha pele e reverberava contra todos os meus órgãos internos. Sua mão se moveu para fora, acariciando a minha coxa, deslizando ligeiramente para dentro enquanto virou meu quadril. E eu deveria ter me afastado ele. Eu realmente deveria ter. Mas estava muito ocupada observando sua mão grande, espancada e cicatrizada se mover sobre minhas calças, deslizar para a cintura, mas não escorregar dentro. Não, ele acariciou através da minha

barriga, enviando um choque de umidade entre minhas pernas. Como se sentisse isso, sua mão se moveu para baixo, pressionando com força entre as minhas coxas, me fazendo arquear contra ele, e um suspiro gutural escapar dos meus lábios. — Não, nenhum efeito em tudo, — disse ele, me dando um sorriso que teria acabado... de derreter minha calcinha se eu não tivesse um flash muito claro dele fazendo o que estava fazendo comigo para outra mulher. Apenas algumas horas antes.

E eu definitivamente não era essa garota.

A garota que estava bem com isso.

Eu empurrei reta. — Você me quer, — eu comecei, fazendo meus olhos segurar os dele, embora o calor lá me fez querer voltar e dizer-lhe para me levar, — você não vem para mim com as mãos pesadas e com o cheiro de outra mulher, — Eu saltei, balançando minhas pernas fora da cama e saindo como uma tempestade pela porta.

Eu meio que esperava que ele me seguisse, para discutir comigo ou tentar me fazer mudar de ideia. Mas ele não fez isso. Cheguei no sofá e me sentei, olhando a lareira vazia até finalmente desmaiar.

Acordei depois de um pesadelo, sendo levantada. Meus olhos se abriram para encontrar Reign olhando para mim enquanto me carregava de volta pelo corredor.

— Você estava gritando, — ele disse bruscamente, observando meu rosto.

Descansei minha cabeça contra o ombro dele, desfrutando a sensação de seus braços nas minhas costas e debaixo dos meus joelhos.

— Desculpe, eu acordei você, — murmurei, respirando seu cheiro.

Seus braços me apertaram mais forte, e então estava sendo abaixada na cama, os lençóis ainda estavam quentes de seu corpo.

Eu me curvei do meu lado, puxando meus joelhos para o meu peito. As luzes diminuíram. A televisão continuou, mas baixa. Então o colchão abaixou atrás de mim quando Reign subiu. Os cobertores foram puxados para cima.

E então eu estava em seus braços. Ele se movimentou rápido atrás de mim, seu corpo ondulando em torno do meu, seu braço atravessando minha barriga, me puxando para trás.

Estava quase adormecida, aquecida por seu corpo, confortada por sua proximidade, quando ele disse suavemente no meu ouvido: — Desculpe, eu sou um idiota.

Adormeci sorrindo.

12.

Reign

Desculpe, eu sou um idiota? Desculpe, eu sou um idiota?

Que porra de errado estava acontecendo comigo?

Eu não pedia desculpas. Nunca. Nunca, nunca. Essa era outra coisa que foi batida na minha frente e de Cash em uma idade jovem - pedir desculpas era admitir fraqueza. Não éramos fracos. Não pedimos desculpas por nada. Fazíamos o que nós malditamente queríamos e todos os outros só tiveram que lidar com isso.

E então, eu estava... pedindo desculpas para uma garota, que conhecia por dois ponto três segundos por ser eu mesmo? Por beber e me enroscar como sempre fiz? Por ter chegado tarde? Por fazê-la ver que ela me queria?

Bem. Talvez tenha sido um movimento pau.

Ela estava traumatizada e abusada e não me conhecia.

Mas, porra, andando até ela segurando aquela arma como se tivesse toda intenção de usá-la, as pernas esparramadas, os braços firmes... a merda mais quente que já vi.

Então ela começou a tremer e me senti como uma merda por ser tão estúpido. Eu estava destruído. E nunca tive alguém na minha casa para me preocupar com assustar. Simplesmente nem sequer atravessou minha cabeça até entrar pela porta e lá estava ela.

Mas, porra, estava molhada para mim.

Isso foi algo que fiquei acordado pensando por horas. Essas calças de yoga finas não fizeram nada para esconder o quanto ela me queria.

Então ela estava gritando de novo. O som era algo que mergulhava na minha pele, que se alojava no meu cérebro, um som que estava preocupado, eu sempre ouvira. Mesmo quando ela se

fosse. Quando estivesse segura e feliz e longe de mim. Eu estava bastante seguro de que seus gritos me manteriam acordado à noite.

Eu tive que sair e pegar ela. Eu não podia apenas deixá-la ficar ali sozinha, trabalhando com alguma memória de merda porque queria o espaço dela. Ela não deveria ter que lidar com nada disso, muito menos sozinha.

Então a trouxe para minha cama, enfiei-a no meu lado. E não havia mais gritos.

Levantei-me cedo, fiz café, tentando ficar longe dela. Seu perfume estava sobre mim. Essa loção que Cash tinha comprado para ela. O shampoo em seus cabelos. Estava cobrindo-me. Por toda a minha pele. Eu precisava me afastar o inferno dela antes dela acordar comigo apalpando por toda parte.

— Ei, — ela disse, sua voz um sussurro cheio de sono enquanto se movia para mim.

— Você está bem?

Sua cabeça inclinou para o lado, suas sobrancelhas se juntando. — Sim. Por quê?

— Pesadelos, — eu disse, encolhendo os ombros, jogando creme e açúcar em uma xícara para ela.

— Oh, — ela disse, mordendo o lábio.

— Quer falar sobre isso?

Ela encolheu os ombros, tomando seu café, com o cuidado de não deixar seus dedos tocarem os meus. — Apenas o mesmo material antigo, — disse ela, tentando descartar, mas pude ver a dor persistente atrás de seus olhos. — Os sonhos desaparecerão eventualmente.

Não, eles não. Mas não queria dizer a ela isso. Em vez disso, coloquei a mão no bolso, agarrando o queimador* (entendi isso como tipo um celular descartável) que tinha retirado do cofre e carregado. — Aqui, — eu disse, segurando para ela.

Ela me deu um sorriso, alcançando, levantou a sobrancelha. — Grandes caras motoqueiros não saltam para smartphones?

— É um queimador. Chame seu pai.

Seus olhos se arregalaram. — O que? Você tem certeza que é uma boa ideia? Quero dizer que não vai como... nos colocar ou ele em risco ou algo assim?

— Se os telefones dele estão grampeados, sim. É por isso que você vai mantê-lo curto e doce. Diga oi. Diga-lhe que você está segura. Que ele não deve ceder às exigências de V porque ele não tem mais de você. Diga-lhe que você estará em contato quando puder. Então desligue. Entendeu?

Ela assentiu, colocando a xícara de café, abrindo o telefone e digitando um número. — Você só vai ficar aí? — Ela perguntou, parecendo desconfortável.

— Sim, — eu disse, observando-a bater no enviar e trazer o telefone para a orelha.

Houve uma longa pausa, seu rosto pareceu amassar cada vez mais à medida que cada chamada ficava sem resposta. — Papai? — Ela perguntou, finalmente, sua voz um sussurro estranho. — Não. Papai. Pare. Estou bem. Papai. Papai!, — Ela disse, quase gritando. Tentando falar sobre ele, imaginei. — Eu saí. Fugi. Sim. Eu não posso... — ela disse, olhando para mim. — Eu não posso te dizer isso, mas estou bem. Então, não concorde com o negócio, está bem? Não importa o que. Eu, eu tenho que ir. Sim. Eu sei. Não, tenho que ir. Estarei em contato quando puder. OK. Amo você também. Tchau papai.

Estendi a mão e ela me deu o telefone, lágrimas agarradas a seus cílios, mas não derramando em suas bochechas. Peguei o telefone, removendo a bateria e o cartão SIM e jogando-os. — Boa conversa?

— Ele estava confuso e meio... frenético. Mas ele disse que não faria nada até que soubesse de mim novamente.

— Você fez... — Comecei, então um estrondo me fez cortar e olhar para a porta. Porque não estava esperando Cash. E, embora, em algumas ocasiões, ele passasse, nunca depois de uma noite de sexta-feira na igreja sem algum tipo de comunicação sobre isso. Dois segundos depois, ele bateu pela porta da frente e eu sabia que algo estava errado. — Que porra é essa? — Perguntei, afastando-me de Summer.

Cash olhou incisivamente sobre Summer. — É uma completa fodida caçada humana. Há homens em todos os lugares. Falando com todos. Colocando um quarto de milhão por uma palavra sobre ela.

— Duzentos e cinquenta mil por mim? — Summer grunhiu, parecendo pálida.

— Você valeria cinco vezes esse valor em pouco mais de um ano, se o seu pai entrasse no acordo, — forneci.

— E você estava certo, — Cash continuou, ignorando Summer, que era tão diferente dele que senti um desconforto se estabelecer. Se ele estava ignorando uma mulher, sua mente deveria estar em coisas mais importantes. E havia apenas uma coisa mais importante que as mulheres para ele. — Ele tem os policiais. Eles estão todos com cartazes dela, reivindicando uma besteira de pessoas desaparecidas. Eles estavam no clube cedo esta manhã, começando uma merda.

Senti minhas costas endireitar. — Que tipo de merda?

— Querendo olhar em volta, esse tipo de merda. Sem mandado, então não conseguiram ver nada. Mas ainda. Não é normal. Porque eles estão bisbilhotando?

Essa era uma boa pergunta. E não havia uma boa resposta. A menos que alguém me viu dirigindo naquela noite. Alguém me viu com alguma cadela na minha moto. A menos que V tivesse alguma pista. E se ele tivesse alguma pista, não demoraria muito para descobrir que eu tinha uma casa. E que minha casa tinha pouca proteção.

— Foda-se, — resmunguei, passando a mão pelo meu rosto.

— Vamos ter que movê-la, — disse Cash, me observando.

— Diga-me alguma merda que eu já não sei, cara.

— É hora de trazer o clube sobre isso.

— Nós não estamos dizendo a eles, Cash. Entendeu? Vamos trazê-la. Ela é apenas uma cadela que estou fodendo. É isso aí.

— Tudo bem. Mas... faça agora, homem, — Cash disse, seu tom firme.

— Isso é tão ruim? — Perguntei, sentindo-me muito desligado de tudo. Não gostando disso. Não gosto que Cash tenha que ser meus olhos e ouvidos.

— Ainda não. Mas poderia ser, se eles de alguma forma têm algo para continuar, — disse ele com um aceno.

— Alguém pode parar de falar em (linguagem) misteriosa malvada, 'não precisamos usar linguagem completa' e me dizer o que está acontecendo? — Summer perguntou, sua voz forte, se não com uma pitada de medo nela.

Cash olhou, seus traços amolecendo. — Heya querida, — ele começou, dando-lhe um pequeno sorriso. — Por alguma razão, V está cheirando em torno dos Henchmen. E se ele tem um palpite sobre uma garota que ele valoriza na casa dos milhões, bem, ele não vai desistir disso. Por isso temos de movê-la para fora daqui. Não há nenhuma proteção.

Para seu crédito, ela não enlouqueceu. Ela quase não estremeceu. — Para onde vocês estão me levando?

— Para o clube, — eu disse a ela.

Então ela enlouqueceu. Sua voz ficou alta e quase estridente. — Para o clube? — Ela repetiu. — Ele não disse apenas que os policiais estavam bisbilhotando? O que há para impedi-los de obter um mandado e fazer alguma espionagem real e me encontrar lá? Ou de V apenas entrar lá procurando por mim?

— Primeiro, — eu disse, minha voz calma. — Causa provável é o que está impedindo-os. Eles nem mesmo tecnicamente tem um relatório de pessoas desaparecidas. — O que, falando, era algo que eu não tinha considerado antes. Por que não havia um relatório de uma pessoa desaparecida? Richard Lyon deveria ter apresentado um. Não importava que besteira V o alimentasse para não envolver os policiais. Bem, cidadãos honestos chamam a policia.

— E a parte sobre V não entrar? — Persistiu Summer.

— Ninguém entra no complexo, — foi minha resposta.

— É isso aí? Isso é tudo que você tem? Ninguém fez isso antes, então ninguém tentaria? Perdoe-me, mas isso é uma razão estúpida e você sabe disso.

— Você quer proteção? Você fica comigo. V pode ser um criminoso, mas ele não iniciaria uma guerra ao invadir o território de alguém porque pensa algo. Ele primeiro obtém informações. E ele não vai merda receber de nós, — eu disse, encolhendo os ombros. — Então embale suas coisas e esteja pronta em vinte. — Ela olhou para mim, os braços cruzados sobre o peito. — Porra agora, Summer.

Seus olhos baixaram, mas ela foi fazer o que lhe foi dito.

— Ela não está errada, — avaliou Cash.

— Eu sei disso, mas o complexo é mais seguro do que aqui é no presente. Não estou dizendo que vamos ficar lá.

— Você quer que eu ligue para Wolf? Faça com que ele venha aqui com o caminhão?

— Sim, — eu disse, balançando a cabeça. Apesar de ter que explicar a ele como consegui manter a minha casa pessoal dele todos estes anos não ia ser divertido. Ou por que estávamos esgueirando uma cadela no complexo para esse assunto. E por que aquela cadela tinha o rosto colocado em toda parte (falso) em relatos de pessoas desaparecidas.

13.

Summer

Era um plano estúpido. Um plano extremamente estúpido e ele sabia disso e Cash sabia e eu sabia muito bem, assim não conseguia entender por que estávamos todos indo junto com isso. Bem, tudo bem. Eu tinha muito pouca escolha. Eu nem sequer tinha sapatos pelo amor de Deus. E V estava me procurando em todos os lugares. Uma mulher ruiva andando na rua não estaria exatamente passando despercebida.

Então, eu tinha que ir.

Mas por que eles estavam me levando lá, sim, que não fazia sentido algum.

Peguei o material do chão no quarto, olhando para a arma, em seguida, puxando para fora o carregador e colocando isso e a arma em um suéter onde enrolei. Ele tinha um arsenal inteiro. Ele não sentiria falta disso. Além disso, se chegasse um momento em que eu não podia tolerar sua estupidez imprudente e precisasse decolar por conta própria, ter algum tipo de arma seria um trunfo importante.

Eu arrastei tudo para o banheiro, empilhando-o nas sacolas de compras que Cash tinha deixado.

Houve o som de um carro do lado de fora que fez meu coração ter espasmos no meu peito enquanto pegava minhas sacolas. A porta da frente se abriu e fechou. E então havia três vozes. Três.

Rastejando até a porta, pressionei meu ouvido contra ela, tentando ver se as vozes se levantavam, qualquer coisa. Ouvindo apenas calma, tons profundos, abri a porta e saí.

E então, havia uma gigantesca massa de homem de pé entre Reign e Cash, de alguma forma conseguindo quase anulá-los com seu tamanho. E dado que ambos eram suas próprias pilhas altas de músculo, isso estava dizendo algo.

O novo cara era sólido. Como em... eu estava bastante segura de que ele poderia pegar um caminhão como se pesasse nada mais do que uma caixa de fósforos. Ele tinha o cabelo curto, que era surpreendentemente na moda, moderno para um motociclista, e uma longa, mas preparada barba.

Seus olhos se deslocaram, como se ele tivesse sentido minha presença, e eu estava presa na intensidade que vi lá. Não só porque eles eram uma cor bonita que nunca tinha visto pessoalmente antes, mas porque pareciam quase... vazios. Mas de uma maneira diferente do que os de Martin eram vazios. Um tipo assombrado de vazio.

— Este é Wolf, — Reign me informou, balançando a cabeça para o cara que ainda estava me fixando com o olhar. Sério. Eu não tinha certeza de que poderia avançar se ele não desviasse o olhar.

Engoli contra a secura na garganta. — Ah... oi... Wolf. — Quem diabos era nomeado Wolf? Sério. Isso não era um nome. Então, novamente, nem era Reign. Ou Cash para esse assunto. Eram até mesmo seus nomes reais? Oh, deus... não sabia os nomes reais dos homens aos quais confiava a minha vida?

— Mulher, — disse Wolf, acenando com a cabeça para mim, depois olhando para longe.

Mulher? Mulher? As pessoas realmente cumprimentam outras pessoas assim? Eu deveria simplesmente acenar com a cabeça ao motociclista e dizer — homem— ? Sério. Quem lhes ensinou como...

— Summer, — Reign disse, sua voz frustrada como talvez ele tivesse me chamado mais de uma vez. O que era uma possibilidade.

— O que?

— Vai ter o seu traseiro aqui para que possamos ir ou o quê?

— Bem, desde que você pediu tão bem, — eu disse secamente, movendo-me em direção a eles.

— Wolf vai levá-la em seu caminhão. — Oh, ótimo. Isso era simplesmente maravilhoso. — Ele tem blackout, mas você vai deitar no chão do banco de trás.

— Sério? — Eu perguntei, minha testa disparando. — Por que não me atiram no porta-malas como um cadáver?

— Não tem um porta-malas, — Wolf respondeu tão a sério que quase ri. Quase.

Suspirei. — Tudo bem. O banco de trás será, — disse, passando por eles em direção à porta. Olhei para Cash enquanto passava. — Você disse que traria sapatos na próxima vez que você visitasse, — disse, olhando meus pés descalços.

— Tenho um, — ele me surpreendeu dizendo. — Simplesmente não podia trazer um na moto. Eu vou levar um no complexo mais tarde.

Vendo como ele tomou o vento fora de minhas velas, andei fora para encontrar um enorme caminhão pick-up preto, a moto de Reign amarrada na cama dele. Todos os três foram para a parte traseira, eu imaginei, para obter a moto para baixo. Joguei todas as malas no banco de trás, puxei meu moletom, levantei o capuz e tentei me levantar para cima. E eu digo — tentei— porque estava a um milhão de pés do chão e nem consegui alcançar as barras de apoio para me ajudar.

— Baixa, — disse a voz de Wolf atrás de mim, fazendo-me saltar. E então, suas mãos enormes foram até minha cintura, quase cobrindo completamente. E eu estava fora de meus pés, em seguida, voando para o banco traseiro do carro. A porta bateu logo que eu estava dentro e suspirei, descendo no chão do banco de trás, que felizmente estava limpo. Limpo tipo quase novo.

A cama fechou, alguém bateu na lateral do caminhão. Então ouvi as motos de Reign e Cash retumbar a vida e começar a sair. Wolf subiu, fechou a porta e virou o motor. — Você está bem?

— Oh sim. Os pisos do banco traseiro são super confortáveis, — falei, irritada por me queixar.

— Você é pequena, — disse ele, como se fez isso batendo nos assentos dianteiros mais confortáveis.

Então estávamos nos movendo. E não havia mais conversas. Não que isso tenha sido surpreendente. Como Wolf parecia ter o vocabulário de uma criança pequena.

Para dizer que estava ansiosa por ir a este — complexo— ou — igreja— ou — clube— ou qualquer que fosse o inferno que era chamado era um eufemismo. Eu gostei menos que realmente não me foi dada uma escolha. Tive a nítida impressão de que se me recusasse a ir com eles, teria terminado amarrada como um porco e depositada no chão independentemente.

Dirigimos por um tempo, meu corpo não saltou muito gentilmente sobre os solavancos na estrada antes de sentir o carro ocioso por um minuto e depois puxar e estacionar. Não dadas quaisquer indicações sobre o que fazer depois que chegamos, eu fiquei no chão e esperei.

E esperei.

E esperei.

Finalmente, a porta se abriu aos meus pés e lá estava Wolf. — Mulher, — ele disse e juro que ele de alguma forma foi capaz de comunicar naquela palavra a frase 'vamos lá, estamos aqui. Eu vou ajudá-la.'

Então saí pela porta, deslizando minhas pernas para baixo. Antes que pudesse alcançar meus pés em direção a barra, as enormes luvas de Wolf estavam ao redor da minha cintura e me puxando para baixo.

— Espera... Preciso pegar minhas sacolas, — objetei quando estava sendo puxada para baixo.

— Tenha uma, — disse Wolf, colocando-me nos meus pés. E tomei isso como 'eu vou obtê-las, não se preocupe com isso.'

— Mãos fora, — A voz do Reign rosnou. Sim, rosnou. Para Wolf. Cujas mãos caíram da minha cintura, que, com certeza, não precisavam estar lá, mas ele tinha me fixado com esses olhos estranhos dele novamente e eu nem pensei em me contorcer para

me afastar. Wolf fez algum tipo de som não comprometido em sua garganta, alcançou o banco de trás e juntou minhas sacolas. — Sacolas, — disse ele, segurando-as para mim.

— Obrigada, Wolf, — eu disse, dando-lhe um sorriso genuíno. Eu não sei por que, com os olhos vazios e a estranha falta de palavras, mas gostava dele. Eu o entendi de uma maneira estranha. — Eu agradeço.

Ele empurrou o queixo para mim. — Mais tarde, mulher. — Então ele entrou no prédio.

Um edifício, devo acrescentar, que era ou tinha sido em algum momento, uma oficina mecânica. Baixo, longo e sem janelas. Protegido por grandes cercas com arame farpado no topo. Havia homens nos telhados planos com o que parecia ser armas amarradas ao redor de suas costas. Fora, na parte de trás, estava uma construção maciça mais nova. Novamente, estranhamente sem janelas. O terreno tinha uma grande lateral, com mesas de piquenique e cadeiras espalhadas, uma grelha enorme configurada, um galpão na parte de trás.

— Babe, — a voz de Reign me alcançou. Meus olhos encontraram o dele. — Será que vai ficar olhando espantada o dia todo ou levar sua bunda para dentro, onde é seguro?

— Certo, — eu disse, endurecendo enquanto tomava o passo ao lado dele. Fui levada para a porta da frente onde a música estava vindo, alta para o início da manhã. Cash caiu em pé atrás de mim. Wolf já havia entrado. Eu tinha dois pés dentro da porta e congelei. Porque todos os olhos, literalmente todos os olhos, caíram sobre mim. Dezenas e dezenas de motociclistas ásperos e duros. Alguns jovens e atraentes como Reign, Cash e Wolf. Alguns mais velhos. Ásperos. Cansados-de-Estrada.

A atenção de Cash deve ter estado em outro lugar, porque ele se chocou com minhas costas, me fazendo tropeçar para frente com um som de ‘OMPH’ estranho.

— Descul... — Cash começou, mas o braço de Reign girou na minha cintura, me puxando forte para ele, e Cash e todos ficaram em silêncio.

Aparentemente, isso era mais uma conversa de motociclista estranha não-palavras-necessárias.

— Obtenha todos aqui, — Reign exigiu. — Nós temos igreja em dez, — disse ele, depois me afastou.

Ele me acompanhou através de uma porta, depois por um salão incrivelmente longo, até o fim, onde destrancou uma porta e me levou para dentro.

— Você está tenso, — eu observei quando ele entrou, deixando minha cintura ir. — Estou colocando vocês em problemas, — eu disse, minha voz pequena enquanto olhava em volta. Cama enorme, cômoda, porta para o banheiro. TV. Era isso.

— Alguns policiais estão bisbilhotando. Não é grande coisa. Não se preocupe com isso.

— Mas estou preocupada com isso, — respondi, deixando minhas sacolas. — Esta é a minha bagunça. Não é sua. Você não deveria ter que fazer isso. Arrastar seus homens para isso. É inútil. Você pode simplesmente chamar esse cara K. Desaparecer comigo. Eu cuidarei de mim mesma.

— Não é uma opção.

— Você disse que era uma opção.

— Não mais.

— Isso não faz sentido, Reign, — eu disse, tentando pegar seus olhos, mas ele manteve o olhar baixo. — Ninguém mais deveria ter que lidar com V por causa de mim.

— Você me pediu?

Augh. Isso novamente. — Não.

— Não. Você não pediu. Você não tem parte nisso. Este é o meu negócio. E vejo que você não sabe muito sobre meu tipo de negócio, babe. Mas posso dizer uma coisa, não envolvemos mulheres

nele. Portanto, mantenha suas opiniões para si mesma. Fique aqui. Tranque a porta. Não abra para ninguém além de mim.

Com isso, ele se foi.

E eu estava sozinha sentindo minhas provocações feministas subindo e olhando para a cama gigante que tinha absolutamente nenhum plano sobre sentar. Senhor sabia quantos depósitos diferentes de fluido corporal estavam nos lençóis.

Então entrei no banheiro e sentei na beira da banheira.

E esperei.

Mas eu seria condenada se me levantasse e abriria a porta sempre que ele se dignasse se mostrar novamente.

14.

Reign

Comecei pequeno, acalmando os nervos sobre a polícia bisbilhotando, sobre a pesada presença de V nas nossas ruas. Então lancei uma história para acobertar Summer. Porque a tinham visto. Eles a veriam novamente. Eles precisavam saber que ela estava sob nossa proteção.

— Os policiais a querem. Ela tem um passado, — eu disse vagamente. Era verdade o suficiente.

— Você está mantendo merda de nós? — Vin, um veterano, um homem que tinha praticamente ajudado a me criar e Cash quando pops estava ocupado, também a única pessoa com bolas suficientes para me questionar, perguntou.

Bem. Eu tinha estado. Eu tinha vindo a manter um monte deles. E continuaria fazendo isso. Porque isso não iria envolvê-los.

— Eu sei que eles tiraram fotos dela indo por toda parte, chamando-a de uma pessoa desaparecida. Mas ela não é uma pessoa desaparecida. Ela é minha cadela.

Minha cadela?

Minha cadela?

Que porra é essa?

Ela não era minha cadela. Ela não estava em qualquer lugar perto de minha cadela.

Olhei para Cash que tinha os braços cruzados sobre o peito e estava me dando o maior sorriso de comer merda que eu já vi.

Vin assentiu.

Era assim tão simples.

Ninguém fodia com a old lady de um Henchmen. Ninguém. Nem mesmo os policiais.

O único problema é que em breve, e não havia como dizer o quanto, mas logo, eu teria que explicar por que ela não era mais minha old lady. E isso simplesmente não estava indo para ir bem.

— Mais alguma coisa que nós esquecemos de discutir na sexta-feira? — Perguntei.

— Nós conseguimos uma grande corrida em duas semanas, — Me lembrou Vin. — Reunião com os russos. Eles precisam ver seu rosto.

Sim, eles precisavam. Infelizmente. — Eu estarei lá. Cash vai ficar para trás e manter um olho nas coisas. — Vin assentiu, satisfeito que eu estava lidando com negócios como de costume. — Alguém tem quaisquer outras preocupações?

— Que porra é que vamos dizer aos porcos, homem? — Dean, uma criança teimosa em seus vinte e poucos anos, apenas remendado, há alguns meses, perguntou.

— A polícia não é um problema, uma vez que não existe um relatório real de pessoas desaparecidas. Eles estão em uma missão de pesca. Não dê uma merda e não teremos um problema com eles.

— Tudo bem, — disse ele, parecendo menos que confortado. Ele precisava ser endurecido. Fazia muito tempo que o clube tinha algum problema real. O sangue jovem não teve ação suficiente para endurecê-los.

— Eu quero vocês, nas sucessões. Fiquem de olho. Certifiquem-se de que eles não fodem. Agora não é a hora de descobrir que temos ligações fracas. — Isso foi recebido com alguns golpes na mesa e levantamento de cerveja.

Cash pegou uma garrafa de Jack e ergueu-a no ar. — Hora de festejar. Chame as cadelas!

Eu fiquei com eles durante duas rodadas antes de escapar, todos ocupados com mulheres ou apostas ou conversa.

Bati na porta. Esperei. Bati novamente. Esperei.

Nada. Sem barulho dentro. Sem nada.

Meu coração começou a bater no meu peito enquanto pegava a chave, apontando-a na fechadura, a mente correndo para os piores cenários possíveis. Alguém entrando enquanto estávamos todos ocupados na reunião. Ou, possivelmente, ela se esgueirou. Não tinha escapado do meu conhecimento que ela não estava muito feliz por mudar. E ela parecia obstinada o suficiente para realmente pensar que poderia fazê-lo sozinha.

— Summer!, — Gritei, logo que a porta estava aberta. Cama vazia. Quarto vazio. — Maldito inferno. Summer!— Eu dobrei a esquina para o banheiro. E lá estava ela. Sentada na beira da banheira. Deslumbrante. Olhando para mim com uma elevação do queixo altivo. — Não me ouviu bater porra?

— Eu te ouvi.

Era isso. Ela me ouviu. Seu tom com um muito forte, 'então, o que' embaixo dela.

— Não poderia ficar fora de sua bunda e me deixar entrar?

— Você obviamente tinha uma chave.

— Qual é a porra do seu problema?

— Não há problema, — disse ela, sua voz com uma borda estranha. — Apenas sentada aqui... mantendo minhas opiniões para mim mesma. Conforme instruído.

Eu resmunguei, observando o fogo subir em seus olhos. Então era isso. Ela não gostava de receber ordens. Bem, isso era apenas muito foda ruim.

— Que porra você está fazendo na banheira?

Sua cabeça inclinou. — Eu não estou sentando minha bunda naquele experimento científico que você chama de cama.

Bem, ela não estava exatamente errada lá. Mas não lavo lençóis. — Mesmo? Então, onde você está dormindo esta noite?

— Você é um idiota, — ela disse, levantando-se e passando por mim. Não, não escovando ao passar. Ela se chocou com meu ombro

enquanto ia. E, bem, eu não podia muito bem deixá-la fugir com isso, eu podia?

15.

Summer

Um minuto eu estava saindo do banheiro, no próximo estava batendo contra a parede do quarto. Forte o suficiente para ver estrelas por um segundo. Mas só por um segundo porque no segundo seguinte, os lábios de Reign estavam nos meus. Duro. Com fome. Doloroso nos meus até que choraminguei contra ele e sua língua deslizou entre meus lábios. Suas mãos plantadas em cada lado da minha cabeça, me prendendo, seus quadris fixando os meus na parede.

E eu o beijei de volta.

Com tudo o que tinha

Até que minhas mãos estavam agarrando a frente de sua camiseta.

Até que estava gemendo e me contorcendo contra ele.

Só então ele se afastou.

Meus olhos se abriram lentamente para vê-lo olhando para mim.

— Agora vá lavar os lençóis ou você estará dormindo no chão esta noite.

Então ele se foi.

Enquanto eu ainda estava crepitando.

Crepitando.

Porque o que diabos foi isso?

Além disso, de nenhuma maneira eu estava dormindo no chão. Então realmente tinha que lavar os lençóis. Sem saber onde estava a máquina de lavar. Ou como usá-la, mesmo quando a encontrasse. Mas acho que não tinha escolha.

Fui para a cama com as pernas bambas, amaldiçoando Reign Sem-Sobrenome de sete fodidas maneiras de domingo. Porque,

realmente, quem beijava você até os malditos dedos dos pés formigarem e, em seguida, dizia para você lavar os lençóis e depois saía? Babacas. Isso é quem. Tanto por pensar que ele era um homem decente.

Eu despi a cama, recolhendo os lençóis de dentro para fora e ainda sentindo como se eu tivesse a necessidade de queimar as minhas roupas depois de entrar em contato com suas roupas de cama nojentas. Eu andei pelo corredor que Reign me levou mais cedo, tentando ignorar a estranha sensação de desconforto na área desconhecida.

— Oh sim, foda, sim. Foda-me, mais duro. Mais duro!— Meus olhos se arregalaram, minha cabeça aproximando-se do lado e imediatamente me arrependendo de fazer quando, dentro de um dos quartos com a porta aberta, havia uma mulher de pernas abertas e um homem vestido da cintura para cima e nu da cintura para baixo se chocando dentro dela.

Minha cabeça caiu imediatamente, um rubor subindo meu rosto, enquanto corria para frente. E me choquei com alguém.

Eu me debati, minha cabeça estalando quando duas mãos pousaram nos meus ombros para me estabilizar. Os meus olhos encontraram os vazios doces pertencentes a Wolf e quase quis chorar de alívio. Ele olhou para mim por um segundo. — Lavanderia? — Perguntou.

— Sim, — eu disse, encontrando-me jorrando novamente. — Reign foi todo idiota mandão em mim e me disse para limpá-los desde que eu disse que não estava dormindo em seus lençóis repugnantes. Em seguida, ele se recusou a me dizer onde eu poderia ir para fazer a limpeza dos lençóis, porque, como disse, ele está sendo um imbecil.

A cabeça de Wolf inclinou e pelo menor número de segundos, pensei que vi uma luz em seus olhos antes que foi rapidamente extinta. — Porão, — disse ele e se arrastou para longe.

Porão.

A palavra me deixou congelada no local por mais tempo do que queria admitir.

Porão.

E tinha certeza de que não seria o tipo acabado confortável. Ia ser o tipo de concreto e cimento. E, sabendo seu status ilegal, provavelmente com grades.

Eu poderia fazer isto.

Inferno, eu tinha que fazer isso.

Respirei fundo, avançando para a extremidade do corredor, onde tinha visto uma escada quando entramos. Estiquei a mão, acendendo a luz e descendo muito lentamente os degraus de madeira estreitos, meu coração bloqueando minha garganta com cada passo. Cheguei ao patamar de baixo, vendo os dois conjuntos de lavadoras e secadoras. Mantendo meu foco sobre eles, rapidamente fui sobre descobrir os botões, colocando os lençóis em uma máquina e o edredom na outra. Olhei para eles por um longo tempo antes que eu virei.

E congelei.

Congelei, congelei.

Porque na outra extremidade do porão, havia uma cadeira de metal. E aquela cadeira de metal tinha três conjuntos de algemas ligadas.

**

— Você só está fazendo isso mais difícil para você, Summer, — V disse, levantando a mão para Martin que me tinha por minha garganta na cadeira, empurrando meu pescoço tão longe que estava preocupada que ia estalar. — Tudo o que você precisa fazer é dizer ao seu pai que você mudou de ideia. Para ir junto com o negócio.

As mãos de Martin estavam pressionando o suficiente para machucar e fazer minha garganta sentir como engolindo lâminas de barbear, mas não suficientemente duro para ser uma verdadeira

preocupação. Eles não queriam me fazer desmaiar. Eles queriam que eu sofresse. Sua mão levantou-se e minha cabeça virou para V.

— Foda-se, V. Ele nunca vai ter o seu negócio.

— Tudo isso poderia parar, — ele ofereceu, acenando com a mão para Martin e Deke.

Deke já teve uma chance em mim e estava de pé contra a parede, fumando, curtindo o show. Se você olhasse, você poderia ver o quão duro ele estava através de seu jeans.

Eu tentei não olhar.

— Não importa o que você faz comigo. Ele não concordará, — eu cuspi.

E foi a coisa errada para dizer.

Eu sabia disso quando V assentiu com a cabeça para Martin e de repente as cordas desapareceram dos meus pulsos e Martin estava puxando as algemas do bolso. Três conjuntos.

— Em nenhum lugar óbvio ainda, — V advertiu, sua voz não afetada.

Martin concordou e fui arrastada para fora da cadeira, virada e ele me fez ficar em cima dela.

As algemas abertas.

Um conjunto para cada um dos meus tornozelos, o metal muito pequeno, cortando dolorosamente a pele lá. E então um conjunto para as minhas mãos que foram puxadas para frente para abraçar a cadeira, mas algemado tão baixo que a pressão da cadeira no meu peito dificultou a respiração.

Isso era novo.

Nunca havia algemas antes.

Nunca tinha sido contida na cadeira antes.

Então sabia que não seria bom.

Então Martin alcançou em sua bota e voltou com uma faca.

Uma faca.

Ele jogou-a aberta, a lâmina longa e perigosa.

Então ele estava vindo em minha direção.

Em nenhum lugar óbvio.

Minha parte superior do top foi arrastada nas minhas costas, enfiada perto dos meus ombros. Eu quase não tive um momento para registrar o medo genuíno antes que a lâmina começasse a cortar a pele.

E queimou. Queimou.

E estava em toda parte.

Era implacável.

Apertei os olhos com força, afugentando as lágrimas, mordendo o interior das minhas bochechas até sangrarem para me impedir de gritar.

Mas não pararia até eu gritar.

Em seguida, a faca encontrou um local que já tinha rasgado aberto e voltou para o corte, cavando mais fundo.

Eu gritei.

**

— Cherry? Ei, Cherry. Summer!

Eu estava vagamente consciente da voz. Recém-familiar. Perto de mim. Mas o meu foco estava na cadeira e nas algemas. Meu corpo sentia-se insuportavelmente frio, arrepios para cima e para baixo sobre meus braços e meu peito. Em minhas costas, as cicatrizes se sentiram cruas. Sentiram que eram novas e sangravam. Sentiram que estavam sendo agravadas pelo meu top esfregando-se contra elas quando eu estava amarrada de volta para a cama nas minhas costas.

— Summer!

Então eu estava sendo puxada para longe, de volta para a escada, minha cabeça torcendo sobre meu ombro para olhar a cadeira enquanto escorregava lentamente do meu campo de visão.

Mas isso não fez desaparecer a memória. Não me fez ouvir os sons da música e dos homens e das mulheres quando fui puxada

para a área principal do prédio, onde todos estavam felizmente festejando.

— Reign!— A voz de Cash chamou e foi então que percebi quem estava me puxando. Cash.

Um silêncio caiu.

Seguido de: — Que porra é essa?

Reign.

Isso foi Reign.

E, por algum motivo, isso escorreu.

Minha cabeça foi para cima para encontrá-lo atravessando toda a sala em minha direção, os olhos quentes, as sobrancelhas juntas.

— Ela estava lavando os lençóis, — Cash forneceu.

— Então por que diabos ela se parece como se viu a porra de um fantasma?

— Reign, — Cash disse, esperando os olhos de seu irmão para encontrar os seus. — Ela estava lavando os lençóis. No porão. — A realização começou a surgir em Reign, mas Cash continuou. — A cadeira. As algemas...

— Foda, — Reign resmungou, voltando-se para mim. Estendeu a mão, esfregando os dedos contra a minha mandíbula. — Maldito estúpido, — disse ele para si mesmo. — Vamos, — ele disse, sua mão se movendo atrás de mim para deslizar nas minhas costas e eu gritei, afastando-me dele.

Os olhos de Reign voaram para Cash, que sacudiu a cabeça, confuso.

— Tudo bem, — Reign me disse, afastando sua mão, colocando-a no meu braço em vez disso. — OK babe. Vamos. Vamos voltar para o meu quarto. OK?

Ele não me deu tempo de responder quando começou a dirigir-me de volta para o corredor, me puxando para dentro de seu quarto e trancando a porta.

Ele fez uma pausa, olhando-me por um minuto, antes de vir para mim, me virar e puxar minha camiseta.

— Porra, — ele disse calmamente. — Porra, — ele repetiu, mais alto, seus dedos se movendo para acariciar as cicatrizes levantadas. — Babe... fale comigo, — ele disse, deixando minha camiseta cair e me virando de novo.

Engoli em seco querendo, mais uma vez, limpar tudo com ele. — As algemas, — eu disse.

— As algemas, — ele solicitou.

— Em seu porão, — continuei. — Eles tinham algemas no porão. Mas só... — Eu tomei uma respiração instável. — Mas apenas nos dias em que a faca saía.

— Eu sou tão estúpido, — ele disse, balançando a cabeça, não conseguindo me olhar.

— Não é sua culpa, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Eu lhe disse para lavar os lençóis, — ele respondeu.

— Sim, mas você não foi o único que me puxou para uma cadeira e me cortou.

Ele suspirou, passando a mão sobre a nuca em sua bochecha.

Então ele veio até mim. Rápido.

Tão rápido que eu esperava ser esmagada em seu peito.

Mas seus braços foram lentamente ao meu redor. Ele nos moveu para a cama sem lençóis, sentou na borda e me puxou para o colo. — Ele vai pagar, — ele disse em meu cabelo.

Senti-me endireitar. — Reign...

— Ele vai pagar. Ninguém fode com o que é meu.

Dele?

Dele?

O que isso deveria significar?

Eu não era dele.

Eu não era de ninguém.

— Reign...

— O que eu disse sobre você dizendo o meu nome? — Ele perguntou.

As minhas sobrancelhas se juntaram. — Você gosta? — Perguntei.

— Gosto muito, — ele concordou. — Então agora você vai plantar sua bunda no banheiro. E vou pegar os lençóis. Então você vai plantar sua bunda na cama. Comigo.

Com isso, fui empurrada fora de seu colo. E ele se foi.

E fiquei com a clara impressão de que estar na cama com ele, desta vez, não significava dormir ou assistir a repetições da TV.

16.

Summer

Reign voltou uma hora mais tarde, batendo a porta, trancando-a, e nem sequer se preocupando em olhar no meu caminho. Então, eu estava me preocupando, perto de ter úlceras, sobre ele potencialmente querer fazer sexo comigo (tudo bem... talvez fosse menos preocupação e mais... antecipação) por nenhum motivo.

Ele se moveu ao redor. Imaginei, fazendo a cama. Então escutei suas botas no chão.

— Você está dormindo aí hoje a noite ou o quê? — Ele disse, sua voz era casual.

Eu me levantei, tirando meu moletom e voltei para o quarto onde Reign imediatamente apagou a luz e ficou quieto.

Então, sim, estávamos dormindo, dormindo juntos.

Esmaguei a onda estranha de decepção, tentando me convencer de que era o melhor. Ele era uma má notícia. Eu era uma boa garota. Para não mencionar, eu realmente não estava em um lugar onde deveria considerar essas coisas. Acabei de ser sequestrada, batida e morta de fome por meses. Meses. E estava pensando em fazer sexo com um relativamente desconhecido poucos dias depois de fugir. Dias.

Eu estava com uma patética síndrome do Cavaleiro Branco.

Exceto que Reign não poderia estar mais longe de um Cavaleiro Branco.

Deslizei-me no lado vazio da cama, curvando-me do meu lado, olhando para a relativa escuridão da sala. Atrás de mim, Reign estava parado. Parado por tempo suficiente, que achei que ele adormeceu. Eu soltei uma respiração longa que soou suspeita como um suspiro e fechei meus olhos.

Mas eles voltaram a abrir alguns segundos depois, quando a mão de Reign aterrou no meu quadril, puxando-o para trás até que eu estivesse deitada nas minhas costas. Então seu corpo estava meio coberto pelo meu, o antebraço pressionado em um dos meus lados, a palma plana no colchão do outro lado.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, sentindo o batimento cardíaco acelerar, seu calor afundando na minha pele e enviando um pequeno tremor pelo meu corpo.

— Eles te machucaram? — Ele perguntou, fazendo-me virar de volta inesperadamente.

— O quê? — Eu perguntei, minha voz falhando.

— Esses filhos da puta... fizeram...

— Não, — a palavra correu para fora de mim, frenética para ser compartilhada. De todas as coisas que me aconteceram, de todas as coisas que foram sussurradas, promessas do que estava por vir, nunca chegou lá. — Não, — eu disse novamente, mais firmemente. — Nunca chegou tão longe. Eles entravam a noite, bêbados, e iriam... me apalpar e me ameaçar. Mas eles não tinham permissão para... fazer isso.

— Graças a foda, — disse Reign, sua respiração exalando, seu corpo perdendo um pouco de sua tensão.

— Reign, — eu disse de novo, olhando para seu rosto - a perfeição injusta lá. Seus olhos castanhos baixaram e eu encontrei a minha mão estendida, acariciando o lado do seu rosto. Seu olhar voou para o meu, intenso, queimando dentro de mim. — O que você está fazendo?

Como resposta, sua cabeça baixou, virando-se para o lado, seus lábios pousando na pele sensível do meu pescoço, fazendo meu corpo descer um pouco abaixo dele, minha mão voando para pousar em seu braço. Sua língua escorregou, deslizando para cima em direção à minha orelha, sua boca se fechando sobre o lóbulo e

sugando. Senti uma onda de desejo, umidade molhando minha calcinha, quando seu hálito quente fez cócegas em meu ouvido.

Sua cabeça se moveu, seus lábios se moveram para minha mandíbula, beijando lentamente. Meus lábios separaram segundos antes dos dele encontrarem os meus. Não houve nenhuma doçura provocadora no contato. Seus lábios machucavam os meus. Faminto. Urgente. Minha barriga enrolou sobre si mesma, minha mão voltando para a parte de trás da sua cabeça, escorregando em seus cabelos e segurando-o para mim enquanto meus lábios responderam, se separando, deixando-o escorregar para dentro, sua língua procurando desesperadamente a minha. Minhas costas arquearam para cima em seu peito e seu corpo mudou de posição, vindo completamente sobre o meu, suas coxas pressionando as minhas separadas para que ele pudesse se estabelecer lá.

Eu gemi contra seus lábios e sua cabeça ergueu, olhando para mim com olhos pesados. Sua boca se abriu para dizer algo, depois pensou melhor e fechou. Ele empurrou para trás, sentando-se nos tornozelos e meu corpo sentiu a sua ausência como uma dor física.

Suas mãos se moveram para baixo, agarrando meus lados e puxando-me para cima em direção a ele. Assim que meus olhos estavam no nível de seu peito, as mãos caíram para a barra da minha camiseta, agarrando-a, e rapidamente puxando-a para cima e sobre minha cabeça.

Suas mãos foram para a pele das minhas costas e eu endureci, sentindo uma insegurança nas cicatrizes que suas mãos estavam correndo. Mas seus dedos não hesitaram. Eles correram as marcas suavemente, como se estivesse tentando memorizá-las, antes que suas mãos parassem sobre meus ombros e me pressionassem contra o colchão.

Seus olhos ficaram no meu rosto por um longo momento. Meus peitos nus doíam, pesados, meus mamilos endurecendo em

antecipação. Suas mãos se moveram para minha barriga, acariciando para cima, provocando a pele sensível debaixo dos meus seios.

— Perfeita, — ele disse baixinho, suas mãos se movendo para cima e segurando meus seios, apertando forte. Eu arqueei em seu toque, um gemido escapando dos meus lábios. Suas mãos me deixaram, substituídas por dedos, rolando e apertando os pontos endurecidos até eu me retorcer debaixo dele.

Eu esperava que ele se inclinasse para frente, para me levar em sua boca, para sua língua continuar o doce tormento que seus dedos começaram.

Em vez disso, ele mudou-se para trás, suas mãos deslizando para o cós da minha calça e puxando-os para baixo. Tirando-os completamente, descartando ao lado da cama.

Ele se moveu para mim novamente, seus dedos acariciando minhas coxas, sobre meus quadris, na minha barriga. Eles correram pelos meus seios novamente, depois desapareceram.

Então ele foi para baixo, estômago sobre o colchão, apoiado nos antebraços. Suas mãos foram para minhas coxas, puxando-as abertas, pressionando para baixo com força, me deixando imóvel.

Então sua boca estava em mim.

Quero dizer... em mim.

Sua língua acariciou minha fenda lentamente, fazendo minha respiração pegar no meu peito. Mudou-se para cima, circulando em volta do meu clitóris, mas não tocando até que eu estava me contorcendo, minhas mãos, descendo e entrando em seu cabelo, até que eu estava lutando para respirar.

— Reign...

Sua língua pressionou forte em meu clitóris e eu tinha certeza de que saí do meu corpo por um segundo antes de cair de volta na sensação, meus quadris subindo para encontrá-lo quando ele começou a trabalhar círculos rápidos em torno do botão sensível, seu ritmo rápido e implacável.

Senti a construção da pressão, um sentimento apertado e enrolado profundo, fazendo-me além da necessidade, além da vergonha quando gemi alto, minhas mãos puxando seus cabelos suaves.

— Reign... por favor... — Eu implorei, minhas coxas começando a tremer, minhas costas arqueando fora da cama.

Então ele finalmente pôs fim ao tormento.

Sua língua escorregou, seus lábios se fecharam em torno do meu clitóris e sugaram forte.

Eu bati no meu orgasmo, meu sexo apertando quase dolorosamente enquanto ele continuava sugando, sua língua acariciando ao mesmo tempo. Meu corpo inteiro estremeceu tanto quanto seu nome gemido dos meus lábios.

Eu desci lentamente, a língua de Reign batendo suavemente sobre o meu clitóris mais algumas vezes antes dele se afastar lentamente, beijando o centro da minha barriga.

Seus lábios encontraram meu pescoço por um segundo, então a cabeça ergueu, olhando para mim. — Buceta doce do caralho, — disse ele, e eu senti, uma risada meio horrorizada, surpresa, escapar dos meus lábios, meu rosto corando dolorosamente. Porque os homens que eu conheci, os poucos com os quais tinha estado intimamente, nunca teriam dito algo assim. Eu não estava certa de ter ouvido um homem com quem eu estava até mesmo dizer a palavra “buceta”, muito menos me dizer que a minha era doce.

— Isso é engraçado? — Reign perguntou, seus lábios se curvando de um lado.

Coloquei uma mão sobre minha boca. — Inesperado, — eu disse através dos meus dedos.

— Sim? — Ele perguntou, parecendo que estava considerando isso. — Não sei por quê. Poderia comer essa buceta no café da manhã, almoço e jantar.

— Oh, meu Deus cale a boca, — gritei, cobrindo meu rosto com as duas mãos, sentindo-me de novo envergonhada e tão mexida que era doloroso. Porque, bem, Reign me comer três vezes por dia... yum.

Reign riu, o som baixo e profundo e tão sexual que senti uma onda de calor entre as minhas coxas. Senti-o mover-se, o colchão balançando ligeiramente, antes de suas mãos caírem sobre as minhas, puxando do meu rosto.

— Você terminou de ser tímida, — disse ele. Disse. Não era uma pergunta. Ele deixou uma das minhas mãos, que caiu ao meu lado. Ele puxou a outra para frente e para baixo. Baixo. Até que eu o senti enrolar em torno de seu pênis duro.

Tudo bem.

Era oficial.

Reign era pura, mágica, perfeição física masculina.

Sua mão apertou a minha e empurrou para o longo caminho até o punho. E quero dizer longo. E grosso, meus dedos mal se encontraram ao redor dele. Sua mão escorregou longe e eu senti a minha acariciando, querendo tocar cada polegada de sua dureza, a minha mão deslizou para cima e meu polegar acariciou a cabeça molhada.

— Sim, terminou de ser tímida, — ele disse, sua voz soando rouca enquanto eu começava a acariciar rápido e duro.

Seu corpo se deslocou, suas pernas indo no lado de fora do meu peito, seus quadris girando e abaixando em direção ao meu rosto. Sua mão voltou sobre a minha, empurrando-a para a base e depois empurrou seu pênis contra meus lábios até que eu abri em torno dele e seu pênis escorregou para dentro.

Ele soltou um som baixo, rosnando, empurrando os quadris para frente, sua mão escorregando para o lado do meu rosto e agarrando o meu cabelo.

Encorajada, meus lábios se apertaram em torno dele, minha língua acariciando a cabeça em círculos preguiçosos até que sua mão puxou com força o meu cabelo e seus quadris empurraram para frente, seu pau empurrando profundamente, se acomodando contra a traseira da minha garganta. Meu reflexo apertou, depois diminuiu quando ele balançou dentro de mim.

— Olhos, — ele ordenou, sua voz um sussurro áspero. Abri os olhos, olhando para ele. — Porra, — disse ele, fechando os olhos por um segundo, em seguida, se afastando de mim.

Seu corpo abaixou, empurrando entre minhas pernas. Seus lábios encontraram os meus, duro e com fome, seus dentes mordendo meus lábios, fazendo-me ofegar. Ele estendeu a mão e ouvi a gaveta da mesa de cabeceira abrir. Ouvi o amassar da embalagem enquanto ele liberava um preservativo. Seus quadris se ergueram dos meus enquanto ele fazia um rápido trabalho para nos proteger.

Em seguida, seu corpo pressionou para baixo, seu pau empurrando contra minha coxa, me fazendo arquear contra ele. Seus braços escorregaram pelas minhas costas, aproximando meus ombros e segurando-os com força. Seu rosto levantou-se. — Isso não vai ser suave e doce, — alertou, parecendo quase tão profundo/perdido quanto eu me sentia.

Minha boca se abriu e meus lábios encontraram palavras que nunca tinham pronunciado antes, palavras que sentia na minha alma. — Foda-me, Reign, — ordenei, meus quadris moendo contra ele.

Seus olhos aqueceram, a mão indo entre nós. Então seu pênis estava pressionando contra mim, parando, esperando. Minhas mãos rodearam suas costas, minhas pernas em volta de seus quadris. — Reign... agora... por favor...

Seu pênis bateu para frente, empurrando completamente. Tão profundamente que doía. Sua espessura me esticando para acomodá-

lo. Deixei escapar um suspiro, meus quadris resistindo em surpresa e a pontada nua de dor.

— Tão fodidamente apertada, — disse ele, sua boca cerrando.

Seu rosto abaixou, tomando minha boca, sua língua empurrando para dentro enquanto ele se retirou e empurrou para frente. Não macio. Não doce. Duro. Rápido. Como prometido. Minhas pernas envolveram apertado contra ele, levantando-me ao encontro de seu impulso - um arranhar de necessidade, como nunca tinha conhecido antes me ultrapassando, fazendo-me chorar contra seus lábios enquanto ele batia em mim mais e mais, todo o meu corpo empurrando com o movimento, seus dedos machucando o meu ombro, minhas unhas se agarrando nas costas dele.

— Reign... porra... Eu estou...

— Venha, — ele ordenou contra minha boca, levantando a cabeça para me observar. — Porra não feche os olhos, — disse ele enquanto eu sentia ficar pesado enquanto estava suspensa na borda antes de tombar. — Venha para mim, Summer, — ele rosnou.

Então eu fiz. Duro.

Então ele fez. Tão duro quanto.

E eu me senti despedaçada. Quebrada aberta. Em um milhão de pequenos pedaços de Summer.

E nada nunca já se sentiu mais certo.

17.

Reign

Ela segurou depois, suas pernas em torno de meus quadris, os braços ao redor das minhas costas. As costas que ela tinha aberto com suas garras. Seu corpo tremia em réplicas e enterrei meu rosto no pescoço dela até que ela afrouxou. Inclinei-me, beijando seus lábios com força antes de me afastar, caminhando para o banheiro para lidar com o preservativo e me recompor.

Porque alguma merda desceu naquela cama.

Algo que não entendi.

Não queria nem tentar.

Mas algo aconteceu.

E eu precisava obter a porra da minha cabeça no lugar.

Não era apenas o sexo. Ainda assim, foda, o sexo...

Eu tive mais do que minha cota de mulheres. Eu tive duas ou três ao mesmo tempo. Eu empurrei na bunda de uma garota enquanto ela comia a outra garota. Eu tinha duas cadelas lutando por chupar meu pau. Eu fiz todas as coisas sórdidas que você poderia imaginar, deixando a sujeira se instalar na minha alma.

Eu conhecia o bom sexo.

Mas estar dentro de Summer, na boca, na buceta dela... estar dentro dela estava num outro nível. Um nível que eu não sabia existia. Um nível que planejei passar muito tempo explorando no futuro.

Mas não era o sexo de novo nível. Era outra coisa.

Algo que me fez querer obter um colete com — Propriedade do Reign— feito para ela. Algo que me fez querer agarrá-la, jogá-la na minha moto, e tornar a foder com ela. Longe de V e suas memórias. Longe dos meus homens. Apenas longe. Apenas nós dois. Sem mais responsabilidades, sem mais medo.

Porque eu sabia uma coisa sobre Summer Lyon.

Ela não foi feita para um homem como eu. Com uma vida como a minha.

Ela era para apartamentos de cobertura e roupas de grife e segurança.

Ela foi feita para a vida limpa.

E eu não era nada além de violência, sangue e sujeira.

Suspirei, lavando as mãos, voltando para o quarto. Ela estava deitada debaixo dos lençóis, as pernas contra o peito, o rosto meio no meu travesseiro. Abaixei-me debaixo das cobertas e ela fez um som de murmúrio, meio adormecida, aconchegando-se no meu peito quando me deitei.

Ela dormiu.

Eu fiquei acordado.

Mais tarde. Um monte mais tarde. Mais perto da manhã do que da noite, duas batidas tocaram na minha porta. Então houve uma pequena pausa. Então, três batidas.

Porra.

Saí debaixo de Summer, olhando para ela murmurar algo em seu sono e enrolar-se novamente, dormindo morta. Peguei minhas calças, levantei até as minhas pernas, e fiz meu caminho até a porta.

E lá estava Cash. E Wolf.

— Que porra é? — Perguntei, esfregando uma mão sobre a barba no meu rosto.

— Os meninos pegaram alguém no terreno, — Cash disse, sua mandíbula apertada.

— Quem? — Eu perguntei, voltando para dentro, pegando uma camisa fora da cômoda, depois pegando minha chave e colocando-a no meu bolso.

— Nós pensamos que é um dos garotos de V.

— O quê? — Eu meio que gritei, tencionando, olhando por cima do ombro, para ver Summer ainda dormindo.

Entrei no corredor, fechando e trancando a porta.

— Não sei, cara. Ele não está falando. Mas quem mais poderia ser?

Eu acenei com a cabeça, subindo pelo corredor. — Bem, eu acho que nós temos que porra fazê-lo falar, então, não é? — Perguntei. — Ele está no galpão? — Eu perguntei e Wolf acenou com a cabeça para mim. — Quem está com ele?

— Um dos prospectos, — disse Cash, parecendo desconfortável como eu me sentia com essa perspectiva. — Ele está algemado.

Rasguei através do complexo, atravessando o campo em uma corrida morta, destrancando a porta, Cash ou Wolf, lembraram-se de fazer seu caminho para me encontrar.

O galpão era de uma madeira normal que reforçamos com material de isolamento acústico e blocos de cimento e chumbamos um dreno no chão.

Um monte de sangue foi derramado no galpão.

E parecia que esta noite haveria muito mais.

No interior, o prospecto estava a três metros de distância do homem algemado na cadeira, as pernas abertas, uma mão enrolada em um punho, uma segurando um bastão, os nós dos dedos brancos de segurar tão forte. Ele teve um gosto de sangue. Gostava disso nos meus homens.

— Novato, — eu disse, minha voz grosseira.

Ele se virou, jovem. Mas forte. Feroz. Eu não sabia muito sobre os prospectos até que eles fossem remendados. Mas este tinha um passado. Você podia ver na dureza em seus olhos azuis escuros. Você podia ver isso claramente na cicatriz que corria pelo lado do seu rosto, cortando na saliência afiada de sua mandíbula. Ele tinha visto alguma merda. Ele tinha feito alguma merda. Ele iria fazer isso nos Henchmen. Não havia dúvida sobre isso. — Prez, — disse ele, apontando o queixo para mim e voltando a inclinar-se contra a parede.

— Você o pegou?

Ele acenou com a cabeça. — Drifter o viu, mas ele foi derrubado.

— Ele está respirando?

— Doc está com ele, — ele concordou.

— Bom trabalho... — Eu parei, não tendo vergonha de não saber o nome dele.

— Repo, — ele forneceu, balançando a cabeça, silenciosamente indo para a porta e saindo, sabendo que era um negócio oficial e ele ainda não estava no círculo íntimo.

Olhei para o cara na cadeira. Alto e musculoso. Cabelo castanho. Olhos azuis brilhantes. — Que porra estava fazendo na relva dos Henchmen? — Perguntei, sentindo meu cansaço escapar, substituído com o sangue recarregando minhas veias.

— Tomando um pequeno passeio de manhã cedo, — ele disse casualmente, sorrindo.

Ótimo. Ele ia ser difícil.

Bem, pelo menos eu poderia aproveitar meu tempo com ele.

Meu punho inclinou para trás, balançando para frente, e aterrissando com força suficiente na mandíbula do homem para ouvir um estalo. Seu pescoço voou na outra direção, mas ele simplesmente o soltou, sorrindo com sangue na boca.

— Não vai obter merda de mim, cara. Você pode ser ruim. Mas eu conheço pior.

— Você trabalha para V? — Eu perguntei, meu punho pousando no nariz antes mesmo de ter uma chance de pensar em responder.

Tudo o que consegui foi uma risada.

E eu vi vermelho

E então eu derramei.

Muito disso.

— Prez, — disse Wolf, suas mãos agarrando meus braços e me puxando para trás. Eu lutei contra seu aperto por um minuto, meu

sangue fluindo demasiado duro em meus ouvidos para pensar direito. — Não chegando a lugar algum, — fundamentou Wolf.

Eu respirei, estabelecendo-me o suficiente para Wolf me deixar ir, olhando para o saco de pancadas que eu tinha feito do invasor. Que ainda estava apenas sentado ali, sorrindo.

— Foda-se, — gritei.

— Bro, — Cash cortou, apoiando-se contra a parede, os braços cruzados. — Pense que talvez você deve trazê-la para baixo? — Perguntou.

— Trazer quem para baixo?

— Você sabe quem, — ele respondeu, uma sobrancelha levantada. — Ela pode nos dar provas.

— De jeito nenhum, — eu disse imediatamente, pensando em Summer dormindo na minha cama - pacífica, fodida feliz.

— Único caminho, — fundamentou Wolf.

Eles estavam certos. Eu sabia que eles estavam certos. E essa foi a pior parte.

Eu queria que houvesse outra escolha. Qualquer outra escolha. Mas eles estavam certos.

Eu tinha que pedir isso a ela.

E ela poderia nunca me perdoar por isso.

— Tudo bem, — Rosnei, decolando em direção à porta. — Você fica aqui, — eu disse a Wolf, batendo a porta.

Mas acabei batendo em Cash enquanto ele me seguia. — Yo retarde essa porra, — disse ele, olhando para o sol subindo lentamente.

— O quê? — Eu rosnei, parando para olhar para ele.

— Pense que talvez você deveria pelo menos lavar as mãos antes de ir lá? — Perguntou ele.

Eu olhei para baixo. E novamente... ele estava certo.

Entrei no clube, esfregando o melhor que pude, mas não havia nada que eu pudesse fazer com a minha camisa. Então saí em direção aos quartos.

Onde encontrei uma multidão de homens e mulheres semivestidos, de pé no corredor, todos parecendo alarmados.

— Que porra vocês todos... — Eu comecei, e então ouvi.

Gritando.

Summer gritando.

Saí para a porta correndo, esfaqueando a chave, atirando a porta aberta, acendendo a luz. E lá estava ela, ainda debaixo das cobertas, enrolada ao seu lado, profundamente adormecida. Gritando.

— Porra, — eu disse baixinho.

— Ela está bem? — Uma das cadelas perguntou, parecendo preocupada.

— Tem um passado, — eu disse vagamente, batendo a porta na cara deles.

Caminhei em direção à cama, ajoelhando-me ao lado, e estendendo a mão para o ombro dela. No segundo que minha mão a tocou, seus olhos se abriram: selvagens e sem ver por um momento.

— Está tudo bem. Você está bem, — eu disse, tentando ser calmo, mas minha voz estava muito na borda para tirar isso.

— Qual é o problema? — Ela perguntou imediatamente, sentando-se, o cobertor acumulando em torno de seus quadris, me dando uma visão exuberante de seus peitos perfeitos. Seus olhos foram sobre meu rosto, depois para baixo em minha camisa. — Você está sangrando!— Ela jorrou, os olhos arregalados.

— Não é o meu sangue, — eu disse, estendendo a mão para acariciar meus dedos por sua bochecha.

— O que está acontecendo? De quem é o sangue?

Suspirei profundamente. — Estava esperando que você pudesse ajudar a me dizer isso.

Seus olhos piscaram por um segundo. — Como?

Minha mão foi para sua coxa, apertando-a. — Meus caras pensam que pegaram um dos caras de V, — comecei e seu corpo inteiro ficou tenso como um arco. — Relaxe. Ele não vai te tocar, — eu tentei, mas, se alguma coisa, ela ficou mais tensa. — Ele não vai falar. Eu tentei.

— Esse é o sangue dele, — disse ela, olhando para a minha camisa.

— Como eu disse... tentei. Precisamos da confirmação de que ele é um dos do V. — Sua cabeça caiu, olhando para a cama, seus dentes mordendo o lábio. — Se você não pode fazer...

— Eu vou fazer isso, — ela me surpreendeu dizendo, seu tom duro. Duro. Eu nunca tinha ouvido sua voz assim antes.

— Babe...

— Eu disse que vou fazer isso, — disse ela, afastando o cobertor de cima e indo em busca de suas roupas.

— Summer... — Eu disse, olhando para ela apanhando ao redor, arrastando a calcinha por suas pernas e lutando em suas calças. — Eu não estou levando você lá enquanto você estiver me desligando.

— Eu não estou te desligando. Estou me vestindo, — ela grunhiu de volta. Grunhiu. E foi tão inesperado, encontrei-me sorrindo.

— Babe. Se sua cabeça não está certa...

— Oh meu Deus, — disse ela, arrancando uma camiseta preta pra baixo de seu corpo e se virando para me encarar. — Pare de se preocupar sobre a minha cabeça. Minha cabeça está bem.

— O olhar estranho em seu rosto diz diferente.

— Eu só fui fodida até a inconsciência, então acordei de um pesadelo para você me dizer que um dos monstros do pesadelo está aqui. Desculpe se o meu rosto está um pouco fora. Você está me levando para vê-lo ou o quê?

Talvez eu estivesse errado sobre ela. Eu sorri, encolhendo os ombros. — Sim. Vamos.

18.

Summer

Eu não estava mentindo quando disse que tinha sido fodida até a inconsciência. Eu quase não conseguia manter meus olhos abertos depois. Eu nem sabia que ele saiu até ele me acordar. Então acordei de outro pesadelo gritante para encontrá-lo sentado lá coberto de sangue.

Meu coração voou na minha garganta.

Eu tinha me acostumado a ver meu próprio sangue. Tanto que não me preocupei depois de um tempo. Mas vendo o sangue de outra pessoa. Vendo o sangue de Reign. Sim, isso fez algo comigo por dentro que não entendi bem.

Mas não era o sangue dele.

— Meus caras pensam que pegaram um dos caras de V.

Não posso descrever esse sentimento. A barriga rolando, suor proveniente de seus poros, sentindo arrepios em todo o seu corpo.

— Se você não pode fazer isso...

— Eu vou fazer, — eu disse, meu tom mais forte do que pensava que seria. Uma menção de V e seus homens tinha meu interior virando ácido. Mas identificá-lo significaria algo. Isso significaria que eles poderiam obter informações. Isso significaria que eu estava um passo mais perto de estar segura. Então, se tudo o que tinha que fazer era valsar e acenar com a cabeça, bem então... Eu ia fazer a minha maldita parte.

Saltei da cama, encontrando minha calcinha e calças e rapidamente entrei nelas.

— Babe. Se sua cabeça não está certa...

Jesus Cristo.

Com os comentários sobre o meu cérebro. Isso era o que? A terceira vez? Primeiro porque eu estava em um pequeno acidente de

carro. Então, por ter passado por algum trauma. E agora, porque estava disposta, felizmente, a ajudá-lo e seus homens a descobrir de onde seu intruso veio?

— Oh meu Deus, — eu disse, arrastando uma camiseta preta para baixo do meu corpo e me virando para encará-lo. — Pare de se preocupar sobre a minha cabeça. Minha cabeça está bem.

Eu respirei fundo quando ele finalmente (quero dizer, sério, quem luta quando você concorda em fazer o que eles vieram e acordaram e lhe pediram para fazer, em primeiro lugar?) me levou para o corredor. As coisas ainda estavam silenciosas no complexo, a maioria das pessoas dormia ou transava.

A mão de Reign foi para minha parte inferior das costas, pressionando forte. Tranquilizador. E, ao mesmo tempo, predatório. Meu interior ficou líquido.

Então estávamos caminhando para o quintal e virei minha cabeça para olhar para ele, sobrancelhas juntas. — Onde estamos indo?

— O galpão, — disse ele, balançando a cabeça para frente.

O galpão. Certo. Então eles tinham mais de um lugar para a tortura. Isso era, de certa forma, bom saber.

Caminhamos até encontrar Wolf de pé ao lado da porta. Ele acenou com a cabeça para mim, mas havia trabalho acontecendo atrás de seus olhos claros. — Mulher, — ele me cumprimentou, tirando a barra da porta e entrando.

Reign o seguiu, parando na entrada, com as mãos nos meus ombros. — Olhos querida, — ele disse, seu tom suave. — Estou bem aqui, — ele disse, me surpreendendo. — E Cash e Wolf estão lá também. Você está segura. Ele não pode tocar em você. Você nem precisa dizer nada. Basta acenar com a cabeça e sair se precisar. OK?

Alguma coisa sobre a sua gentileza me fez sentir como aço. Eu acenei com a cabeça para ele e o vi virar as costas e entrar.

Tomei outra respiração profunda.

Eu poderia fazer isto.

Eu ia fazer isso.

Eu não era a única acorrentada neste momento.

Ele era.

Eu tinha o poder.

Entrei, batendo a porta atrás de mim.

A primeira coisa que me atingiu foi o cheiro de sangue. Era um aroma que eu estava intimamente familiarizada.

Era quase insuportável.

A segunda coisa que me atingiu foram os olhos dele. O brilhante, azul brilhante. O tipo de azul que poderia ser leve mesmo no escuro. Como os olhos amarelos de um gato perfuram o preto da noite. Isso era o que seus olhos eram.

Deke.

Eles tinham o fodido Deke.

E estava congelada.

Eu não poderia dizer o porquê. PTSD ou simplesmente choque antigo.

Mas tudo que eu podia fazer era olhar.

Ele tinha sido espancado. Seriamente. E a partir da aparência da camisa de Reign, o espancamento tinha vindo dele. Eu tive um sentimento de satisfação doente com isso. Seu lábio estava aberto, seu olho ensanguentado, seu nariz quebrado. E era apenas o que eu podia ver. Eu tinha certeza de que havia contusões no corpo. Que se eu puxasse sua camisa, haveria contusões. Azul e roxo. O vermelho hediondo de costelas quebradas. Uma parte de mim realmente queria ver.

Mas esse pensamento voou para longe quando seus olhos pousaram em mim.

E ele sorriu.

Sorriu.

Sem medo. Sem dor.

Pura diversão.

Atrevo-me a dizer... condescendência?

Esse filho da puta.

Ele deveria ter medo. Tremer. Implorar. Ele deveria se sentir preso e aterrorizado.

Era suposto ele sentir o mínimo de como me fez sentir por meses.

Ele estava me olhando como se ainda estivesse agachado sobre mim no porão de V, se preparando para bater o punho no meu rosto.

Bem…

Foda-se. Isso.

Eu conhecia a raiva de uma maneira isolada. Uma pequena chama as vezes quando meu pai dizia algo fora de hora ou uma amiga dizia algo que parecia desnecessariamente mal-intencionado. Ou quando alguém me cortava no trânsito e então se esquecia de usar o pedal do acelerador depois. Coisas pequenas. Coisas diárias. O tipo de coisas que causavam um pouco de calor, algumas palavras rudes.

Mas isso não era raiva.

Isso era fúria.

Minhas mãos enrolaram em punhos aos meus lados, meu ar soprava forte no nariz, o calor subia para a superfície da minha pele, e cada centímetro de mim sentia como se estivesse zumbindo.

— Summer? — A voz do Reign me alcançou, soando quase preocupado. Mas veio a mim como se estivesse longe. Porque, para mim, ele não estava mais lá. Nem Cash ou Wolf. Era só eu e um dos meus demônios.

E eu não estava mais encolhida e gritando.

— Cherry, você está bem? — A voz de Cash passou por mim.

Antes que a decisão fosse tomada na parte racional do meu cérebro, eu voei para ele. Eu atravessei o piso antes que alguém pudesse sequer piscar. Meu punho fechado inclinou-se para trás e

balançou com cada pedaço do meu (sem dúvida, não muito) peso. Mas falta de peso a parte, desembarcou com uma rachadura satisfatória, fazendo sua cabeça estalar, e enviando um choque de dor através de meus dedos e meu braço.

Mas a dor não era nada novo.

E certo como a merda não ia me parar.

— Você, filho da puta, — Rosnei, batendo meu punho duro perto de sua cavidade ocular.

Em seguida, foi apenas pura adrenalina e instinto. Minhas mãos, unhas, punhos, bateram, arranharam, perfuraram em todos os lugares ao alcance: face, peito, estômago. Um joelho duro na virilha que finalmente fez o sorriso dele escorrer e um gemido escapar de sua boca.

Senti como se eu fosse por ele para sempre, encontrando um profundo poço de raiva embaixo da superfície, cheio de lembranças, pesadelos. Cheio de cada momento de impotência e humilhação. Cheio, tão cheio que eu tinha certeza de que nunca chegaria ao fundo. Que poderia vencê-lo em uma pilha de carne irreconhecível e nem gastar metade da raiva.

Então um braço girou em minha cintura, apertado, espremendo, puxando-me para trás enquanto tentava continuar batendo.

— Acho que foi meu assentimento, hein? — A voz divertida de Reign falou no meu ouvido.

O som fez diminuir o vermelho tomando todo o meu corpo, movendo-me rapidamente para trás, fazendo-me bem consciente da dor nas minhas mãos, o sangue sobre elas, a realidade do que eu fiz, o fato de ter uma audiência.

Meus olhos cruzaram os de Cash e Wolf. Wolf parecia divertido, seus lábios virando tão ligeiramente, enrugando ao lado de seus olhos.

Cash encolheu os ombros para mim. — Acho que você ganhou isso, hein? — Ele perguntou, me dando um sorriso.

Olhei de volta para Deke, cujo sorriso permanente parecia faltar. Seus olhos estavam em mim.

— Você vai matá-lo? — Perguntei, minha voz quase vazia. Porque eu não me importava. Eu deveria ter me importado. Ele era um ser humano. Ele estava amarrado. E eu tinha certeza de que eles iriam tirar o último suspiro dele. Uma pessoa normal ficaria horrorizada. Tudo o que eu podia sentir era esperança.

— Sim, querida, — Reign disse no meu ouvido, ainda me puxando para trás.

Meus olhos voltaram para Deke. — Apodreça no inferno seu filho da puta.

Então fui levada para fora, a porta batendo e fechando.

— Deixe-me ir, Reign, — Lutei, apenas para ser puxada para cima, fora de meus pés e levada através do campo por minha barriga.

Como ele conseguiu andar de volta, segurando uma mulher que lutava contra seu peito, e não perder um passo estava totalmente além de mim. Paramos de andar e senti Reign encostar contra a parede do complexo. Meus pés tocaram de volta o chão, mas sua mão ficou em volta da minha cintura.

— Respire, — ele exigiu, sua voz baixa.

Eu chupei o ar, sentindo que se acomodava dentro. — Você pode me deixar ir. Eu não vou fazer uma corrida para ele.

— Eu vou segurar você por mais um minuto, — disse ele. — Como estão suas mãos?

— Elas estão bem.

— Summer... — ele disse, a voz soando como se ele estivesse tentando colocar uma razão sobre mim.

— Bem. Elas doem como uma cadela.

Sua risada fez o cabelo ao lado da minha orelha movimentar, seu corpo tremendo ligeiramente contra mim. O som estava fazendo todo o tipo de coisas para atrapalhar a raiva e substituí-la por outra coisa. — De todas as coisas que eu esperava que acontecesse naquele quarto, — ele começou, sua mão se afrouxou um pouco ao redor da minha cintura. Não precisava estar lá. Eu estava inclinando minhas costas contra seu peito. — Essa foi uma com a qual eu não tinha contado.

— Quais eram as outras opções? Eu congelar? Ou começar a pirar e chorar ou algo assim?

— Basicamente.

— Você acha que eu sou tão fraca? — Perguntei, sentindo uma onda estranha de tristeza ultrapassar-me. Talvez, na minha vida antes de tudo, talvez eu estivesse bem, vista como suave e feminina. Talvez eu tivesse tomado uma pequena quantidade de orgulho nisso. Mas isso foi antes. Isso foi antes que eu fosse levada e drogada e batida e morta de fome. Isso foi antes de saber que suavidade significava - impotência. Isso foi antes de saber que a pior coisa que uma mulher poderia ser na vida é fraca.

— Eu não acho que você é fraca, — ele disse, sua voz firme.

— Certo, — eu disse, secamente.

O braço dele apertou novamente minha barriga. — Summer. Você não é fraca. Você passou por uma merda que a maioria das pessoas nunca teria imaginado sonhar em um pesadelo. Você sofreu e você sobreviveu. Você não é fraca. Mas achei que você sentiria que ele ainda tinha algum poder sobre você. Isso não é fraqueza. Isso é trauma.

— Eu não me senti sob seu poder, — eu disse, perdendo alguma tensão nos meus ombros. — Eu me senti poderosa. E queria que ele soubesse o que sentia estar sob meu poder. Eu queria que ele se machucasse como costumava me machucar. E eu sei que é

errado de mim. É como... mal... mas estou feliz que você está indo matá-lo.

— O fodido tem que pagar, — ele disse simplesmente, repetindo seu mantra de vingança.

— Ei Reign? — Eu perguntei depois que um silêncio caiu.

— Sim, baby?

— Quando você pegar Martin...

— Sim? — Ele perguntou quando eu parei, mordendo meu lábio, sentindo todos os tipos de torção por dentro.

Respirei fundo e apenas... disse isso. — Facas.

Seu braço apertou dolorosamente. — Feito, — ele disse, seu tom uma promessa.

E então sua mão se foi da minha barriga, ambas as mãos agarrando minha cintura enquanto ele saía de trás de mim, então me bateu contra a parede. Duro. Forte o suficiente para ver estrelas por um segundo. Mas eu não me importava. Porque então seus lábios estavam nos meus. Quente. Intenso. O tipo de beijo que tinha certeza de que ninguém mais da Terra era capaz. Queimou. Queimou através da minha pele e na minha alma.

Suas mãos foram ao lado do meu rosto duro, sentindo como se estivesse esmagando meus ossos debaixo deles enquanto a língua escorregava na minha boca.

— Reign... — Eu gemei contra seus lábios.

Mas então, sua mão escorregou do meu rosto, sem fazer nenhum show de flerte enquanto deslizavam para baixo da cintura de minhas calças e na minha calcinha, acariciando meu clitóris.

— Oh, meu deus, — afastei-me, minha cabeça inclinando-se para olhar o céu quando sua boca foi no meu pescoço, mordendo o suficiente para eu gritar, depois sugar.

Seu dedo deslizou pela minha fenda, pressionando dentro de mim rápido e empurrando forte, fazendo minhas pernas se sentir fracas debaixo de mim.

Nada nunca tinha sido assim antes.

Pensei que compreendia os diferentes tipos de sexo.

O lento, doce fazer amor.

As rapidinhas divertidas e principalmente satisfatórias.

O sexo com raiva.

Mas esta era outra liga que eu nem sequer conhecia.

Isso era duro, rápido e atrevido e tão quente que pensei que minhas calças iriam pegar fogo.

Seu dedo deslizou para fora de mim e meu punho bateu com força em seu ombro. — Não, — eu gemi, sentindo a necessidade como uma sensação arranhando por dentro.

Reign não disse nada, apenas me agarrou, me virou e me empurrou contra a parede. Suas mãos foram à minha cintura novamente, mas desta vez ele agarrou e puxou minha calça e calcinha para baixo. Rápido. Seus dedos coçando as costas das minhas coxas quando ele fez.

— Espalhe suas pernas, — ele ordenou no meu ouvido, sua boca parecia estar apertada.

Minhas pernas alargaram.

Coloquei meus braços na parede do prédio, empurrando um pouco fora dele. Somente para que Reign se afastasse e empurrasse o lado do meu rosto contra ele novamente, me segurando pela parte de trás do meu pescoço. Sua outra mão desceu atrás de mim, batendo duro na minha bunda uma vez.

Seus pés foram entre os meus, chutando-os mais amplos.

Então seu pau bateu dentro de mim.

Inesperado.

Duro.

Duro o suficiente para fazer meu quadril empurrar para frente e bater contra a parede.

— Foda, — gritei, empurrando meus quadris para trás, arqueando minha bunda para dar-lhe melhor acesso.

Seu rosto inclinou-se para o meu, a boca na minha orelha. — Eu vou…

Senti minha cabeça sacudir. — Cale a boca e me fode, — eu disse, interrompendo-o.

Sua risada fez meu estômago vibrar.

Então ele estava me fodendo. Duro. Profundo. Mais profundo do que pensava ser possível. Sua mão ficou na parte de trás do meu pescoço, a outra indo para o meu osso ilíaco e enrolando nele, forte o suficiente para me fazer morder meu lábio para não reclamar.

— Eu quero ouvir você, — ele disse perto da minha orelha enquanto enfiava profundamente.

— Cash e Wolf... — Comecei a objetar, sabendo que estavam a poucos metros de distância.

— Foda-se Cash e Wolf. Eu não me importo se todo o fodido complexo ouvir você gritar enquanto fodo você.

Seus impulsos vieram mais rápidos, sua mão escorregando do meu osso ilíaco e serpenteando ao redor da minha cintura, me segurando parada enquanto ele batia em mim.

— Foda-se... oh, merda... — Encontrei-me gemendo, não mais me preocupando com Cash ou Wolf ouvirem. Nem mesmo ciente de que essas pessoas ainda existiam. Tudo o que havia era eu e Reign. Tudo o que havia era a mão pressionando em meu pescoço, seu pau batendo dentro de mim, sua respiração sibilando em meu ouvido. Meu corpo estava empurrando para cima com cada impulso. — Você gosta duro, não é? Essa é minha boa putinha, — ele disse, seu pau rápido, implacável, não dando ao meu orgasmo começando um segundo para jogar peekaboo. — Você quer isso mais duro?

Isso poderia ficar mais duro?

— Sim, — suspirei, pressionando de volta para ele.

— Porra, — ele rosnou. — Eu vou te foder tão duro que a qualquer momento que você se mover amanhã, você vai se lembrar de meu pau nessa sua pequena buceta apertada, — alertou.

E então ele fez.

Meus gemidos se tornaram uma série de maldições, de suplicas, de gritos de seu nome.

Então meus sons foram pegos e sua mão passou da parte de trás do meu pescoço para frente, pressionando minha garganta com força, cortando meu suprimento de ar enquanto o orgasmo passava pelo meu corpo, as pulsações tão fortes que eram quase dolorosas. Sua mão se afrouxou ligeiramente e gritei seu nome.

Sim. Gritei.

Eu estava muito longe para me importar.

Seu pênis bateu forte para frente. Enterrando profundamente enquanto seu corpo se sacudiu. — Foda, — ele rosnou, esmagando o braço em volta da minha barriga.

Eu desci lentamente, todos os meus sentidos pareciam embotados.

Puta merda.

Puta merda.

Eu pensei que sabia uma ou duas coisas sobre os orgasmos. Eu tive o meu quinhão ao longo dos anos. Pelos seletos poucos homens com quem namorei. Por minha própria mão. Por vibradores. Mas nada nunca tinha se sentido assim. Como se me rasgasse em pedaços. Como se me colocasse de volta junta.

Eu ouvi os grilos chilrear. O vento soprar. E de repente estava muito consciente de que estava de pé no meio de um complexo de motociclistas com minhas calças para baixo em torno de meus tornozelos. Senti-me tensa e Reign riu, inclinando-se para frente e mordendo a minha orelha antes de sair de mim. Ele caiu de joelhos, agarrando minha calça e calcinha e puxando-as de volta para cima, beijando minha bochecha da bunda antes de desaparecer sob o material.

— Vire-se, — disse ele quando não fiz imediatamente.

Levei uma respiração trêmula e me virei, não confiando inteiramente em minhas pernas para me manter em pé. Eu afundei meus quadris de volta contra a parede, estremecendo um pouco na sensação já sensível entre minhas coxas.

— Merda, — ele disse, seus olhos ficando preocupados.

— O quê? — Eu perguntei, os olhos se abrindo.

Sua mão foi para cima, acariciando meu cabelo atrás de minha orelha antes de arrastar um dedo pelo lado do meu rosto. Que de repente machucou. Seu dedo voltou com um ligeiro toque de vermelho. — Você está bem? — Ele perguntou.

Minha mão subiu automaticamente, tocando o pequeno corte na minha têmpora de ser pressionada contra a parede. Eu olhei para seus olhos preocupados. E não pude evitar.

Eu ri.

Sua sobrancelha levantou, olhando para mim. — Summer...

— Oh, não venha com esse 'Summer' comigo nesse tom, — Eu sorri. — Estou bem. Esta é a minha primeira lesão relacionada ao sexo, — declarei, me encontrando rindo novamente.

Os olhos de Reign iluminaram e seu lábio começou a contrair-se. — Você esteve perdendo, — declarou ele.

Eu encontrei-me acenando com a cabeça, minha cabeça caindo para o lado um pouco, meus cílios tremulando. Flertando. Eu estava porra flertando com o homem. O que estava acontecendo comigo? — Você vai me ajudar a recuperar o tempo perdido?

O espasmo virou um sorriso malicioso. Estendeu a mão, pressionando entre as minhas pernas. — Dolorida ainda?

— Sim, — admiti.

— Missão cumprida, — ele disse em todo seu orgulho masculino satisfeito. — Te dizer o que. Amanhã de manhã, eu acordo com você me chupando... Eu vou alegremente ver de quantas maneiras diferentes podemos te marcar. Parece bom?

Parecia. Parecia bom.

E estava bastante certa de que não era normal.

Mas não me importava.

— Parece bom, — concordei, sorrindo.

— Bom. Mas agora... tenho alguns negócios para cuidar, — ele disse com cuidado, como se fosse cauteloso trazer o tópico do homem algemado numa cadeira a alguns metros de distância.

— Tudo bem, — eu disse, minha voz um pouco orgasmo-alegre.

— Você quer que eu te leve de volta... — ele começou.

— Eu acho que posso encontrar meu caminho, — eu disse, empurrando fora da parede, agarrando a parte de trás do seu pescoço e puxando em direção a mim para um beijo. O que ele me deu. Alegremente.

Eu fui para os degraus da entrada do complexo. — Vejo você pela manhã, — eu disse, minha voz cheia de insinuações.

— Sim, babe, — ele disse, me dando um olhar estranho.

— Divirta-se, — acrescentei.

E então ele me deu um olhar muito estranho. Seguido por um pequeno sorriso. — OK.

19.

Reign

Divirta-se? Divirta-se?

Isso era tudo que eu poderia pensar enquanto fiz o meu caminho de volta para o galpão.

Ela me disse para me divertir enquanto eu... matava um homem? Concedido, ele era uma pequena vida, pedaço de merda, mas ainda assim.

Porra.

Aparentemente, eu realmente a subestimei.

Eu realmente esperava que ela quebrasse quando entrou naquele galpão. Que me olhasse com lágrimas em seus cílios. Para virar e correr. Qualquer coisa. Literalmente, tudo menos assistir a raiva ultrapassar suas características perfeitas durante um longo minuto antes que ela, foda... voou para ele.

Meus olhos foram direto para Cash, que estava sorrindo seu fodido traseiro, balançando a cabeça. Então, para Wolf que tinha uma sobrancelha levantada, os lábios franzidos ligeiramente, acenando com a cabeça para ela.

Eles gostavam dela.

Isso significava algo para mim.

Por que isso significava algo para mim estava completamente além de mim. Mas significava.

Eu estava indo deixá-la ir enlouquecida sobre o homem até que ela percorresse sua merda. Ela ganhou esse direito. Ela não recebeu um adiamento. Por que ele deveria conseguir um? Mas Cash tinha aclarado a garganta e encolheu os ombros. — Ela vai se machucar, — ele disse calmamente.

E ele estava certo. Do jeito que ela estava indo, jogando todo seu peso em cada soco, acabaria quebrando as mãos. Então tive que afastá-la. Lamentavelmente. Mas planejei compensá-la mais tarde.

Estava absolutamente indo ter alguma porra de diversão com o cabeça de merda.

Estava completamente chocado que ela me disse isso.

Estava tão malditamente errado sobre ela.

Voltei para o galpão para encontrar Wolf já começando sem mim. Cash tinha algum sangue em suas mãos também.

— Obtiveram alguma coisa? — Eu perguntei, inclinando-me para trás, assistindo ao show. Demorou muito desde que deixei algum deles derramar sangue. Eles eram devidos.

— Apenas que eles a querem de volta.

— Muito foda ruim, — Wolf rosnou, batendo com o punho enorme no estômago do homem.

— Eu tenho que acabar com isso, — eu avisei Wolf, sabendo de sua reputação por deixar sua raiva, seus fantasmas do passado, obter o melhor dele e enviá-lo em algum transe maldito só para sair dele mais tarde para encontrar alguém morto, seus traços irreconhecíveis.

Ele suspirou, o vento foi tirado de suas velas e recuou. Ele bufou o fôlego. — Uma palavra, — disse ele, descendo em direção à porta.

Eu assenti para Cash. — Veja o que você pode obter.

Do lado de fora, Wolf estava andando.

O ritmo de Wolf nunca foi um bom sinal.

— Wolf? — Eu perguntei, ouvindo a cadeira de metal dentro gritando pelo chão. Cash, por todos os seus caminhos jocosos, era um filho de puta violento.

— V? — Ele explodiu, voltando-se para mim. Seu controle estava escorregando. E se ele se perdesse, realmente não havia como dizer do que ele era capaz. — Ela é do V?

Sim. Era hora de preencher Wolf.

Ou eu seria o único que ele entraria em transe e depois perceberia que matou acidentalmente.

— Bem. Eu sei. Parece ruim.

— Mau? Mau!— Ele estava chupando gigantes golpes de ar, as mãos abrindo e fechando.

— Ela não é uma de suas putas, — eu continuei, ignorando sua mandíbula correndo, mas mantendo um olhar atento sobre ele. — V quer que seu pai lhe dê contêineres de transporte. Tomou Summer para forçá-lo a isso. Ela fugiu durante o furacão. Eu a encontrei. Isso é tudo o que há para isso.

— O... clube...

— Não precisa saber disso, — esclareci, meu tom firme.

Seus olhos flamejaram. — Homens. Dele. Aqui.

— Sim. Eu sei. É por isso que, assim que terminar com a corrida, ela está se mudando para outro lugar. Eu só preciso de três semanas, Wolf. Isso é tudo que estou pedindo de você. Ajude-me a mantê-la segura. Mantenha o resto dos homens fora disso.

— Repo, — ele me lembrou.

— Sim, Repo vai ter que ganhar minha confiança ao manter sua fodida boca fechada, — eu disse.

— Por quê? — Ele perguntou, sua respiração desacelerando, seu ritmo parando de repente.

— É pessoal. Não vai ter guerra por uma vingança particular, cara. Não vale a pena o risco.

— Por quê? — Ele repetiu, encolhendo os ombros.

Eu soltei uma respiração. — Ela grita, — eu disse a ele.

Seus olhos foram ao chão, olhando seus pés. — Mamãe gritava, — ele me contou.

— Eu sei, — eu disse, balançando a cabeça. Eu era o único que sabia. Fora pops que estava morto e não contava. Sua mãe gritava. Então seu pai teve que pagar. Brutalmente.

— Quando você precisar de mim, — ele disse, batendo a mão no meu braço.

— Aprecio isso, — eu disse, observando-o arrastar para longe.

Voltei para o galpão, indo para dentro. Assenti com a cabeça a Cash que colocou a cadeira de novo em pé e me observou. — Quer ir trabalhar com essa energia extra com uma das cadelas? — Perguntei, sabendo que era seu M.O. Depois de uma briga, ele precisava de uma foda.

— Sim, — ele disse, batendo no meu ombro até a porta. — Você está bem?

— Oh, eu vou ter um pouco de diversão, — eu disse, sorrindo.

***

Acordei com a língua de Summer deslizando sobre a cabeça do meu pau. Minha mão caiu, afastando o cabelo do caminho, segurando-o no meu punho. Seus olhos se elevaram para os meus. E foda se ela não tinha a porra de um sorriso para mim, em seguida, levou-me profundamente.

Deixei-a chupar-me por alguns minutos, a umidade de veludo de sua boca a melhor forma de acordar. Ouvindo seus gemidos guturais enquanto trabalhava em mim só serviu para me fazer mais duro.

Meu punho agarrou seu cabelo e puxou com força, fazendo meu pau deslizar para fora de sua boca. E lá estava aquele sorriso novamente.

— De quatro.

Suas sobrancelhas se juntaram. — O que…

— De quatro, — Rosnei, virando, agarrando-a e jogando-a sobre o colchão. Ela bateu com um grunhido, depois se ergueu nas mãos e os joelhos, rindo. Enfiei a mão no criado-mudo, rolando um preservativo enquanto observava sua bunda perfeita. — Até onde você quer levar isso? — Perguntei, apertando sua bunda.

Ela virou os cabelos, olhando por cima do ombro para mim. — Tanto quanto posso lidar, — disse ela simplesmente.

E era a porra de coisa certa a dizer.

Ela queria isso.

Eu daria isso a ela.

Eu espanquei sua bunda até as bochechas pálidas virarem um vermelho irritado e seu corpo estremecer com cada tapa. Então enterrei meu pau profundamente em sua buceta, segurando seus quadris, e não dando a ela uma maldita coisa, mas a plenitude. Sem me mover. Não permitindo que ela se movesse. Até que sua buceta começou a apertar em torno de mim, tentando obter algum alívio, até que cada respiração que ela dava ia de encontro a suplicar.

Eu só bati nela duas vezes antes dela vir duro, gemendo alto o suficiente para acordar todo o complexo do caralho.

Virei ela de costas, arrastando-a para a borda da cama e puxando as pernas para cima dos meus ombros. — De quem é esta buceta? — Eu perguntei, levantando seus quadris para cima e enterrando profundamente.

— Foda, — ela gemeu, batendo as mãos na cama enquanto suas costas arqueavam.

— De quem é? — Eu exigi, empurrando para frente duro novamente.

— Reign... — ela tentou, suas bochechas ficando rosa. Então eu poderia espancá-la. Eu poderia dizer merda suja para ela. Eu simplesmente não podia levá-la a ter a conversa suja de volta.

Sim, ela ia ter a porra de superar isso.

— Diga-me ou você não vai porra vir de novo, — eu avisei, o que significava isso. — Quero dizer isso, Summer. Vou te foder até a beira dez vezes seguidas e não deixá-la terminar. — Ela fez um barulho de asfixia infeliz. — Diga-me.

— É sua.

— Isso não é o que eu quero ouvir.

Ela cobriu o rosto entre as mãos, os olhos fechados. — É sua buceta, Reign, — disse ela, parecendo horrorizada com a admissão dela.

— Porra fodida certeza que é, — eu concordei, fodendo com ela rapidamente. Não duro. Apenas rápido. Meus quadris batendo em suas coxas mais rápido do que ela poderia puxar a respiração sem ofegar.

Ela veio duro, atirando na cama, voando para mim, as mãos agarrando-me no meu ombro com tanta força que ela tirou sangue. E nos mandando caindo do lado da cama.

Peguei-a enquanto descíamos, segurando-a no meu peito. Eu bati o chão com um grunhido. Seu rosto estava enterrado no meu pescoço, rindo.

— O quê? — Eu perguntei, tirando o cabelo do meu rosto.

Ela empurrou meu peito para olhar para mim, sorrindo. — Eu pensei que eu era a única que deveria estar recebendo lesões relacionadas com o sexo.

Eu bufei, revirando os olhos. — Nós vamos chegar lá, — eu disse, batendo no seu traseiro dolorido duro, fazendo-a sacudir. — Tenho tempo. Não tenho nada melhor para fazer com ele do que jogar com você ao redor da minha cama. — Puxei-a para baixo em direção a mim, beijando os lábios rechonchudos duro até que ela estava se contorcendo em cima de mim de novo. — Agora seja uma boa putinha e monte meu pau, você faria?

Ela levantou a cabeça e sorriu para mim.

E então ela montou meu pau.

E ela se afastou com contusões no pescoço e nas coxas para combinar com o pequeno corte no rosto.

E ela estava muito fodida feliz com isso.

Foda-me.

20.

Summer

— O que você quer dizer que você está saindo? — Perguntei. OK. Era mais como um grito, mas eu realmente odiava que soou tão estridente.

Mas, o fato da questão era, Reign começou a significar algo.

Não apenas por causa da mudança de vida, da quebra da cabeceira (literalmente, quebramos a maldita cabeceira) no sexo. Embora não sou ingênua o suficiente para não perceber que o sexo era definitivamente um fator. Mas era mais do que isso.

Foi após a nossa manhã de sexo, ele me levou no banheiro e limpou o corte na minha cabeça. Ele cobriu com antibiótico triplo.

Ele beijou minha testa.

Ele beijou minha testa.

Então ele pegou minha mão e me levou para a cozinha, arrumando ovos e torradas com manteiga e me dando café do jeito que eu gostava.

Foi o fato de que, não importa o que estava acontecendo no complexo, ele voltava para a cama à noite e tinha tempo para me beijar, me foder, adormecer ao meu lado.

Era sobre como seu braço ia automaticamente em torno de mim quando um de seus homens caminhava por nós.

Foi a maneira que ele não me mimou, mas ainda conseguiu ser doce.

Duas semanas.

Duas semanas de sexo de manhã, pela primeira vez na minha vida também muito presa em outra pessoa para não me preocupar com a respiração matinal.

Duas semanas de pelo menos uma refeição compartilhada por dia. De seu sexo muito exigente, muito alfa, muito derrete calcinha.

Tentei lembrar-me que eram apenas duas semanas.

Duas semanas não eram nada.

Você mal conhece alguém em duas semanas.

Mas eu o conhecia.

Eu o conhecia.

E ele estava me deixando.

— Summer... — ele começou, sua voz dura. Ele estava encostado na porta fechada do quarto, olhando para mim sentada na beira da cama.

— Onde você está indo? — Eu perguntei, tentando fazer meu tom menos histérico. Eu estava sendo patética. E necessitada. E não como eu.

— Em uma corrida.

— Uma corrida? — Que porra era uma corrida?

— Uma viagem de negócios, — ele esclareceu. Seu rosto era inflexível, seus olhos castanhos não dando nada sobre o que estava por baixo. Esse não era Reign meu amigo da cama, esse era Reign, o presidente dos Henchmen.

— Quanto tempo você vai ficar fora? — Deus, eu parecia uma esposa irritante.

— Estou fazendo o mais curto possível.

Ele não estava me dando nada. Ele estava me deixando sozinha em um complexo que nunca andei sem ele e nem mesmo me daria uma estimativa de quanto tempo estaria em falta?

— Summer... — ele disse, com a voz mais suave, andando na minha direção. Ele se agachou na minha frente, com as mãos em meus joelhos. — Eu não posso te dizer quanto tempo vai ser, porque não sei. Dois dias dirigindo em cada sentido. Então a reunião, eu não tenho ideia. Espere cinco dias, aceite que pode ser mais.

Cinco dias.

Isso não era tão ruim assim.

Eu poderia lidar com isso.

Eu estava bastante segura de que poderia lidar com isso.

— Vou deixar Cash aqui com você.

As minhas sobrancelhas se juntaram. — Ele não deveria ir também?

— Sim, mas ele não vai. Ele fica aqui para que possa ficar de olho em você. Você o conhece. Você está confortável com ele. E é bom ter alguém aqui que sabe sobre sua situação para que eles possam se manter atentos.

Manter-se atentos porque as coisas tinham morrido. Depois que Deke foi eliminado (bom alívio para um lixo ruim), as coisas tinham morrido. E por — morrerem— significava tudo parado. Não havia mais homens de V nas ruas. Não havia mais policiais piscando minha foto em cartazes. Não havia mais homens bisbilhotando as terras dos Henchmen.

Em vez de me confortar, isso me fez preocupar-me ainda mais.

E enquanto Reign não falava sobre isso, dizendo-me, em vez disso, 'deixe o negócio dos Henchmen para ele' (o idiota arrogante), eu sabia que também não se sentia bem com isso. Porque não era V de se afugentar por um lacaio perdido.

— Feche essas engrenagens, — ele ordenou, apertando meus joelhos. — Você vai ficar bem aqui. O lugar mais seguro possível para você. Mesmo que não esteja aqui.

Eu tinha o pensamento forte, irracional, ridículo que nunca estaria segura sem ele por perto.

Então esmaguei a fodida irracionalidade fora.

Porque não ia me deixar ser tão fraca.

— Tudo bem, — eu disse, encolhendo os ombros. — Eu entendo.

Suas sobrancelhas baixaram, como se ele pudesse ver através da minha besteira. Mas levantei o queixo e trabalhei para tornar o meu rosto tão passivo quanto possível.

— Você entende?

— Sim, — eu concordei, puxando minhas mãos para fora das dele. — Embora eu vá sentir falta do sexo, — eu disse, levantando e me afastando dele.

Não cheguei longe.

Ele agarrou minha barriga por trás, me arrastando de volta contra seu peito. — Você vai sentir falta do sexo? — Ele perguntou, sua voz soou meio divertida e meio... outra coisa. Não pude colocá-lo, especialmente não conseguindo ver o rosto dele.

— Sim, — eu disse, minha voz um pouco sem fôlego, ele estava me segurando tão forte. — O sexo tem sido muito bom. Vou sentir falta disso.

— Muito bom? O sexo tem sido... muito bom? — Ele perguntou, seu tom divertido. Ele sabia que eu estava fodendo com ele.

— Bem, — eu disse, fazendo o meu tom soar doce, — tem sido... quase um dia inteiro. Eu acho que estou começando a esquecer se foi bom ou não.

Isso foi o suficiente.

Eu fui virada, minhas calças e calcinha foram tiradas de mim e fui jogada na cama, com camiseta ainda. Então, um momento depois, ele estava em cima de mim, camisa e calças desapareceram. E um segundo depois disso, ele deslizou dentro de mim.

— Você precisa de um pequeno lembrete? — Ele perguntou, mordendo forte em meu lábio enquanto começou a empurrar, seu ritmo sem pressa.

Minhas costas arquearam, minhas mãos indo para os ombros, arrastando minhas unhas. — Mais duro, — eu exigi, tentando moer meus quadris nos dele.

— Não, — ele disse, olhando para mim, continuando seu ritmo tortuoso.

— Reign, por favor, — tentei. Sim. Eu implorei. Descaradamente.

— Eu vou te foder tão forte quanto você quiser, — ele começou e senti minha esperança aumentar, — quando você admitir que vai sentir minha falta.

O que? Não. Inferno não.

Eu iria. Oh meu Deus. Eu ia sentir falta dele.

Mas estava tentando convencer-me de que não faria. Então eu não poderia exatamente ir e admitir isso para ele, poderia?

— Teimosa, — ele disse, balançando a cabeça, balançando os quadris para o meu. Seus lábios abaixaram para os meus, macios e doces, muita língua e mordiscando os lábios. — Eu vou sentir falta dessa doce buceta, — admitiu ele e minha barriga vibrou. — Você vai sentir falta do meu pau, — ele me informou.

— Sim, — admiti, sem fôlego, sentindo o meu orgasmo construindo lentamente.

Sua língua foi até meu pescoço. — E você vai sentir falta da minha língua lambendo e os meus lábios chupando esse doce clitóris seu.

Oh, deus sim.

Mas eu estava além das palavras. Estava no palco dos gemidos guturais.

— E quando eu voltar, — ele disse, sua boca no meu ouvido, sua voz ficando tensa, — Eu vou reivindicar sua bunda. Me enterrar profundamente até que você esteja gritando meu nome.

OhmeuDeus.

— Reign... — eu gemi, empurrando meus quadris contra ele mais rápido, sentindo meu orgasmo surgindo.

— Apenas assim, — ele sussurrou, empurrando profundamente.

E eu bati.

Descendo.

Duro.

Meu sexo apertou-se com força ao redor dele, minhas pernas tremendo com a sensação, quando comecei a ofegar, meus dedos cavando em seus ombros.

Reign me seguiu um momento depois, meu nome em seus lábios, enquanto se enterrava em mim, seu rosto no meu pescoço.

Puxei uma respiração instável, minha mão se movendo para cima em seu cabelo. — Eu vou sentir sua falta, — admiti em voz baixa.

Ele empurrou-se para olhar para mim, um sorriso lento, preguiçoso no rosto. — Sim, você vai.

***

— Abra, Cherry, — Cash exigiu.

Ele tinha uma chave. Eu sabia que ele tinha uma chave. Mas ele não usava. Não importava que não estivesse saindo do quarto de Reign em dois dias e ele estava preocupado, ele ainda não ia abrir.

— Deixe-me em paz, — eu disse, rolando na cama.

— Eu tenho um presente para você.

Bem.

Ele certamente sabia como chamar a atenção de uma garota.

— Que tipo de presente? — Perguntei, já sentando.

— Abra a porta e veja.

Augh.

As coisas que uma garota poderia fazer para ter uma surpresa.

Saí da cama, destrancando a porta e abrindo.

E lá estava Cash, sorriso encantador no rosto, parecendo fresco como uma margarida às sete (sim... SETE) pela manhã. — Bela cabeceira de cama, — ele disse, sorrindo com mais força.

— Cale a boca e me dá meu presente, — eu disse, abaixando os olhos para ele o que só serviu para fazê-lo rir.

Mudou-se para a sala, deixando-me seguindo atrás, olhando para o saco na mão. Sentou-se ao pé da cama. — Este presente vem com uma condição.

Claro que sim.

— Que condição? — Perguntei, cruzando meus braços sobre meu peito.

— Você sai e come alguma coisa, — ele disse simplesmente.

À menção de comida, minha barriga fez um pequeno resmungo. Cash recusou-se a levar comida para o meu quarto e eu me recusei a sair. Estávamos em um impasse.

— Reign está muito chateado que você não está comendo.

— Você falou com ele? — Perguntei, me encolhendo na carência na minha voz.

— Sim, querida. Eu falo com ele todos os dias que ele está em uma corrida. Ele verifica as coisas por aqui.

— Certo, — eu disse, suspirando. — Bem. Vou descer. Apenas para o café da manhã, — expliquei.

— Tudo bem, eu vou pegar isso, — ele disse, colocando a bolsa e alcançando dentro. — Por mais que você goste dessas horríveis sapatilhas que você está usando ao redor, — disse ele, apontando para o par de sapatilhas pretas que ele me trouxe no meu segundo dia no complexo, — as cadelas dos Henchmen usam estes, — ele me informou, puxando um par de botas de combate de couro duronas.

Tudo bem. Eu sempre tinha sido uma garota feminina. Eu tinha um armário cheio de saltos caros. E quero dizer... saltos. De quebrar o tornozelo, alto e fino. Eu usava como se eu nasci para isso. Dia e noite.

Mas as botas em suas mãos me encheram com uma onda de algo que só poderia descrever como excitação. Estendi as mãos — gentilmente— e ele sorriu, entregando-as para mim. Abaixei-me, escorregando-as, amarrando-as vagamente e admirando-as. — O que você acha?

— Algum jeans preto e um colete agradável e você se encaixaria bem, baby, — ele concordou, balançando a cabeça.

Eu encaixaria bem.

Eu senti uma emoção.

Porque, percebi com clareza cega, eu queria encaixar com eles. Com os homens e as mulheres de Reign. Eu queria fazer parte de sua vida.

Porra.

Eu queria fazer parte da vida de Reign.

Em uma espécie de forma permanente.

Que era louco.

— Uh oh, — disse Cash, me observando. — Sua escala feliz passou de um onze para um zero, muito rápido. O que está acontecendo?

— Nada, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Nuh uh. Não está saindo disso tão fácil. O que está acontecendo?

Deixei escapar um suspiro alto, sentando-me ao pé da cama com ele. — Sinto falta de Reign, — admiti.

— Eu posso dizer. Não são muitas as mulheres que iam para a cama nos anos mil novecentos e cinquenta com os rapazes que não sentem falta.

— Eu sou tão óbvia, hein?

— Sim, — ele concordou, sem se preocupar em acariciar meu orgulho. Gostei disso sobre ele.

— Por que você não passa uma escova por esse cabelo e vamos pegar um pouco de café e comida? — Sugeriu ele, acenando com a cabeça em direção ao banheiro.

Eu me levantei, acenando com a cabeça, entrando e travando.

Ele estava certo. Eu estava sendo óbvia. Dolorosamente.

E era patético.

E estava abaixo de mim.

Se eu quisesse me ajustar, se queria Reign para talvez, apenas talvez, aceitar-me como um de seu povo, precisava começar a agir assim. Não como uma garota deprimida boba. Eu precisava sair e

conhecer alguns de seus homens, incorporar-me no seu estilo de vida.

Talvez ele não me desapareça.

Talvez quando as coisas explodissem com V... talvez eu pudesse ficar.

Eu corri uma escova pelo meu cabelo, puxando-o em um rabo de cavalo, escovei os dentes e fui para a minha pilha de roupas dobradas. Cortesia de uma das — cadelas do clube— que apareceram para retirar a cama e fazer qualquer lavanderia para baixo. Como... era seu trabalho ou algo assim.

Entrei em calças pretas de ioga e camiseta preta. Peguei o suéter, desdobrando.

E lá estava a arma.

Eu não sei o que me fez fazer isso, mas eu agarrei, certificando que a segurança estava ligada, e coloquei em minha bota. Depois de afrouxar os laços, havia muito espaço.

Eu confiava Cash. Eu sabia que ele era capaz de me proteger, mas uma parte de mim estava ficando um pouco cansada de confiar em outros para cuidar de mim. Pelo menos, se eu tivesse a arma, sentiria como se pudesse me cuidar. Não importa o que.

— Tudo bem, — eu disse, entrando no quarto. — Alimente-me.

***

Eu estava sentada na sala de estar do complexo, observando um filme de ação horrível na televisão. Muitas explosões e sangue e xingamento. No sofá ao meu lado estava Vin, que havia assumido a decisão de ser meu guia pessoal nos Henchmen durante os últimos três dias.

Isso fez um total de cinco dias.

Cinco dias.

Ele tinha ido embora há cinco dias.

Eu ainda não tinha ouvido falar dele.

Cash tinha.

Quando perguntei o que estava acontecendo, recebi um rosto estranhamente guardado e, — merda acontece, — como uma resposta.

Vamos apenas dizer que não inspirou calor e arrepios em mim.

Eu estava preocupada, malditamente doente.

— Ei, Summer, — Flee, um dos prospectos (Vin me ensinou que isso significava que eles eram membros em perspectiva, mas ainda não estavam — remendados— e, portanto, tinham os trabalhos braçais. Como andar nos terrenos) entrou pela porta dos fundos, alto com um pegajoso cabelo loiro, no lado feio, mas ele tinha uma voz agradável e suave.

— O que foi? — Perguntei, desviando o olhar do filme.

— Quer um pouco de ar fresco? É bom sair. — Eu senti meus lábios se contraírem, observando-o balançar os pés. Como ele estava nervoso. Como talvez... ele tinha uma quedinha por mim.

Eu dei um sorriso a Vin e ele acariciou meu joelho de maneira paterna e me levantei para seguir Flee para fora.

— Para onde estamos indo? — Perguntei, caindo em passo ao lado dele.

— Para as mesas de piquenique, — disse ele, dando de ombros.

Eu nem sequer tive a chance de gritar.

21.

Summer

Um minuto eu estava caminhando, ouvindo os sons de grilos, sentindo o ruído do vento movendo meu cabelo.

No minuto seguinte, estava voando com o rosto para o chão na frente, o vento batendo fora de mim por um horrivelmente longo momento. Depois, houve um peso nas minhas costas, uma mão sobre o meu rosto.

Meu coração estava batendo assustadoramente forte no meu peito enquanto atirei de volta para memórias do meu apartamento. Como minha mente voou através de cada momento aterrorizante nas garras de V em questão de cinco segundos.

Antes de eu finalmente lembrar de lutar.

Eu rebolei duro, torcendo e jogando um braço atrás de mim, balançando para frente.

— Você está fazendo isso mais difícil para você mesma. Pare de lutar, — alguém rosnou no meu ouvido, então havia fita adesiva sobre minha boca para substituir as mãos.

As mãos que ele precisava, porque elas arrastaram as minhas que lutavam e algemou-as na parte baixa das costas.

O peso levantou e fui arrastada de volta para os meus pés.

Eu assisti enquanto Flee olhou para mim, e correu para um buraco no fundo da cerca.

Traidor do caralho.

— Ande, — meu captor ordenou por trás do meu ombro.

— Summer? — Uma voz me alcançou. Minha cabeça girou para encontrar outro dos prospectos de pé ali, mãos apertadas aos seus lados por um segundo. Ele era o único com a cicatriz em seu rosto. Reign gostava dele.

Repo.

Seu nome era Repo.

Meu captor seguiu minha linha de visão.

Um segundo ele estava atrás de mim, no próximo ele estava esmurrando Repo. E enquanto Repo era jovem e forte e rijo, o homem era enorme e desmedido, lembrando-me de Wolf em termos de tamanho.

Eu deveria ter corrido.

Eu deveria ter corrido até o complexo e encontrado Cash ou Vin ou... qualquer um.

Essa teria sido a jogada inteligente.

Mas tudo que eu podia focar era o sangue começar uma piscina no rosto de Repo. Seu corpo lutando para me ajudar. Tentando me salvar. Em seguida, um punho aterrissou com força no lado do seu rosto e seu corpo ficou mole.

E eu porra voei para o outro cara.

Eu joguei todo meu peso corporal para ele de lado. Pego de surpresa, seu corpo voou de Repo. Subi para o meu lado, empurrando-me para cima o mais rápido possível, e tomei minhas botas para o lado do homem duro. Implacável.

Senti meu sangue nos meus ouvidos.

Senti a raiva que coloquei em meu desabafo com Deke no galpão na vergonha.

Senti uma onda de prazer quando senti um estalo e ouvi uma maldição abafada.

Foi de curta duração enquanto ele me agarrou pelas minhas pernas e eu voei sobre minhas costas duro. O suficiente para não respirar.

Então ele estava de pé, me arrastando, me segurando debaixo do braço e correndo.

Foi uma vitória de curta duração, mas fiz o filho da puta sentir dor.

Torci meu pescoço quando chegamos à cerca, olhando para o corpo vulnerável de Repo. Observando o máximo que pude. Esperando. Rezando por um sinal de vida. Então, apenas um segundo antes de ser jogada pela cerca e nos braços traidores de Flee, eu vi seu peito subir e cair.

Eu senti uma onda de alívio assim que fui arrastada através de um campo e arrastada para o banco traseiro de um SUV, jogada no chão. Flee estava no banco do passageiro. O outro cara do motorista. E então estávamos nos movendo.

Eu lutei através da histeria.

Eu precisava sair. Eu precisava ficar livre.

Eu não podia porra voltar.

Torci, olhando para as minhas botas, sentindo a arma pressionada confortavelmente contra minha meia. Se eu pudesse chegar a ela...

Mas isso era inútil com minhas mãos algemadas atrás das minhas costas. Mesmo que chegasse à arma, nunca conseguiria atirar em ninguém.

Eu tinha que esperar. Oh Deus. Eu tinha que esperar.

Respirei forte pelo nariz, tentando me acalmar. Eu teria uma chance. Para chegar à minha arma. Para fugir novamente. Teria uma chance. Eles nunca me revistariam. Eles nunca iriam pensar que eu tinha uma arma em mim. Menos do que tudo uma arma. Escondida na minha bota.

Eu tomaria tudo o que tinha que tomar. Seja qual for as batidas. Seja qual for a tortura. Eu aguentaria. Eu esperaria minha abertura. E então, pegaria a arma e ficaria livre.

Eu não era mais uma maldita vítima.

E, nas palavras de Reign, eles estavam indo pagar porra.

***

A direção sentiu-se infinita com nada além dos comentários esporádicos de Flee e do outro cara sobre que direção seguir para evitar que eu ficasse louca.

Em seguida, o carro parou e o motorista virou-se para Flee. — Saia.

— O que? Não homem. Preciso vê-lo. Ele precisa saber que fiz a minha parte.

— Você precisa pegar o seu traseiro para o complexo e cuidar dos negócios. Certificar-se de que ninguém saiba merda.

— Repo não me viu, cara.

— Alguém viu você com ela?

Vin. Vin me viu com ele.

No silêncio de Flee, o homem amaldiçoou. — Merda. Porra. Você não pode lidar com as mais simples fodidas instruções? Saia. Agora eu tenho que fazer isso parecer bom.

Eu tinha um buraco no meu estômago com essas palavras.

As portas bateram e nem dez segundos depois, ouvi os grunhidos, gritos, gemidos de Flee.

Aparentemente, — fazer parecer bom— significava parecer que Flee não estava envolvido.

Merda.

Porra.

Ele voltaria ao complexo. Ele continuaria espionando. Quem no inferno sequer sabia qual era o plano. Para matar todos? Para se envolver?

Graças a Deus, Reign não estava lá.

Mas, porra, Cash ainda estava lá.

Cash estava lá e ele era ignorante.

E assim era Vin.

Eu precisava fugir.

Eu precisava entrar em contato com eles e avisá-los.

— Não. Porra. Lee... deixe-me g...

Silêncio.

Mas eu tinha um nome.

Lee.

Nem um minuto mais tarde, Lee entrou no caminhão, batendo em marcha à ré, e nós fomos novamente.

Lee pegou um celular, disparando um texto rápido com uma mão e mantendo uma mão no volante.

Mas o carro só dirigiu por talvez mais cinco minutos antes de fazer uma pausa. Eu ouvi sinais sonoros, como se um código fosse empurrado para um portão e depois o som da abertura do portão. Um período curto até uma entrada de automóveis. Então estacionamos. Lee saiu. Então a porta a meus pés se abriu e eu estava sendo puxada para trás.

Eu bati em meus pés. Lee ficou atrás de mim, segurando a corrente entre os meus punhos e batendo minha cabeça para frente, então tudo que podia ver eram meus próprios dois pés enquanto ele me empurrava para frente. Em uma garagem. Através da garagem em algum outro quarto, piso de azulejo. Através de um piso de madeira.

E era familiar.

Mas não era a casa de V.

Santa fodida merda.

— Bebê, — disse uma voz e a mão na parte de trás da minha cabeça liberou.

Minha cabeça levantou, meus olhos se arregalaram.

E meu pai estava lá.

Richard Lyon.

Sorrindo para mim, como se eu acabasse de sair de um avião depois de longas férias.

Que diabos estava acontecendo?

— Lee, — ele disse, balançando a cabeça. — Acho que a fita adesiva pode ser retirada agora, não é?

Lee fez um grunhido e pegou a fita e puxou bruscamente.

Chupei o ar, voltando-me para olhar para o meu captor.

Eu estava certa, ele era construído como Wolf. Mas ele era mais velho. Cabelo raspado. Olhos negros duros. Tudo sobre ele, a forma como seus ombros estavam puxados para trás, a maneira como seus pés estavam espalhados, seus cabelos... gritava ex-militar.

— Eu vou te matar porra, — cuspi nele e fui recompensada com um sorriso lento, divertido.

— Summer, — a voz do meu pai chegou até mim, parecendo chocado. — Você deve agradecer a Lee.

Meu olhar foi para o meu pai. — Agradecê-lo? Agradecê-lo? Pelo quê? Por me derrubar no chão? Duas vezes? Por bater numa criança inocente quase até a morte? O que, exatamente, eu deveria estar agradecendo?

Sua cabeça inclinou para o lado, me observando. — Baby... ele salvou você.

Me salvou.

Ele... me salvou?

A verdade me bateu como um chute no intestino.

Ele pensou que os Henchmen estavam me segurando contra minha vontade. Ele enviou alguém para me tirar.

Merda.

Isso mudou... tudo.

— Baby, você está se sentindo bem? Você parece positivamente fantasmagórica.

Eu me senti positivamente fantasmagórica.

— Eu estou... — Comecei, balançando a cabeça. — Papai... eu preciso me sentar.

— Claro. Claro, — ele disse, empurrando a cabeça para Lee. — Eu acho que você pode soltar essas algemas agora, — disse ele. Lee enfiou a mão no bolso e tirou uma chave e soltou minhas mãos que puxei na minha frente e esfreguei os pulsos. Enquanto estava

fazendo isso, meu pai lentamente se aproximou. Seu olhar foi para meus pulsos e ele empalideceu. — Oh, Summer...

— Está bem. Estou bem. Eu sobrevivi. Eu saí.

— Negociando uma prisão por outra, — ele continuou, seu tom triste. — Vamos, vamos levá-la ao seu quarto para que você possa se limpar. Parece que você conseguiu um pequeno corte na sua bochecha, — ele disse, dando a Lee um olhar duro sobre seu ombro.

Eu respirei fundo, não inteiramente certa de como lidar com a situação. Eu não poderia dizer exatamente ao meu pai, que estava de bom grado ficando com uma gangue de motoqueiros fora da lei. Ele estava preocupado comigo. Ele enviou um grande macho e ex-militar para entrar e me tirar e levar para casa com segurança.

— Papai... — Comecei enquanto subíamos a escada.

— Está tudo bem, baby. Você não precisa dizer nada. Estou feliz por ter você em casa, — disse ele suavemente, colocando um braço em volta da minha cintura e me dando um pequeno aperto. — Aqui vamos nós, — ele disse, levando-me à porta do meu quarto de infância e abrindo. Sua mão se moveu para minha parte inferior das costas. — Eu vou deixar você para se refrescar. Então talvez você possa descer e tomar um café comigo? Me contar sua história?

Dei-lhe um pequeno sorriso, sentindo-me muito como uma menina novamente de repente. — Sim, papai, — concordei.

— Ok, baby, — ele disse, beijando minha têmpora e fechando a porta atrás de mim.

Ele tinha mantido isso exatamente como eu havia deixado quando tinha dezoito anos. Paredes de lilás pálido, cama de dossel com tecido branco e ondulado coberto pela parte superior e um edredom branco de pelúcia colocado sobre a cama. Duas mesinhas de cabeceira brancas com lâmpadas. Havia uma pequena caixa de joias de ouro em cima de uma delas. No outro lado, o controle remoto para a televisão, escondido na parede em frente da minha cama em um enorme armário branco. À esquerda, atrás da porta do corredor,

havia uma porta para o meu closet. Para o lado direito estava a porta do banheiro, que tinha uma grande banheira e um compartimento de chuveiro com quatro duchas, juntamente com um enorme pufe redondo, adornado e uma penteadeira em frente à pia e ao espelho.

A coisa toda era maior do que a maioria dos apartamentos da cidade de Nova Iorque.

Não era desconhecido ao longo do tempo. Eu tinha ficado no meu quarto antigo em muitas ocasiões quando visitei meu pai. As escovas na penteadeira no banheiro que eu usei durante a última temporada de Natal. As gavetas debaixo do armário da pia estavam abastecidas com os produtos que usava como uma mulher adulta, e não as que usei como adolescente. Completando com meu perfume e cosméticos.

Eu tinha realmente esquecido de maquiagem. Fazia tanto tempo que eu colocava qualquer coisa.

Eu entrei no meu closet, procurando algo mesmo remotamente adequado para usar. Eu separei um par de jeans leve skinny e uma camiseta branca de manga comprida. E, oh sim, um sutiã. Eu esqueci sobre sutiãs também. Eu peguei calcinha e meias frescas e abri meu caminho para o banheiro, trancando a porta atrás de mim.

Eu me dei uma hora para relaxar. Para tomar banho, vestir, corrigir o corte no meu rosto, aplicar um pouco de rímel e brilho labial. Secar meu cabelo.

Então a preocupação se estabeleceu.

Preocupação com Cash. E Vin. Mas principalmente Reign.

O que ele vai pensar quando receber um telefonema de Cash dizendo que eu tinha ido embora e dois de seus homens (tecnicamente um de seus homens, e um traidor, mas ele não sabe disso) foram quebrados?

Não podia imaginar como isso o faria sentir.

Porque ele pensaria que V me tinha novamente.

Ele iria querer invadir lá procurando por mim.

Eu não podia deixar isso acontecer.

Eu tinha que fazer alguma coisa.

Saí correndo para o meu quarto, cheia de ideias possíveis. Porque eu não tinha números de telefone. Não de Reign ou Cash. Não do complexo. Não da casa de Reign. Eu não tinha ninguém para ligar. Mas tinha certeza de que poderia encontrar algum jeito. Chamar informações. Fazer uma rápida pesquisa online e encontrar algo. Tinha que haver uma maneira de contatá-los.

Então congelei quando alcancei o telefone. A réplica bonita, branca de um telefone giratório antigo.

Porque o telefone não estava lá.

Não estava lá.

Meu coração imediatamente começou a bater, a sensação de turbulência no meu estômago instantaneamente me dizia que algo estava errado. Eu não podia dizer o que, mas algo estava errado. Algo estava fora.

Virei-me, me movendo em direção ao meu armário de televisão, com a intenção de arrastar o meu laptop para uma pesquisa. Mas quando eu abri, o laptop tinha ido embora. O laptop. E a TV. E o leitor de DVD.

O turbilhão transformou-se em uma sensação de chumbo sólido no meu estômago.

Olhei em volta, minha garganta se sentindo apertada. Procurando por qualquer outra coisa que estivesse errada. Fora de lugar. Faltando.

Eu fui até a janela, puxando a trava na parte superior, em seguida, tentando transportar para cima. Mas eles não se mexeram. Nenhum deles.

Coração na garganta, andei lentamente em direção à porta do corredor, já sabendo. Mas alcancei a maçaneta e tentei virar. Tentei. Porque estava trancada. Do lado de fora.

Recuei como se fosse estourar aberta a qualquer momento, sentindo-me doente. Doente. Eu senti como se estivesse indo para vomitar tudo sobre meus próprios pés.

Eu estava presa.

Meu pai tinha me aprisionado.

Olhei por cima do meu ombro para o banheiro, vendo as minhas botas colocadas lá, descartadas e voei para elas, empurrando meus pés para dentro, amarrando vagamente. Dando-me um espaço para escorregar minha mão e pegar minha arma se eu precisasse disso.

Sentei sobre a poltrona.

O que. No. Real. Inferno. Estava. Acontecendo?

Houve uma batida suave na minha porta alguns minutos depois e levantei para os meus pés. Peguei meu reflexo no espelho, vendo os olhos arregalados, vendo o choque e o alarme.

Eu precisava percorrer devagar. Precisava jogar com calma. Não sabia o que diabos estava acontecendo, mas o que quer que fosse não era bom. E eu precisava agir como se não tivesse ideia sobre o telefone e o laptop que faltavam. As portas e as janelas trancadas.

Por tudo que o meu pai sabia, estava feliz por estar em casa. Aliviada. Agradecida.

Ele não podia saber que estava enlouquecendo.

E ele malditamente não podia saber sobre uma arma colocada na minha bota.

— Bebê? — Ele chamou, abrindo a porta.

— Indo, — chamei, parecendo alegre quando entrei no quarto. — Desculpe... eu me deixei levar. Faz tanto tempo que eu tinha... minhas coisas.

Ele me deu um sorriso. — Você parece muito melhor. Todo esse preto, — disse ele, balançando a cabeça. O olhar dele foi rapidamente sobre minha roupa e pousou em meus pés, levantando a testa.

— São confortáveis, — ofereci. — Eu, ah, tenho alguns cortes desagradáveis em meus tornozelos. — Não inteiramente falso, embora fosse várias semanas antes. — Estes não machucam.

Seus olhos ficaram tristes e sabia que disse o que é certo.

— Vamos, querida, — disse ele, estendendo um braço para eu entrar. — Vamos pegar um pouco de boa comida.

Dei-lhe um pequeno sorriso, toda a energia indo para porra, não tentar correr longe dele. Porque algo estava errado. Algo estava fora sobre ele. Não pude colocar um dedo sobre isso. Mas estava lá.

— Café? — Ele perguntou, já agarrando um copo e derramando para mim.

— Sim, por favor. — Eu precisava de cada energia que conseguiria. Dito isto, assisti cada movimento que suas mãos fizeram. Mas ele não fez nada para a minha bebida. Levei e tomei um gole, apreciando o pontapé que deu em meu sistema.

— Querida garota, — disse ele, de pé, em frente a onde eu estava sentada na enorme ilha da cozinha.

— Papai... onde está Mae? — Perguntei, olhando ao redor. Eu não acho que tenha existido um tempo na minha vida inteira que entrei na cozinha e ela não estava lá. Cozinhando, limpando, olhando receitas, escrevendo cartas para sua família.

Sua falta era outra grande bandeira vermelha.

— Oh, — ele disse, olhando ao redor. — Sua filha vai se casar, — ele deu um encolher de ombros.

Sim. Certo.

Sua filha era uma virgem de trinta e cinco anos com um problema de atitude e um ódio por todas as coisas masculinas.

— Oh, bom para ela, — eu disse, sorrindo.

— Você parece... preocupada, — ele disse, seus olhos azuis me observavam. Perspicaz. Nunca tinha sabido que ele era tão observador antes.

— Pai, desculpe, eu... Tem sido um par muito ruim de meses.

Com isso, seu rosto caiu.

Caiu.

Com tristeza genuína.

— Summer se você quiser...

— Eu não, — eu disse imediatamente. — Eu só... é muito cedo. Estou feliz por estar aqui. Longe de tudo.

— Graças a Deus, eu encontrei você, — ele disse, acenando com a cabeça para mim.

— Eu sabia que você faria, — eu disse, dando-lhe um sorriso. — O tempo todo... enquanto as coisas estavam... ruins... Eu só ficava pensando que você iria me salvar de tudo.

— Claro. Eu nunca ia parar até que eu tivesse você de volta— disse ele. — Eu tomei... precauções para garantir que você fique segura desta vez, — ele forneceu.

— Precauções?

Ele assentiu. — Eu contratei mais homens como Lee para manter um olho na propriedade. Eu tive suas janelas seladas para que ninguém possa entrar por esse caminho. Eu tive as portas trancadas.

Eu não pude evitar.

Eu realmente tentei manter minha boca fechada.

Eu simplesmente não podia.

— Do lado de fora? — Eu perguntei, meu tom afiado, observando-o.

E foi bom que eu estava assistindo tão forte. Porque se não estivesse, teria perdido isso. Estava lá e depois foi mais rápido do que um piscar de olhos. Mas estava lá. E eu vi. Uma escuridão. Uma dureza. Um lado do meu pai, que eu não sabia que existia. Toda a minha vida ele tinha sido bom. Super-protetor. Gentil. Preocupado. Talvez um pouco severo sobre minhas escolhas de vida, mas sempre com gentileza. Por preocupação paterna.

Mas o que quer que tenha passado pelo seu rosto, não pertencia ao homem que eu conhecia há vinte e poucos anos.

— Você é uma garota esperta, Summer, — ele disse, me surpreendendo. — Sempre foi.

— Esperta o suficiente para saber que se alguém estivesse vindo para mim, ter a porta trancada do lado de dentro é a única maneira de mantê-los fora. Tendo trancada do lado de fora pai, é como você mantem alguém dentro.

O olhar estava de volta.

Mas dessa vez, era mais forte.

Não mais precisando da máscara do pai.

Ele era apenas... outra pessoa.

Alguém que eu não conhecia.

— Eu não posso ter V recuperando você. E não posso tê-la correndo de volta para aquela baixa vida dos Henchmen com os quais você também está apaixonada. Estou cobrindo minhas bases.

Que.

Porra.

É essa?

— Lee, — ele chamou e Lee apareceu do nada, acenando com a cabeça para ele.

Notei uma pequena careta quando ele se moveu e senti minha espinha endireitar, senti meu orgulho surgir. — Como estão essas costelas, Lee? — Perguntei, sorrindo para minha xícara de café.

Para minha surpresa, ele piscou para mim.

— Eu te criei melhor do que isso, — meu pai disparou contra mim, fazendo-me quase encolher de sua decepção antes de me lembrar o que estava acontecendo.

— Você não me criou, — Eu esclareci. — Um homem que era doce, bom e amoroso me criou. Eu não sei quem diabos você é.

— Vejo que você pegou a grosseria dessas criaturas baixas.

Se ele estava à procura de um refém obediente, ele estava indo sobre isso errado, chamando meus salvadores por nomes.

Olhei para minha xícara e antes que pensasse sobre isso, atirei duro em toda a sala em direção a ele, vendo quebrar diretamente atrás de seu ombro, derramando o resto do líquido quente sobre seu terno. Ele nem sequer se encolheu. — Apodreça no inferno, pai, — eu cuspi.

— Lee, — ele disse calmamente: — Eu acho que é hora da minha filha descansar.

E com isso, fui agarrada e arrastada para o meu quarto, lutando por todo o caminho, gerenciando alguns cotovelos em seu centro, recompensada com grunhidos de dor por suas costelas quebradas.

— Você tem espírito, eu vou te dar isso, — ele disse calmamente.

— Você vai se arrepender de estar trabalhando com ele, — avisei quando fui jogada no meu quarto, batendo forte contra o pilar da minha cama.

— Quem vai me fazer pagar, princesa? Você? Por prender você em seu quarto de menina pequena?

— Reign vai fazer você pagar, — forneci e vi o menor sinal de preocupação marcar seus olhos antes de ser empurrado para longe.

— Reign não será um problema por muito tempo.

Merda.

22.

Cash

— Cash! Filho da puta, foda, foda!— A voz de Vin gritou e eu voei para fora do meu quarto, no corredor, na sala principal. Porque Vin parecia assustado. E Vin era um duro velho fodido, ele nunca parecia assustado.

— O que é... — Eu comecei, vendo-o arrastando um batido e ensanguentado Repo de fora. — Que porra é essa?

— Eles pegaram Flee também. Q o encontrou na frente dos portões, fodido sangrando. Levou-o para o hospital.

— Quem era? Eles conseguiram...

— Cash, — ele interrompeu.

— Precisamos saber qual é a ameaça. Nós precisamos…

— Cash!, — Ele gritou.

— O que? — Eu perguntei, olhando para ele.

— Ela se foi.

— O que? Quem se foi?

— Summer. Eles pegaram Summer, — ele disse com os dentes cerrados.

E isso, eu tinha certeza, era como eu morri. O coração parou. Ali mesmo.

— O quê? — Eu perguntei, minha voz um estranho sussurro rouco.

— Eles pegaram Summer. Ela estava fora. Ela se foi. Ela está fodidamente desaparecida.

— Foda!— Eu gritei, virando e batendo meu punho na parede, observando-o escorregar sob o gesso passando meu pulso. Eu puxei de volta, alcançando meu bolso para o meu telefone.

Era a última coisa do mundo que queria fazer. A pior notícia que já tive que dar a alguém. E ele ainda estava a um fodido dia de distância. Um dia de distância. Porra.

— O quê? — Sua voz grunhiu comigo, impaciente.

Eu suguei ar. — Alguém entrou no terreno, fodeu dois prospectos e, porra, — eu disse, abaixando minha cabeça, — eles pegaram Summer, homem. Eles pegaram ela.

O silêncio no outro lado do telefone foi o pior som que já ouvi na minha vida. Era o tipo mais alto de ruído.

Parecia que durou para sempre.

Então, — Não.

E havia tanto naquela palavra. Desespero. Raiva. Descrença.

— Sim, sim, cara. Ela se foi. Ela está fodidamente desaparecida.

— Eu estou na estrada.

Desconectou.

Voltei para Vin, sentindo o peso da liderança de uma maneira que nunca tive antes. Que estava sempre em Reign. Mesmo quando ele estava fora da cidade e eu estava tecnicamente no comando, nunca tinha sido real. Nunca precisei tomar decisões. Eu nunca tive que lidar com as consequências sozinho.

— Que porra vamos fazer? — Perguntou Vin, enxugando um pouco do sangue fora do rosto de Repo com um pedaço rasgado de sua camisa.

Passei uma mão sobre o lado raspado da minha cabeça.

Merda.

Porra.

Que porra iríamos fazer?

Reign estava a um dia de distância.

Toda a porra de um dia inteiro.

Um fodido dia em que todos sabiam o que estava acontecendo com Summer de volta no V. Reign me contou sobre as cicatrizes nas

costas. Eu tinha visto as marcas das correntes nos pulsos e tornozelos. Quando ela puxava o cabelo para cima, eu tinha visto as marcas onde seu cabelo estava crescendo novamente depois de ter sido puxado para fora.

Ela tinha ido através da porra do inferno.

E ela estava passando por isso novamente.

E nós tínhamos que nos sentar em nossas mãos por um dia inteiro?

— Precisamos chamar todos os homens. Diga-lhes que tivemos uma invasão. Precisamos duplicar os homens no perímetro. Não apenas os fodidos prospectos. Os homens também. Precisamos descobrir como caralho eles entraram. E precisamos ver se podemos encontrar alguma pista. Pistas de pneus. Pessoas que viram algo. Qualquer coisa que pudermos. Quando Reign chegar aqui, precisamos de algumas fodidas respostas, — concluí, passando por meu telefone e disparando um texto de emergência em grupo. Voltei para Vin. — Quão ruim ele está?

— Parece que tem o globo ocular e nariz quebrados. Uma costela ou duas. Provavelmente uma concussão. Ele vai sair dessa.

— Ele precisa de um hospital?

— Não. Doc pode lidar com ele quando chegar aqui.

Eu balancei a cabeça, indo atrás do bar e pegando uma das semi-automáticas. — Eu estou verificando o filho da puta do terreno.

Lá fora respirei, não tinha percebido que eu estava segurando.

— Puta que pariu, — eu disse para a noite como um todo.

Reign provavelmente estava cagando tijolos na estrada, empurrando a moto tão rápido quanto poderia ir. E eu sabia por que, mesmo se o fodido teimoso não se conhecia. Ele caiu duro por Summer na primeira noite em que a conheceu. Era uma merda patética do livro de histórias. Mas era real. Cada segundo que ele poderia poupar, ele passou com ela. Eu vi isso. Os homens viram isso. As cadelas definitivamente viram isso.

E, porra, Summer olhava para ele como se ele tivesse pendurado a lua.

Ele iria em uma missão suicida para recuperá-la.

Ele traria uma guerra inteira para recuperá-la.

E, por uma vez, eu não iria lutar com ele sobre isso.

Doze horas. Doze fodidas horas.

Eu estava sentado no bar, com a mão apertada na minha arma, cansado de inatividade. Os homens estavam em toda parte. Nós achamos o buraco. Encontramos as faixas dos pneus. Algo pesado. Caminhão. SUV. Era isso. Ninguém sabia merda. Repo ainda estava inconsciente em um dos quartos com o Doc. Flee ainda estava em cirurgia no hospital com Q esperando, em guarda.

Não havia nada a fazer.

Os olhos de Vin continuavam piscando para os meus e eu podia sentir a tensão em seu corpo combinar com o meu.

Então a porta se abriu.

E Reign estava lá.

Doze fodidas horas.

Eu nem quis pensar na velocidade que ele teve que viajar para fazer uma jornada de um dia na metade do tempo.

Ele parecia um inferno. Seu corpo inteiro, da cabeça aos pés, estava apertado. Seu rosto duro. Seus punhos apertados. Seus olhos porém, seus olhos estavam queimando.

Wolf estava quente em seus calcanhares e seus olhos tinham essa borda neles. Essa borda que disse que ele estava mal segurando junto.

Inferno, parecia que todos os homens tinham caído para Summer.

— O que sabemos? — Reign perguntou através de dentes cerrados.

— Não muito, — comecei. — Buraco na cerca. Marcas de pneus. Algo pesado. Flee está em cirurgia. Repo está inconsciente em um

dos quartos. Sinais de luta lá atrás. Nenhuma testemunha. Nada. Temos merda, cara.

Ele balançou a cabeça com força. Então ele se virou para Wolf.

— Encontre alguma coisa, — ele exigiu. As palavras mal saíram da sua boca quando Wolf assentiu e decolou.

— Nós vamos recuperá-la, cara, — eu disse, tentando conforto.

— Eu disse a ela que estava segura aqui, — ele disse, olhando para a sala. — Eu não deveria ter porra a deixado.

Ele mal estava se segurando.

Eu tinha visto Reign em muitas situações em nosso tempo juntos. Eu tinha visto ele inclinando-se sobre o corpo de nosso pai, crivado de balas. Eu vi o horror lentamente sendo substituído pela sede de vingança. Eu tinha visto ele olhar nos olhos de traidores, o olhar de raiva tão forte que era contagioso.

Mas eu nunca o tinha visto assim antes: totalmente destruído.

Vin foi quem quebrou o silêncio. — Você tinha negócios, — ele disse ao Reign, sutilmente lembrando que os negócios do clube superam tudo.

Em um dia normal, isso teria quebrado Reign fora de suas lutas internas.

Mas no dia em que a única cadela em que ele se importou em toda a sua vida desapareceu, caindo nas mãos de homens que a fizeram gritar em seu sono todas as noites... sim... só serviu para desenterrar tudo o que estava mantendo enterrado profundo.

Sua mão alcançou a coisa mais próxima, um banquinho em que meus pés estavam descansando, pegando-o e empurrando-o para a tela plana.

Ele quebrou rapidamente, o banquinho de metal batendo dolorosamente alto de volta ao chão.

Cinco homens vieram correndo de diferentes direções, armas ao seu lado, olhando em busca de algum tipo de ameaça. Vendo

Reign, eles se detiveram, olhando para a destruição, olhando para o presidente deles, entendimento sobre seus rostos.

Chuck, um homem da mesma idade que Vin, deu um passo à frente. — Vá bater em alguma coisa, — disse ele, apertando a mão em seu ombro. — Tem que percorrer essa energia se você quiser lidar com isso de maneira clara. Vá bater em alguma coisa.

Reign assentiu com firmeza, decolando em direção ao porão.

Quando ele se foi, todos se voltaram para mim.

— Temos merda, — eu disse, encolhendo os ombros. — Wolf está tentando encontrar alguma coisa.

— Nada pior do que nada para fazer, — disse Chuck, acenando com a cabeça.

— Devemos nos preocupar com nossas famílias? — Perguntou um dos outros.

Eu balancei minha cabeça. — Isso é pessoal, — eu decidi compartilhar. — Suas mulheres e crianças estão seguras.

— Alguém está fodendo com o prez e nós não estamos lidando com isso? — Perguntou Vin, parecendo uma mistura de confuso e zangado.

— Ele disse que é pessoal. Ele não está envolvendo todos na sua merda.

— Isso não é como lidamos com as coisas, homem. Alguém fode com um de nós, eles fodem com todos nós.

Eu assenti. Porque isso era verdade. Era como sempre foi.

Dito isto, as pessoas que nos fodiam no passado não eram comparadas com V.

Eu encolhi os ombros.

— Ele tem seus motivos. Todos teremos mais informações quando ele estiver pronto para dar. Agora ele não precisa de nós todos sentados aqui agindo como cadelas 'porque você está se sentindo deixado de fora'. Façam seu trabalho e esperem por ordens.

Suas cabeças recuaram, surpresas, punidas. Em seguida, eles concordaram e foram de volta para qualquer merda que estavam fazendo.

Metade de um dia no comando e eu estava me sentindo pesado. Fisicamente, emocionalmente pesado. Era novo, estranho. Minha vida sempre foi diferente da de Reign. Ele tinha a carga, eu tinha a diversão. Bebidas e cadelas e corridas. Nunca tive que lidar com o peso das questões dos homens, sua raiva, seu nervosismo.

Metade do dia.

E ele estava lidando com a merda há anos.

Não era de admirar que ele precisava escapar para sua cabana, precisava gastar tanto tempo em sua moto sozinho, classificando a merda.

Porra.

Saltei do bar, fazendo o meu caminho em direção ao porão onde a corrente estava balançando violentamente.

Parei no último degrau, observando-o voar para o saco, seus punhos se movendo rápido o suficiente para que fosse difícil de manter os olhos sobre eles. Ele tinha estado lá por uns bons vinte minutos e não parecia menos tenso. Se qualquer coisa, parecia ainda mais preocupado.

Ele precisava de sua mulher de volta. Ele precisava dela lá para suavizar suas bordas afiadas. Para dar-lhe o conforto que pudesse conseguir. Para deixá-lo ter um pedaço de bom na tempestade de merda que era a sua vida.

— Não acho que está funcionando, bro, — eu disse, movendo-me pelo chão.

Ele parou de socar, balançando a cabeça, sua respiração saindo duro. — Eles porra tem ela novamente, — disse ele, olhando para mim com os olhos assombrados.

— Eu sei homem... nós...

Fui interrompido pelo som de botas nos degraus, duro, pesado.

Wolf estava de volta.

Ele caminhou pelo chão, o corpo tenso, com os olhos quentes.

Então olhou para Reign e amarrou junto mais palavras do que já tinha ouvido ele falar de uma só vez antes.

Nove palavras.

Nove palavras que mudaram tudo.

— Há algo que você precisa saber sobre Richard Lyon.

23.

Summer

Dois dias. Dois dias.

Risquei marcas na parede como tinha feito na casa de V. Mas não com uma unha sangrenta. Não. Rasguei uma das lâmpadas da mesa de cabeceira e usei a borda quadrada para gravar três grandes marcas na parede ao lado da minha cama. Principalmente porque iria irritar meu pai. Ele sempre tinha sido uma aberração sobre a casa estar em boa ordem.

Não havia muito que eu tinha controle mais, mas pelo menos poderia irritar ele um pouquinho.

A questão de fato era, Richard Lyon, o homem na casa comigo, o homem que tinha me tirado dos Henchmen, o homem que havia me trancado no meu quarto... ele não era o homem que eu conhecia.

Ele era um monstro totalmente diferente e me senti doente que tinha passado toda a minha vida não vendo quem ele realmente era. Não era como se não tivesse havido sinais de aviso. Houve fodidos sinais de alerta. Acabei por... ignorá-los. Escovando-os de lado. Preferindo não vê-los.

Havia mais vezes do que eu podia contar na minha vida onde ele deixara a máscara do pai escorregar. Onde eu tinha visto pedaços do homem debaixo da persona. Quando vi a frieza, a morte nos olhos dele.

Deus, como eu tinha sido tão ignorante e parva?

Toda a minha vida.

Estava vivendo uma espécie de mentira elaborada.

E, sentada sozinha no meu quarto de infância vinte e algumas horas estranhas por dia, não tinha nada para fazer, mas me bater por ser tão estúpida.

Houve uma batida suave e me sentei na minha cama, olhando para a porta quando ela lentamente se abriu.

— Ei menina querida, — disse ele, dando-me um sorriso amável. Seus olhos se afastaram, olhando para a parede arruinada. Eu agitei a cabeça e apertei os lábios. Não era muito, mas era algo. — Eu tenho medo que não posso fazer o jantar com você esta noite. Eu tenho algum negócio para atender. Mas não se preocupe, — ele continuou, suas palavras lisas, — Lee e os outros homens estarão aqui para protegê-la.

Certo.

Me proteger.

De fugir.

Mas ainda assim. Foi uma pequena vitória. Não tendo que me sentar em uma mesa com ele, tentando descobrir o que eu poderia arrastar nele enquanto ele tentava manter uma conversa casual comigo, como se ele não tivesse me sequestrado e me mantido refém. Como se eu não estivesse presa por três meses na casa de algum psicopata. Como se eu não tivesse encontrado salvação nos braços de Reign.

— Funciona para mim, — eu disse, meu tom frio.

Com isso, ele suspirou. — Um dia, garota, você vai ver que fiz isso tudo por seu próprio bem. Quero dizer... um motociclista? Summer, eu te criei melhor do que isso, — ele me disse, balançando a cabeça, voltando para o corredor. — Eu vou te ver pela manhã, — ele me disse, fechando e trancando a porta.

Eu me deitei na cama, meus pés pendurados sobre a borda porque eu ainda tinha minhas botas. Eu nunca as tirava. Nem mesmo para dormir.

Eu tinha considerado agarrar a arma, usar.

Duas coisas me pararam.

Um deles, o mini-militar, que caminhava pelo terreno. Mesmo que conseguisse ter uma chance, não havia muita chance de escapar.

E então... quem diabos sabia o tipo de punição que eu conseguiria se ele vivesse a bala?

Dois, tudo bem. Ele não era o homem que eu achava que ele era. Mas ele ainda era o homem que veio e verificou sob minha cama por monstros quando era criança. Ele era o homem que me comprou um pônei no meu sexto aniversário. Um pônei. Ele era o homem que me encorajava com o trabalho da escola. Ele era a única pessoa na minha vida que tinha dado a mínima para mim. Ele era o único pai que eu tinha. E eu simplesmente... não conseguiria atirar nele.

Mas eu mantive as botas prontas apenas no caso.

Eu não queria correr nenhum risco.

A coisa sobre ser mantida em cativeiro, eles não dizem, é que é chato. Claro, é estressante e assustador por um tempo. Mas na maior parte, apenas fodidamente aborrecido como o inferno. Sem televisão. Sem livros. Ninguém com quem falar para evitar que fique louco. Passei muito tempo tomando banho. E olhando para as paredes.

A noite chegou tarde, a escuridão passando pelas janelas.

Eu me deitei, caindo em um sono induzido puramente por tédio.

Mais uma vez, não tive a chance de gritar. Acordei com uma mão sobre minha boca.

Meus olhos se abriram, braços balançando para lutar quando senti um corpo vindo sobre o meu, joelhos prendendo meus braços, peso total de um homem se colocando sobre o meu peito.

Então eu o vi.

Martin.

Fodido, fodido Martin. Com seus olhos mortos.

E ele estava sorrindo para mim.

Ele alcançou atrás dele, tirando a fita adesiva.

Novamente.

Em que universo chato, a boa garota, Summer Lyon, acabou sequestrada três fodidas vezes em quatro fodidos meses?

Isso foi tudo o que eu pude pensar quando senti a fita adesiva deslizar sobre minha bochecha, sua mão se movendo pouco a pouco para que ele pudesse cobrir meus lábios sem que eu pudesse abrir minha boca e gritar.

O que eu teria. Eu teria gritado fodido assassinato sangrento. Porque não importa o quão frustrante e indecente ser mantida em cativeiro por seu próprio fodido pai era, não era nada comparado a ser arrastada de volta para o V. Para ser amarrada naquela cama. Para ser batida e morta de fome e retalhada. Para, muito provavelmente, ser estuprada.

Eu teria movido céus e terra para chamar a atenção de Lee.

Mas minha boca estava coberta e então ouvi as algemas se abrirem. Um braço foi contorcido e a pulseira girou em torno do meu pulso, então o mesmo foi feito com o outro pulso.

— V sentiu sua falta, — ele me informou, levantando meu corpo e me arrastando pela corrente entre os punhos. — Disse que posso me divertir com você se a trouxer de volta, — ele me informou, me puxando pelo quarto e em direção à porta.

Não em voz baixa, eu poderia acrescentar.

Ele não estava sussurrando nem murmurando.

Ele estava falando tão alto quanto ele quisesse.

E estava me familiarizando com o submundo da sociedade para saber que não era um bom sinal.

Então, para provar meu ponto, entramos no corredor.

E lá estava Lee.

Caído contra a parede no chão, com o corpo em contorções estranhas. Sangue respingado todo atrás dele, a partir do buraco de bala que ele tinha em sua testa.

Senti a bile levantar-se na minha garganta e fui forçada a engolir de volta.

Eu nunca tinha visto nada parecido.

Um homem morto assim. Horrivelmente. Brutalmente.

E, não compreendendo inteiramente por que, considerando que ele era um dos meus captores, senti-me incrivelmente triste. Ele estava morto por causa de mim. Fui arrastada pelas escadas e pela porta da frente e antes de me arrastar para o porta-malas (sim, Martin, ao contrário de Wolf, tinha um porta-malas), vi a devastação ao redor. Os mini-militares do meu pai estavam mortos. Mortos a tiros. Sangue em todos os lugares.

Engoli de volta a ânsia quando o porta-malas bateu fechado.

Os corpos estavam se acumulando por causa de mim.

E talvez não fossem todos grandes homens, mas eram pessoas. Pessoas que tiveram suas vidas arrancadas porque V me queria de volta.

Então, talvez ele deveria ter-me de volta.

Talvez eu lidando com o meu tormento valia a pena para manter os outros vivos.

Meu pai.

Os Henchmen.

Reign.

Oh, Deus, Reign.

Quando eu não estava ocupada odiando meu pai ou tentando encontrar uma maneira de fugir (não havia nenhuma), estava pensando em Reign.

Sete dias. Eu não o tinha visto em sete dias.

E senti falta dele, como ele me disse que eu faria.

Como eu nunca tinha sentido falta de alguém antes.

Eu sentia falta dele como um membro de repente arrancado.

Como algo vital.

Ele tinha que saber que eu tinha ido embora até então.

E ele pensaria que era V o tempo todo.

E ele viria por mim.

Porra.

Desejei ter uma maneira de entrar em contato com ele. Para dizer-lhe para deixá-lo ir. Dizer a ele que não foi V. Mentir duro. Dizer a ele que decolei. Que eu precisava fugir, começar uma nova vida. Dizer a ele para porra se mover adiante.

Porque eu poderia ter sido capaz de viver com uma milícia inteira morrendo por causa de mim, mas não poderia viver com Reign morrendo por mim. Ou Cash ou Wolf ou qualquer um dos outros homens para esse assunto.

Pensei na arma na minha bota.

E então pensei algo horrível.

Algo que nunca pensei que pensaria.

Algo que, em um dia normal, parecia fraco e covarde.

Mas na minha situação, parecia nobre e corajoso.

Parecia uma opção muito viável.

Eu poderia me tirar da equação.

Permanentemente.

Eu poderia me salvar dos espancamentos, da fome, da brutalidade.

Eu poderia salvar meu pai de se envolver com V.

E, mais importante do que tudo, eu poderia salvar Reign.

Puxei uma respiração trêmula, sentindo meu corpo rolar enquanto o carro se afastava.

As algemas iriam sair eventualmente. As algemas saíam e as cordas continuavam. E as cordas estariam desatadas para usar o banheiro. Ou mesmo antes dos meus espancamentos no porão.

Inferno, talvez eu pudesse levar V comigo. Ou, no mínimo, Martin.

Mesmo enquanto pensava nisso, sabia que não podia. Sim, eu tinha a arma. Sim, sabia como usá-la. Mas não seria capaz de fazer. Não levar a vida de outra pessoa. Nem mesmo pessoas tão doentes e retorcidas e indignas como V e Martin. Eu não poderia fazer isso.

Mas eu poderia virar o cano da arma em mim mesma.

Eu poderia fazer isso.

Resolvida, soltei minhas pernas, pressionando-as contra os assentos traseiros do carro para segurar meu corpo imóvel.

Eu deveria ter ficado louca. Quebrado em um suor frio. Sentindo-me doente do meu estômago. Deveria ter corrido todas as coisas que nunca teria a chance de fazer. Me casar. Fazer bebês. Envelhecer. Ter uma vida boa, segura e doce. Deveria ter estado devastada que eu iria tirar isso.

Mas eu não estava.

Eu me senti resignada.

Eu senti como se tivesse uma missão.

Para salvar as pessoas de tentar me salvar.

E morrendo no processo.

Eu não teria podido viver com isso de qualquer maneira.

Pela primeira vez em quase quatro meses, eu teria o controle de algo.

Isso era algo a que se agarrar.

Para me consolar.

O carro parou. Ouvi a porta de Martin abrir e fechar. Eu senti o porta-malas abrir. Em seguida, ele estava olhando para mim, um sorriso brincando em seus lábios. — Bem-vinda de volta, — disse ele, chegando e me puxando para fora. Ele me colocou em pé e me virei para ver outros carros puxando. Os homens de V saíram em diferentes graus de desordem. E me atingiu que V enviou seu próprio mini-exército para me recuperar.

Engoli com dificuldade, desviando o olhar para longe deles.

— Eu acho que podemos remover a fita adesiva agora, não é? — Uma voz me atingiu e me virei para ver V saindo da casa, vestindo um terno azul puro com uma camisa branca e gravata azul listrada. Parecia que ele estava saindo para encontrar um velho amigo, me dando um sorriso.

Um fodido sorriso.

O fodido doente.

Martin estendeu a mão e arrancou a fita fora meus lábios, a pele ferindo quando ele fez.

— Summer, Summer, Summer, — V disse, vindo em minha direção, com a cabeça inclinada para o lado um pouco enquanto me olhava de cima e para baixo. — Você parece bem. Toda fofinha de novo.

OK. Eu sabia que estava em uma situação de sequestro. E sabia que essas pessoas tinham me machucado de inúmeras maneiras ao longo de meses. E sabia que estava bem definida em tomar a minha própria vida, na primeira oportunidade, mas de alguma forma... ser referida como fofinha era ofensivo. Era estúpido e feminino e inseguro, mas picava.

— Sim, isso acontece quando as fodidas pessoas alimentam você, — eu cuspi com raiva para cobrir a minha batalha interna ridícula com a minha autoconfiança.

V encolheu os ombros, o sorriso dele se espalhou. — Ainda tem muita luta em você, hein? — Ele perguntou, virando o sorriso em Martin, compartilhando algo em silêncio.

Martin falou em seguida, a V, — Sim, vai demorar o dobro do esforço, eu acho, para quebrá-la desta vez.

Me quebrar.

Eles nunca me quebraram.

E senti a necessidade de informá-los.

— Quebrar-me, hein? — Eu ri um pouco histericamente. — É isso que você acha que fez? Porque tenho certeza que uma pessoa quebrada não escapa de seus algozes e, em seguida, tem o prazer, — eu disse, torcendo a cabeça para encarar Martin, — de bater a merda sempre amorosa fora de um dos homens que costumavam bater nela, — ela fez uma pausa, observando os olhos de Martin ficarem apertados. — E então ordenar sua morte. Alegremente.

Havia uma faísca de surpresa em seus olhos antes que ele pisoteasse para baixo. Virei a cabeça para olhar para V, cujo sorriso, de alguma forma, aumentou ainda mais.

— Nós achamos que Deke tinha se encontrado com algumas dificuldades.

— Se por 'dificuldades' você quer dizer que teve a vida batida fora dele, então sim. Sim ele fez.

V riu, balançando a mão. — Ele era descartável, — disse ele casualmente.

Senti Martin tenso atrás de mim, sabendo, eu imaginei, que ele percebeu que se Deke era descartável, ele também. Deve ter doído seu orgulho um pouco. — Ouviu isso, Martin? — Perguntei, descuidadamente cutucando o urso dormindo, — Parece que você é descartável também.

Fui recompensada por ser jogada para frente.

Pulsos algemados, não havia nada que eu pudesse fazer para quebrar a minha queda, mas arredondar meus ombros assim minha cabeça não quebraria totalmente no pavimento da calçada.

Eu poderia muito bem não ter mesmo me incomodado.

Minha cabeça bateu duro, enviando um negro rodopiando pela minha consciência que lutei duro quando a batida começou em minha têmpora e senti um rastro quente de sangue escorrendo pelo lado do meu rosto.

— Isso não era necessário, — V disse casualmente, como se Martin tinha acabado de falar fora de hora, em vez de me dar a porra de uma concussão.

Eu vi os pés de V moverem-se e soube que ele era o único que me puxava de volta aos meus pés. Puxei meu lábio ligeiramente, lambendo o sangue dele. — Eu não sei, V, parece que você está perdendo o controle de seus homens.

Para minha surpresa, ele jogou a cabeça para trás e riu. Riu grande. Excêntrico. Como se ele não tivesse ouvido uma piada tão engraçada em eras.

— Oh, doce garota, — ele disse, olhando para mim, ainda sorrindo como um homem louco, balançando a cabeça como se estivesse falando com um filho bobo. — Eu pensei que você teria percebido por agora.

Percebido isso? Percebido o que? O que eu estava perdendo?

— Ei, eu não acho que... — Martin interrompeu, soando como se estivesse desconfortável, como se V estava dizendo algo que não deveria.

V acenou uma mão, afastando as preocupações de Martin. — As coisas mudaram, Mart, — ele informou. — O tempo da verdade chegou.

— Você tem certeza de que...

— Eu tenho certeza, — ele disse, suas palavras firmes. Então ele voltou o foco para mim e o sorriso pegou novamente. — Você não é tão inteligente como pensei que fosse. Isso é lamentável.

— Oh, por favor, deixe-me dizer-lhe o quanto dói que seu pequeno pedaço de vida de merda está decepcionado comigo, — eu disse secamente.

Para isso, ele riu. — Pelo menos você descobriu a coragem. Eu sabia que estava lá em algum lugar.

Eu revirei os olhos, percebendo de repente que preferia uma surra do que a inútil brincadeira na maldita entrada de automóveis. — Você vai me levar para o porão ou ficar aqui tagarelando o dia todo, V? — Perguntei.

Sua cabeça nobre, seu sorriso caindo para um sorriso malicioso. — É isso mesmo, Summer. Isso é apenas o que você perdeu. — Ele fez uma pausa, deixando suas palavras afundar. — Eu não sou V.

Senti meu rosto cair. Minha boca se abriu um pouco, meus olhos se arregalaram. Ele não era V? O que? Como ele não era V? Todos o chamavam de V. Isso não fazia sentido. Em absoluto.

— Na verdade, acredito que é hora de você conhecer o V real, — ele me informou, empurrando a cabeça para Martin, que começou a me empurrar para frente.

Então eu segui o caminho, na entrada, depois da enorme escadaria que levava a minha velha prisão no andar de cima. Não-V virou para o corredor que eu tinha uma vaga lembrança de levar para a cozinha. Senti-me fazer uma pausa, minhas pernas não dispostas a se manter em movimento. Minha mente simplesmente... não pronta para mais surpresas. Quaisquer mais choques para o meu sistema. Eu simplesmente não podia fazer isso. Eu não conseguia mais lidar com isso. Eu tinha terminado.

Martin fez um barulho grunhindo, levantando o joelho e batendo duro em minhas costas, me fazendo tropeçar para frente alguns passos.

Eu não tinha escolha, então continuei caminhando. A cozinha era uma enorme área de telha marrom quente, aço inoxidável, e uma enorme ilha. Não-V estava parado na entrada, meio bloqueando, um sorriso estranho no rosto. Como se ele estava gostando. Como se ele estivesse antecipando minha reação. O que só poderia significar que a quem eu estava prestes a enfrentar iria assustar a merda sempre amorosa de mim. Essa era a única explicação.

Então ele se moveu para o lado, observando meu rosto com força. — V, aqui está ela, — disse ele.

E então havia V. E eu acabei caindo contra Martin. — Mamãe?

24.

Summer

V.

Veronica.

Veronica Lyon.

Minha mãe.

Não. De nenhum fodido jeito. Não, não, não, não.

Martin empurrou-me para longe, fazendo um barulho estranho enojado, movendo-se para ir ficar ao lado de Não-V que estava sorrindo como um maníaco ainda. Assim como se esse fosse o maior entretenimento que havia recebido em meses.

Olhei para minha mãe. Uma mãe com a qual eu não tinha memória real. Uma mãe que não era mais do que uma única foto no manto na sala de estar formal. Uma foto que foi tirada com ela sorrindo lindamente, seus olhos cinzentos brilhando, seu cabelo vermelho fluindo em torno de seus ombros.

Não tinha lembranças dela. De escovar meu cabelo ou beijar meus joelhos esfolados. Eu não sabia como era a voz dela. Eu não sabia o perfume que ela usava.

Ela era um fantasma para mim.

Ela era uma história que meu pai me disse quando eu tinha finalmente perguntado sobre ela. Ele estava com seus olhos tristes caindo sobre os meus, sua mão pousando no meu ombro. — Sua mãe não queria estar conosco, menina. Ela tinha outros planos para sua vida. E eles não nos incluíam. Isso não diz nada sobre nós. Não diz nada sobre você. Diz que ela era uma mulher muito egoísta. Você me entende, Summer? Foi a perda dela.

Era o que eu sabia da minha mãe.

Além de saber que eu tinha seus olhos e cabelos.

Era isso.

Ela era egoísta.

Ela não me queria.

Mas lá estava ela, a um metro e meio de mim.

Ela não parecia tão diferente da foto dela. Seu rosto não estava tão cheio quanto era quando era mais nova. Ela tinha algumas rugas ao lado de seus olhos. Mas ela parecia mais ou menos a mesma coisa. Jovem. Bonita. Seu cabelo vermelho estava puxado em um grampo na base do pescoço. Ela era baixa, como eu. Pequena, como eu. Na verdade, ela era uma representação perfeita do que eu seria em vinte anos ou mais.

Exceto que eu não ia viver tanto tempo.

Ela estava vestindo calças pretas, saltos e uma camiseta de manga comprida longa e branca. Sua cabeça estava inclinada, me olhando de cima para baixo.

— Daniel, querido, — disse ela, olhando para Não-V. Daniel. O nome dele era Daniel. Isso foi de alguma forma muito menos terrível. E também, a voz da minha mãe não era nada como a minha. A minha era suave, feminina. Ela era mais gutural, mais baixa, uma voz de quarto. Foi muito estranho estar pensando nisso, enquanto estava algemada em sua cozinha, anos depois de desistir, pensando que nunca iria encontrá-la. — O que aconteceu com o rosto dela?

Daniel limpou a garganta. Martin encolheu os ombros e respondeu. — Ela tropeçou.

— Oh, é o que é chamado? — Eu perguntei, olhando para ele.

Para isso, minha mãe riu.

O som chocou minha atenção de volta para ela.

— Summer, — disse ela, dando-me um sorriso. — É tão bom finalmente conhecê-la.

Tudo bem.

Digamos que minha raiva conseguiu romper meu choque.

— Não poderia ter acontecido quando eu estava acorrentada numa cadeira no porão, tendo um dos seus lacaios esculpindo nas

minhas costas? Ou talvez tarde da noite quando eles entrassem no meu quarto, subissem em cima de mim, me agarrassem e me falassem todas as maneiras que eles iriam me estuprar?

Com isso, seu rosto se endureceu. Como fez o de Daniel, eu notei que seus olhos atiraram punhais em Martin.

— Deke, cara, — disse Martin, balançando a cabeça como se ele não fosse parte disso.

— Realmente? Foi Deke que me disse que as meninas gostam de ter a partir de ambas as extremidades de uma vez? Engraçado, porque isso soou muito parecido com você, — recordei. Eu estava além de me preocupar em irritar alguém.

— Summer, querida, ninguém ia estuprá-la, — minha mãe acalmou.

— Realmente? Porque a julgar pelo olhar de surpresa e raiva em seu rosto, você não tinha fodida ideia do que estava acontecendo sob seu próprio teto à noite. Por favor, tente me convencer de que você tem algum tipo de controle sobre a situação. Ou seus homens para esse assunto.

Para isso, ela sorriu. Calorosamente. Só poderia ser descrito como calorosamente. — Você sabe, eu estava preocupada em deixá-la para trás. Deixar você com Richard. Eu pensei que ele iria espremer cada pedaço de independência e espírito de você. Eu acho que estava errada.

Oh Deus.

Ela estava certa no entanto.

Ela estava tão certa.

Ele tinha feito isso. Ele tinha feito isso sem eu mesmo perceber.

Eu era seu pequeno sim-senhor. Fazia o que ele disse. Nunca lutei com ele. Nunca sequer pensei em desobedecer a ele. Estava aterrorizada com a perspectiva de decepcioná-lo. Era seu maldito cachorro treinado.

A única razão que encontrei a minha independência e espírito foi ser mantida em cativeiro. Por ela. Como porra doente era isso?

Ao mesmo tempo, porém, tudo o que meu pai tinha feito para mim, nada, literalmente nada, sequer chegava perto de ser presa contra a sua vontade e morrer de fome, apanhar, ser cortada aberta, e humilhada nas mãos de sua própria mãe.

— O que quer que o pai pode ou não ter feito, ele nunca teve alguém colocando a mão em mim, — eu disse, levantando o queixo.

— Oh, querida garota, — disse ela, me lembrando meu pai. Ambos me chamavam disso. E foi, em ambos os lábios, incrivelmente condescendente. — Você ainda não aprendeu que há danos muito piores para infligir as pessoas diferentes do que o do tipo físico?

— Parece que você está falando por experiência. Como está o comércio de pele, mãe? — Eu perguntei e vi um flash cruzar seus olhos antes que ela empurrasse.

— Martin, — ela se dirigiu em vez disso, olhando para ele. — Você poderia mostrar a minha filha o quarto dela? Parece que ela precisa de algum tempo para pensar sobre como falar com sua mãe. — Ela fez uma pausa, seus olhos indo para Daniel como um segundo pensamento. — Você vai com eles, — ela disse, evidentemente, obviamente, não confiando mais em Martin.

Agradeça a Deus por pequenos milagres.

— Vou fazer, V, — Daniel disse, sacudindo a cabeça para Martin, que se aproximou de mim, me empurrando de volta para o corredor.

Eu tropecei os degraus, a mão de Martin batendo entre meus ombros a cada poucos passos enquanto Daniel seguia alguns passos abaixo. E eu encontrei-me perguntando sobre o homem que costumava pensar que era V. O homem que entregava as ordens sobre o que era para ser feito comigo. Não eram suas decisões. Eram de minha mãe. E ele apenas colocou as mãos em mim uma vez. Em seguida, recuou de mim como se eu o tivesse queimado.

Que diabos era o seu negócio?

Ele não era o comerciante de pele viscoso que pensei que ele era. Mas ele era alguém importante. Alguém que minha mãe confiava.

E se ele fazia parte do círculo interno, por que não sujava as mãos?

Eram os superiores como... acima disso?

A porta do meu quarto foi aberta e fui empurrada para dentro. Martin enfiou a mão no bolso, tirando uma chave para as algemas e desbloqueando um dos meus pulsos.

E, bem, digamos que estava ficando um pouco cansada de ser um bom prisioneiro. O segundo que meu pulso estava livre, meu braço girou para fora, a parte inferior da palma da minha mão batendo debaixo de seu nariz e eu ouvi, um doente e satisfatório estalar, antes dele recuar, praguejando.

— Fodida puta! A fodida puta quebrou a porra do meu nariz!, — Ele gritou, quando o sangue começou a derramar.

Ele avançou em mim rapidamente, mas a mão de Daniel na parte de trás de sua camisa puxou-o para trás. — Vá lidar com o seu rosto. Vou trancá-la.

Ele vai me trancar?

Fiquei muito atordoada para balançar novamente, meu braço caindo ao meu lado.

Martin olhou para mim, em seguida, saiu, batendo a porta com tanta força que eu estava chocada que não veio abaixo.

— Você vai me bater também? — Ele perguntou, sua cabeça inclinada, observando-me.

— Ainda não decidi, — respondi honestamente.

Com isso, ele assentiu. — Você precisa usar o banheiro?

Eu deveria ter dito que sim.

Eu deveria aproveitar a oportunidade, um braço livre, pegar minha arma e terminar com a coisa de morrer. Mas não consegui.

Ainda não. Não quando as coisas mudaram tão rapidamente. Não deveria ter importado que V fosse minha mãe. Ela não era nada para mim. Mas eu encontrei-me precisando de respostas.

Depois de receber essas respostas, eu iria seguir com meu plano.

Que, espero, seja antes de Martin por as mãos em mim novamente.

Eu balancei minha cabeça. — Não.

Mais uma vez, eu tive um aceno de cabeça. — Você vai lutar comigo? — Ele perguntou, fazendo um gesto para a cama.

— Você vai ameaçar me estuprar?

Ele se encolheu.

Se encolheu.

O aparente segundo em comando para um comerciante de pele, mais conhecido como: alguém que rotineiramente vendeu mulheres para serem estupradas, se encolheu.

Que diabos era o seu negócio?

— Não, eu não vou, — ele disse, suas palavras firmes.

— Então, acho que não tenho que quebrar seu nariz também, — eu disse, sentando-me na cama, me movendo para pressionar minhas costas na cabeceira da cama. Eu não queria ser algemada deitada. Eu tinha sido algemada deitada por meses. Levantei minhas mãos acima da minha cabeça.

Daniel se aproximou da cama, ajoelhando-se ao meu lado. — Não, — ele disse, puxando meus braços para baixo. — Coloque-os atrás de suas costas em vez disso. Vai ferir seus ombros como o inferno, mas não vai fazer seus braços adormecer. — Concordando com a sua lógica, embora totalmente sem entender por que ele estava tentando me oferecer conforto, coloquei meus braços atrás das costas. Ele chegou perto de mim, deslizando a cadeia através de um trilho, em seguida, colocando a pulseira no meu outro pulso e clicando fechado. Então, para minha absoluta descrença, ele pegou

um dos travesseiros, girando e deslizando atrás de mim para aliviar minhas costas da cabeceira dura.

— Quem é você? — Eu encontrei-me perguntando para o perfil dele.

A cabeça dele disparou para mim, seus olhos piscando por um segundo antes de desaparecer. — Alguém que não tem prazer com a dor, — ele disse simplesmente, saindo da cama e indo em direção à porta.

Ele estava no meio do corredor quando encontrei minha voz novamente. — É uma coisa boa ou má agora que ela sabe que eu sei? — Perguntei, não tendo certeza porque isso estava me incomodando.

Mas ele se virou para mim, empurrou a maçaneta da porta. — Honestamente? — Ele disse, encolhendo os ombros. — Não há como saber disso. V é imprevisível nos bons dias. Mas posso garantir que ninguém vai entrar em seu quarto à noite mais.

Bem.

Isso era algo.

— Obrigada, — encontrei-me dizendo.

Suas sobrancelhas baixaram, parecendo confuso, antes que ele balançasse a cabeça para mim como se eu tivesse perdido minha mente. — Não me agradeça, criança. Não há como dizer o que eu poderia ter de fazer no futuro. Não tenha todas as suas esperanças que eu possa protegê-la.

E com isso, ele se foi.

OK.

Eu precisava me concentrar.

Em questão de três dias, minha vida inteira foi virada de cabeça. Tudo o que eu aceitava como fato, estava errado. As pessoas que eu achava que conheci eram estranhos relativos. Pessoas que achava estranhos eram de alguma forma família.

Era um monte de merda para tentar digerir.

Enquanto algemada numa maldita cama.

Mas, novamente, estar algemada numa cama não me deixava nada além de pensar sobre as coisas.

Como... minha mãe.

Minha mãe. Quem eu sempre imaginei morar em alguma praia branca em algum lugar, seus dias passados bebendo margaritas e ficando acesa por meninos de barraca. Então passando suas noites rezando por homens inocentes como uma parasita. Mal-intencionado, infantil, talvez. Mas era assim que eu a vi. Tão distante. Totalmente inconsciente de me ver crescer, tornando-me minha própria pessoa.

Eu não pensei que teria sido capaz de lidar sabendo que ela morava dentro de uma hora de onde eu cresci. Isso teria ferido. Mais do que o abandono em primeiro lugar. Mais do que saber que ela se amava mais do que me amava. O fato de que ela poderia ter feito um esforço para conhecer-me, se não como uma criança, então, como um adulto, e jogou fora. Sim, isso queimou.

Em seguida, houve, é claro, a questão de ela ser um monstro completo e absoluto. Uma psicopata. Ou sociopata. Qualquer que seja o termo psicológico para ela. Ela era desumanamente má.

Não importa que ela me tenha sequestrado, matado de fome e torturado. Vamos esquecer isso por um momento.

Ela era uma mulher.

Ela era uma mulher que estava no comércio da pele.

Ela tinha outras mulheres sequestradas e então vendia seus corpos repetidas vezes.

Era desagradável quando os homens faziam isso. Homens estúpidos, despreocupados e descuidados.

Era francamente malvado, quando uma mulher fazia isso. Mulheres que conheciam o horror da violação. As mulheres que, mesmo que não tivessem experimentado, conheciam o medo constante. A realidade de que, possivelmente, ia acontecer em seu futuro.

Para uma mulher sujeitar dezenas ou centenas ou Deus sabia quantas mulheres inocentes com isso, diariamente, por quanto tempo elas trouxessem dinheiro... era tão horrível que não conseguia pensar em uma palavra para descrever isso.

Minha mãe comprava e vendia mulheres para a prostituição.

Jesus fodido Cristo.

E meu pai... Eu não sabia o que diabos estava acontecendo com meu pai. Mas algo estava acontecendo.

Minha vida estava desmoronando debaixo dos meus pés.

Bati minha cabeça para trás contra a cabeceira da cama para evitar as lágrimas que vinham quando minha mente vagou. Para o complexo. Para os dias que se seguiram quando Reign me levou lá.

**

Eu estava pressionada contra o lado de Reign, o braço dele deitado no meu quadril, minha cabeça no peito dele. — Conte-me sobre o seu passado, — eu disse, minha voz calma, satisfeita no pós-orgasmo.

— Você não quer saber sobre meu passado, babe, — ele disse, seu tom causal, seus dedos desenhando círculos sobre meu quadril.

Virei a cabeça para olhar para ele. Seu queixo abaixou-se e ele me olhou nos olhos. — Diga-me, — tentei novamente.

Ele revirou os olhos, deixando o ar sair do peito. — O que você quer saber?

— Tudo, — decidi. Porque eu queria saber tudo. As coisas grandes, as pequenas coisas. Tudo o que fez Reign quem ele era.

Ele balançou a cabeça, sua mão pressionando minha cabeça de volta ao peito. — Não há muito para contar, babe. O que você vê é o que existe. Sou prez aqui. É bebida e cadelas e fraternidade. Você não é estúpida. Tenho certeza que você colocou dois e dois juntos e descobriu o que eu faço.

— Você vende armas, — coloquei.

— Sim, eu vendo armas. Então me encontro com um monte de tipos desagradáveis. Eu explodo crânios quando preciso. O que é mais frequente do que você pensaria. Mas é isso, babe. Esta é minha vida.

Eu não estava desistindo disso facilmente. — Como foi sua infância?

Ele deu uma pequena, risada estranha. — Sério?

— Sim, sério, — eu disse, zombando de seu tom.

— Era isso também. Papai era prez. Crescemos no complexo. Eu, Cash, Wolf, alguns dos outros rapazes.

— Como você parecia?

— Um pequeno merda, — ele respondeu honestamente. — Provocando brigas sem uma boa razão com as crianças de fora. Me deixando com uma reputação desagradável quando eu estava no ensino médio.

— Você e Cash eram próximos? — Perguntei. Porque eles eram próximos como adultos. Mais próximos do que a maioria dos irmãos.

— Nem sempre. Ele estava sempre marcando junto. Sendo uma dor na bunda. Contando piadas que eu não achava que eram engraçadas. Tentando fazer parte do meu grupo de amigos.

— O que mudou?

— Mamãe morreu, — disse ele, o ombro encolhendo debaixo da minha cabeça.

— Quantos anos você tinha?

— Eu tinha doze anos. Cash tinha dez anos.

— Desculpe, — eu disse, sem ter mãe, entendi a picada. Mas minha mãe já havia desaparecido antes que eu pudesse sentir a falta dela. Ele teve doze anos para amar a dele.

— Ela era muito suave para a vida de papai. Sempre preocupada. Sempre doente. Ela não conseguia lidar com o estresse. Um dia, ficou doente e nunca melhorou. Cash era uma bagunça. Papai foi ao fundo do poço...

— O fundo do poço? — solicitei.

— Ele poderia ter feito a vida dela difícil com o quanto o clube significava para ele, o quão duro trabalhou, quantas vezes chegou em casa ensanguentado e machucado. Mas ele amava nossa mãe. E não lidou bem com a perda dela. Bebendo o tempo todo. Lutando. Decolando em todas as corridas que ele poderia ir em frente.

— Onde você estava e Cash? — Eu perguntei, minha mão correndo pelo braço dele.

— Aqui. Alguns homens estavam sempre aqui para se certificar de que fomos alimentados, fomos à escola e merda. Vin especialmente.

— Isso é triste, — eu disse, meus dedos roçando sua mão.

Sua mão se moveu, surpreendendo-me, agarrando a minha e entrelaçando os nossos dedos. — Não sinta pena de mim, babe. Não era tão ruim assim. Eu fugi com merda que nenhuma outra criança da minha idade teria.

— E Cash?

O ombro encolheu novamente. — Eu cuidei dele.

Claro que ele fez. Porque debaixo de sua persona motociclista, grande e má estava uma pessoa decente. Alguém que não vivia apenas por depravação, como parecia de fora. Ele era alguém que levantou seu irmãozinho irritante. Ele era alguém que me salvou. Ele era alguém que se recusava a arrastar seus homens para minha bagunça.

Ele pode ter sido ruim.

Mas ele era um bom homem ao mesmo tempo.

— Qualquer outra coisa ou posso ir dormir? — Ele perguntou, mas as palavras foram suavizadas por sua mão apertando a minha.

— Qual é a sua cor favorita?

Seu corpo rolou sob o meu enquanto ele riu silenciosamente. — Preto babe.

— O preto não é uma cor. É a ausência de cor, — respondi.

— Não seja uma sabe-tudo, — ele riu, chegando-se e puxando meu cabelo, brincando.

Depois disso, ficamos em silêncio. Tomei uma respiração, respirando o cheiro dele, aconchegando-me mais perto dele, jogando minha perna através de seu corpo, cedendo a minha necessidade de estar tão perto dele quanto possível.

— E você? — Perguntou depois. Muito mais tarde que eu tinha assumido que ele estava dormindo, assim o choque me enviou sacudindo, o topo da minha cabeça batendo por baixo do queixo, fazendo-me ganir e grunhir.

— E quanto a mim? — Eu perguntei, estendendo a mão para esfregar minha cabeça.

— Como foi sua infância? — Ele perguntou, me chocando. Ele realmente queria saber sobre o meu passado?

— Oh, hum... — meu passado parecia bobo em comparação com o dele. O seu era áspero e triste e interessante. O meu foi, bem, não...

— Fale, — ele ordenou e me senti resmungando em sua prepotência.

Mas eu dei de qualquer maneira.

— Era apenas eu e meu pai. Ele foi ótimo. Sempre encorajador. Sempre lá para me ajudar quando precisava dele. Realmente rigoroso sobre minhas notas, meus amigos e mais tarde... quem eu namorei. Ele meio que... me forçou a entrar nas empresas da família, o que me ressentia. Mas, novamente, eu nunca disse nada sobre não gostar, então ele não poderia saber disso.

— O que aconteceu com sua mãe? — Ele perguntou, uma de suas mãos movendo-se no meu cabelo, lentamente, deslizando para dentro e enviando um arrepio pelo meu corpo.

— Eu realmente não sei, — eu admiti, minhas palavras um pouco tristes, um pouco nervosas. Minha mãe não era um bom tópico para mim. Havia ressentimento ali. — Meu pai realmente não falava

sobre isso. Ele apenas disse que ela era egoísta e não queria compartilhar nossas vidas e que isso dizia coisas sobre ela, não a mim, que ela fez isso.

— Ponto sensível, — ele comentou calmamente.

— Não, não está tudo bem. Quero dizer, acabei...

— Ponto sensível, — ele repetiu, seu braço em volta dos meus quadris me apertando um pouco.

— Sim, eu acho.

— Então, vamos parar de falar sobre isso, — ele sugeriu.

E nós fizemos.

**

Realmente meio que sugava que eu nunca ia ter a chance de dizer a Reign que finalmente tenho minhas respostas sobre ela. Que ela não era apenas um ponto sensível mais. Ela era uma ferida aberta gigante.

Naquele pensamento, lágrimas queimaram atrás dos meus olhos.

Não porque minha mãe era um monstro.

Porque Reign teria encontrado algo para dizer.

Ele teria me dito para parar de falar sobre isso. Para parar de pensar nisso.

E eu teria.

E não me sentiria tão merda.

Inclinei a cabeça para olhar para o teto, respirando profundamente, fechando os olhos para evitar que as lágrimas se derramassem. Porque as mesmas regras foram aplicadas. Eu não ia porra chorar. Eu poderia enterrar meu rosto e poderia gritar. Eu poderia dizer a Martin e Daniel e a minha mãe para apodrecer no inferno. Mas eu não podia chorar.

Então eu suguei.

Eventualmente, o sono teve o melhor de mim.

Acordei com uma mão pressionando forte na minha garganta. — Você fodida vadia estúpida, — a voz sussurrada de Martin cortou meu nevoeiro do sono e eu estava instantaneamente alerta. Meus olhos se posicionaram em seu rosto, vendo vermelho seco ao redor do nariz, um dos olhos dele escurecendo. — Você acha que você pode colocar suas fodidas mãos sobre mim e não ser ensinada uma lição?

Foda.

Merda.

Eu sabia.

Eu sabia.

Ela não tinha controle sobre seus homens.

Que fodida desculpa patética para um senhor do crime.

A mão de Martin sabia o negócio, sua mão não pressionava a carótida, então não desmaiei, mas pressionava com tanta força que não consegui respirar. Ou gritar. Ou pensar em qualquer coisa, mas o quão ruim estava doendo. Quão aterrorizante era sentir o seu ar cortar. Saber que você só poderia ir por tanto tempo sem uma boa golfada de ar.

— Você quebrou a porra do meu nariz? Eu vou quebrar sua cara fodida.

Então sua mão se moveu da minha garganta e inclinou para trás tão rápido, que eu não consegui nem respirar antes de seu punho aterrissar com força ao lado do meu olho direito.

A dor era como uma explosão. Como fogos de artifício. Como se o golpe era o centro e irradiava, se espalhando, consumindo. Todo o rosto sentiu a picada. No momento em que o contato terminou, a dor se tornou uma pulsação, profunda e insistente.

— Isso é apenas uma prévia sua boceta estúpida, — ele rosnou quando uma batida soou na porta. Sem dúvida, o amigo que foi designado para vê-lo.

A porta se abriu, a luz do corredor era dolorosa e vi o contorno de outro cara. Não Daniel. Outra pessoa. Alguém que não conhecia.

Alguém que eu tinha um sentimento afundando que iria vir a conhecer muito bem nos próximos tempos.

A porta me fechou de volta para a escuridão e descansei minha cabeça contra a cabeceira da cama, tomando uma respiração profunda.

Era apenas um olho negro. Era isso. Não era grande coisa. Pior caso, cavidade ocular quebrada. Não era fatal. Provavelmente não seria bonito. Mas engolir uma bala ia fazer um caixão aberto impossível de qualquer maneira, por isso realmente não importava.

Eu precisava das minhas respostas.

E então precisava de uma saída permanente para fora do inferno.

Eu engasguei um soluço estranho quando um flash de Reign veio à minha mente.

Afastei-o, tentando não pensar nele.

Mas isso não era possível.

Ele não ficaria feliz por eu estar morta.

Eu meio que gostei disso.

Seria um golpe. Porque ele queria me salvar. Porque ele iria fazer V pagar pelo que ele/ela fez comigo.

Mas isso não o quebraria.

Ele tinha vivido uma vida muito dura para ser abalado pela minha morte.

Ele ficaria bem.

— Que porra é essa?

Eu esqueci o quão alarmante era despertar com vozes masculinas irritadas.

Tentei disparar para fora da cama, mas meus pulsos puxaram, meus ombros gritaram e caí de volta contra a cabeceira da cama.

— Oh, foda, piora, — ele repetiu. Pisquei lento, levando Daniel de pé na sala. Em um terno cinza. Camisa branca. Gravata padrão cinza.

— O quê? — Eu resmunguei, minha garganta como se eu engoli navalhas.

— Filho da puta. Eu deveria ter sabido, — disse Daniel, balançando a cabeça.

— Preocupado que a mamãe vai ficar puta? — Perguntei, estremecendo com a picada.

Com isso, Daniel me deu um sorriso estranho. — Não. Esse é apenas o ponto, — disse ele. — Eu dei-lhe a minha palavra. Vamos, — ele disse, alcançando uma chave e deixando um dos meus pulsos livre. — Pausa para o banheiro e depois V quer ter um sentar-se com você.

— Oh, alegria, — lancei e poderia jurar que ouvi ele rir. Mas isso não era possível.

Ele abriu a porta do banheiro e me deixou embaralhar para dentro. Virei-me para ele. — Eu sei... cinco minutos, — eu disse, revirando os olhos.

Ele balançou a cabeça, um sorriso brincando em seus lábios como se algo sobre mim o divertia, em seguida, fechou a porta.

Respirei fundo, deixando meus olhos encontrarem meu reflexo no espelho.

— Merda.

Não é de admirar que ele tenha ficado chateado quando me viu.

Havia impressões de dedo azuis a esquerda do meu pescoço, uma longa faixa azul no centro do espaço entre o polegar e o indicador. Meu olho estava enegrecido. Todo escuro, horrível azul e roxo. Mas, mais do que isso, a esclera do meu olho estava vermelho sangue.

Não era bonito.

Suspirei, liguei a água como sempre fiz antes de fazer xixi, então quem estava do lado de fora não me ouvia. Era meio estúpido sentir-me insegura em ir ao banheiro quando esses homens me viram

no meu período, mas ainda assim. Isso me fez sentir marginalmente menos como uma cativa e mais como um ser humano normal.

Lavei minhas mãos e tentei trabalhar um pouco de ordem no meu cabelo. Então a porta estava abrindo e tive que desistir.

— Para o porão, — eu disse em um tom estranho, alegre, lançando a mão e me sentindo como uma idiota total. Mas foi legal. Eu ia morrer em breve. Eu não teria que viver com a mortificação por muito tempo.

Eu segurei meus pulsos e fui algemada na frente. — Cozinha, — ele corrigiu.

Apertei os lábios e encolhi os ombros, seguindo-o ao andar de baixo.

E, com certeza, lá estava a minha mãe na cozinha. Parecendo bem descansada e deslumbrante em jeans desbotados, uma camiseta com gola v da marinha e botas de salto alto cor de caramelo. Seu cabelo estava solto, caindo no mesmo tipo de massa ondulada que o meu fazia.

Eu me senti suja.

Uma vez que saí de sua casa pela última vez, eu tomava banho, tanto quanto possível. Duas, três vezes por dia. Nunca me sentindo como eu poderia esfregar a sujeira e suor e desgosto da minha pele.

Um dia de volta e eu me sentia suja tudo de novo. Era como se eu nunca tivesse tido a chance de lavar tudo.

— Summer, — ela cumprimentou, me dando um sorriso caloroso. — Vejo que você teve um pequeno acidente.

— Ah, sim, — eu disse, secamente. — Eu de alguma forma consegui me derrubar enquanto estava algemada numa cama. Eu sou tão desajeitada assim.

Para isso, ela riu. Daniel olhou para seus pés.

— Bem, não importa, — ela disse, acenando com a mão, afastando isso longe como se eu havia reclamado de um papel cortado em vez de um olho sangrento, preto e uma laringe

esmagada. — Por que você não senta para que possamos ter uma pequena conversa?

Não tendo muita escolha, deslizei para um dos bancos sem encosto que estavam pressionados contra a ilha.

— Sobre o que você quer conversar? Os últimos vinte e quatro anos? Parece um pouco pesado para uma conversa de café.

Outro sorriso. — Eu queria falar sobre seu pai.

Merda.

As palavras de Reign surgiram no meu cérebro. — Ponto sensível.

— E o que sobre meu pai?

Sua cabeça inclinou para o lado, me observando. — Você realmente não tem ideia, não é?

Com isso, fiquei em silêncio. Porque, ela estava certa, havia muito sobre Richard Lyon que eu não conhecia. Mas também não adiantaria minha própria estupidez ou ingenuidade.

— Ele a manteve em uma bolha? — Ela perguntou, balançando a cabeça. — Ultimamente, ouvi dizer que você estava em uma boa faculdade, trabalhando em um de seus negócios legítimos na cidade.

Havia uma estranha inflexão na palavra 'legítimo' que tinha minha coluna endurecendo.

— Você manteve o controle sobre mim? — Eu perguntei.

— Seu pai e eu fizemos um acordo quando eu saí. Ele não mexia com o meu negócio. Eu não mexia com você. Você era dele. Mas uma mãe fica curiosa.

Oh. Santa. Foda.

Eles fizeram um acordo? Ela não apenas saiu um dia como a cadela egoísta que ele fez ela ser? Ele estava envolvido nisso?

E também... o negócio dela? Ele sabia sobre o negócio dela? Antes do sequestro e tortura? Ele sabia?

— Vejo que você está confusa, — disse ela, inclinando-se para a ilha a vários metros de distância de mim. — Vamos começar do início, vamos?

Honestamente, uma parte de mim estava feita. Eu não queria ouvir mais. Estava me sentindo louca com todas as revelações. Mas não queria parecer fraca. A fraqueza não me levaria a lugar nenhum.

— Se você precisa dizer, não estou exatamente em posição de parar você, — ofereci, mostrando minhas mãos.

Seus lábios se curvaram. — Eu acho que não perdi o estágio rebelde de sua educação depois de tudo, não é? — Ela perguntou, mas prosseguiu antes que eu pudesse jogar algo. — Eu conheci Rich quando tinha dezenove anos. Ele não era o homem, então, que ele é agora, — disse ela, quase com saudade. — Ele veio de um bairro ruim. Eu vim de um pior. E ele estava indo muito bem por si mesmo. Ele era mais velho. Encantador. Ofereceu-se para cuidar de mim. Eu não sabia, então, que sua marca de — cuidado— veio com muitas expectativas, exigências e altos padrões implacáveis.

Bem, isso certamente bateu em casa.

— Mas ainda assim, eu estava apaixonada. Jovem e estúpida. Não mais do que um ano mais tarde, descobri que estava grávida. Rich estava emocionado. Eu, bem, não tanto, — ela não disse isso com arrependimento ou vergonha como deveria ter, visto que eu era de quem ela estava grávida e eu estava ouvindo sua fodida história. — Quando ele soube que você era uma menina, estava em êxtase. Ele sempre quis uma garotinha para estragar e comprar pôneis. — Ela fez uma pausa, olhando para mim. — Ele comprou seus pôneis?

Sim, sim, ele fez.

— Sim.

Com isso, ela assentiu com a cabeça. — No momento em que você estava com um ano, seu negócio havia disparado. Ele era muito poderoso. Com mais poder, surgiram mais problemas de controle. Mais expectativas para eu ser alguém que não era. intermináveis

horas no personal trainer, com professores, em aulas de piano e aulas de francês. Ele queria uma mulher em seu braço que pudesse se orgulhar. Não uma garota áspera e dura das ruas. E eu fiz isso porque não vi outra alternativa. Mas, quando ele não estava por perto, o que era muito, eu planejei. Eu planejei. Eu tive meu negócio iniciando. Apenas um celeiro com dez ou mais meninas. Mas era o suficiente. Eu estava recebendo uma reputação. Eu ia de carro até lá com você presa no assento de bebê e tratava de negócios, em seguida, voltava para casa e cozinhava o jantar para ele, dizendo-lhe que passei o dia no parque ou em aulas de música para bebês. Por um ano, ele acreditou em mim.

Um.

Segure.

A.

Porra.

Pra cima.

Ela costumava me trazer para seus prostíbulos?

— Em seguida, cerca de uma semana após o seu terceiro aniversário, Rich ficou sabendo o que eu estava fazendo. Acho que foi porque o negócio quadruplicou e meu nome estava ficando lá fora. De qualquer forma, ele estava, como você pode imaginar, não muito feliz. Não era respeitável que sua esposa trabalhasse, e muito menos começasse a construir seu próprio império. Nós fizemos muitas rodadas. Eu não estava cedendo. Ele não estava cedendo. Então, eu disse que estava levando você e indo embora.

Oh, Deus.

Quero dizer, meu pai não era um santo, mas com certeza parecia melhor material para pai do que a minha mãe. Eu nem quis considerar o que a vida teria sido crescendo com ela.

— Rich viu vermelho com isso. Ele ameaçou arrancar meu negócio. E, enquanto eu estava indo bem, não estava indo tão bem

que sua ameaça não era viável. Então perguntei o que ele queria. Ele disse que você. O resto é história.

— Você me deu para que pudesse forçar meninas para o comércio do sexo? — Eu bati, meu tom mortal.

Seus olhos brilharam. — Não olhe por baixo do seu nariz para mim, Summer. Você cresceu em um maldito império criminoso você mesma. Você era apenas demasiado ignorante para ver.

Tudo bem.

Esta informação era algo que tinha começado a considerar eu mesma. De volta ao meu quarto na casa de meu pai, tentando descobrir quem diabos ele realmente era. Isso passou pela minha cabeça.

Mas ter uma validação era outra coisa tudo junto.

A cabeça de minha mãe tremia, os olhos rolando um pouco quando ela olhou para o teto. Ela olhou para mim. — O que você acha que seu pai faz?

— Ele é um importador, — eu disse automaticamente.

— Sim, mas um importador do que?

Essa era uma boa pergunta. Uma que eu nunca tinha sequer pensado em perguntar. Papai possuía uma cadeia de lojas de roupas. Eu sempre imaginei que ele importou roupas feitas em estabelecimentos com condições desumanas de trabalho. Um fato que eu estava sempre desconfortável, mas nunca tive a coragem de falar com ele sobre ou até mesmo olhar para isso quando estava trabalhando na sede da empresa.

Ela balançou a cabeça para mim novamente, como se eu fosse densa. — Eu queria seus contêineres. É por isso que você está aqui. Seus contêineres que vêm da América do Sul. Há muitas garotas maduras e bonitas na América do Sul. Você sabe o que mais existe na América do Sul? — Perguntou ela.

Eu estava muito ocupada tentando não vomitar sobre o comentário ‘garotas maduras, bonitas’ até mesmo para fingir que sabia. — Não.

— Cocaína, — ela forneceu e senti suas palavras se estabelecerem como chumbo na minha barriga.

Cocaína.

Minha mãe era uma comerciante de pele sem coração.

E meu pai importava e vendia cocaína.

Qual.

A.

Porra?

Nada. Literalmente nada poderia ter me preparado para essa dura realidade. Eu era filha de criminosos. De malditos senhores do crime. E estava cega para isso toda a minha vida. Saindo ao redor tomando mimosas no brunch e recebendo minhas unhas pintadas e pensando que eu tinha a mais normal, embora privilegiada, vida que se possa imaginar.

Jesus Cristo.

Eu tinha senhores do crime como pais.

E pelo menos um deles era a porra de um psicopata.

O que diabos isso disse sobre mim?

25.

Reign

Três. Fodidos. Dias.

— Você precisa dormir, cara, — disse Cash, me observando, parecendo tão abatido quanto eu.

— Eu durmo quando pegarmos ela de volta.

Tinha sido o mesmo argumento desde que rolou o encontro com os russos. Depois de verificar a evidência de merda que tínhamos. Depois de olhar para Repo. Depois de me sentar ao seu lado da cama até que ele finalmente recuperou a consciência e nos deu o seu lado da história.

— Não ouvi uma merda. Mas então, vi um estranho e ele estava segurando as mãos de Summer atrás de suas costas. Tinha fita adesiva sobre sua boca. Ela estava lutando com ele. Fodido idiota eu sou— - disse ele, batendo a mão no colchão – — eu porra a chamei. E ela se virou. E então ele me viu. E então estávamos lutando. Ele me deu uma coronhada no lado da cabeça e eu estava fodido fora cara. Tão estúpido.

— Não cara, — eu disse, balançando a cabeça. — Não, você fez bem. Você tentou protegê-la. Você levou uma surra por ela. Você fez bem, — eu disse, apertando minha mão em seu ombro.

— Prez, — disse ele, sentando-se enquanto fazia meu caminho até a porta. Virei. — Você precisa de alguma coisa. Para recuperá-la. Eu estou dentro. Sei que não estou remendado. Mas estou fodidamente dentro, — ele disse, sua voz feroz.

E mesmo que fosse contra as regras. Mesmo que ele poderia causar problemas, senti-me acenando com a cabeça. — Sim, você está.

— Wolf se foi há muito tempo, — Cash disse, trazendo-me de volta ao presente.

— Sim, — eu concordei.

— Deveria ter enviado alguém com ele, cara. Agora que sabemos quem é o fodido Richard Lyon...

Talvez devêssemos ter. Mas não queria envolver mais ninguém na minha bagunça. Já estava ruim o suficiente com Cash, Wolf, e agora Repo envolvidos. Nós não poderíamos colocar ninguém mais em risco.

— Wolf sabe o que ele está fazendo, — eu disse, esperando que fosse verdade.

Passei a mão pelo meu rosto.

O fodido pai dela era o maior traficante de cocaína na costa leste. Como a foda ficou tão longe do nosso radar? Concedido, não lidamos com drogas. Mas nós tentamos acompanhar as grandes organizações ao redor. Os MCs. Os italianos. Os fodidos irlandeses. Os cartéis mexicanos. Tudo. Como perdi um comerciante de cocaína? E não um pequeno rapaz. Ele era porra enorme. Foi durante a maior parte em vinte anos.

E, de alguma forma, escapou da atenção de Summer toda a sua vida.

Não que ele não tivesse tentado cobrir seus rastros. Ele tinha dezenas de negócios legítimos. Lojas de roupas. Uma cadeia de café. Uma porra de concessionária de carros de luxo. Ele colocou as aparências de ser um homem de negócios normal, todos os dias. Ele foi às inaugurações de galerias, realizou leilões de caridade generosos. Estava nas malditas páginas sociais pelo amor de Deus.

Mas ele tinha um império.

Um com lacaios. Um mini-militar. Dezenas de comerciantes.

Ele não era conhecido por ser uma fodido cruel como a maioria dos senhores da droga. Ele era apenas inteligente. Cuidadoso. Ele tinha sua merda apertada, de modo que não tinha necessidade de ter um monte de sangue nas ruas. Foi assim que ele manteve os policiais fora de suas costas. Como conseguiu voar sob o radar de todos os

seus amigos da sociedade. Todos os seus parceiros comerciais legítimos.

A porta do meu quarto se abriu, fazendo minha cabeça empurrar para cima.

E lá estava Wolf.

Um pouco batido ao redor, sua camisa rasgada, sangue em seu colarinho. Mas ileso. Como esperado. Ele raramente tinha alguém que pudesse levar a melhor sobre ele.

Ele acenou com a cabeça para mim. — Galpão, — disse ele, depois se foi.

Olhei para Cash que balançou a cabeça. — Quem na porra ele tem no galpão? — Perguntou ele, levantando-se e fazendo o seu caminho em direção à porta.

— Não sei, — eu disse, minhas mãos já enrolando em punhos. Eu não sabia. Porra, não me importava. Tudo que sabia era que estava indo para obter algumas informações do caralho. Chega de brincadeira ao redor para não fazer nada. Qualquer coisa. Enquanto foda - sabe o que estava acontecendo com Summer.

Cash deixou-se entrar no galpão onde Wolf já havia desaparecido. Respirei fundo, depois segui, batendo a porta.

Havia um homem algemado à cadeira. Em uma porra de um terno de mil dólares.

Minha sobrancelha arqueou-se, olhando para Wolf.

Porque... De fodido jeito nenhum. De jeito nenhum no inferno, ele era tão louco.

— Ele a pegou, — Wolf respondeu encolhendo os ombros.

— O quê? — Rosnei, correndo para frente em direção a ele.

Ele sendo Richard Lyon.

O pai de Summer.

Eu tinha um senhor internacional de drogas algemado a uma cadeira na porra do meu galpão.

— Ele a levou, — repetiu Wolf. — V a levou de volta.

O segundo de alívio que tive sabendo que ela estava com o pai, evaporou.

— Você vai ter que começar fodidamente desde o início, — eu mordi, olhando para Richard Lyon, que parecia tenso, mas não completamente assustado como a maioria estaria algemado no meu galpão.

— Eu não vejo como é da sua conta, — ele começou, seu tom frio. — Corredores de armas de baixa vida. Ela não é sua preocupação.

— Eu fiz dela a minha preocupação quando lhe ofereci proteção contra V. Quando ajudei ela trabalhar através da merda que você deixou-a passar, você, filho da puta. Quando matei um dos lacaios de V, depois de assistir Summer bater a merda fora dele. Ela é. Minha. Fodida. Preocupação.

A cabeça de Richard inclinou-se, observando-me, com as sobrancelhas baixas. — Summer nunca iria bater em qualquer um. Ela cresceu melhor do que isso. Ela não é baixa como você.

— Cuidou disso sozinha, — Cash entrou. — Ela tem um sério gancho de direita. Ela também nos disse que quando pegarmos o outro cara que costumava cortá-la, devemos usar facas nele.

— Não, ela não iria...

— Então, quando ela cansou de bater nele, — eu adicionei, apreciando o seu olhar de indignação — ela me disse para me divertir matando-o. — Eu o vi uma batida, então ri sem humor. — Qual é o problema? Incomoda que ela é mais parecida com você do que o planejado?

— Eu não bato e mato pessoas.

— Não pessoalmente, não. Mas você tem isso feito. Você tem sangue nas suas mãos assim como eu. Assim como sua filha. — Esse foi um golpe direto. Sua respiração sibilou de sua boca.

— Ela só tem sangue em suas mãos por causa de você. Você é imundo...

Ele perdeu o resto da frase dele. Principalmente porque meu punho colidiu com sua boca.

— Como diabos você o pegou? — Perguntei, olhando para Wolf.

A última vez que tinha ouvido, sua casa era como uma fortaleza.

— V tinha seus homens, — Wolf encolheu os ombros.

Voltei para Richard. — Eu não dou uma porra em quanto dinheiro você perde, mas você vai ligar para V e vai dizer-lhe que vai dar as demandas.

— Ela.

— O quê? — Rosnei, minhas mãos coçando para acertá-lo novamente.

— V não é um ele. V é uma ela, — explicou Richard.

Peguei o rosto surpreso de Cash, então ele balançou a cabeça. — Não, cara. Não foda mentindo para nós. Eu conheci V.

A cabeça de Richard virou-se, parecendo satisfeito por saber mais do que nós. — Não. Você conheceu Daniel. Daniel finge ser V em público. Mas ele não é V.

— Então quem porra é? — Eu explodi, aproximando-me da cadeira.

A cabeça de Richard inclinou-se para mim, um olhar de aversão cobrindo suas características. — Minha esposa.

Bem. De todas as coisas que ele poderia ter dito, essa pode ter sido a única que me fez me afastar dele. Perder o desejo de bater nele em pequenos pedaços de carne. Porque eu precisava de respostas.

— Que porra? — Perguntei, movendo-me para inclinar contra a parede, cruzando os braços sobre o peito.

— V é Vanessa Lyon. Ela veio do gueto e por mais que tentasse, eu nunca poderia livrar a persona de rua dela. E acredite em mim, eu tentei, — ele disse com um tom estranho, um tom que me fez pensar que havia uma boa quantidade de rua debaixo de seu

terno também. — Então, descobri que ela estava agindo como um cafetão. Tinha um celeiro de prostitutas. Não podia deixar que isso fosse parte da vida da minha filha. Então eu a deixei ir.

— E ela construiu seu próprio império criminoso para competir com o seu.

— O dela é construído sobre sangue, — disse Richard, parecendo estar insultado por ser comparado com ela. — Rios e rios de sangue. Ela é... desequilibrada.

— Não, realmente? — Eu moí. — Como você pode dizer? Porque ela tinha sua própria porra de filha marcada, fatiada, batida, e ameaçada de ser estuprada? — Em minhas palavras, Richard empalideceu. Embora eu soubesse da própria boca de Summer que ele sabia que estava sendo torturada. — Sim. A porra de contêineres de cocaína no valor de sua filha sofrendo assim?

O rosto de Richard caiu para olhar para o colo dele. — Você não entende.

— Então nos ilumine, — ofereceu Cash, parecendo que estava perdendo a paciência.

— Eu não posso ceder a ela. Nem mesmo por Summer.

— Por que não porra? — Wolf explodiu. Explodiu. O som de sua voz alta o suficiente para as paredes vibrar. O corpo de Cash ficou tenso, pronto, se necessário, para tentar agarrar Wolf e segurá-lo de volta.

— Não há ninguém para segurá-la, — disse Richard, parecendo preocupado. — Sem mim, sem eu ficar de pé para ela... não sabe o que ela faria. Ela é perigosa. Mais do que eu, — ele olhou para cima, olhando-me nos olhos. — Mais que você.

— Você não tem nenhuma ideia do quão perigoso eu sou, — eu respondi.

— Oh, eu sei, — ele disse em um tom que sugeriu que ele fazia. Um tom que dizia saber sobre todas as vidas que minhas mãos

tinham tomado. Todo o corpo que eu tinha quebrado. — Mas ela é maior. Ela é mais rica. E ela está fora de sua mente.

— O que o... — Cash começou, mas Richard continuou conversando.

— Esse é o bebê dela. Você tem isso, certo? Ela a carregou. Ela cantou para ela dormir quando criança. Ela era uma boa mãe por esses três anos que estava conosco. Ela amava Summer. E ainda a está prendendo. Batendo nela. Matando de fome. Porque nada é mais importante para ela do que o poder. Não posso deixar que ela tenha esse poder. Seria catastrófico.

Infelizmente, isso fez o seu próprio tipo de sentido doente.

Eu tinha estado ao redor por tempo suficiente para ver senhores do crime ficar grandes demais para suas calças. Ter muito poder. E com o poder veio o impulso de permanecer no poder.

O que, ele estava certo, levou a rios de sangue. Muitas vezes por nenhuma razão boa. E sempre demorou uma foda maior para derrubá-los. Ou os policiais. Mas os policiais não estavam tocando V. Então, ela tinha bolsos profundos ou tinha algo mais neles.

Ela era perigosa.

— Tem que haver alguém que pode levantar-se para ela. Alguém que ela tem medo. Além de você, — Cash esclareceu.

— Não que teria se envolvido por uma garota, — Richard disse, balançando a cabeça. Como se ele já tinha, talvez, ido através dos canais. Como, talvez, estava tentando recuperá-la o tempo todo.

— Quem você teve se aproximando? — Perguntei.

Richard encolheu os ombros. — Todos. O'neils. Os Alamanis. Mesmo os Changs. Eles querem correr o comércio de pele. Mas mesmo eles não querem ir à guerra por causa disso.

Eu balancei minha cabeça. — Você se aproximou das famílias? — Perguntei. Os irlandeses. Italianos. Chineses. Eles eram operações da velha escola. Famílias que sobreviveram por causa de cautela e regras rígidas. — E os MCs ou o...

— Eu não me associo com clubes de motociclistas e criminosos de baixa vida.

Então estávamos de volta a isso.

— Lo, — murmurou Wolf. Baixo. Então eu o ignorei.

— Esta é a sua filha de quem estamos falando e você não pode engolir seu orgulho e se aproximar...

— Lo, — disse Wolf, mais alto, fazendo-me virar para ele.

— Lo? — Eu perguntei, minhas sobrancelhas se juntando.

— Vamos pegar Lo, — acrescentou.

Meus olhos foram para Cash e vi um olhar lá que refletia o que eu estava sentindo dentro.

Havia criminosos. Eu. Cash. Wolf. Nós éramos criminosos. Havia senhores do crime. Lyon e V e as famílias, eram senhores do crime. E então havia simplesmente velhos, filhos da puta loucos.

Lo era um bom e velho, filho da puta louco.

Um tipo de ex-militar ou merda assim. Tinha um complexo maciço. Acres nas colinas com cercas elétricas e uma dezena de longos e baixos edifícios feitos de contêineres, destinados a resistir a qualquer tipo de desastre natural ou a maioria das balas. Ele tinha homens estacionados em todos os lugares. Armas encostadas em suas costas. Armas que eu tinha vendido. E então havia os cães. Dezenas deles. Raças viciosas. Pitbulls, rotties, dobermans. Cães significavam instilar o medo. Cães capazes de serem treinados para segurança.

Ele morava como se esperasse que o governo declarasse uma Lei Marshall permanente e ele queria poder combatê-los.

E, como eu disse, ele era um filho da puta louco.

Estive ouvindo histórias sobre Lo durante a maior parte de uma década. Construindo lentamente seu exército pessoal, cheio de ex-militares e pirralhos de rua que precisavam de alguma forma utilizar sua raiva.

Ele não lidava com drogas, armas ou garotas.

Ninguém realmente sabia o que diabos ele fazia.

Tudo que sabia era que tomava vidas de forma fácil e em maneiras novas e inventivas.

— Eu não acho que trazer um lunático como esse seria a melhor aposta, — Richard entrou, como se ele fosse parte de uma reunião do conselho, não algemado numa cadeira em meu galpão, manchado de sangue.

— Por que não? — Perguntou Cash. — Você mesmo disse, sua esposa é louca. Qual melhor maneira de lutar contra um louco, mas com um mais louco?

— Ninguém sequer conhece Lo, — Richard tentou argumentar. — Não sabemos nada sobre ele. Se não podemos controlá-lo, então nós não podemos ter Summer fora.

Outro ponto não totalmente estúpido.

Sua dedicação à racionalidade estava começando a me irritar.

— Nós iremos, — tentou Wolf, olhando para mim.

— Ir para onde? — Perguntei.

— Conhecer Lo.

— Esse não é um plano ruim, — ofereceu Cash. — Conhecê-lo. Obter uma sensação dele e sua lealdade. Ver se queremos nos envolver com ele. Depois ir de lá.

— Estamos perdendo tempo porra, — Rosnei.

Os olhos de Richard encontraram o meu, e eu vi o mesmo tipo de vazio que senti dentro. Ele queria sua filha de volta. Tão frio e distante como ele estava sendo sobre todo o assunto, queria ela de volta tão mal quanto eu.

— Ela não é quem era há quatro meses, — ele disse, observando-me.

— Do que você está falando?

— Summer, — ele esclareceu. — Eu a criei suave e doce e complacente. Ela era uma boa garota. O tipo de garota que nunca aprendeu a ficar completamente sozinha. Ela não é mais essa garota.

Ela é mais forte. Ela é resistente. Ela sobreviveu três meses sob V. E nós dois sabemos o que aconteceu com ela lá. Três meses. E quando eu tive mãos nela novamente, ela estava pronta para lutar. V não a quebrou. Três meses e ela nem sequer chegou perto de quebrá-la. Foram apenas três dias.

Engoli com dificuldade. Ele estava certo. Mesmo depois do que passou, ela era de aço. — Ela grita, — eu disse, o som penetrante em meus ouvidos.

— Eu a ouvi, — ele concordou.

Porra.

— Bem. Amanhã, — declarei. — Vamos para o Lo amanhã. Com ou sem ele, quero Summer de volta no dia seguinte. Eu não me importo com o que temos que fazer para que isso aconteça.

Comecei ir em direção a porta quando a voz de Cash me impediu. — Ah, Reign...

— O que?

— O que devemos fazer com ele? — Disse ele, fazendo um gesto para Richard.

— Ele parece confortável o suficiente, — eu encolhi os ombros. — Coloque Repo observando ele. Ele está morrendo por responsabilidade. Oh, — eu disse, voltando, um sorriso nos meus lábios. — Repo é um dos meus homens que foi destruído muito bem em suas mãos. Estou curioso para ver que tipo de autocontrole ele tem quando aprender esse fato, — eu disse, observando Richard pálido.

Entrei no complexo, ignorando os olhos curiosos dos homens que estavam pendurados ao redor e fui direto para meu quarto. Chutando minhas botas. Deitei na cama. Eu precisava dormir. Mesmo por algumas horas. Eu precisava estar afiado. Eu precisava colocar minha cabeça em linha reta.

Mas enquanto eu virava na cama, o sono não veio.

Memórias fizeram.

**

— O que é esse? — Summer perguntou, deitada no meu peito, seus dedos traçando sobre minhas tatuagens, perguntando o que elas representavam, reclamando para mim se descobrisse que não significavam nada. Que eu simplesmente gostei do design. Aparentemente, se eu estivesse escrevendo algo na minha pele permanentemente, deveria ter algum tipo de significado pessoal.

Seu dedo estava correndo sobre a borda de uma âncora escura.

— Esse é por Cash, — forneci.

— É mesmo? — Perguntou ela, empurrando para cima no meu peito para olhar para mim, seu cabelo caindo para frente e estendi a mão para colocá-lo atrás da orelha. — Uma âncora?

Eu assenti. — E ele tem a roda. — Suas sobrancelhas se juntaram, tentando dar sentido a essa informação. — É um ditado antigo, — forneci. — O que tem a roda significa 'ser aquele que me guia', e a âncora significa 'mas nunca me segurar'.

— Oh, — ela disse, seus olhos caindo na minha boca.

— Continue olhando para minha boca, babe, e vou começar a pensar sobre o que posso fazer com isso.

Ela riu, balançando a cabeça. — Eu não posso mais gozar, — disse ela, revirando os olhos. — Eu acho que quatro vezes é o meu máximo. Minhas pernas sentem-se como gelatina.

Eu ri. Ri. Eu nunca ria porra. Mas eu ri. Em seguida, agarrei ela, rolando-a de costas e colocando meu corpo sobre o dela. — Deseja testar essa teoria? — Eu perguntei, correndo minha boca entre seus seios, pelo seu estômago.

— Reign... Eu não posso... — ela se opôs, soando ventilando.

— Vamos ver, — eu disse, meu rosto estava entre suas pernas.

Nós vimos.

E ela podia.

**

— Foda-se, — Rosnei, levantando da cama e andando pelo quarto.

Era por isso que não conseguia dormir. Não apenas a ideia de que ela estava sendo machucada novamente, que estava tendo mais razões para gritar a noite. Mas as lembranças do pouco tempo que passamos juntos. Então tive que deixá-la por algum encontro de merda com os russos. Que levou a porra de lugar nenhum.

Se eu estivesse lá, não teria havido nenhuma maneira de que ela teria sido tomada.

Principalmente porque passamos a maior parte do nosso fodido tempo nus na cama. Ou no banho.

De jeito nenhum, ela estaria fora.

Certamente, não com um fodido prospecto como Flee.

Eu saí do meu quarto, fui para a área principal, vazia, exceto por Wolf e Cash.

— O que está acontecendo? — Perguntei, sentindo a tensão no quarto.

— Nós dois estamos indo, — Cash forneceu.

Minha cabeça estava balançando antes mesmo dele parar de falar. — Não. Eu preciso de um de vocês aqui. Você sabe disso. E você sabe que é suposto ser você, Cash. Mas se está determinado a ir, pode ser Wolf aqui.

Wolf balançou a cabeça. — Indo também, — disse ele.

— Wolf. Eu preciso de você…

— Mulher boa, — ele disse, olhando para mim, seus olhos firmes.

Ela era uma boa mulher. E não tinha escapado exatamente do meu conhecimento de que ela e Wolf tinham ficado próximos. Foda-se se eu sabia, vendo como ele quase nunca falava. Mas, novamente, metade do tempo, Summer não calava a boca. Então, imaginei que poderia funcionar. Ele a tinha levado para o porão pouco a pouco para tirar seu medo, para que ela pudesse lavar as roupas. Ele era

suave com ela. Bem, tão suave como um homem tão duro como ele poderia ser. Ela trouxe isso para fora. E isso significava algo para ele.

— Foda-se, — eu disse, inclinando-me contra o bar. — Quem então? — Perguntei, olhando entre eles.

Cash encolheu os ombros. — Vin. Para o dia, Vin.

Ele realmente era a única opção. Sobre a qual não estava muito feliz. Vin era bom. Estável. Equilibrado. Todo para a irmandade. Mas ele tendia a ser muito preto e branco. E com a merda cinzenta que tínhamos acontecendo...

— Eu acho que ele fará por um dia. Contanto que ele reverta todas as decisões para mim. A merda deve estar calma agora. Vamos manter Repo em Lyon. Diga a todos para ficarem fodidamente fora do galpão.

— Na primeira luz? — Perguntou Wolf, parecendo ansioso para ir.

— Na primeira luz, — concordei. Nenhum de nós iria se preocupar com o sono de qualquer maneira.

Então nos sentamos, observamos pela janela e esperamos.

***

O complexo de Lo era nomeado. Lá havia um enorme sinal fodido verde na frente, com impressão branca nele, preso com vigas de aço no chão como um sinal de trânsito em uma estrada.

Hailstorm.

Era isso. Foi chamado Hailstorm.

Eu compartilhei um olhar com Cash que encolheu os ombros, olhando para além do sinal e atrás dos portões. Passaram-se meses desde que vi a propriedade. Provavelmente mais perto de um ano. Lo expandiu. Os contêineres vermelho, azul e verde estavam em todo lugar, alguns conectados, formando um grande prédio quadrado com uma praça externa. No centro havia um pequeno prédio de tijolos. Havia outros contêineres colocados fora, em pé sozinhos. Cada um

com um homem ou dois caminhando pela superfície, olhando para a distância.

Os cães também estavam em todos os lugares. Alertas. Farejando. Suas cabeças sacudindo quando pegavam um cheiro estranho.

Ao lado dos contêineres havia enormes barris brancos para capturar água. Em direção à parte de trás da propriedade, havia um campo de painéis solares.

Não era apenas um tipo de psicopata. Ele era um tipo preparado.

— Porra, — eu disse, balançando a cabeça quando nós chegamos até os portões da frente.

— Muito tarde agora, — disse Cash, sorrindo, seus pensamentos alinhados com os meus.

Mesmo quando ele disse isso, todos os olhos estavam voltados para nós, armas levantadas, cães levando suas bundas para nos receber, rosnando com a boca espumando.

Poucos minutos depois, uma figura solitária saiu da porta do contêiner de transporte central. Alta. Careca. Pele de meia-noite escura. Construção forte. A postura inegável de ex militar. Ele caminhou casualmente para nós, sem armas. Mas ele não precisava de uma quando pelo menos dez nos visavam.

— Henchmen? — Perguntou, com as sobrancelhas franzidas.

— Nós temos algo para discutir com Lo, — forneci.

— Tem um desejo de morte? — Perguntou ele, piscando os dentes brancos.

— Tenho uma situação, — eu disse, encolhendo os ombros.

— E você quer que Lo seja envolvido? — Ele perguntou como se fosse a coisa mais louca que já ouviu.

— Talvez. É por isso que estamos aqui. Para senti-lo.

Para isso, ele sorriu mais amplo. — Tudo bem, — ele disse, encolhendo os ombros. Então, foi até uma cabine, acertando alguns botões até o portão começar a abrir.

— Não vai perguntar se estamos embalados? — Perguntou Cash e eu olhei para ele. Estávamos embalados. Claro que estávamos.

— Você acha que isso importaria? — Ele perguntou, gesticulando em direção aos homens ao redor, mais alguns saindo do trabalho nos campos para nos assistir.

— Tem um ponto, — Cash disse, casual como sempre. Como se não estivéssemos entrando em uma maldita fortaleza dirigida por um louco conhecido.

Nós fomos levados para o contêiner de transporte, que o cara tinha saído primeiro, não encontrando nada além de um monte de botas e jaquetas. Em seguida, em linha reta através de uma porta de aço para outra sala. Algum tipo de área de reunião. Em seguida, em um espaço de estar. Plano aberto. Cozinha / sala de jantar / estar em um. Pequeno, mas confortável. Sem janelas, mas mais do que suficiente de lâmpadas acima, e lâmpadas de mesa para compensar isso. A luz um pouco embaixo e me perguntei se era de iluminação UV para compensar a falta de sol.

— Relaxe, — ele disse, apontando para a cozinha. — Vou deixar Lo saber que você está aqui.

Ele nos deixou. Sozinhos. No centro da sua estranha fortaleza. Mas eu tinha a impressão distinta, porém, de que não estávamos sozinhos. Que havia homens já estacionados de onde entramos. E homens, onde o nosso acompanhante tinha desaparecido.

— Fodido estranho, — disse Wolf, olhando ao redor.

— Tem razão, — concordou Cash. — Eles vivem como pessoas da caverna.

— Cash, nós também não temos janelas, — lembrei-lhe com um sorriso malicioso.

— Sim, mas esse lugar é...

— Greg disse que você está me procurando, — uma voz nos chamou, fazendo-nos todos pular e virar.

— De nenhum fodido jeito, — Cash disse, com um sorriso incrédulo ultrapassando seu rosto.

Porque lá, de pé, apenas dentro da entrada em frente a Greg, estava Lo.

E Lo era uma fodida mulher.

E não apenas uma mulher.

Uma fodida mulher de boa aparência.

Alta. Pelo menos com um metro e setenta e nove centímetros, com uma construção forte, mas fina, quadris largos, bagageiro decente. Cabelo loiro cinza longo, um rosto que era todo bordas afiadas com olhos castanhos escuros. Ela usava jeans gastos e uma camiseta branca. Uma arma estava amarrada numa banda na coxa, outra no quadril.

— São todos os senhores do crime fodidos mulheres agora? — Cash perguntou, querendo saber o que todos nós estávamos pensando.

Com isso, Lo sorriu, um sorriso tilintando escapando de seus lábios. — Não posso deixar vocês homens terem toda a diversão agora podemos? — Perguntou ela.

— Quantos fodidos anos você tem? — Cash continuou, fazendo-me revirar os olhos.

Ela virou os olhos em Cash, um sorriso brincando em seus lábios. — Quase velha o suficiente para que essa pergunta seja no limite de ofensiva.

— Você é seriamente Lo? — Ele perguntou, obviamente não convencido. Porque ela era jovem. Não jovem como Summer. Mas em algum lugar ao longo da linha de nossas idades. Talvez mais a de Wolf do que a minha. Meados de trinta e tantos anos.

— Sim, sou eu. Eles me chamam de Lo porque eu gosto de manter isso, — ela disse, gesticulando em direção a seus peitos, —

muito as escondidas. — Ela entrou na área da cozinha, calma, casual, como se não fosse nada ter três criminosos em seu espaço pessoal. Talvez não fosse. — Então, — ela disse, derramando xícaras de café, — o que o traz aqui?

— V, — respondi, pegando o copo de suas mãos.

— Essa cadela? — Ela perguntou, revirando os olhos.

— Você sabia que ela era uma cadela? Como diabos todos sabiam disso, menos nós? — Perguntou Cash, balançando a cabeça.

— Oh, querido, — ela disse, dando a Cash um sorriso assassino, — eu sei tudo. Assim como sei que você tem um chefe de cocaína em seu galpão, enquanto falamos. Como sei que o mesmo cara teve metade de seus homens fora, um dia antes de você pegar ele. Como conheço você, — ela disse, virando-se para me olhar, — tinha uma mulher se hospedando em sua casa antes de levá-la de volta ao complexo. Importa-se de me preencher com os pedaços que faltam? Isso está me deixando louca.

Eu compartilhei um olhar com Cash, depois com Wolf. Cash encolheu os ombros.

Wolf grunhiu. — Foi bem longe, — disse ele.

Imaginei que ele estava certo.

— Tudo bem, aqui está como é. O cara em nosso galpão é Richard Lyon, que é casado, mas afastado de sua esposa, Vanessa.

— V, — ela forneceu.

— Sim, V. A mulher que estava ficando comigo, era sua única criança. V quer o controle dos contêineres de Lyon para trazer pele nova. Pegou a filha para tentar convencê-lo. Ele não estava dando porque acha que ela precisa de alguém para mantê-la sob controle. E esse é o trabalho dele. Então não cedeu, independentemente do quanto a menina tenha sido torturada. A menina saiu, bateu um carro. Eu a encontrei. Levei-a para minha casa. Então, para o complexo. Lyon tirou-a de mim. V tirou-a dele. Então aqui estamos nós.

— Um inferno dos diabos, — disse ela, tomando seu café. — Vocês homens, — ela disse, sorrindo estranhamente. — Sempre fazendo uma bagunça de situações.

— Que porra deveríamos fazer? — Perguntou Cash, parecendo que queria estrangulá-la.

— Para começar, — ela continuou, inabalável. Provavelmente por causa da grande quantidade de homens em Hailstorm. Provavelmente, ela estava acostumada a explosões desencadeadas por testosterona. — Você não se apaixona pela filha de dois dos maiores senhores do crime na costa, — disse ela, virando o olhar para mim.

Porra?

Não.

O que.

A.

Porra?

Apaixonar-me pela filha de dois dos maiores senhores do crime na costa?

Summer?

Eu não estava apaixonado por Summer.

— Oh, isso é precioso, — disse Lo, rindo de novo a risada tilintante. — Você ainda não percebeu que você a ama, hein?

Cash e os olhos de Wolf viraram-se para mim.

Oh, foda-se.

**

— Vamos, — Summer implorou, afastando o lábio inferior em um fodido épico beicinho.

— Não, — eu disse pela terceira vez.

— Você sabe que você quer, — ela tentou, jogando a perna por cima da minha cintura e abrangendo-me, vestindo uma das minhas velhas camisetas, o pescoço puxado amplamente e expondo seu ombro. Minhas mãos saíram, pousando nos lados de seus quadris

enquanto olhava para ela. Seu rosto delicado. Seu cabelo vermelho macio, desarrumado da cama. Seu corpo minúsculo que tomou tanto abuso. Seus grandes olhos cinzentos que tinham perdido muito do seu medo. — Reign... — ela tentou, sua voz baixa porque sabia que isso me deixava selvagem quando ela disse meu nome.

Espreguicei-me, mandando-a voando sobre suas costas, meu corpo caindo sobre o dela. — Eu disse não, Summer, — eu disse, balançando a cabeça.

Ela respirou fundo, desviando o olhar por um segundo. Quando ela se virou, não confiei no olhar em seus olhos. Então seus olhos seguraram o meu quando seus dentes beliscaram seu lábio inferior. — Para mim? — Ela perguntou.

Puta que pariu.

— Para você? — Eu perguntei, olhando para ela e ela assentiu com a cabeça.

Havia um estranho e quente aperto no meu peito quando percebi que eu faria isso. Eu provavelmente faria qualquer coisa que ela pedisse.

— Tudo bem, — suspirei, balançando a cabeça para mim.

Mas então seu rosto se iluminou e esqueci de tudo por que eu deveria estar bravo comigo mesmo por dar a ela de novo.

**

— Oh, foda, — eu disse, batendo minha xícara de café.

— Você tem sentimentos, — Cash disse, sorrindo para mim.

— Boa mulher, — acrescentou Wolf.

Lo respirou fundo. — Deus, sou uma otária para uma boa história de amor, — disse ela, balançando a cabeça para si mesma. — Então, o que você precisa de mim?

— Sua reputação, — ofereci.

— Você acha que eu sou a grande malvada que pode manter V na linha?

— Algo assim. Conhecemos sua reputação.

— O que você faz? — Cash cortou, inclinando-se no balcão em direção a Lo, parecendo fascinado.

Jesus fodido Cristo. Ele queria enfiar o pau nela. Típico.

Lo encolheu os ombros. — Eu faço um pouco de muitas coisas. Perseguição. Segurança privada. Acordos ocasionais de extorsão. Algumas batidas. Não tanto como costumávamos fazer embora. Tenho muitos homens com muitos talentos variados. Eu gosto de colocá-los para trabalhar.

— Batidas? — Perguntou Cash.

— O que? Nunca matou ninguém? — Ela perguntou, inclinando-se na ilha, aproximando-se do rosto dele. Ele tinha. Apenas um homem. Mas ele tinha. — Ah, lá está, — disse ela, balançando a cabeça. — Nós não somos tão diferentes.

— Nós matamos para proteger nosso clube. Nossos irmãos, — respondeu Cash.

— Então você é melhor que eu, porque eu mato por dinheiro?

— O inferno fodido, sim, — Cash respondeu.

Bem. Talvez eu li isso errado. Ele não queria fodê-la. Ele não queria nada com ela.

— Yo, tão divertido quanto é assistir vocês dois brigando como um casal de velhos— Eu quebrei, vendo seus rostos virar para o meu, — Eu tenho uma mulher sendo torturada enquanto falamos. Você vai porra nos ajudar ou o quê?

Lo exalou um longo suspiro, se endireitando.

— Oh, que diabos? Se por nada mais do que para ver como você olha para ela agora que sabe que você a ama.

E foi assim que conseguimos o mais louco filho da puta na Costa Leste em nossa missão para ter Summer de volta.

26.

Summer

Quatro dias.

Dois dias no meu pai.

Dois dias na minha mãe.

Até agora, eu tinha certeza de que preferia o meu pai. Com o acesso ilimitado ao chuveiro e ao banheiro e às refeições reais e decentes. Com o grande, pesadão, silencioso Lee me vigiando. Em vez de Martin. Em vez do outro novo cara que se sentou à minha porta à noite cantando uma música que nunca tinha ouvido sobre matar um homem. Em uma espécie de forma doente, quase desejei que Deke ainda estivesse por perto. Pelo menos eu sabia o que estava por vir com ele. O novo cara, bem, ele tinha os olhos como os de Martin.

— Cinco minutos, — Martin resmungou, me jogando no banheiro e batendo a porta.

Ele estava chateado. Provavelmente porque, por algum motivo, não conseguiu entrar no meu quarto na noite anterior. O que eu tinha uma suspeita poderia ter tido algo a ver com Daniel intervindo.

Eu também não estava algemada e, em seguida, permitiram realgemar na minha frente para dar a meus ombros uma pausa. Mais uma vez, graças a Daniel.

Eu lavei minhas mãos, olhando-me no espelho. Se no dia anterior era ruim, isso era pior. As contusões ao redor da minha garganta pareciam mais escuras, meus olhos tinham amarelo misturado com o azul e roxo. E meu olho ainda estava cheio de sangue. Aparentemente, isso não ia embora como pensava que iria. Parecia ainda pior do que era. Nem sequer doía. Então, pelo menos, havia isso.

A porta se abriu.

Cedo demais.

Eu estava contando.

Estávamos em três minutos.

Não era bom.

Mal tive a oportunidade de sacudir a cabeça na direção da porta antes de meus quadris baterem contra a pia bastante duro para eu gritar e o lado do meu rosto colidiu com o espelho, a mão na parte de trás do meu pescoço me segurando lá. O vidro rachou sob a pressão e senti o sangue começar a escorrer pelo lado do meu rosto. A pressão no meu pescoço relaxou e respirei fundo, me preparando. Porque não havia terminado.

A mão moveu-se no meu cabelo, agarrando-o na base do meu pescoço e puxando violentamente para trás e me virando até que minha cabeça ergueu e eu estava olhando para os buracos que eram olhos de Martin.

— Fique de joelhos, — ele disse calmamente.

Não.

De maneira nenhuma no inferno.

Não.

Mas a escolha foi tirada de mim alguns segundos depois, quando a bota de Martin saltou para frente e, com força total, pousou contra minha canela, me mandando para baixo em um assobio. A mão permaneceu no meu cabelo, escorregando para as extremidades e puxando com força. A outra mão foi para frente de seu jeans, estalando o botão e chegando para o zíper.

Não.

Não, não, não, não, não.

Isso não poderia acontecer.

Eu poderia superar a dor. Meus cortes iriam curar. Meus machucados iriam desaparecer. Posso seguir em frente disso. Mas eu não podia, sabia em algum lugar no fundo da minha alma, que não

conseguiria me recuperar de ser forçada a ter seu pau na minha boca.

Eu. Apenas. Não podia.

Espontaneamente, uma imagem de Reign surgiu na minha cabeça. Ele voltou de algum tipo de reunião com o resto de seus homens. Ele sentou-se ao pé da cama, de costas apertadas, os cotovelos apoiados nas coxas, de costas para mim. E ele parecia tão estressado. Saí da cama, subindo calmamente pelo chão e me movendo em frente a ele, deslizando um dos meus braços ao redor de seus ombros, um escorregando em seu cabelo.

E assim, seus braços rodearam meu centro, me puxando para perto, me segurando forte. Eu segurei por um longo par de minutos, curtindo a sensação dele me segurando como se eu fosse preciosa. Como se eu fosse um ponto brilhante em seu dia escuro. Então, lentamente puxei para trás até que seus braços se afrouxaram e me abaixei entre suas pernas, olhando nos seus olhos quando alcancei para desatar seus jeans. Seus olhos ficaram nos meus, os meus com os dele, quando alcancei e comecei a acariciá-lo. Sua mão saiu, os nódulos escovando meu maxilar antes de inclinar minha cabeça e levá-lo na minha boca.

Essa era a última memória que eu queria ter sobre esse ato particular.

Não sendo forçada a fazê-lo com Martin.

Felizmente, amorosamente fazendo isso por Reign.

Eu não podia deixá-los tirar mais nada de mim.

Martin teve suas calças desfeitas e estava chegando dentro.

Torci meu corpo, trazendo minha bota para cima e balançando os braços para chegar dentro.

Se alguma vez houve um bom momento para fazê-lo, pegar a arma, ativá-la e puxar o gatilho. Se houvesse uma boa razão para fazê-lo, era para me manter de ser violada de uma forma nova e terrível.

Minhas mãos nem sequer tremeram quando meus dedos deslizaram sobre a arma que estava quente de ser pressionada contra minha pele.

— O que está demorando tanto? — A voz de Daniel gritou de baixo das escadas e senti meu coração pular no meu peito.

— Filho da puta, — Martin vaiou, reajustando-se em suas calças, deixando meu cabelo e fechando de volta.

Minha mão escorregou da minha bota, minha oportunidade perdida, e lentamente tentei voltar aos meus pés.

Martin acelerou isso, arrastando-me pelos cabelos, puxando-me contra o corpo dele: — Isso não acabou, — ele disse com uma voz cheia de advertência e promessa antes de eu estar sendo empurrada para o corredor e fazendo meu caminho para as escadas.

Os olhos de Daniel caíram sobre mim quando me aproximei, um fogo ardendo atrás deles. Mas ele apenas apertou o maxilar e me levou para a cozinha, Martin me seguindo de perto.

— Summer, — minha mãe cumprimentou, olhando por meu rosto. Não mostrando nenhuma reação. — Você não vai se juntar a mim para uma conversa?

— Como se eu tivesse uma escolha, — retruquei, um pouco abaixo do meu fôlego, mas ela ouviu, levantando a testa.

Daniel se aproximou da minha mãe, encostando-se ao balcão, olhando para seu relógio. Martin se moveu para o meu lado quando me sentei no banquinho, mantendo bem um metro entre nós.

— Parece que temos um problema, — ela começou, me observando.

— Ah, é? — Perguntei, colocando os cotovelos em cima da ilha, esfregando entre os olhos para a construção da dor de cabeça. Provavelmente do meu lado que colidiu com o espelho.

— Seu pai está sumido.

Minha cabeça levantou, minhas sobrancelhas se juntando. — Sumido? — Perguntei, achando que eu realmente me importava.

Apesar dele ter mentido para mim toda a minha vida. Apesar dele sequestrar-me. Eu me importava.

V assentiu, seus olhos ficando duros. — Eu tenho certeza que você entende que este é um grande negócio.

— Porque você não consegue culpá-lo em dar-lhe acesso aos contêineres para torturar-me mais, — imaginei.

— Eu tinha homens nele, observando cada movimento dele. Observando-o correr sem oitenta por cento do seu exército vivo para fazer o seu lance. Ninguém viu nada. Ele apenas saiu. Alguma ideia de quem poderia querer ele?

Eu sabia exatamente quem o tinha.

Não me pergunte como eu sabia. Mas eu sabia.

Reign o tinha.

E, novamente, não me pergunte como eu sabia...

Mas eu sabia que Wolf foi o único que o pegou.

Senti meu ombro encolher, — Imagino que ele tem muitos inimigos, você sabe... estando no comércio de drogas. Alguém viu que ele estava fraco e se moveu.

Os olhos de V ficaram quentes, como se ela soubesse que estava mentindo para ela.

Mas antes que ela pudesse abrir a boca, um de seus homens entrou correndo. — V, alguém está aqui para você.

— Eu não tenho reuniões hoje, — ela respondeu, dispensando-o.

— V... — ele continuou, parecendo desconfortável por ter que continuar pressionando o problema, — Diz que é Lo.

A cabeça de V levantou-se, seus olhos se tornaram ativos. O que eles estavam pensando, não tinha ideia, mas eles definitivamente estavam pensando em algo. — Lo?

— Sim, e três Henchmen.

— Bem, bem, — ela disse, sorrindo, seus olhos caindo para mim. Como se ela soubesse. Claro que sabia. — Isso deve ser

divertido. — Ela voltou sua atenção para o homem que tinha entrado. — Verifique-os por armas e depois os envie para dentro. — Ela olhou para o meu rosto com um sorriso malicioso. — Isso pode ser muito interessante.

Senti uma poça fria em minha barriga.

Não.

Isso não era bom.

Eu não sabia quem era o inferno Lo, mas sabia de quais Henchmen estavam falando.

Os três que mais significavam para mim.

Wolf.

Cash.

E Reign.

Ao pensar em seu nome, uma sensação de corte passou por meu peito e deixei meus olhos caírem no balcão, com certeza meus olhos me entregariam enquanto trabalhava para criar uma máscara de indiferença.

Merda.

Tudo o que estava prestes a acontecer, tinha certeza de que não era bom.

Por que eles iriam entrar no composto de V, sabendo que teriam de perder suas armas, sabendo que estavam em menor número?

Foi estupido.

Imprudente.

A porta bateu fechada e ouvi pés vindo em nossa direção.

Eu me virei na minha cadeira, de frente para o corredor, assim quando o grupo entrou.

Meus olhos foram imediatamente para Reign.

Os dele foram para mim.

E, além de um aperto de sua mandíbula, sua máscara de indiferença colocava a minha na vergonha.

— Vanessa, — disse uma voz feminina e minha cabeça estalou para encontrar uma loira alta de pé ao lado de Cash (que estava olhando para mim com absoluto horror). Aparentemente ele deixou sua máscara na porta.

— Lola, — disse a voz da minha mãe. Calorosamente.

Eu me virei para encontrá-la sorrindo com carinho para a mulher com meus Henchmen.

E então, para meu absoluto, completo e esmagador horror... as mulheres atravessaram a sala em direção a outra e beijaram-se nas bochechas.

Meus olhos voltaram para os Henchmen que pareceram de repente tensos.

Santa merda.

Eu estava bastante segura de que as coisas haviam passado de santa merda para *santafodidaboladem erda* no período de dez segundos.

Os olhos de Wolf foram para os meus e havia fogo atrás deles.

E eu sabia.

Eu sabia.

Algo estava errado.

Porra.

27.

Reign

— Ela está fora de sua mente fodida, — disse Cash, perto do meu ouvido, enquanto observávamos Lo andar por aí, batendo vários homens em seus ombros e dizendo-lhes para encontrá-la no ‘comando’.

Depois de ver ‘comando’, eu estava muito fodidamente certo de que concordava com Cash.

'Comando' era o prédio de tijolos no centro de todos os contêineres de transporte. E acho que estava meio esperando que fosse a casa de Lo. Mas não. Lo vivia em um quarto de estilo quartel como o resto de seus homens. E as outras duas mulheres que ela também tinha em suas filas.

'Comando' era uma casa de tijolos normal do lado de fora. Do lado de dentro, as paredes em tijolo eram reforçadas com pedaços de contêineres de transporte. As janelas, percebi, depois de bater em uma delas enquanto passava, eram de policarbonato. Resistente a balas. E a partir daí, só piorou.

Porque as paredes foram rebocadas com cartazes. Placas de cartazes cobertas de imagens, gráficos, planos para todos os seus projetos atuais.

Duas batidas. Uma delas era a porra de um senador. Ele era um chefe da lama, saco de merda. Mas um senador, no entanto.

Três planos para vigiar lugares. Um, uma agência governamental. Um, uma empresa das 550 mais da Fortune. E um era um parque de cachorros. Sem fodida merda... um fodido parque para cães.

E então havia uma coleção de imagens de operações criminosas com pequenas imagens em miniatura de cada membro das organizações.

— Esse é o fodido composto, — disse Cash, balançando a cabeça na direção da foto.

E era. Ela tinha estado mantendo o controle sobre nós.

Bem como o que parecia ser qualquer outra organização em um raio de dois estados.

Incluindo V.

E Lyon.

Eu me movi pelo conselho, vendo um retrato de Richard, em um terno, sem sorrir. Ao lado dele, uma foto de Summer. Uma imagem cândida dela, sentada em algum café ao ar livre em um vestido branco, um sorriso enorme se espalhando em seu rosto.

Vi isso com um chute no intestino.

Porque ela não sorria mais assim.

Aberta.

Despreocupada.

Ela sorria. Principalmente comigo. Diferentes sorrisos. Os preguiçosos quando acordava e murmurava alguma coisa antes de se aconchegar em mim. Os maliciosos quando ia fazer algo para conseguir o queria. Os surpresos quando um dos homens dizia algo ridículo e não tinha certeza se podia rir ou não.

Mas eles nunca foram como o da foto.

Porque quando ela sorria agora, estava cheia do forte conhecimento de quão facilmente toda a felicidade poderia ser sugada para longe dela. Estava cheio de seus demônios.

Eu corri uma mão pelo meu rosto, olhando para a foto, tentando memorizá-la, jurando que faria tudo o que estava ao meu alcance para tirar um desses sorrisos dela novamente. Não importa quanto tempo demorasse.

— Cara, ela tem um conselho inteiro cheio de teorias de conspiração do governo. Sobre coisas como vacinas e o fornecimento de comida e merda. Ela está o caralho fora de sua mente.

Suspirei, desviando o olhar da foto.

Ele estava certo.

Ela era louca.

Mas era muito tarde para voltar.

— Bem, acho que é bom que a sua loucura está do nosso lado, — eu disse, encolhendo os ombros.

— Tudo bem, — disse Lo, batendo as palmas das mãos uma vez que os homens (e uma mulher) entraram dentro e tomaram assentos. Cash, Wolf e eu ficamos de pé. Com as pernas largas, os braços cruzados em nossos peitos. — Nós temos um problema com V, — ela mergulhou direito dentro. Para seu crédito, não havia sequer um vacilo entre o seu povo. Eu tinha bastante fodida certeza que iria ter mais do que algumas explosões de meus homens se eu trouxesse esse tipo de informação para eles.

— Que tipo de problema? — Perguntou um dos homens.

— O tipo em que preciso entrar com esses homens, — ela disse, gesticulando para nós, embora ninguém se voltasse para olhar. Todos tinham olhado para nós quando entraram. — Então preciso de seis de vocês no terreno. Dois mais em algum lugar mais alto. E Janie, preciso de todas as informações que você tem em sua operação, — disse ela, olhando para a menina alta com longos cabelos pretos e pele pálida, os olhos escondidos atrás de óculos de gato. Ela era jovem. Não mais do que o início dos vinte anos e não pude deixar de me perguntar onde a fodida Lo encontrava seu povo.

— Honestamente, Lo, — disse Janie, encolhendo os ombros, — oito homens parece um pouco demais.

— Você está porra séria? — Cash interrompeu, fazendo a menina virar casualmente ao redor e olhar para ele. — Ela vive em uma fodida fortaleza.

Janie sorriu lentamente, como se algo que ele disse era ridículo, mas estava tentando poupar seus sentimentos. — Eu vivo em uma fortaleza. Ela mora em uma casa com uma cerca.

— E seu próprio exército, — Cash voltou.

— Oh, por favor, — disse Janie, revirando os olhos, depois voltou para Lo.

Cash virou-se para mim, com as sobrancelhas levantadas. — Que porra? Eles são todos fodidos loucos.

— De qualquer forma, — Lo continuou, — Os Henchmen e eu vamos andar até os portões às nove horas. Vocês já estarão a muito tempo no lugar. Eles levarão nossas armas, então seremos conduzidos para dentro. Vou tentar negociar algo pacífico. Se isso falhar, quando sairmos, se a minha mão subir... vocês entram. A única pessoa que precisa sair viva é Summer Lyon.

— Summer Lyon? — Perguntou Janie novamente, com a cabeça estalando. Então ela se virou, seus olhos caindo sobre mim. Intensos. Muito intensos para alguém tão jovem. — Porque ele está fodendo ela? — Ela perguntou sem rodeios.

— Porque ele a ama, — corrigiu Lo. — V está tentando ganhar o controle dos contêineres de Lyon para trazer garotas. Ela levou sua filha como alavanca. Você mesmo me disse ontem que os Henchmen levaram Lyon, Janie. V vai começar a coceira com ele longe. Não há como dizer o que ela fará com a garota. Nós precisamos levá-la para fora. Ela é inocente. Você sabe disso.

Janie suspirou, acenando com a cabeça. — Tudo bem.

— Tudo bem, — concordou Lo, balançando a cabeça.

Então foram horas. Fodidas horas deles planejando e planejando.

Todo mundo parecia ter permissão para dizer, contrariar qualquer coisa que Lo dissesse sem ela apenas como levantar uma sobrancelha. Por duas vezes, ficou aquecido entre dois dos homens até Janie fazer um barulho de rosnado estranho e dizer-lhes para levar isso fora e avaliar ou silenciar com sua ‘merda de testosterona de macho’.

Depois disso, fomos levados para a cozinha novamente. Alimentados. E, em seguida, arrastados na direção dos portões por Lo.

— Tente dormir um pouco, — disse ela, olhando para mim. — Você não será bom se você estiver tenso e sem foco. Ela vai sair amanhã. De uma forma ou de outra.

Com isso, o portão foi aberto, e fizemos o nosso caminho para nossas motos.

Olhei para Cash que balançou a cabeça.

Então, Wolf que encolheu os ombros. — Temos que recuperá-la.

Eu assenti.

Ele estava certo.

Tínhamos que recuperá-la.

Mesmo se isso significava que precisávamos colocar sua segurança nas mãos de alguma teórica da conspiração com sua equipe lunática que pensava que oito deles poderiam assumir três dúzias de homens de V.

Porra.

Dormi por cerca de uma hora e meia, acordando, jurando que ouvi Summer gritar. Mas minha cama estava vazia.

Tomei banho e fiz meu caminho em direção à sala principal, encontrando igualmente de banho tomado e aparência abatida Cash e Wolf bebendo café. Me foi entregue um. E nos sentamos e esperamos em silêncio até dez antes das nove e nos dirigimos para o exterior.

Uma van preta parou fora dos portões e Lo acenou para nós a partir do assento do passageiro. A outra menina, Janie, estava dirigindo.

A mão de Cash bateu no meu ombro. — Vamos pegar sua menina de volta, — disse ele, e todos fizemos o nosso caminho para a van deles.

— Entrem, — disse Lo, gesticulando para a parte de trás da van.

Wolf abriu a porta, revelando três fileiras de assentos e uma coleção de armas por todo o chão.

— Acho que vocês não tomaram o conselho do sono, — disse Lo enquanto nos afastamos.

Chegamos até os portões um pouco mais tarde, o ar no compartimento visivelmente grosso.

— Tudo bem, — disse Janie, destrancando as portas, — vocês se divirtam. Estarei aqui esperando.

Com isso, Lo saiu. Wolf e eu seguimos. Cash parou. — Você acha que é uma boa ideia ficar aqui sozinha? Com os homens de V em todos os lugares?

Com isso, ela riu, o som rouco. — Porque sou uma mulher pobre e indefesa? — perguntou, revirando os olhos. — Se preocupe com você mesmo. Estou bem.

Cash saltou, batendo a porta, murmurando, — Fodidas cadelas loucas, — enquanto ele respirava, enquanto Lo caminhava sem medo para um dos homens de pé na frente dos portões e se anunciou.

O homem assentiu, movendo-se em direção à casa e entrando. Ele voltou alguns minutos depois, instruindo um dos outros homens para nos revistar e confiscar armas. Lo tinha vindo com quatro armas amarradas. Por que, considerando que sabia que seriam levadas, eu não tinha ideia.

Mas então, estávamos andando.

Quanto mais nos aproximamos, mais tenso o meu corpo. E percebi, Cash e Wolf.

Fomos conduzidos por um corredor e numa enorme cozinha. Os homens estavam lá. Uma mulher estava lá. Todos os quais eu nem vi.

Porque tudo que eu podia ver era Summer.

Porra.

Porra. Porra. Porra.

Seu rosto estava sangrando abertamente, as gotas escorregando no maxilar e pousando em sua camisa. E então havia o olho. O olho preto e azul. O sangue enchendo-o. E seu pescoço. Porra... seu pescoço. Com a impressão da mão fodida de alguém.

Minha mandíbula apertou o suficiente para que meus dentes machucassem enquanto tentava me impedir de atravessar a sala. Para acariciar sua bochecha. Para bater no homem atrás dela numa fodida polpa.

Porque eu sabia quem ele era. Ele era Martin. O homem de quem ela tinha mais medo do que Deke. Ela me contou sobre ele, envolvendo todo o corpo ao meu redor na cama como se estivesse tentando desaparecer na minha pele. — Ele tem olhos mortos, — disse ela, tremendo.

E o fodido atrás dela tinha olhos mortos.

Ele tinha que morrer.

Lentamente.

Dolorosamente.

Com facas.

Eu queria a pele do filho da puta vivo.

Mas então a voz de V alcançou através da minha raiva, cumprimentando Lo (mais conhecida como: Lola) como uma velha amiga. Como se ela tivesse parado para o chá.

Então, Lo estava atravessando o chão em direção a V.

E beijando sua fodida bochecha.

Se o ar era grosso na van, era uma lava na cozinha.

— Tem sido muito tempo— Lo disse, segurando as mãos de V e sorrindo.

— Tem. Fico feliz que você tenha vindo para uma visita. Estou menos satisfeita com os convidados que você trouxe para minha casa, — disse V, com o rosto inclinado em nossa direção e pousando em mim.

E, porra, ela era a versão perfeita mais antiga de Summer. O mesmo cabelo. O mesmo rosto. Summer era menor, mais delicada. E enquanto Summer tinha os olhos cinzentos de sua mãe, os de V eram tão vazios quanto os de Martin.

— Sim, infelizmente, isso não é uma chamada social. Temos alguns negócios aqui.

— Negócio? — V perguntou, seu tom se tornando glacial.

— Sim.

— Eu não sabia que você estava no negócio com os Henchmen, — disse ela, deixando cair as mãos de Lo.

Senti o olhar de Summer em mim e estava levando tudo em mim para não olhar para ela. Mas eu não podia. Porque se visse seu rosto perfeito todo batido e quebrado novamente, iria perder a pequena quantidade de controle que tinha sobre mim.

— Eu não estava. Até que descobri que tinham tomado alguém importante para você como refém.

Os olhos de V me cortaram novamente, depois de volta para Lo. — Rich

Lo assentiu. — Ontem. Vi uma abertura. Peguei.

— Tentando entrar no meu negócio? — V perguntou, seu tom letal, seus olhos aborrecidos no meu.

— Eu não negocio pele, — revirei, meu tom combinando com o dela.

— Então, o que? Você quer minha filha de volta? É isso, não é? — Perguntou ela, jogando a cabeça para trás e rindo. O som uma vez feliz e então fodido, sórdido, louco, que senti meu sangue correr frio. — Oh, isso é apenas... patético.

Senti meu corpo empurrar para frente. Mas então, Lo se virou e seus olhos me prenderam. Porra me prenderam.

E foi então que eu sabia que tudo ainda estava sob seu controle. Tudo fazia parte de seu plano. Então forcei meu corpo para trás, minhas mãos sem punhos.

— Você não pensa que, talvez, você não a deseje mais? — Perguntou, olhando para Summer. E não pude evitar, meus olhos seguiram. — Eu acredito que Martin foi... visitá-la a noite, — disse ela, suas palavras pesadas com significado, que fez a bile se elevar na minha garganta, a raiva se transformando em outra coisa. Algo mais forte. Algo que nem sabia que existia. Algo que se sentia como se tirasse todo o sangue do meu sistema e o substituísse por fogo. — Ela tem seus bens usados agora...

Como se estivesse atento, Martin sorriu, avançando e empurrando Summer duro. Despreparada, porque seus olhos estavam colados ao meu, ela caiu para frente para fora do banco, aterrissando com força sobre os joelhos.

Se a mão de Wolf não esticasse e agarrasse meu braço, eu estaria lá. Eu teria estado batendo a merda fora do rosto do filho da puta.

Mas tudo que podia fazer era assistir enquanto Summer fez uma pausa. Estranhamente. Como se ela estivesse pensando. E então, suas mãos manchadas estavam se movendo para baixo e em sua bota.

Aconteceu tão rápido que quase perdi. Nunca a vi mover-se assim. Um segundo, ela estava no chão, mãos em sua bota.

No seguinte, ela estava de pé, com o corpo meio virado para longe de mim, a minha Glock-19 em suas mãos, dedo no lado, o objetivo certo entre os olhos de Martin.

— Oh, — Martin disse, sorrindo, — você não tem as bolas.

Os ombros Summer puxaram para trás.

Suas pernas se espalharam.

Então o dedo moveu-se para o gatilho.

28.

Summer

Minha mãe cometeu um erro naquela manhã.

Não era confiar numa mulher que, era dolorosamente óbvio para mim, absolutamente detestava.

Não era insultando os Henchmen.

Nem mostrando sua fraqueza na necessidade de meu pai.

Não.

Seu erro foi me subestimar.

Foi em superestimar o quanto eu estava disposta a tomar. Com que frequência estava disposta a ser derrotada. Com que frequência ela poderia me cutucar antes de eu finalmente perder isso.

E eu porra perdi isso.

Meus olhos estiveram em Reign quando ela deu o golpe que me fez finalmente decidir que não voltaria a ser uma vítima. Quando insinuou que Martin estava me estuprando. Quando eu vi o absoluto esmagamento da fúria na alma ultrapassar Reign. Não desgosto. Não tristeza. Raiva.

Ele não achou que eu estava danificada.

Ele não se importava.

Ele só queria vingança.

Então, Martin selou seu destino me derrubando no chão.

Pela última vez.

A. Filha. Da. Puta. Última. Vez.

Eu estava pronta.

Meus joelhos bateram forte, a dor balançando no meu sistema. E sabia o que eu tinha que fazer. Para minha própria sanidade. Para recuperar meu controle.

Eu puxei minha perna para cima, virei, alcancei.

Meus dedos roçaram a arma pela segunda vez naquela manhã.

No interior, tirei a segurança.

Então, estava voando em meus pés, a arma agarrada entre minhas duas mãos e virando-me para apontar para Martin, meu dedo ainda fora do gatilho.

A cabeça de Martin virou-se de volta um pouco, surpresa registrada em seu rosto ao ver a arma.

Então o idiota abriu a boca.

Se ele não tivesse, bem, as coisas teriam ido de forma diferente. Porque eu podia sentir o peso da decisão pesar sobre mim. Não era a pressa do alívio que senti quando decidi mudar minha própria vida. Não, isso era diferente. Isso era pesado. Isso estava cheio de uma sensação de que não estava familiarizada, com o fato de minha garganta se fechar, a saliva estar secando na minha boca.

— Oh, — disse Martin, me dando um de seus sorrisos frios e condescendentes, — você não tem as bolas.

Três meses de tormento voaram sobre meus olhos. Seus punhos na minha cara. Seus pés no meu centro. Sua faca nas minhas costas. Suas mãos na minha garganta. Sua mão no meu cabelo quando ele alcançou para puxar o pau de suas calças, com a intenção de empurrá-lo pela minha garganta.

E minhas pernas se espalharam.

Meu dedo deslizou para o gatilho.

— Vá para o inferno, — gaguejei.

E puxei.

Puxei o gatilho.

A sacudida da arma foi ao encontro do som explodindo de uma bala disparando.

E eu assisti com horror fascinado enquanto rasgava o centro de sua testa, vermelho saindo em uma explosão chocante. Seu corpo se sacudiu, balançou e caiu.

Ele estava morto.

Seus olhos sem vida.

Porque eles nunca tiveram isso para começar.

— Bravo, — disse a voz de V e a ouvi começar a aplaudir. Meus olhos, e, portanto, minha arma, viraram-se para ela. Seus olhos cinzentos estavam brilhantes... o que? Prazer. Oh, o inferno sagrado. Era prazer. Ela estava tão fodidamente louca. — Eu estava pensando quando você atingiria seu limite. Eu não pensei que fosse porque ele bateu até você cair em seus joelhos embora.

— Não? — Eu perguntei, minhas mãos começando a agitar um pouco enquanto mantive o objetivo em minha mãe. — Talvez tenha sido porque ele me teve na mesma posição no banheiro antes que Daniel me chamasse para cá.

Por um segundo, algo brilhou em seus olhos. E eu sabia que ela sabia que Martin tinha parado de ter acesso ao meu quarto à noite. Sua provocação foi para incitar Reign.

Bem, esse foi seu segundo erro.

Porque, nesse momento, eu era uma ameaça muito pior do que ele.

— Eu tenho que perguntar, — continuou V, como se eu não estivesse segurando uma arma para ela. Uma arma que acabara de usar sem me encolher. Meu dedo ainda no gatilho. — Se você tinha uma arma o tempo todo, por que demorou tanto tempo para usá-la?

Eu não poderia dizer a você o porquê. Mas a verdade saiu.

— Eu não iria usá-la em nenhum de vocês.

Sua cabeça inclinou para o lado. — Não?

— Não, — respondi, minha boca apertada. — Eu iria usá-la em mim mesma.

No segundo que as palavras saíram da minha boca, eu desejava poder sugá-las de volta. Porque o ar na sala ficou afiado. Foi doloroso. Doeu respirar.

— Vocês ia se matar? — V perguntou, seus olhos entrecerrando. — Que movimento covarde.

— Sim, como eu ouso encontrar uma saída de ser espancada e morta de fome e humilhada? Como ouso tentar salvar as pessoas com quem eu me importo com a invasão aqui e serem mortas por causa de mim?

OK. No segundo que estava fora, eu queria sugar de volta também.

— Summer, — a voz de Daniel me chocou por quebrar. Suas mãos pra fora, as palmas de frente para mim. — Por que você não põe a arma para baixo e deixa V e Lo terminarem a reunião?

— Foda-se sua reunião, — atirei de volta.

— Summer, — a voz da outra mulher chegou até mim. Lola. Esse era o nome dela. Seu tom era firme, mas suave ao mesmo tempo. E por algum motivo, ele passou. — Precisamos terminar nossa reunião para que possamos resolver as coisas. — Quando não me mexi para colocar a arma para baixo, ela acrescentou suavemente... — Reign?

E então um braço estava ao redor da minha cintura. Firme. Familiar. Seu outro braço estendeu a mão, pressionando o topo do meu até que a arma abaixasse para apontar para o chão. — Mantenha o dedo no gatilho, — ele sussurrou no meu ouvido e levou tudo em mim para não recuar contra ele, derreter, finalmente desistir de lutar.

V voltou para Lola. — Bem, agora, que tipo de oferta você tem na mesa para mim?

— Eu poderia entregar Richard Lyon, — disse Lola, encolhendo os ombros.

— O que? Não, — eu encontrei-me objetando, meu corpo voltando a apertar novamente.

— Mesmo trocar. Ele pela menina. Ela é inútil para você de qualquer maneira, — Lola continuou.

— N...

— Sh, — Reign disse no meu ouvido, efetivamente calando minhas objeções.

V franziu os lábios, respirando fundo. — Posso confiar em você para não me enganar mais, Lo? Quero dizer, você trouxe Henchmen para minha casa.

— V você sabe que tenho associados de muitas organizações diferentes. Eu vi uma chance de resolver um problema para ambos os lados antes que houvesse algum derramamento de sangue. Bem, — ela disse, olhando para o cadáver de Martin (um corpo que eu estava tentando o meu melhor para não olhar) e sorriu um pouco antes de seus olhos voltarem para V — mais derramamento de sangue. Ninguém precisa de uma guerra por aqui. As coisas são pacíficas com os policiais. Ninguém precisa deles envolvidos. Então vamos resolver isso.

— Não vou entregar elA até eu ter Rich.

Merda.

Se eu sobrevivesse tanto tempo.

Sem minha arma.

De jeito nenhum, eles me deixariam manter minha arma.

Martin foi embora.

Mas o novo cara na porta pode estar com raiva desse fato.

O que isso significaria para mim?

Reign nunca permitiria isso, não é?

— Isso é justo, — Lo concordou e senti meu coração despencar. Afundar.

— Quando? — V perguntou, soando animada.

Eu não podia sequer imaginar os tipos de coisas que ela iria fazer para o meu pai se tivesse as mãos sobre ele. Faria a tortura que suportei parecer como um acampamento de verão.

Eles não podiam pegá-lo.

Tinha que haver outra maneira.

Lo virou para Reign, seu olhar saltando em cima de mim e eu vi algo lá. Algo que não conhecia porque não a conhecia, mas senti que era algo que deveria me consolar. — Quando você pode tê-lo aqui?

— Se Janie pode buscá-lo, Repo irá entregá-lo para ela assim que ela chegar lá.

Repo.

Repo estava bem.

Exalei uma respiração trêmula e o braço de Reign apertou em volta da minha barriga.

V assentiu com Lo e depois Reign. — Faça as chamadas.

O braço de Reign deslizou da arma e esticou no bolso. O mesmo aconteceu com Lo.

Então ambos falaram ao mesmo tempo.

— Repo, preciso que você leve Lyon para os portões da frente. Uma mulher chamada Janie vai buscá-lo. O que? Sim, acho que está tudo bem. — Houve uma pausa, Repo conversando, e eu poderia jurar que ouvi algo sobre 'armas'. Para o que, Reign disse com força: — Definitivamente.

— Janie, aproxime-se do complexo Henchmen. Um homem chamado Repo vai levar Lyon para fora e você deve trazê-lo aqui. Sim. Fora.

— Tudo bem, então esperamos, — disse V, parecendo satisfeita. Quase vertiginosa. — Alguém quer um café? — Ela perguntou, acenando com a mão para o pote como se eles estavam tendo uma chamada social normal.

— Claro, — Lo concordou, caminhando e (sem mentira) indo diretamente para o gabinete com as canecas. Como se tivesse feito isso uma dúzia de vezes antes.

Quem diabos era ela?

— Então, desde que temos algum tempo, — disse V, virando na direção de mim e Reign e juro que minha barriga caiu nos meus pés, — por que não falamos sobre vocês dois?

— Não, — respondi, surpresa quando minha palavra saiu firme.

— Eu acho que tenho o direito de conhecer o homem com quem minha única filha está apaixonada.

Oh.

Meu.

Deus.

Ela não disse isso.

Eu senti minhas bochechas em chama.

— Eu acho que você perdeu o direito de me perguntar sobre a minha vida no dia em que me entregou em troca do direito de ser uma traficante de mulheres, — recordei. O que posso dizer? Minha mãe trouxe a adolescente rebelde em mim. E eu ainda era a única na sala com uma arma. Ou com uma arma na mão, pelo menos. Eu me senti quase intocável. Quase.

— Oh, não fique amarga. Você vai ter rugas, — disse ela, acenando com a mão na minha atitude. — Com quem você faz sexo não é realmente minha preocupação. Embora, tenho certeza, que seu pai teria um problema com um homem que dirige uma gangue de motoqueiros fora da lei. Com o jeito que ele criou você? — Ela riu, revirando os olhos. — Qual foi o último cara que você namorou? Um corretor da bolsa? Ele era, certo?

Eu engoli com força, sentindo o braço de Reign em volta de mim, seu corpo tenso atrás de mim. — Sim, — respondi honestamente.

— E mesmo ele não era bom o suficiente para o seu pai.

Isso era verdade.

Eu tinha sido ministrada impiedosamente sobre ele.

— Eu só estou curiosa, porque se você sair daqui e alinhar-se com alguém que poderia, ao mesmo tempo, ser meu inimigo... bem...

Bem, eu também era sua inimiga.

Como ela pensava que eu iria ser qualquer coisa além de sua inimiga, não importava quem eu namorasse, estava completamente além de mim. Mas, acho, que você não pode esperar racionalidade de pessoas irracionais.

— Então, quanto tempo você estão juntos?

Oh, meu Deus.

Não estávamos tendo essa conversa. Essa era uma conversa ruim o suficiente para ter durante o jantar quando você finalmente trazia o seu outro significativo para conhecer seus pais. Era um novo nível de desconfortável ter essa conversa sobre um corpo morto, com uma arma na mão, enquanto se aguardava a entrega de um novo refém.

Como, seriamente.

Quem tinha que lidar com esse tipo de situação?

Inferno, eu nem tinha certeza de que Reign e eu estávamos juntos. Como juntos, juntos. Nunca tínhamos conversado sobre o que éramos. Nós apenas... fizemos a nossa coisa.

— Três semanas— Reign respondeu, me surpreendendo, fazendo meu corpo saltar.

— Três semanas, — ela meditou, franzindo os lábios. — Então, certo, quando você escapou daqui.

Escapei.

Eu escapei daqui.

— Encontrei ela aquela noite, — Reign concordou.

— E você apenas... reivindicou ela? Bem desse jeito?

— Só assim, — ele concordou.

Eles realmente estavam tendo essa conversa? Comigo parada entre eles? Era um nível totalmente novo de estranho que eu não tinha uma palavra para isso.

— Quando ela saiu daqui... — V começou.

— Ela é minha, — Reign disse, seu tom firme.

Eu era dele?

As palavras se estabeleceram como um turbilhão na minha barriga.

Eu era dele.

O pensamento me deixou tão feliz, que tive que lutar para manter um sorriso fora do meu rosto.

V assentiu. — Ela não é o tipo de garota para o seu estilo de vida.

Para isso, Reign riu. — V, sem desrespeito, mas você não sabe que porra você está falando. — Eu fiquei tensa, esperando que V ficasse com raiva, mas não o fez. Sua cabeça inclinou, sua mão fez um movimento girando que dizia — vá em frente. —

— Quando nós encontramos seu garoto e pedimos a ela para vir para baixo e apenas nos dar um aceno de cabeça se ele era um dos seus? Ela bateu a merda fora dele. Disse-me para me divertir matando-o. Então estava tão ligada por isso que nós fodemos contra o edifício.

Oh.

Meu.

Deus.

Não.

Ele não disse isso.

Para a minha mãe.

Concedido, ela era uma psicopata maldita que havia me torturado por meses. Mas ela ainda era minha mãe. Você não fala sobre foder a filha de alguém para eles.

V riu, olhando para mim. — Talvez haja mais de mim em você do que pensei.

Oh, senhor.

Eu estava realmente, realmente esperando que não era verdade.

Se eu tivesse que escolher ser mais parecida com um dos meus pais: a psicótica torturadora, a assassina comerciante de pele ou o controlador maluco, frio e calculista, vendedor de cocaína.

Bem, eu escolheria o frio, calculista, anormal fora de controle a cada vez. Mas, mesmo que eu disse, sabia que não era quem eu era. Eu tinha um temperamento quente. Uma vez fora do controle do meu pai, tinha uma língua afiada. Eu passei de zero para noventa na escala de raiva em dois ponto sete segundos. Eu era impulsiva.

Oh Deus.

Eu era como minha mãe.

Eu era como minha mãe!

— Relaxe, — Reign disse no meu ouvido, seu tom mandão, não doce.

O telefone de Lo zumbiu e ela alcançou, olhando para baixo e disparando um texto rápido.

— Eles estarão aqui em cinco, — ela anunciou, afastando seu telefone.

— Summer querida, — disse V, olhando para mim, — tenho medo que você tenha que entregar a Daniel sua arma antes de seu pai chegar aqui.

— Não, — eu disse automaticamente. Era a única vantagem que eu tinha. Eu não poderia apenas entregar isso.

Mas Daniel já estava se movendo em minha direção, palmas ainda para fora. — Tire o dedo do gatilho, — ele disse, seu tom mais suave.

— Babe, dê-lhe a arma, — Reign exigiu. Não suave. Novamente.

Suspirei, deslizando minha mão do gatilho e virando a arma para Daniel. Ele pegou lentamente, seus olhos encontrando o meu, o olhar pesado. Como se ele estava tentando transmitir algo em silêncio, mas não consegui pegar isso.

Atrás de mim, Reign estava tenso, como se não confiasse em Daniel olhando para mim. Provavelmente pensou que ele era um dos homens que me torturaram.

Daniel colocou a arma na cintura de seu jeans e se moveu para o lugar dele, parado perto da porta dos fundos, de frente para nós.

— V!— Um de seus homens chamou da porta da frente.

— Deixe-os entrar, — ela chamou de volta casualmente.

— V!— Ele chamou de novo. Mais alto. Mais histérico.

E então, todo o inferno se soltou.

29.

Summer

Um minuto, eu estava de pé na cozinha no meio da mais estranha negociação de reféns na história dos bandidos, Reign segurando minha barriga, todo mundo apenas em pé ao redor.

A seguir, fui jogada no chão e tudo o que ouvi foi tiroteio. E, não estou brincando, explosões. Explosões reais. Não perto. Mas perto o suficiente para o chão abalar, o mundo rugir, o vidro quebrar.

Eu torci minha cabeça, tentando sugar uma respiração profunda, e foi aí que vi Repo andando com um tipo enorme de arma automática, apontada para fora, meu pai ao lado dele, segurando uma pistola, e uma mulher ao lado dele com armas em todos os lugares, entrando.

A menina, Janie, acho que eles a chamaram... jogou armas ao redor e lá estava gritos e tiros e eu não podia sequer pensar com clareza suficiente para perceber que deveria ter me levantado e encontrado algo para me defender.

Mas tudo o que podia pensar era o tiroteio. E Reign. Quem não estava ao meu lado. Ele não estava em cima de mim. E não consegui encontrá-lo.

Eu girei minha cabeça desesperadamente, vendo Wolf envolvido em algum tipo de batalha com um dos homens de V. Cash acabara de sair pela porta dos fundos. Mas Reign tinha ido embora.

Depois, uma mão deslizou em volta do meu estômago e senti uma onda de alívio. — Cale a boca, fique para baixo, e não lute contra mim, — A voz de Daniel me encontrou. — Estou tirando você daqui viva se você fizer o que eu digo, — disse ele.

Minhas opções eram me colocar debaixo de uma saraivada de tiros, desarmada. Ou ir com Daniel e fazer o que ele disse.

Eu assenti.

E então estávamos nos movendo.

Rastejando pela cozinha em direção a uma porta do outro lado.

Ouvi meu nome chamado, mas não consegui registrar quem disse isso.

Minha cabeça se torceu, vendo meu pai em volta da minha mãe, arma na mão.

No momento seguinte, estava atrás de uma porta fechada. Os gritos e os tiros foram abafados quando olhei ao redor para me encontrar em uma garagem. Um carro no centro. Vários recipientes de plástico do que pareciam roupas nos lados. Daniel soltou-me, parando e jogando um enorme armário na frente da porta, bloqueando-a.

Eu me levantei para meus pés, sentindo-me instável enquanto Daniel se virou para olhar para mim, puxando a arma para fora da cintura.

Meu coração congelou no meu peito, minha boca caindo.

Não.

Ele não estava tentando me tirar de lá viva. Ele queria me deixar em paz para que pudesse me matar. Jesus Cristo. Como eu podia ser tão estúpida? Eu deveria ter ficado na cozinha. Meu pai e Cash e Wolf teriam me protegido. Eu teria saído daqui bem. Não. Eu tinha que ir e ser estúpida e seguir um dos caras maus. O que diabos estava errado comigo?

— Summer, relaxe, — disse ele, seu tom urgente, mas gentil. Quando olhei para cima, a arma estava apontada para mim. Mas não o barril. A traseira. — Preciso de você para fazer isto parecer bem.

— Fazer com que pareça bem? — Perguntei, minhas sobrancelhas se juntando.

— Você é boa em tiro?

Bem. Quero dizer... eu tinha atirado em Martin. Direto na testa. Mas ele estava perto. Eu tinha certeza de que não levou muita

habilidade. — Eu não sei. Essa foi a única vez que usei uma arma, — admiti.

Com isso, ele assentiu com a cabeça. — OK. Pegue a arma, Summer— ele disse, avançando e pressionando-a na minha mão. — Eu preciso que você atire em mim.

O que?

Não.

Eu estava bastante certa de que tive minha quota de tiro para o dia. Ou ano. Ou a vida inteira.

— Não, — eu disse, meu tom quase histérico.

— Não para me matar. Eu só preciso ser baleado por você, ok? Não posso explicar o porquê. Não temos tempo. Você precisa atirar em mim. O ombro seria bom. Queima-roupa por isso vai em linha reta através.

— Do que você está falando? Eu não posso atirar em você!

— Você tem que atirar em mim, — disse ele, calmo. Ele estava realmente muito calmo para alguém que estava pedindo para ser baleado. — Você dispara em mim, então você entra neste carro, — ele gesticulou. — Entre no carro. As chaves estão dentro. Você aperta o botão na viseira. A porta se abrirá e você vai se retirar. As janelas são resistentes, mas nada é à prova de balas, então tente manter sua cabeça baixa. E dar o fora daqui. Você me entende?

Ele estava me salvando.

Ele estava me dando uma saída.

E tudo que eu tinha que fazer era atirar nele. Ele até me disse onde.

— Sim, — concordei, engolindo com força.

— Tudo bem, — ele disse, caminhando perto de mim. — Levante a arma, Summer, — ele instruiu e meus braços subiram automaticamente. Ele andou para frente até o cano estar pressionado contra onde ele queria - lado direito do peito, logo abaixo da clavícula.

— Daniel... — Eu disse, olhando para o rosto dele, balançando a cabeça. Eu não podia. Eu simplesmente não podia. Ele estava tentando me ajudar. Concedido, ele tinha dado as ordens de V para os homens no passado. Mas ele também tentou me defender. Pirando quando eu estava sangrando e ele pensou que Deke tinha me estuprado. Tentando impedir Martin de me visitar de noite. Ele me salvou.

— Não pense nisso, — ele me disse, seus olhos me observando. — Eu vou viver através disso. Você vai viver através disso. Isso é tudo o que precisa pensar. Mas seu dedo no gatilho, — ele instruiu e meu dedo escorregou para seguir as instruções. — Puxe, — ele disse, os olhos continuando nos meus.

Eu ouvi um gemido estranho escapar dos meus lábios, fazendo uma careta, quando fiz o que foi dito.

Eu puxei.

Seu corpo estremeceu. Seus olhos se encolheram. Seu rosto se contorceu de dor. Ele tropeçou de volta, com a mão no ombro dele.

— Vá, — ele rosnou para mim.

Meu coração pulou em excesso, deixei o braço com a arma cair do meu lado e rasguei a porta do carro aberta, me jogando no banco do motorista. A arma caiu no meu colo e puxei meu cinto de segurança, virei a ignição, apertei o botão da porta da garagem, e saí rápido. Uma vez fora, girei o volante, abaixando-me lá, o mais baixo que podia e ainda ver, enquanto tinha o carro de frente para a direção certa e começava a descer a calçada.

Havia pessoas em todos os lugares. Armas levantadas ou indo a golpes físicos com o outro. Eu estava rezando, para não ter ninguém na entrada enquanto dirigi para baixo.

Foi então que o vi.

Finalmente.

E ele não estava ferido.

Ou se ele estava machucado, não era ruim.

Ele estava fora do portão aberto (imaginei que foi uma das explosões que ouvi) ao lado de uma van. E ele estava gritando, tentando afastar Wolf, que parecia estar sangrando pelo lado de sua coxa. O braço de Reign disparou, apontando para a casa, gritando algo, movendo-se para passar por Wolf que o agarrou e o jogou na van. Ele subiu ele mesmo, batendo a porta, e a van se retirou.

Eu engoli com dificuldade, tentando ir mais rápido para que pudesse manter um olho na van.

Ele queria voltar para mim.

Era por isso que ele estava enlouquecendo.

Ele sabia que eu ainda estava dentro.

Meu coração apertou no meu peito.

Afastei o pensamento, precisando focar. Precisando tentar segui-los. Porque não sabia onde diabos o complexo estava. Se fosse onde eles estavam indo. Eu precisava chegar até ele. Eu precisava que ele soubesse que estava bem. Que saí.

Não havia janelas nas laterais da van então não poderia mesmo chamar sua atenção, enquanto todos nós tecíamos dentro e fora do tráfego.

O complexo entrou em vista, as portas já abertas e a van voou através. Eu segui, batendo o carro no parque, sem me preocupar em desligar o motor, enquanto rasgava fora do carro quando a porta da van se abriu.

E então me joguei contra Reign, que estava tão surpreso que perdeu o equilíbrio e fomos batendo.

30.

Reign

Foi um caos.

Lo tinha um plano. Sabíamos os detalhes soltos.

Mas as coisas tinham ido de porra estranhas, para porra loucas em questão de segundos.

Repo, Richard e Janie entraram como se não tivessem jogado um plano em questão de minutos no passeio de carro. Como se tivessem merda funcionando fodidamente bem. Eles rasgaram dentro. As armas foram jogadas. Então as balas voaram.

Eu podia ouvir os homens de Lo perto do lado de fora enquanto peguei a arma que Repo me entregou, dobrando atrás da ilha da cozinha e apontando para os homens que se aproximavam de fora. Tentando chegar a V. Tentando proteger seu chefe. Mas ela já estava à mercê de Lyon. E ele não estava se sentindo tão magnânimo depois que ela roubou e torturou a única coisa em sua triste fodida vida que ele deu uma porcaria.

E que fodidos bons ventos a levem. Eu esperava que ela morresse em agonia.

Posso ser um monte de coisas, mas não sou uma pessoa de perdoar. Não quando alguém toca o que é meu. E alguém definitivamente tocou Summer.

Minha cabeça empurrou, olhando para onde eu tinha empurrado Summer para o chão, escondida atrás do lado longo da ilha.

E ela se foi.

Porra. Foi.

Voei aos meus pés.

Mas ela não estava em lugar algum.

Alguém a tinha.

Meus olhos se encontraram com Lo e ela balançou a cabeça. Não era um dela. Olhei Cash e Wolf e Repo estavam todos contabilizados. Não com lindas, machucadas, ruivas sob seus cuidados.

Porra!

Mas então não havia tempo para pensar. Apenas reagir. Quando uma série de homens da V vieram cobrando.

E a próxima coisa que porra eu sabia, estava sendo arrastado em direção ao portão, todos disparando para as árvores e jardins enquanto fizemos nosso caminho para a van.

Eu quase porra matei Wolf.

Eu provavelmente teria, se isso significasse que ele iria sair do meu caminho.

Um irmão que eu conhecia toda a minha vida. De confiança, como confiava em Cash.

Eu teria levado ele para baixo para recuperá-la.

Ele sabia disso. Eu sabia disso.

Então ele não me deu a chance de tomar essa decisão.

— Puta merda, — disse Repo, completamente sem fôlego sentando ao meu lado. Ele estava fodido firme como sempre. Não tremendo. Nada. Ele era aço. Ele estava indo para obter seu patch o mais cedo possível. — Isso foi louco.

— Complexo? — Janie perguntou do banco do motorista.

— Sim, — respondeu Lo, virando o assento do passageiro para me olhar. — Eles vão buscá-la, — ela me disse, seu tom certo. — Meus homens. Eles vão levá-la para fora.

— Porra, quero ela viva, — Rosnei, batendo o punho na parede sem janelas da van.

— Eles vão buscá-la, — ela repetiu.

Nós rasgamos no complexo, Janie advertindo-nos de uma cauda.

Todos alcançaram as armas.

Wolf abriu a porta.

Saltei.

E então fui derrubado no chão.

Uma pequena e linda ruiva se agarrando a mim como se eu fosse um salva-vidas.

— Summer, — eu disse, meus braços indo apertado ao redor dela.

Ela estava bem.

Ela estava segura.

Ela estava de volta.

Minhas mãos correram para cima e para baixo em seu corpo, procurando sangue. Feridas. Qualquer coisa. Mas eles não encontraram nada.

Sua cabeça ergueu do meu pescoço, um enorme sorriso fodido no rosto.

E eu reconheci esse sorriso.

Era o sorriso da imagem na parede de Lo.

Aberto.

Despreocupado.

Completamente e totalmente feliz.

Minha respiração pegou no meu peito enquanto olhava para ela.

Meus dedos foram para acariciar o lado de seu rosto.

Não importava que seu rosto estivesse machucado e maltratado.

Era a porra da melhor vista que já tinha visto na minha vida.

31.

Summer

— Tenho certeza de que vocês dois estão felizes em se verem, — Cash entrou em nosso momento silencioso, sorri para Reign, ele me olhou como se eu fosse a coisa mais linda que ele já havia visto, — mas nós meio que precisamos entrar onde é seguro.

Com isso, Reign suspirou, embrulhando seus braços ao redor das minhas costas e esfaqueando, colocando os dois em nossos pés. Seu braço foi em torno de meus ombros, me puxando para seu lado, quando todos nós nos colocamos dentro do complexo, os homens no telhado e em torno das terras olhando para nós com uma mistura de confusão e raiva.

A raiva provavelmente era de ter que perder a ação óbvia.

Reign teria algumas perguntas infelizes para responder.

— Que porra... — disse Vin, de pé, parado quando entramos.

— Wolf precisa do Doc, — Reign imediatamente disse, sua voz assumindo uma vantagem de autoridade.

Meu Deus.

Wolf.

Saí do braço de Reign, virando e indo direto para Wolf.

— Meu Deus. Você foi baleado. Eles atiraram em você!— Eu gritei, olhando para o lado de seu jeans onde, e eu não era médica, mas parecia que muito sangue estava escorrendo.

— Mulher, — ele entrou, fazendo minha cabeça virar para o rosto dele. Sangue. O lado de seu rosto estava aberto ligeiramente, sangrando pela bochecha. — Eu estou bem, — ele disse, seu tom brusco de alguma forma fazendo a ansiedade escapar.

— Você tem certeza? — Perguntei, observando-o.

— Claro, — ele assentiu, sua mão se aproximando para tocar a pele ao meu lado. — Você está bem?

— Oh, isso, — eu disse, fazendo um som estridente e acenando com uma mão e dando-lhe um sorriso. — Você deveria ver o outro cara.

O segundo que as palavras saíram, meus olhos ficaram enormes, minha mão tapando sobre a minha boca.

Porque, sim, o outro homem estava morto.

Eu o matei.

Santo inferno.

Mas Wolf não estava compartilhando meu horror. Não. Ele realmente... jogou a cabeça para trás... e riu! Um som cheio e gutural que cresceu fora das paredes. Ainda rindo, olhou para mim, balançando a cabeça e me puxou debaixo do queixo. — Você está bem, — ele disse, balançando a cabeça.

— Alguém vai dizer ao resto de nós que porra está acontecendo? — Vin interrompeu, soando uma mistura de irritado e preocupado.

— Cash? — Perguntei, virando-me para ele, meus olhos preocupados.

— Solavancos e hematomas, Cherry, — ele disse, me dando uma piscadela, sua mão despenteando meu cabelo.

Eu dei-lhe um pequeno sorriso e meus olhos caíram para Repo. A enorme arma de aspecto assustador que ele tinha levado mais cedo tinha ido embora. Seu rosto machucado profundamente da noite em que ele tentou me salvar. Seus olhos foram para mim, estranhamente guardados.

E então meus pés estavam se movendo em direção a ele. Nossos dedos se tocaram. Meus braços o rodearam, apertando-o com força. Houve uma longa pausa e pude vê-lo olhando por cima do meu ombro em direção a Reign, seu rosto uma máscara de confusão, antes que um de seus braços estivesse na minha parte inferior das costas. — Você tentou me salvar, — eu disse na sua camisa e seu braço me apertou. — Obrigada.

— Todo mundo terminou de colocar as mãos sobre a porra da minha mulher? — Perguntou a voz de Reign, parecendo exasperado.

O braço de Repo caiu de mim e me afastei. Ele me deu um pequeno sorriso. — A qualquer hora, — ele me disse com um aceno de cabeça. Como se ele quis dizer isso. E percebi que ele fazia. Ele colocaria sua vida para baixo por mim num piscar de olhos. Sem sequer pensar nisso. E nem o conhecia.

— Sério, Prez, — a voz de Vin soou novamente.

Olhei para Vin, que visivelmente recuou quando seus olhos pousaram no meu rosto. — Eles me salvaram, — eu disse simplesmente, caminhando em direção a Reign e me colocando em seu lado, seu braço circundando meus ombros.

— Reign, — a voz de Lo disse, rompendo a tensão, e os olhos de todos foram até ela. — Está feito, — disse ela, balançando a cabeça, colocando seu telefone afastado.

Reign assentiu. — Graças a porra.

— O que está feito? Como isso está feito? Onde estão meus pais? — Eu jorrei, não capaz de me ajudar. Eu precisava de respostas.

— Por que eu não levo você no andar de cima e deixo você ficar limpa, — ele começou, apertando-me, — e eu responderei suas perguntas lá. E então, vou voltar aqui e responder as suas, — disse ele, desta vez aos seus homens. — Me dê uma hora.

Para isso, eles simplesmente assentiram. E eu estava sendo puxada para fora da sala, no corredor, em direção a sua porta.

— Reign... — Eu comecei, sentindo a tensão em seu corpo.

— Apenas me dê um minuto, querida, — ele disse, destrancando a porta e me arrastando para dentro.

Ele me salvou.

Eu poderia dar-lhe um minuto.

Ele foi até a sua cômoda, alcançando dentro, tirando as coisas. Então ele voltou para mim, pegando meu pulso e me puxando para o

banheiro. Ele me puxou com ele quando pegou uma toalha do armário, alcançou o banheiro e ligou o chuveiro.

— Vou pegar um pouco de comida pra você. Achei que você quer um banho antes de conversar, — disse ele, deixando-me ir.

— Hum, ah... sim, — eu disse, observando-o. Preocupado. Ele pareceu fora. Tenso e distante. — Obrigada, — terminei.

Para isso, ele assentiu e saiu da sala.

Bem.

Eu deveria ter ficado louca.

Eu sabia disso.

Acabei de ser refém novamente. Duas vezes.

Fui derrotada.

Estava no meio de um tiroteio.

Eu tinha matado um homem.

Tinha disparado em outro homem que me ajudou a escapar.

Eu deveria estar tremendo e chorando e fora de mim.

Mas... bem... Eu me sentia suja.

Precisava do banho. Precisava lavar a última semana da minha vida.

Então foi o que eu fiz.

Me sequei, indo para o balcão e escorregando para uma camiseta preta suave e acolhedora (de Reign) e uma calcinha de cetim e renda rosa (minha). Então corri uma escova pelo meu cabelo (para ficar completamente limpo). Não havia nada que pudesse fazer sobre o meu rosto. Era uma bagunça. Isso seria uma bagunça por um tempo. Eu só tinha que viver com isso. Em uma perda de qualquer outra coisa para fazer, fui até a porta e abri.

Entrei para encontrar Reign sentado no pé da cama ao lado de um prato de comida, trocado, seu cabelo molhado. Como se tivesse tomado banho também.

— Por que você não tomou banho comigo? — Eu perguntei, pensando sobre o escorregadio, sexy, sexo contra o azulejo que tínhamos no passado.

Sua cabeça levantou, mas seu olhar não. — Summer... — disse ele, em tom triste.

— O que?

— Eu não pensei que você estaria pronta para isso.

— Por quê? — Perguntei, genuinamente confusa.

Seu olhar levantou-se, encontrando o meu. — Por causa do que eles fizeram com você.

As minhas sobrancelhas se juntaram antes de me dar conta do que queria dizer.

O que V sugeriu.

O que eu também tinha insinuado.

Ele pensou que eles finalmente fizeram isso. Que me estupraram.

— Oh, Reign... não, — eu disse, minha voz pequena. Eu caminhei até ele, minha mão escorregando em seus cabelos molhados. — Não. Eles não fizeram isso. Apenas ameaçaram. Não aconteceu.

— Você disse que estava de joelhos...

— Ele ia me fazer. Bem não. Ele não ia— esclareci. No seu rosto confuso, eu continuei, — Tinha minha mão sobre a arma. Eu não estava... — Eu balancei a cabeça, — eu não podia deixar isso acontecer.

— Você ia atirar em você, — disse ele, meio pergunta, meio declaração. Mas de alguma forma totalmente horrorizado.

— Eu não tinha muitas opções. Eu precisava sair. Eu não podia... Eu não podia viver com isso.

— Babe... — ele disse, sua voz triste.

E então seus braços finalmente estavam ao meu redor, me puxando para perto. Seu corpo foi para trás, o meu foi para frente,

me aterrando em seu peito, o meu corpo tocando o seu do peito até os pés.

— Você veio para mim, — eu disse, olhando para ele.

— É claro que eu fiz, — disse ele, olhando para mim como se eu estivesse louca.

Meus olhos caíram por um segundo, depois levantaram para se instalar nos seus aveludados. — Eu matei um homem hoje, — eu disse, minha voz calma.

— Eu matei três, — disse ele, encolhendo os ombros. — Tínhamos que fazer o que tínhamos que fazer. Se você não atirasse nele, babe, eu teria feito ele sofrer primeiro.

Bem, isso era verdade.

Talvez eu tenha mantido outra marca negra de ficar gravada em sua alma. Ao gravar isso na minha em vez disso. E, de alguma forma, estava bem com isso.

— Ele me deixou ir, — eu disse.

— Quem te deixou ir?

— Daniel, — forneci, observando seu rosto enquanto processava a informação. — Ele me puxou para fora na garagem, me manteve segura. Então, me disse para pegar o carro e sair. Ele... ele me fez atirar nele.

— O quê? — Ele perguntou, apertando-me.

— Ele... me deu minha arma de volta e me disse para atirar nele no ombro. Aqui mesmo— apontei para o ombro de Reign. — Ele parou em frente a arma e me disse para puxar o gatilho. E eu fiz

As mãos de Reign começaram a correr para cima e para baixo nas minhas costas. — Ele vai viver.

— Como você sabe?

— Porque ele escolheu um dos lugares mais seguros para ser baleado. Ele vai viver.

— Por que ele me deixaria ir?

— Eu não sei, querida. Estou feliz que ele tenha feito.

— Eu vi você, — continuei. — Quando você estava lutando com Wolf para deixar você voltar. Eu vi você.

— Não ia porra deixá-la lá.

— Estou aqui agora, — eu disse, sentindo seu corpo ficar apertado novamente. Ele me deu um pequeno sorriso. — O que você vai fazer sobre isso? — Perguntei, minha voz baixa e sugestiva.

E então gritei, enquanto estava sendo enrolada e virada de costas. — Reign, a comida... — protestei, sentindo meu pé bater.

— Foda-se a comida, — disse ele, suas mãos agarrando a barra da minha camiseta e empurrando para cima, fechando sua mão sobre meu peito, os dedos rolando meu mamilo.

Meus braços foram entre nós, puxando o cinto de suas calças. — Foda-se a comida, — eu concordei, minhas mãos alcançando dentro e agarrando seu comprimento duro. Sua mão deslizou pela minha barriga, deslizando dentro da minha calcinha e esfregando meu clitóris. Minhas costas arquearam, sua boca caindo na minha, dura e urgente. Seus dedos continuaram me acariciando e não era suficiente. Não era o que eu queria. Meus lábios puxaram dos dele. — Foda-se as preliminares também, — eu disse e ele riu contra a minha bochecha.

Então suas mãos puxaram minha calcinha para baixo. Puxei suas calças para fora. E ele deslizou dentro de mim. Lentamente no início. Então cheio da urgência que nossos corpos exigiam. Minhas mãos cravaram em suas costas, as pernas indo ao redor de sua cintura enquanto ele batia em mim. — Mais duro, — exigi, querendo que ele perdesse o controle. Precisando disso. Então eu também podia.

— Porra, — ele rosnou, então empurrou mais forte. Até que senti o aperto, minha respiração presa. — Goze babe, — ele exigiu, soando perto.

Ele empurrou para frente novamente e eu vim. Duro. Meu corpo apertando. Observando-me, o corpo de Reign ficou tenso, sua respiração sibilou. E ele veio comigo.

E foi do caralho perfeito.

Sua cabeça caiu no meu ombro, sugando o ar. Minha mão foi em suas costas, a outra em seu cabelo. — Você estava certo, — eu disse calmamente.

Sua cabeça ergueu. — Sobre o que?

Senti-me sorrir. — Senti sua falta.

Eu primeiro vi em seus olhos.

O aquecimento. As rugas dos lados. Em seguida, se espalhou para os lábios. Devagar. Um espasmo. Um sorriso malicioso. Em seguida, um sorriso completo.

— Porra fodida certa que você sentiu, — disse ele, balançando a cabeça.

— Você também sentiu minha falta, — eu disse a ele.

— Sim, — ele concordou, então parou o que estava prestes a dizer com os seus lábios nos meus. Mais suave. Mais doce. Até que me senti derreter por dentro e não conseguia pensar em mais nada para dizer. — Tudo bem, — ele disse, deslizando para fora de mim, afastando-se de mim, suas mãos arrancaram minha camiseta enquanto levantava. — Vamos pedir uma pizza e informar o resto dos homens.

Eu balancei a cabeça, deslizando minha calcinha de volta e indo em busca de uma calça. — Hey Reign...

— Sim, baby?

— O que aconteceu com meus pais?

Ele se virou para mim, deslizando seus pés em suas botas, enquanto puxava uma camiseta preta sobre a cabeça. — Honestamente, não sei, — disse ele, dando de ombros, tentando alcançar seu colete e colocando. — Esta pronta?

— Sim, — eu disse, tomando a mão que ele estava me oferecendo e seguindo-o na sala principal.

Parecia que todos estavam lá dentro, salvo os prospectos que estavam fora em guarda ainda.

Era o que eles chamavam de — igreja.

E eu poderia dizer que muitos homens não estavam felizes comigo, Repo, Janie e Lo sendo parte disso. Mas Reign não lhes deu chance de se queixar.

Ele acabou entrando diretamente nisso.

— Hoje, com Lo e seu povo e Richard Lyon e seu povo, — ele começou, e isso foi novidade para mim. Não pensei que meu pai tivesse mais gente sobrando. — Nós fomos para o território de V e tomamos Summer de volta. Wolf foi baleado— - disse ele, acenando com a cabeça para Wolf que parecia novo em folha, segurando uma cerveja, o sangramento no rosto e na coxa pararam. — Mas não tivemos vítimas. Lo— ele disse, acenando para ela.

— Nós também não tivemos nenhuma. Embora Lyon perdeu três homens. Seu pai— ela disse, olhando para mim, — tem a sua mãe. Ele prometeu que não daria a ela o tipo de tratamento que você teve, mas que precisava evitar que ela reclamasse seu lugar e seguisse todos nós de novo. Dito isto, não estamos seguros. Abaixo vai um comerciante da pele, acima deve vir outro. As coisas vão ficar violentas com os candidatos. Embora eles provavelmente não vão vir atrás de qualquer uma das nossas operações. Eles estarão ocupados demais tentando matar uns aos outros.

OK. Então papai tinha mãe. Isso era... bem, não era bom. Era um pouco melhor que ele não pretendia torturá-la. Mas, novamente, para V... estar sob o polegar dele de novo... era o seu próprio tipo de tortura.

— Yo, vamos ter uma recepção de herói, — disse alguém da porta.

Todos pararam de falar, virando-se para olhar para os recém-chegados.

E havia um homem mais velho, empurrando um mais novo e maltratado na porta. Houve gritos e aplausos.

Olhei para além das contusões.

E meu coração começou a bater forte. Meu estômago torceu em um nó.

Porque era Flee.

Antes que pudesse pensar sobre isso, me abaixei para a mesa de café onde meia dúzia de armas estavam empilhadas, de alguma forma encontrando o caminho que tinha usado antes, tirando a segurança e apontando.

O barulho caiu.

Como fez o rosto de Flee quando ele me viu.

— Summer, que porra você está fazendo? — A voz do Reign me encontrou.

Eu o ignorei. — Você não pertence aqui, — eu disse a Flee, minha voz venenosa. Traidor. Ele era um maldito traidor. Reign uma vez me disse que não havia nada pior em sua organização.

— Summer... — A voz de Cash entrou.

Meus olhos deslizaram para Reign. — Ele foi a razão pela qual fui sequestrada, — eu disse a ele, observando seu rosto apertar. Meus olhos deslizaram para Vin. — Estávamos assistindo TV, lembra? — Eu disse para ele e ele assentiu. — Flee entrou e perguntou se eu queria dar uma volta. Eu pensei que ele tinha uma paixão. Eu não queria ser uma cadela. Então fui. Ele me levou para o lado do complexo e depois... e então um dos homens do meu pai chegou até mim. Minha boca foi presa com fita adesiva. Me algemou. Flee correu pelo buraco na cerca e então Repo me viu. E então... — Eu balancei a cabeça, olhando Repo, meus olhos tristes. — Eu fiz a coisa errada. Eu deveria ter corrido para dentro para obter ajuda enquanto você lutava com ele. Eu não deveria... Bem, oh bem. Está feito. Eu pulei

nele para tirá-lo de Repo e depois fui puxada através da cerca. Lee, o cara de meu pai, parou o carro depois de um tempo e espancou Flee para que ninguém suspeitasse dele.

— Que porra é essa? — Wolf explodiu, o boom de sua voz o suficiente para fazer com que todos começassem.

E então eu não era a única com uma arma.

Mas não era Wolf quem pegou uma.

Foi Repo.

— Olhe para o rosto dela, você fodido!— Ele explodiu. — Você fez isso. Não foram seus punhos, mas pode ser tanto quanto.

Flee tentou recuar, mas o homem atrás dele bloqueou o caminho, parecendo tão irritado, de repente, todos a minha volta olharam.

OK.

Não era bom.

Eu estava bastante certa de que todos tinham tido violência suficiente para o dia.

Eu precisava corrigir isso.

— Repo, — eu disse, minha voz suave. — Coloque a arma para baixo.

— O filho da puta merece...

— Abaixe a arma, — eu disse, um grito se aproximando. Seus olhos escorregaram para mim, observando-me por um minuto, antes que sua mão caísse.

— Babe... — A voz de Reign falou atrás de mim.

— Não 'babe' para mim agora. Estou tentando consertar isso. OK. Nós não vamos atirar em você, — eu disse para Flee e podia jurar que ouvi Reign rir.

— Como o inferno, — disse Wolf, seu tom baixo e assustador.

Suspirei. — Eu acho que já houve sangue suficiente hoje, não é? — Eu perguntei, olhando para ele. Suplicando silenciosamente

para deixá-lo cair. Seus olhos seguraram o meu, então o ombro dele encolheu.

— Volte para o meu pai... — alguém começou a se opor. Um homem que eu não estava familiarizada. Eu levantei uma sobrancelha para ele, depois virei para Flee. — Volte para o meu pai, — repeti. — Diga-lhe para manter o nariz fora do negócio dos Henchmen. Que, se descobrir que há outro de seus homens neste complexo, vou matá-los eu mesma. Você entendeu?

Flee estava balançando a cabeça.

— Bom. Agora, saia daqui. Me prometeram pizza e eu não como em dois fodidos dias.

Voltei a colocar a segurança e coloquei a arma na mesa.

Virei-me para encontrar Reign sorrindo para mim, Cash fora e fora sorrindo.

— Atirar você mesma, hein? — Perguntou Reign.

— Estou ficando muito boa em atirar nas pessoas, — eu disse, encolhendo os ombros.

Com isso, houve gargalhadas.

E até me juntei.

Eu peguei, pelo canto do meu olho, os olhos de Wolf encontrarem os de Reign. E Reign fez uma elevação do queixo mauzona simples e Wolf foi ao ataque para fora da porta. Eu fingi não saber o que isso significava.

Mas também sabia que Flee iria ter mais algumas (ok, muito mais) contusões quando ele finalmente voltasse ao meu pai.

E, de alguma forma, realmente não me importava.

Eu tive mais algumas contusões também.

Logo depois, Lo e Janie saíram.

Fui alimentada com pizza.

E então caí na cama com Reign. E, pela primeira vez em meses, não houve pesadelos. Não havia nenhum medo de ser puxada de volta. Havia apenas paz.

Havia apenas os braços de um homem que eu amava ao meu redor.

Seus batimentos cardíacos debaixo da minha orelha.

Havia apenas a sensação irresistível e reconfortante de sentir que finalmente encontrei o lugar em que eu pertencia.

Epílogo

Summer

— Você não está usando uma maldita Ak-47, Summer— disse Reign, seu tom exasperado. Comecei a dobrar meu lábio inferior para fora, mas ele pegou. — E você não fodidamente ouse começar um beicinho para mim.

Eu suguei de volta.

— Eu acho que provei que sou muito boa com uma arma, — afirmei.

Cash estava me trazendo ao local de treino de alvo dos Henchmen por semanas e estava quase tão boa quanto ele.

— Yeah, baby. Uma arma. Uma arma de mão. Você não está tocando uma porra de totalmente arma automática, Summer.

— Bem, por que diabos não?

OK. Reign e eu lutamos muito.

Não apenas sobre as grandes coisas. Como me deixar usar realmente perigosas (mas realmente legais) armas.

Nós lutamos por tudo.

Como eu voltar ao trabalho.

Embora nós estávamos normalmente — comprometidos.

E por — comprometidos— quis dizer que fui intimidada até concordar em aceitar um emprego em uma das empresas legítimas dos Henchmen assim, alguém poderia — ficar de olho— em mim. Como se eu estivesse constantemente sob ameaça iminente de ser sequestrada e torturada novamente.

Eu não estava.

Mas estava trabalhando em uma maldita loja de mecânica como recepcionista.

O que, se você me perguntasse, era um pouco abaixo dos meus dezoito anos de educação em escola privada e, em seguida, um grau em Ivy League.

Mas ele não me perguntou exatamente.

E não foi um grande problema. Então não o empurrei.

Não como eu empurrei a questão de me manter informada sobre o que estava acontecendo com os Henchmen. O que era completamente contra as regras. E levou ao tipo de luta que o fez arrastar-me para o galpão, então não acordaríamos a todos no complexo.

Ele tentou manter a calma. Eu persisti.

Ele gritou. Eu gritei.

Chegamos a um impasse.

Então usei a persuasão nua.

Desnecessário dizer que consegui o meu caminho.

E eu também conseguiria o meu caminho sobre as malditas armas.

— Veja. Eu moro aqui. Entre um mar de armas e possíveis tiros, — raciocinei, e vi seu rosto ficar duro. — Não seria... prudente eu aprender a usar todas as armas por aqui? Apenas no caso?

— Você acha que seria prudente para você aprender a usar uma AK-47.

— Por motivos de segurança, — insisti, jogando em seu ponto fraco. Ele me queria segura. Ele realmente não gostava da ideia de que qualquer coisa podia acontecer comigo novamente. Embora os pesadelos tenham desaparecido quase um ano atrás. E ninguém tinha sequer olhado na minha direção em meses. Eu não era ninguém. Apenas a old lady de Reign. Eu já não era um possível pedaço de barganha.

— Babe...

— Oh, deixe a mulher usar a arma maldita, — uma voz interrompeu. Distantemente familiar. Uma voz que eu conhecia, mas não podia colocar imediatamente.

Reign e eu nos viramos, ele segurando a AK-47 que ele me pegou caminhando ao redor do terreno alguns minutos atrás (daí a luta. Para o imenso entretenimento dos homens de guarda. E os poucos que se desviaram apenas para pegar o show. Aparentemente nossas lutas eram uma fonte de diversão. Havia até mesmo uma loteria no lugar para as pessoas apostarem quando a próxima luta aconteceria. E quem iria ganhar.)

— Que porra? — Reign perguntou, sem levantar a arma, mas suas mãos tremeram.

— Caramba, — eu murmurei ao mesmo tempo.

Porque se aproximando de nós, vestido com a sua marca habitual de caros ternos perfeitos (este cinza)... estava o fodido Daniel.

— Como você entrou aqui? — Reign perguntou, empurrando a cabeça para olhar os homens do portão que tinham as mãos para cima, as palmas para fora, dizendo que estava fora de suas mãos.

Daniel me deu um sorriso estranho, enfiando a mão no bolso, puxando uma carteira, em seguida, abrindo-a.

Um crachá.

Um crachá do FBI.

— De nenhuma fodida maneira, — eu me vi dizendo, minha cabeça empurrando até seu rosto. — Mas você deixou eles me torturarem. Você disse a eles para me torturar.

Com isso, ele estremeceu um pouco. — Eu estava disfarçado, querida. Eu não tive escolha. Tentei mantê-la o mais segura possível. Além disso— ele disse, sorrindo um pouco, — você teve que atirar em mim no final.

— Bem... isso é verdade, — refleti. — O que você está fazendo aqui?

Ele encolheu os ombros. — Eu queria limpar o ar. Eu me senti como uma merda por toda a operação.

— Você estava trabalhando para V por anos, — eu disse, balançando a cabeça. — Eu não poderia ter sido o pior que você viu.

— Uma coisa é ver as coisas acontecerem. Outra é estar dentro disso.

— Sua tarefa acabou? — Reign perguntou, não se importando o mínimo que estava se intrometendo.

— Dirigindo para a costa oeste por um tempo. Monte de meninas que vêm dessa forma. É por isso que eu queria parar.

— Desculpe, frustramos sua operação, — eu disse, sabendo como decepcionante deve ter sido trabalhar para tal lodo durante anos e depois não ser capaz de arrastá-la dentro para seus crimes.

— A abundância de outras escórias lá fora para prender. Apenas feliz que V está fora da comissão. Seu pai está cuidando bem dela?

Meu pai tinha sua própria mini-prisão construída para ela. Era impressionante.

Ele ia visitá-la todos os dias.

Recordando-a constantemente que ela estava, mais uma vez, sob seu polegar.

O pior tipo de tortura.

Ele era um verdadeiro bastardo quando queria ser.

— Ah, sim, — concordei. — Toda confortável, acolhedora.

Com isso, ele sorriu. — Fico feliz em ouvir isso. Você cuide de si mesma, Summer, — disse ele, estendendo a mão para mim. Eu peguei. — E, como agente federal, não tenho permissão para dizer isso, — disse ele, depois virou o rosto para Reign, — mas deixe a menina usar a arma.

E com isso, ele se foi.

Eu girei os olhos expectantes em Reign.

— Porra está bem, — ele admitiu e ouvi um monte de gemidos de fora no fundão. Muitos homens perderam dinheiro. Sempre me

subestimando. — Mas nós não vamos para o seu pai para o Dia de Ação de Graças.

— Ok, querido, — eu disse, me movendo para envolver meus braços ao redor dele, principalmente para esconder meu sorriso. Ação de Graças tinha sido um ponto sensível por semanas. — Isso é bom. Todos nós podemos fazer o Dia de Ação de Graças em sua cabana em vez disso.

— Summer... — ele disse, parecendo cansado.

— Eu amo você, — tentei. Era barato e eu sabia disso. Mas, inferno, quando você está indo contra um cara motoqueiro, fora da lei, mauzão, você tinha que jogar com o que você tinha nas mangas.

— Te amo muito, babe, mas não há fodida maneira.

Eu puxei um pouco para olhar para ele, dando-lhe um sorriso. — Para mim?

Sua cabeça inclinou para cima, implorando ao céu por algum tipo de intervenção. Não tendo nenhuma, ele olhou para mim e suspirou. Sua mão subiu, roçando os dedos pela minha bochecha. — Para você?

— Mmmmm, — eu disse, deixando o sorriso crescer. Eu tinha ele. Eu sabia disso. Ele sabia disso. E era certamente algo que valia a pena sorrir. Duas vitórias em um dia? Era inédito.

— Para você, — ele disse novamente, encolhendo os ombros, — qualquer coisa.

Fim